

GLAURA TEIXEIRA NOGUEIRA LIMA

**VIA DE DUPLO SENTIDO:
Araxá cidade-balneário
1920-1940**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em História Social, sob orientação da Profª. Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

PUC/SP
São Paulo
2007

BANCA EXAMINADORA

*À memória de um poeta: Potyguara Teixeira, meu pai.
À minha mãe, Dalva, ao Marco Antônio e à Bruna,
irmão e sobrinha únicos.
Ao Antonio e à Júnia, marido e filha, suportes essenciais.*

*“... De uma cidade, não aproveitamos as
suas sete ou setenta e sete maravilhas,
mas a resposta que dá às nossas perguntas.”*

(Italo Calvino, em “As cidades invisíveis”)

AGRADECIMENTOS

Graças à ampliação do campo investigativo no âmbito da história podemos fazer do ato de agradecer mais um exercício da prática histórica.

À minha orientadora – na concepção mais ampla do termo –, Maria Izilda Santos de Matos, agradeço pela confiança, disponibilidade à convivência e ao diálogo, pela postura sempre contributiva às reflexões teóricas na historiografia e na metodologia da história e, sobretudo, pelo conforto intelectual e afetivo.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por acolher a mim e a história da minha cidade mineira.

Ao CNPq, pelo financiamento do meu doutorado, proporcionando-me a sensação gratificante de ser uma cidadã brasileira.

Às funcionárias do Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP (Jane e Elizabeth) e aos professores, em particular àqueles com os quais, na sala de aula, tive o privilégio de dialogar e de receber orientações valiosas: professoras Denise Bernuzzi de Sant’Anna, Maria Odila Leite da Silva Dias e Maria Antonieta M. Antonacci.

Às professoras que compuseram a Banca do Exame de Qualificação, Yvone Dias Avelino e Maria Aparecida Pascal, pelas sugestões críticas e pelas possibilidades de *redescobrir* meu trabalho.

Aos meus colegas do doutorado, pelas colaborações recebidas durante os Seminários Temáticos, de Pesquisa, de Tese e pelo prazer da convivência. Em especial à Cristina Helou, Rita Andrade, Venétia Durando Braga e Neivalda de Freitas. Agradeço às colegas e amigas Mirtes Moraes e Angela Roberti, que contribuíram muito para que eu pudesse vencer mais facilmente as distâncias entre Araxá, São Paulo e Rio de Janeiro e com quem partilhei experiências acadêmicas, pessoais e a mesma professora-orientadora.

À Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá, pelo suporte considerável à pesquisa e pela importância desta instituição na minha vida profissional e pessoal. Às minhas amigas funcionárias da Fundação agradeço pela competência e presteza: Maria Trindade Coutinho Resende, grande conhecedora dos nossos arquivos, e Keyla Barbosa Machado, secretária eficiente.

Aos funcionários do Arquivo Público Mineiro e do Arquivo Nacional; à Daniela Coelho de Menezes, minha interlocutora naquele centro de referência histórica de Minas Gerais, e à paisagista Laura Mourão, pela troca de dados obtidos no mesmo arquivo, em Belo Horizonte.

À Antônia Verçosa, Evelyn Ordoñez Contreras, Ana Maria Dumont de Ávila, Soraya Verçosa, Gustavo Felipe Ferreira e Karina Cobo, que ao longo do doutorado emprestaram-me seus conhecimentos de Português, Espanhol, Inglês e Informática, sempre acompanhados de gestos de amizade. Ao engenheiro Paulo de Souza Júnior e ao arquiteto Odilon Carlos Carneiro, do Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável de Araxá, pela viabilização e acesso aos mapas e projetos urbanísticos, e, em especial, à arquiteta Cíntia Honorato Santos, pela adaptação das referências históricas nos referidos mapas. À engenheira e mestre em Geografia Maria Beatriz Brandão Rocha, pela disponibilidade em elaborar um documento cartográfico direcionado às necessidades desta tese.

Ao Augusto César Resende Goulart, pela prontidão em registrar imagens do Barreiro contemporâneo. À Isabel Batista Bueno e Márcia Regina Flausino, então alunas do curso de Letras da FAFIL - Santo André, que me permitiram *localizar* as “três mulheres do Sabonete Araxá”.

Ao Leandro Contato Guimarães, que navegou no mundo da história e, por extensão, dos rigores científicos com o comprometimento que navega no mundo da Informática, e à Marília dos Reis, ex-aluna, colega e amiga, pela dedicação e interesse em favor desse objetivo.

Aos meus amigos e familiares de Araxá que me estimularam com presenças e palavras. Foram muitos e devo-lhes amizade sincera. À professora Olga de Fátima Leite Rios agradeço o apoio e a companhia durante as viagens semanais a São Paulo, vivendo experiências nossas e de nossas filhas-amigas. À Cícera, Cleuza e De Lourdes, que, junto às tarefas domésticas, supriram minha ausência.

Sem a minha família esta tese estaria na esfera do imaginário. À minha mãe, Dalva, sou eternamente grata pelo pragmatismo inato e pela dedicação abnegada, silenciosa e eficaz. A ela e ao Marco Antônio, meu irmão, agradeço a predisposição com que colaboraram comigo em todos os momentos. À Bruna, sobrinha e afilhada, agradeço a prazerosa companhia quase que constante.

À D. Celina, minha sogra, devo a amizade e a permanente disponibilidade. Ao Ernesto, à Maria Luísa e ao Pedro Henrique, nosso afilhado, pelo carinho e pela hospitalidade com que sempre me cercaram em Belo Horizonte.

À Júnia agradeço a compreensão e a paciência por privar-se muitas vezes da minha companhia, mas nunca do meu afeto. Durante o mestrado desejei que ela, como leitora curiosa que sempre foi, um dia se interessasse pelo tema. Agora, no doutorado, vejo e sinto o seu entusiasmo com os caminhos da história.

Ao Antonio, pelo apoio plural aos meus projetos profissionais. Se do meu pai ganhei, também, o incentivo necessário para *escolher a história* como profissão, do meu marido recebi o estímulo para nela alcançar horizontes mais ampliados. A ele agradeço o convívio, as idéias, a ancoragem e o intenso otimismo – acompanhado de soluções – para enfrentar os momentos mais desafiantes. Com ele e Júnia compartilhei todas as etapas vencidas e, com eles, tenho o prazer de brindar o término deste trabalho.

A muitos dos meus conterrâneos e conterrâneas e a outros(as) que, fora de Araxá, me prestaram depoimentos; lhes devo manifestações de consideração. Aos que não estão mais em nosso meio reservo minhas lembranças. Da receptividade à credibilidade, da disponibilidade em cederem-me tempo, conhecimento e elementos de sua história pessoal e familiar à possibilidade de experimentarmos emoções conjuntas, o percurso foi longo, porém imensamente rico. Com eles quero dividir esta tese inspirada na história da nossa terra.

RESUMO

A proposta desta tese é analisar a formação de Araxá, Minas Gerais, enquanto cidade-balneário. O que se desenhou nesse percurso, entre 1920 e 1940, com algumas incursões nas décadas anteriores, foi a busca das possibilidades de se construir um modelo *ideal* de estação de águas. Embora distanciados geograficamente, os espaços da cidade e do seu balneário estiveram unidos por intensas relações espaciais, sociais e culturais.

Nesse sentido, serão discutidas algumas das formas assumidas pelas intervenções efetivadas em função do uso desses dois territórios, nascidas em torno das representações urbanas, das práticas discursivas e de outras asseguradas por segmentos que viveram esse cotidiano, nele trabalhando, sobrevivendo, descansando ou submetendo-se aos tratamentos por meio das águas e da lama termal. Espaços públicos e privados, criados e recriados numa atmosfera politizada, apontavam para a garantia de uma estância de cura, de repouso e de veraneio onde se imperava intensa socialização.

A questão tida como imprescindível – a do funcionamento harmônico entre corpo e sociedade – vem revelar outras, tributárias desta, como a dos sentidos dos banhos e da beleza estética, contribuindo, por sua vez, para consolidar o viés mitificado das temporadas, em particular.

A versão idealizada da “maior e mais bela estância hidromineral do continente”, conquistada com a implantação do Complexo Termal do Barreiro de Araxá, inseriu-se no projeto do Estado Novo. O significado da materialização desse território emblemático configurou-se como uma tentativa de recriação da própria cidade. Buscando unicidade dentro de um cenário múltiplo, as relações sociais mantidas neste tempo de descobertas, euforias e mazelas, vividas num espaço amplo de representações mágicas, construíram identidades e memórias.

Abordando questões sociais e culturais e tangenciando outras políticas, esta tese está centrada em farta documentação textual, visual, oral e material. A diversificação das fontes ou evidências históricas, possibilitando o trabalho com documentos impressos, manuscritos oficiais e não-oficiais, panfletos, jornais, revistas, diários, guias termais e turísticos, mapas, projetos urbanísticos, fotografias, filmes, vídeos, monumentos erguidos no espaço urbano e depoimentos orais, permitiu ampliar a possibilidade de produzir novos questionamentos, novas visões.

Palavras-chave: cidade-balneário; representação; cotidiano; experiência.

ABSTRACT

The proposal of this thesis is to analyze the formation of Araxá, Minas Gerais, as a bathing city. What was drawn in this path, between 1920 and 1940, with some incursions in the previous decades, was the search for the possibilities of building an ideal model of watering resort. Although distanced geographically, the spaces of the city and of its bathing establishment were united by intense spatial, social and cultural relationships.

To this effect, we will discuss some of the forms assumed by the interventions carried out depending on the use of the spaces in those two territories, born around the urban representations, discursive practices and others assumed by segments that lived this daily life, in it working, surviving, reposing or undergoing the treatments through the waters and the thermal mud. Public and private spaces, created and recreated in a politicized atmosphere, pointed out for the guarantee of a cure, rest and summer vacation resort where intense socialization reigned.

The subject supposed to be indispensable – the one of harmonic functioning amongst body and society – has come to reveal others, ramifications of such subject, as the one regarding the senses of the baths and the aesthetic beauty, seeking, in its turn, to consolidate the mythicized trend of the seasons, in particular.

The idealized version of the “larger and most beautiful mineral watering resort in the continent”, conquered with the implantation of the Thermal Compound of Barreiro de Araxá, was inserted in the project of the New State. The meaning of the materialization of this emblematic territory was configured as an attempt to recreate the city itself. Looking for unicity within a multiple scenario, the social relationships maintained in this time of discoveries, euphoria and displeasures, experienced in a wide space of magic representations, built identities and memoirs.

Approaching social and cultural subjects, and touching other policies, this theory is centered in abundant textual, visual, oral and material documentation. The diversification of the historical sources or evidences - making possible the work with printed documents, official and non-official manuscripts, pamphlets, newspapers, magazines, daily newspapers, thermal and tourist guides, maps, urban projects, pictures, films, videos, monuments erected in the urban space and oral testimonies - allowed to enlarge the possibility to produce new questionings, new visions.

Key Words: bathing city; representation; daily life; experience.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	11
APRESENTAÇÃO.....	12
I – ESSENCIALMENTE AS ÁGUAS.....	24
1.1 – ÁGUAS DE BEBER, DE CURAR E DE PROSPERAR.....	26
1.2 – NASCE UMA ESTAÇÃO DE ÁGUAS.....	41
1.3 – A CIDADE NO BALNEÁRIO E O BALNEÁRIO NA CIDADE.....	51
II – COTIDIANO DA ESTAÇÃO (1920 e 1930).....	81
2.1 – CIDADE-ESTAÇÃO: REPRESENTAÇÕES.....	83
2.2 – FONTES, JARDINS E CASAS DE BANHOS.....	102
2.3 – OS HOTÉIS: LUGARES DE HOSPEDAGEM E DE CONVIVIALIDADE.....	108
2.4 – TERRITÓRIO DE EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO.....	125
III – TEMPOS DE CURAR E DE EMBELEZAR.....	142
3.1 – ÁGUAS E CURA: AS TEMPORADAS E OS AQUÁTICOS(AS).....	144
3.2 – ESTUDOS CIENTÍFICOS: PUBLICIZANDO A CURA.....	165
3.3 – ÁGUAS E BELEZA: BANHOS, CORPOS E ESTÉTICA.....	184
IV – ERA GRANDE HOTEL: ANOS 1940.....	199
4.1 – IMAGENS DA ESTAÇÃO: POLÍTICA E IDENTIDADES.....	201
4.2 – NOVOS ESPAÇOS: BALNEÁRIO, HOTEL, FONTES, JARDINS, PRAÇA DE ESPORTES, LAGOAS E ÁREAS RESIDENCIAIS.....	211
4.3 – INÍCIO DE UMA NOVA ERA: SEDUÇÃO E PRENÚNCIO.....	240
4.4 – MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS.....	256
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	272
BIBLIOGRAFIA.....	280
FONTES.....	299
ANEXOS.....	329

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – “Matta do Bebedouro”.....	48
Imagem 2 – Antiga praça da Matriz.....	52
Imagem 3 – Praça Coronel Adolpho antes da reformulação urbana de 1918.....	56
Imagem 4 – Antiga estrada Araxá-Barreiro.....	59
Imagem 5 – Projeto do Balneário.....	69
Imagem 6 – Avenida Imbiara, a partir da praça da Matriz.....	78
Imagem 7 – Barreiro de Araxá, no início da década de 1920.....	85
Imagem 8 – Jardim público da praça Coronel Adolpho.....	92
Imagem 9 – Praça da Conceição.....	94
Imagem 10 – Avenida Antônio Carlos.....	100
Imagem 11 – Fonte <i>Radio-Activa</i> , Barreiro.....	104
Imagem 12 – Fonte Andrade Júnior.....	105
Imagem 13 – Araxá Hotel.....	110
Imagem 14 – Brasil Hotel.....	114
Imagem 15 – Hotel Glória.....	115
Imagem 16 – Hotel das Fontes.....	117
Imagem 17 – Publicidade Hotel Radio.....	120
Imagem 18 – Grande Hotel Colombo ou “Hotel Casino”.....	122
Imagem 19 – Cine Trianon.....	129
Imagem 20 – Rua Presidente Olegário Maciel.....	134
Imagem 21 – Casas comerciais do entorno da igreja São Sebastião.....	137
Imagem 22 – Correspondência de Santos Dumont.....	157
Imagem 23 – Vista do apartamento de Santos Dumont no Hotel Radio.....	158
Imagem 24 – Avenida Getúlio Vargas.....	159
Imagem 25 – Aquáticos e aquáticas em frente à Casa de Banhos.....	162
Imagem 26 – Legitimação da cura.....	176
Imagem 27 – Modelo feminino de cura.....	177
Imagem 28 – Hotel Radio.....	179
Imagem 29 – Vista da bacia do Barreiro.....	181
Imagem 30 – Jovem carioca em temporada.....	192
Imagem 31 – “As três mulheres”.....	196
Imagem 32 – Inauguração do Estádio Municipal Fausto Alvim.....	205
Imagem 33 – Campo de aviação.....	215
Imagem 34 – Praça de Esportes.....	226
Imagem 35 – Entrada principal da Praça de Esportes.....	227
Imagem 36 – Nova Fonte Dona Beja.....	231
Imagem 37 – Interior da nova Fonte Dona Beja.....	232
Imagem 38 – Construção do Balneário de Araxá.....	235
Imagem 39 – Nova Fonte Andrade Júnior.....	238
Imagem 40 – Inauguração do Balneário.....	248
Imagem 41 – Público presente na inauguração oficial.....	250
Imagem 42 – Complexo Grande Hotel e Termas de Araxá.....	252
Imagem 43 – Hall das novas Termas do Complexo do Barreiro.....	258
Imagem 44 – Galeria interna.....	261
Imagem 45 – Recepção do Grande Hotel.....	264
Imagem 46 – O presidente Dutra em visita ao cassino do Grande Hotel de Araxá.....	267

APRESENTAÇÃO

Tal qual sugere o título deste trabalho – a existência de uma via de duplo sentido entre Araxá e o seu Balneário –, o tema em investigação não se constitui numa escolha de mão única, decorrendo de experiências pessoais somadas às profissionais. Essa proposta inicial tem como fundamento analisar a forma como se deu a materialização de uma cidade-balneário de Minas Gerais entre 1920 e 1940. A pertinência desse recorte, permitindo-se algumas incursões no século XIX, atende a certas inquietações provenientes ainda do mestrado, em que os objetivos de constatar uma “vocação natural” e de iluminar uma espécie de apogeu da cidade-balneário pareceram, obrigatoriamente, adiados para o período Vargas. De volta, portanto, aos motivos que indicaram o tema eleito, deve-se considerar que as expectativas giravam em torno daquele período historicamente construído como “glorioso”, percep o semelhante   do quadro de experiências e de aspira es de determinados segmentos da popula o local.

A constru o de um modelo *ideal* de esta o de águas pressupôs a integra o definitiva entre dois territórios que, distanciados geograficamente, estiveram unidos por intensas rela es espaciais, sociais e culturais. O contínuo ir e vir dos cidadãos conferiu identidade a ambos e revelou possibilidades nas representa es e nas práticas de se garantir a materializa o da cidade-balneário. Como espaços físicos análogos, construíram-se as concep es urbanas tal como as entendiam e as imaginavam. Como espaços físicos r cipientes, formados pela combina o entre natureza e cultura, imperando nestas o elemento água, ocuparam-se por pessoas que neles viviam, trabalhavam, descansavam ou se curavam das mazelas da sociedade e do próprio corpo.

A proposta de discutir esta questão num sentido mais amplo parte da identifica o dos discursos técnico-científicos e das próprias identidades de um lugar destinado   cura e ao veraneio e implica, naturalmente, em suscitar outras questões ou subtemas. São estas, ou estes, as interven es físicas efetivadas, gerando a cria o e a recria o de espaços públicos e privados destinados   cura, ao bem-estar e   hospedagem; a potencializa o da cura por meio das  guas e da lama termal; a socializa o como hábito inerente   vida urbana, em especial ao convívio entre habitantes locais e visitantes; a incorpora o, decorrente da supracitada socializa o, de maneiras diferentes de pensar, de agir e, enfim, de viver; e as formas de organizar o trabalho, considerando-se, neste aspecto, o funcionamento harmônico entre a sociedade e o corpo humano no campo da materialidade e das sensibilidades. Esta última questão, vista como essencial para uma esta o de águas, revela outras, como os sentidos dos banhos e da beleza estética articulados   atmosfera mítica das temporadas. Alcançando,

novamente, o processo de formação e crescimento da cidade-balneário, propõe-se, nessa perspectiva, historicizar os tempos da cura e do embelezamento.

No desenrolar da pesquisa pretendeu-se seguir o percurso que conduziu à conquista da versão idealizada da “maior e mais bela estância hidromineral do continente”, com a implantação do Complexo Termal do Barreiro de Araxá nos anos 40. Nessa trajetória buscou-se, ainda, interpretar a dimensão simbólica nele projetada e sua inserção num quadro mais ampliado na esfera do social. A monumentalização da estância impondo-se de modo a firmar uma posição hegemônica e, assim, produzir um modelo emblemático fez com que emergissem diversas percepções.¹

Ao buscar unicidade em meio à multiplicidade, as relações sociais mantidas neste tempo de descobertas, euforias e mazelas formaram identidades e um conjunto de memórias construídas. Fruto das vivências do passado, rememoradas e reconfiguradas no presente, as memórias trazem consigo sensações de prazer ou de desprazer e enigmas instigantes. Elas fazem parte das investigações deste trabalho e, por isso, tenta-se contemplá-las como dinâmica que se move entre os discursos articulados e as experiências vividas.

Interpretar o sentido de um projeto de estação de águas ou estância hidromineral executado entre os anos 20 e 40, junto às generalidades e às especificidades do país, inclusive diante de outras estâncias mineiras, exige, sobretudo, investigar sinais por mais miniaturizados que estes se apresentem. Essa é a lição de Carlo Ginzburg da qual não se deve esquecer.² Para se colocar em prática essa proposta de abordagem para Araxá enquanto cidade-balneário, mediante o discurso historiográfico, deve-se lembrar sempre que é impossível representar o passado tal como ele foi.³ Os vestígios encontrados por meio da materialidade ou do discurso são representações das experiências vividas ou que se esperam viver.

As fontes ou evidências históricas de que o presente estudo dispõe são múltiplas e diversificadas. Oraís, visuais, textuais ou materiais, os registros não se articulam, porém, de uma mesma forma; isto é, o que um revela o outro oculta. Assim, as fontes trazem códigos de narratividade que necessitam ser decifrados, num constante diálogo entre os sujeitos de diferentes tempos, espaços e relações sociais e culturais.⁴ Buscando um novo

¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.27-49.

² GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.171-179.

³ CHARTIER, Roger. “O mundo como representação.” In: REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS. São Paulo, vol.5, n.11, jan./abr. 1991. p.173-190.

⁴ WILLIAMS, Raymond. Op. cit. p.27-49.

dimensionamento, esta tese, enfrentando o desafio inspirado em teóricos, procura tornar as referidas fontes audíveis e dizíveis, enquanto sinais das relações sociais presentes na Araxá dos anos 20 a 40. Até porque estas fontes, como todas as outras, não se resumem ao que guardam ou arquivam tecnicamente, abrangendo, ainda, o que está silenciado ou em esquecimento.⁵

Assim, ao trabalhar com grande diversidade de fontes – sobretudo códigos de posturas, relatórios de administração, requerimentos e resoluções municipais, livros de atas da Câmara Municipal, trabalhos produzidos por memorialistas, diários, jornais, panfletos, mapas, almanaques e projetos urbanísticos –, contemplar dados sobre bens e serviços divulgados em publicações oficiais, lidar com objetos da cultura material, imagens fotográficas e audiovisuais ou monumentos erguidos no espaço urbano e considerar depoimentos orais, a presente tese amplia ainda mais a possibilidade de se produzir outras fontes e outros questionamentos mediante novos depoimentos e novas perguntas. Há que se considerar, ainda, que nos momentos em que as fontes indicam suas fronteiras, mesmo conectadas entre si, deve-se tentar buscar aquilo que está imperceptível, iluminando-o a partir da discussão bibliográfica apropriada. Foi este o percurso que se procurou constituir, a partir de um ato contínuo de redescobrir fontes e potencializá-las.

Durante a pesquisa, outras fontes, além daquelas que se previa, se apresentaram como importantes para a elucidação do tema proposto. Em princípio, partiu-se para o contato e a análise de acervos familiares. Então, o conjunto de documentos particulares – escritos e visuais – adquiriu relevância por seu teor qualitativo e quantitativo. Faz-se necessário destacar que os novos depoimentos colhidos, oriundos de uma demanda natural do trabalho, são, em grande parte, derivados das representações que os habitantes fazem da cidade e do balneário de Araxá. As vivências observadas nestes dois territórios e os discursos historicamente verificáveis fazem desses mesmos espaços um suporte de memórias que se convergem e se divergem.⁶

Dessa forma, a elaboração do trabalho consta de um amplo e diversificado campo documental, privilegiando como fonte de pesquisa a documentação arquivada na Fundação

⁵ HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Presença, 1973. p.198. LE GOFF, Jacques. “Documento/ Monumento.” In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Vol.2. Campinas: Unicamp, 1992. p.103-115.

⁶ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.73-81.

Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).⁷ Os olhares dirigidos às fontes eleitas reafirmaram, mais uma vez, a necessidade permanente de ir e vir no processo de pesquisa e, portanto, de escrita. A construção da rede de questões propostas com o movimento em busca da compreensão do social foi refeita contínua e gradativamente.

Nos arquivos da FCCB, portanto, o fundo documental da Câmara Municipal de Araxá – formado por atas, pareceres, editais, leis, resoluções e relatórios municipais – está disponível, sendo utilizado nesta pesquisa somente aquele referente ao período entre 1930 e 1936; vale lembrar que o momento subsequente a este esteve marcado pelo fechamento das Câmaras Municipais durante o Estado Novo. Contudo, é possível indicar, nessa documentação referente aos primeiros anos da década de 1930, as relações mantidas entre a cidade e a capital Belo Horizonte quanto às ações e às tensões no sentido de transformar o espaço urbano, inclusive o destinado à estação de águas. Por intermédio desses documentos pode-se também captar um ângulo específico de enfoque das iniciativas públicas vinculadas aos interesses privados.

No fundo originário da Prefeitura Municipal de Araxá, igualmente constituído por resoluções, decretos, posturas municipais, contratos celebrados entre o poder público e os cidadãos, requerimentos e, mais ainda, licenças, correspondências, mapas e alguns projetos, parece estar presente o desejo e a intenção de se aparelhar a estância de Araxá aos moldes dos seus pares nacionais e europeus. Os documentos deste fundo favoreceram o mapeamento dos hotéis existentes no período, dos balneários (o antigo e o novo) e dos bens e serviços urbanos que integravam o mundo do trabalho, composto, por exemplo, por confeitarias, bares, cassinos, pequenas fábricas, lavanderias, barbearias, consultórios médicos e outros estabelecimentos.

Entre os documentos coligidos na Fundação citada há o próprio arquivo da instituição, formado por documentos isolados e por acervos pessoais, doados gradativamente. Ali está reunido um rico acervo que abrange livros, revistas, panfletos, jornais, diários, fotografias e filmes, entre outros materiais. Os periódicos formam uma hemeroteca que, por sua vez, garantiu um suporte considerável à pesquisa. Os jornais do período em questão possuem, na sua maioria, algumas características comuns. Apresentam formato reduzido, periodicidade semanal, tiragem modesta, pequeno número de páginas, alternância de redatores e diretores e, especialmente, duração efêmera, não superior a três anos. Assim, entre outros

⁷ A propósito das siglas apresentadas neste trabalho, ainda que em número reduzido, estas se referem aos códigos usados, a saber: FCCB - Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá; ACMA - Arquivo da Câmara Municipal de Araxá; APM - Arquivo da Prefeitura Municipal de Araxá; e DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda.

analisados, são privilegiados alguns deles, entre os quais: *A Faisca* (1929), de José Carlos Pedro Grande e Antonio Cabral; *A Opinião* (1932), de Carvalho Melo e Antonio Cabral; *Almenara* (1934), de Genaro Porfirio de Azevedo; e *Renovação* (1934), dos Drs. Álvaro Ribeiro e Tomás de Almeida.

Seus artigos e demais registros constroem aspectos do cotidiano ao oferecerem subsídios para discussões acerca do viver urbano, das suas múltiplas relações e diferenciações sociais, das diversas imagens superpostas que o identificam como cidade e como estância hidromineral. Enquanto o jornal *A Opinião* começou a circular num período de grande expectativa em relação ao futuro da cidade, trazendo em suas edições referências sobre o passado a partir daquele momento presente, o jornal *Renovação*, dirigido por dois profissionais da medicina e proprietários de hotel próximo às fontes minerais, deu visibilidade ao estudo da estância e da sua relação com a natureza, essencial à estação de cura.

As colunas sociais, presentes em todos eles, não apenas imprimiram leveza aos seus textos, como também informaram aspectos de como era produzido e reproduzido o cotidiano, revelando, ainda, quem chegava, e de onde, e quem partia, e para onde. Em se tratando de uma cidade construída, tangível e intangivelmente, sob o emblema das águas, pretendendo ampliar sempre seus contatos com as grandes cidades por meio dos aquáticos e veranistas, busca-se compreender pelo fio das elites o motivo pelo qual Araxá pareceu estar tão próxima da *Belle Époque*, ainda a partir de 1930. Enfim, a pesquisa nos jornais foi concentrada nos artigos que tratam da cidade e do balneário, tentando-se neles encontrar os personagens que viveram ou freqüentaram ambos os lugares, experimentando, de forma recíproca, valores, atitudes e comportamentos.

O arquivo fotográfico da FCCB mereceu um exame atento. Decifrar os códigos das imagens da materialização do Barreiro em Araxá é, de certa maneira, interpretar a visão de estação balneária presente à época do Estado Novo, ou seja, um modelo semelhante àquele que se criou ou se imaginou como símbolo de estância hidromineral. As fotografias passam de um registro de experiências vividas, depois fotografadas oficialmente, para, em seguida, serem decodificadas, revistas e repensadas. Sob outro ângulo, a possibilidade de se produzir e reproduzir imagens mediante a fotografia incluiu cidadãos e cidadãs como testemunhas de algum momento vivido. Embora a imagem em suporte de papel, disponível numa cidade do interior como Araxá, tivesse se configurado como objeto de desejo há poucas décadas, a partir de 1930, aproximadamente, o foco das lentes dos fotógrafos esteve direcionado às experiências e às imagens continuamente instituídas da construção da estância *ideal*. Esta

inspirou profundamente os profissionais da fotografia, bem como inquietou os moradores locais e os visitantes.

As fontes visuais, tanto aquelas identificadas no citado Arquivo quanto as presentes em acervos particulares e, mais uma vez, submetidas a critérios técnicos e pessoais, foram selecionadas para serem usadas não como fonte única, tampouco simplesmente como ilustração, mas, sim, para darem maior visualidade ao texto, favorecido pelo seu cruzamento com as outras fontes. Abrem-se, assim, possibilidades de se criarem interlocuções dentro do conjunto extenso do campo documental. Dessa forma, evidencia-se que não basta olhar a imagem com modelo técnico, deduzindo-se o que nela não se vê. Imprimir historicidade à imagem ou, preferencialmente, a uma série de imagens é seguir um caminho que compreende os atos de produzi-la, divulgá-la e consumi-la até que o documento e a problemática possam, contínua e dialeticamente, interagir. Assim, as imagens obrigam-nos a compreender os meios que produziram o sentido da fonte visual e que não é imanente a elas. Ao contrário disso, o seu sentido é socialmente construído. Cabe ressaltar aqui a importância da relação entre as palavras e as imagens visuais quando ambas são dialogicamente trabalhadas na construção da memória coletiva.

Nesse sentido, a consulta ao acervo de vídeos da FCCB foi também obrigatória. Dele constam memórias de vários cidadãos e cidadãs que viveram um tempo, em grande medida, coincidente com o recorte temporal da pesquisa aqui empreendida. Depois de editadas, essas memórias transformaram-se em vídeo. Outros filmes e vídeos – especialmente os de acervos familiares – contêm imagens construídas que, trabalhadas, puderam trazer contribuições ao trabalho. Ainda em relação às fontes sonoras e visuais, são estudados os registros das viagens realizadas a Araxá pela comitiva da presidência da República, na década de 40. Os referidos filmes, produzidos como propaganda oficial do governo pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), compõem o arquivo da Cinemateca Brasileira, em São Paulo. Estas fontes foram analisadas como representações sobre a integração do Barreiro no momento do projeto político dos anos 30 e 40 e revelam o modo como se tentou envolver a população com prazeres e contentamentos, neutralizando-se as reações críticas.

A palavra emitida pela oralidade é um meio de rememoração do passado a partir do presente. Por meio dos relatos orais obtêm-se reflexões sobre o ambiente no qual determinado personagem esteve inserido e sobre a forma como ele ainda se insere. Para isso, as entrevistas realizadas em Araxá, Uberaba, Santa Rosa de Viterbo e Belo Horizonte oportunizaram referências a mais na produção da pesquisa. Tratam-se de depoimentos de políticos, de médicos, de filhos de hoteleiros, de filhos de proprietários de terras no Barreiro, de operários,

de fornecedores, comerciantes e prestadores de serviços, de filhos de construtores, funcionários e usuários da estância, antes e depois da década de 30. Um aspecto a mais a considerar-se é o referendo dessas experiências vividas e relatadas mediante a relação social e pessoal mantida com os entrevistados. Vale ressaltar, ainda, que o fato de se conhecer previamente o tema facilitou o ingresso em um mundo que antes parecia pertencer somente a eles. Prosseguindo na análise das memórias orais, foi possível encontrar, por fim, referências nos trabalhos de memorialistas e ensaístas que se dedicaram ao registro de determinados momentos históricos, na tentativa de esclarecer e confrontar dados e de iluminar pontos não desvelados no trato com as demais fontes.

Uma consulta ao Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, permitiu localizar e pesquisar uma série de correspondências mantidas entre os órgãos oficiais do governo estadual ligados à administração da estância e os seus funcionários/construtores em Araxá. No Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, pôde-se acessar um conjunto de imagens enquanto registro fotográfico das visitas de Getúlio Vargas a Araxá.

É pertinente frisar que estas fontes ora submetidas à análise, entre outras possibilidades, reforçaram o uso de determinado documento como decorrência da opção do pesquisador, bem como a sua existência não aleatória. Presente ou ausente nos arquivos a serem pesquisados, esta condição justifica-se por ser o documento um produto da sociedade que o gerou com base nas relações de poder.⁸

Dessa forma, o exercício de lidar com a diversidade de fontes exigiu cruzá-las continuamente, na tentativa de se captar os sinais delas emitidos e, portanto, de se estabelecer com elas uma relação dialógica. Para isso as fontes devem ser examinadas exaustivamente, ampliadas e interpretadas, na expectativa de que assim diferentes papéis sejam desempenhados socialmente nas tramas que delinham a história em questão.

Considerando-se todos esses aspectos, no primeiro capítulo, intitulado “Essencialmente as águas”, privilegiam-se a existência das fontes de águas minerais e o seu significado na formação e no crescimento de Araxá, cidade mineira com cerca de 80.000 habitantes (censo 2000) que, em certo momento, pertenceu ao Triângulo Mineiro e, depois, passou a compor a chamada região do Alto Paranaíba. No local das fontes – denominado Barreiro – havia ocorrido a ocupação da terra e, a partir dessas terras rurais, formara-se, a quatro quilômetros de distância, a paisagem urbana de Araxá. Pretende-se pontuar o processo de construção da cidade enquanto estação de águas, procedendo incursões no final do século

⁸ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p.114-115.

XIX para, em seguida, mais precisamente no capítulo dois, alcançar os anos 1920 e 1930. Esta opção decorreu do fato de as próprias fontes de pesquisa e o seu manuseio terem indicado tal percurso como sendo essencial ao entendimento das relações cidade-balneário.

O nascimento da estação de águas integrou definitivamente a cidade ao Barreiro e definiu as bases para que se materializassem, nos anos 1920-1940, as idéias em torno de uma cidade e de sua estação *ideal*. De que maneira isso ocorreu? Para tentar responder a essa questão são articuladas outras, relativas, por exemplo: aos usos das fontes de águas minerais e à posse de terras no entorno daquelas; à natureza enquanto objeto dos olhares científico e médico; às projeções quanto ao aproveitamento terapêutico e comercial das riquezas naturais; às iniciativas públicas e particulares que tentaram promover o acesso e a viabilização da estância; e às tensões decorrentes de tais iniciativas. Com a formação da estação de águas deu-se uma espécie de retomada do Barreiro, de onde partira o núcleo urbano inicialmente. Neste capítulo são utilizadas fontes como: Livros de Atas da Câmara Municipal de Araxá, Decretos e Leis, Relatórios da administração municipal, Códigos de Posturas, correspondências, requerimentos municipais, jornais, fotografias e trabalhos de memorialistas.

O segundo capítulo, “Cotidiano da estação (1920 e 1930)”, ampara-se em documentos oficiais vinculados aos poderes executivo e legislativo municipais, documentos avulsos, jornais, mapas, projetos urbanísticos, almanaques e propagandas neles contidos, guias, publicações técnicas, diários, fotografias e depoimentos orais. Seu foco é o cotidiano urbano de Araxá e sua especificidade enquanto estação de águas. Espaços físicos foram criados e recriados em torno das concepções de cidade e de estância. De que maneira entendiam-se e imaginavam-se estes espaços? Sob a perspectiva do higienismo e da adoção da via médico-sanitarista tentou-se transformar a cidade e o seu Balneário no que se refere à materialidade e ao modo de vida dos cidadãos.

Como se deram o processo de engajamento dos habitantes no cotidiano urbano e suas formas de organizar o trabalho e o entretenimento? Pretende-se mostrar como a ancoragem no poder curativo das águas conduziu ao investimento em serviços, produtos e propagandas comerciais que atraíssem os visitantes em busca de saúde e/ou de lazer. Neste aspecto, busca-se analisar a intensidade do convívio mantido entre a população local e aqueles que chegavam para as temporadas. Se os hotéis apresentaram mudanças de signos, passando de lugares de hospedagem para lugares de socialização, como isto ocorreu? A busca para interpretar e verificar as representações urbanas nos anos 20 e nos primeiros momentos da década de 30 levou a um certo mapeamento dos seus principais símbolos, tais como os próprios hotéis (na cidade e no Barreiro), as fontes, as edificações construídas para abrigá-las e a paisagem

natural. No desdobramento desse simbolismo revelaram-se formas de vida local inseridas nas esferas sociais e culturais. Quais seriam estas e suas relações com a condição de estância hidromineral? A proposta de traçar os modos com que assumiram essas alterações no âmbito do espaço urbano, das representações que envolveram a cidade e sua estação de cura, de veraneio e de lazer, das identidades, das práticas assumidas por diversos segmentos sociais, das memórias de quem viveu ou ainda vive esse cotidiano exigiu essas e outras indagações.

Intitulado “Tempos de curar e de embelezar”, o terceiro capítulo dedica-se aos aspectos formadores de uma identidade urbana com a interpretação das múltiplas vivências presentes no cotidiano da cidade e do balneário. Mediante uma fuga das polaridades, pretende-se buscar aquilo que é peculiar a Araxá, tornando-a apropriada para atrair visitantes. Fundamenta-se em documentos oficiais vinculados aos poderes executivo e legislativo municipais, documentos avulsos, acervos pessoais, trabalhos técnicos, guias, almanaques, revistas com propagandas, jornais, depoimentos orais, fotografias, filmes e fontes eletrônicas.

É o enfoque do corpo sob uma perspectiva histórica que permite pontuar e analisar a tendência que impulsionou a visitação às estâncias balneárias. Araxá uniu as idéias de higiene, de saúde física e de embelezamento às noções de trabalho e de lazer. Buscou reunir condições propícias para oferecer as águas revigorantes do organismo aos seus frequentadores. Para isso são perceptíveis as iniciativas de hoteleiros, administradores e médicos na promoção de estudos científicos sobre as qualidades das águas que, aliadas às condições climáticas, à higiene, ao embelezamento e ao conforto dos espaços públicos e privados, conquistavam respaldo técnico e demanda de veranistas. A urbanização trouxe a sociabilidade e com esta novos padrões de comportamento foram incorporados.

Nesse sentido, algumas questões tornaram-se instigantes: a cidade tinha seu próprio cotidiano e aquele que se projetava para as temporadas de 21 dias. Assim, de que forma se construiu o tempo da estância e qual era a sua historicidade durante as semanas de estação? Como se deu visibilidade ao rompimento da rotina? A população local se beneficiou das transformações? Como as vivenciou? Com orgulho, tensões ou ambos?

Durante as temporadas, o cotidiano local parecia absorver a diversidade de referências que apontavam para as potencialidades individuais e coletivas. Os hábitos mantidos neste cotidiano reproduziram aqueles vistos enquanto modelo de civilização de estância? O isolamento imposto aos aquáticos impediu ou, em sentido oposto, estimulou a convivência entre eles e os moradores locais? O que é a estância e qual é a sua relação com a natureza onde se bebe água e toma-se banho? Os divulgadores da estância de Araxá, especialmente médicos, publicitários, comerciantes e hoteleiros, depositavam confiança na

idéia auspiciosa de respirar um novo ar, o componente essencial destinado aos visitantes. Aliada à hidroterapia e aos fatores climáticos, a variação do lugar, alterando hábitos ou incorporando outros, tornava-se vital ao alívio do ritmo em crescente tensão nos centros urbanos. As práticas e representações corporais permitiam, ainda, uma inserção no universo da estética.

O quarto capítulo, com o título “Era Grande Hotel: anos 1940”, vem encerrar o percurso proposto. Aborda o processo de construção da estação de águas, imagética e materialmente, com a implantação do Complexo Termal do Barreiro de Araxá, composto pelo Grande Hotel, pelas Termas, pelas Fontes, pela Praça de Esportes, pelos Jardins e pelas Áreas Residenciais. Privilegia, para tal, fontes como códigos de posturas, relatórios, diários, mapas, projetos urbanísticos, jornais, revistas, correspondências oficiais mantidas entre Araxá e Belo Horizonte, correspondências particulares, filmes, fotografias, depoimentos orais e fontes eletrônicas.

A partir de 1937 teve início esta construção como um projeto político que se viu acompanhado de outro sócio-cultural, ambos impondo-se com pretensões hegemônicas. O projeto executado venceu outras opções mais modestas. Reforçou uma propalada *vocação natural* e provocou interferência no esquadramento da cidade. A quem veio beneficiar? Seria ele a materialização da idéia, em concreto, de uma estação de águas? Seria aquela a construção coletiva de um sonho? Ou uma questão de interesse de muitos cujas reações de quem as vê seguem as percepções individuais? Outras questões mostraram-se inquietantes, como o objetivo e o significado de uma obra de tamanha dimensão. As expectativas dos seus gestores foram compartilhadas com as centenas de trabalhadores no dia-a-dia da construção, sob os olhares vigilantes dos mestres do saber técnico-científico?

A estância do Barreiro por si só tornou-se um atrativo, a partir de 1944, imperando pelo seu esplendor e suntuosidade. Nesse universo, freqüentado por trabalhadores e hóspedes privilegiados, reafirmou-se a concepção de que o que existe de requinte em construções fora do país pode ser visto aqui acrescido de características próprias. Nos ambientes sofisticados realizaram-se festas glamourosas, os *shows* provocaram deslumbramento e o cotidiano das pessoas foi ali decidido. Nos amplos salões também se apostou o futuro, porém, até 1946, quando o cassino teve cerradas as suas portas. Mas qual o significado do fechamento do cassino para a estância hidromineral e para a própria cidade, após um investimento de imensas proporções? Se a partir de 1944 o cenário pareceu permeado por tensões, também apresentou expectativas positivas, ainda que não tivesse sido concluído na sua totalidade no momento da inauguração oficial.

A forma como se deu a materialização da cidade-balneário enquanto território emblemático compõe o mote desta tese. Pode-se considerar que foi este o vetor para se tentar compreender os variados sentidos do Barreiro para Araxá, como um espaço que pulsou, tensionou e emergiu de diferentes formas. As experiências vividas na cidade-balneário e as memórias nela construídas concederam-lhe outros espaços e identidades. As considerações finais, centradas na problemática e desenvolvidas a partir dela, vêm indicar possíveis delineamentos.

A condução da pesquisa, documento a documento, acervo a acervo, arquivo a arquivo, partiu de uma experiência preliminar no manuseio de materiais diversificados e, portanto, implicou num processo mais ágil para localizá-los. Ainda assim, a diversidade e a quantidade postas exigiram observá-las enquanto suporte material e decodificá-las enquanto constitutivas de grande narratividade. Nesse percurso, os usos dos suportes técnicos (com suas múltiplas temporalidades e espacialidades) e das narrativas textuais, orais, visuais e da cultura material foram pensados como forma de alcançar possibilidades críticas da interpretação histórica na anterioridade, mas também na contemporaneidade. Talvez resida aqui uma perspectiva contributiva para um redimensionamento desta temática.

Dessa maneira, foi possível vislumbrar a existência de muitas vertentes para se pensar, pesquisar e proceder abordagens sobre Araxá sob o foco da cidade como “objeto, questão ou problema”.⁹ Pode-se notar que, gradativamente, os fios que tecem a rede histórica foram adquirindo concretude. O formato obtido por esta rede tentou indicar o que é específico ou o que é peculiar a Araxá dentro da sua trajetória enquanto estação de águas, esta materializada na pluralidade de concepções de espaço e de tempo, nas relações sociais e culturais em vigor, nas experiências e nas sensibilidades dos seus moradores e visitantes.

⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. p.32-36.

I – ESSENCIALMENTE AS ÁGUAS

*“(...) Também a história é sempre ambivalente:
o lugar que ela destina ao passado
é igualmente um modo de dar lugar a um futuro (...).”*

(Michel de Certeau)

Neste primeiro capítulo privilegiam-se a existência das fontes de águas minerais e o seu significado na formação e no crescimento de Araxá, cidade de Minas Gerais com cerca de 80.000 habitantes (censo 2000) que, em certo momento, pertenceu ao Triângulo Mineiro e, depois, passou a compor a chamada região do Alto Paranaíba. O nascimento da estação de águas integrou definitivamente a cidade ao balneário e este à cidade, que, distanciados geograficamente, mantiveram-se unidos por intensas relações espaciais, sociais e culturais. O contínuo ir e vir dos cidadãos entre esses dois territórios conferiu identidade a ambos e definiu as bases para que se materializassem, nas décadas seguintes, as idéias em torno de uma cidade e de sua estação *ideal*.

Aborda-se, portanto, o processo de construção da cidade enquanto estação a partir de incursões no século XIX e até a década de 1920, opção decorrente do fato de as próprias fontes de pesquisa indicarem esse percurso como sendo essencial ao entendimento das relações cidade-balneário e vice-versa. A pertinência desse recorte temporal, reforçando a integração entre Araxá e o antigo Bebedouro, conduziu a outra opção: aqui, neste capítulo inicial, as imagens são utilizadas em função da maior visualidade que imprimem ao texto, favorecido pela interlocução com as demais fontes.

1.1 – ÁGUAS DE BEBER, DE CURAR E DE PROSPERAR

A combinação dos elementos água e cidade expressa o significado de um lugar como Araxá. Que cidade é esta construída tangível e intangivelmente sob este emblema que, por tradição, tem reservado a ela uma identidade tão específica quanto híbrida, formada no modo de vida e nas experiências dos seus moradores e visitantes? Que cidade é esta centrada em torno do bem que pode trazer prosperidade material e também curar, embelezar e trazer fruição?¹⁰

Araxá, localizada no sudoeste de Minas Gerais, é constituída por dois territórios imbricados entre si, porém separados geograficamente por uma via que hoje possui quatro quilômetros de extensão: o Barreiro – terras originalmente rurais dotadas pela natureza de

¹⁰ CHARTIER, Roger. “O mundo como representação.” In: REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS. São Paulo, vol.5, n.11, jan./abr. 1991. p.173-190; CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350; GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.171-179.

fontes de águas minerais – e a cidade, espaço urbano propriamente dito, nascido daquele primeiro.¹¹

Do espaço natural ao espaço construído percorreu-se um caminho de mão dupla: urbanizar para gerar riquezas, produzir para fazer o uso indicado dos recursos naturais, valorizar o ambiente natural para conquistar o conforto material e com ele receber os doentes em busca de tratamento e os veranistas à procura de lazer.¹² Diante dessas percepções foi preciso transformar a cidade em balneário e o balneário em cidade (preferencialmente uma cidade-jardim).¹³

Por mais renovadores que pudessem parecer os planos de aproveitamento do potencial hidroterápico das suas fontes minerais, articulando os meios de produção da cidade como um todo, as possibilidades que se abriram encontraram limites nas esferas econômica e política. A construção da imagem de uma cidade *ideal* exigiu, além da instalação dos serviços de saneamento básico e de telefonia, as inaugurações do grupo escolar, do mercado, do matadouro, do hospital, dos jardins públicos, do teatro e do cinematógrafo. O discurso higienista, reivindicando a limpeza e o embelezamento dos logradouros públicos, foi praticado como elemento indispensável à saúde física e moral e à criação de formas de lazer, questões que se apresentaram como fundamentais a uma cidade que pretendia se destinar à vilegiatura.¹⁴

Mirando-se em modelos estabelecidos como próprios de estações de águas afamadas, ao poder público coube buscar recursos oriundos do poder privado. À concepção das transformações no tecido urbano seguiu-se a viabilização de estradas, pontes, ferrovia, vias públicas higienizadas e embelezadas, prédios edificadas segundo critérios estéticos – entre

¹¹ AMADO, Janaína. “História e Região: reconhecendo e construindo espaços.”; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. “Região e História: questão de método e perspectivas metodológicas.” In: SILVA, Marcos da (Coord.). *República em migalha: história regional e local de São Paulo*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ CNPq, 1990. p.7-42.

¹² O lazer é entendido aqui como um conjunto de atividades com as quais a pessoa ocupa o seu tempo livre e que se constitui essencialmente das seguintes funções: descanso; divertimento, recreação e entretenimento; e desenvolvimento da personalidade. DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. 2ª.ed. Tradução de Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999. p.146-149.

¹³ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.13-28.

¹⁴ Teoricamente esse discurso nascia do grupo de profissionais dedicados às pesquisas e à ação individualizada no combate às doenças e epidemias que atingiam a população de maneira geral. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p.206. A respeito dessas atuações enquanto expressão de poder, adotam-se as análises de: CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.29-59; FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andréa Daher; Consultoria de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.81-86.

esses os hotéis – e das chamadas “Casas de Banhos”, espaços destinados às mais variadas experiências de bem-estar decorrentes do fetichismo promovido pela existência das águas.¹⁵

Os tempos então sentidos por Araxá configuraram-se como representativos da modernidade em que moradores e visitantes compartilhavam possibilidades de transformações pessoais e coletivas.¹⁶ Os novos hábitos e comportamentos adotados nos espaços públicos ou naqueles restritos às elites¹⁷ – onde eram cultivadas idéias, opiniões e críticas – reproduziram os ditos padrões europeus de civilização, que foram apropriados pelas cidades e pelos cidadãos brasileiros. Nesse cenário transformador que entrevia o real aproveitamento do Barreiro, as negociações dos direitos de posse e de uso das fontes envolveram uma rede de interesses conflitantes que colocaram em confronto as relações de poder. Ali, da mesma forma como ocorrera com as mudanças verificadas na cidade, o jogo das forças políticas acabou por revelar diferentes visões da vida urbana. As obras e os serviços considerados essenciais ao bem-estar coletivo valorizaram os homens públicos, ao mesmo tempo em que a falta deles os condenaram.

Araxá antecipou a modernização à medida que o objetivo de atingir as suas riquezas naturais disponibilizou “trollys”, projetou bondes elétricos e viabilizou estradas de automóveis antes mesmo da chegada dos trilhos. Contudo, a ambicionada vocação turística esbarrou nas imagens ambíguas que a fizeram demonstrar certa indefinição entre o passado e o futuro. As inovações abriram perspectivas, mas, simultaneamente, fizeram emergir a sensação de que havia mundos diferentes.¹⁸

A sociedade conviveu com o cosmopolitismo das elites visitantes que chegavam para as temporadas, ocultando as suas próprias mazelas. O cunho contraditório e passageiro desse movimento de transformações definiu um processo vacilante que alternou avanços e recuos. No momento em que o trem de ferro chegou, depois de décadas de expectativas e ilusões,

¹⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Estático na Metrópole - São Paulo: sociedade e cultura nos prementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.227-228.

¹⁶ Utiliza-se aqui a linha teórica de Marshall Berman, que analisa a modernidade enquanto um conjunto de diversas experiências vividas “de tempo e de espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida [...]” e que denomina modernização aos “processos sociais” e vitais, portanto, aos tipos de experiências asseguradas por quem se pretende “moderno”. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.15-16.

¹⁷ A conceituação de elite aqui em uso identifica-se com o que propõe Jeffrey Needell ao associá-la a uma definição mais ampla de poder – poder derivado da riqueza, da ocupação e do status social reconhecido, bem como da posição política; e, mais comumente, derivado de uma combinação de todos estes fatores. Conforme esta definição está prevista a possibilidade de inserção de novos elementos ao grupo. NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.275-280.

¹⁸ BERMAN, Marshall. Op. cit. p.15-35.

nasceram novos desejos e incertezas que não poderiam ser sanados exclusivamente na festiva plataforma daquela sonhada estação férrea.

O impacto da viagem inaugural do trem de ferro, em 1926, ligando Araxá às principais capitais do país, havia cristalizado uma antiga aspiração, renovando os modos de viver da população. No entanto, o caráter efêmero do progresso que a locomotiva conduzia rumo à cidade e à estação de águas idealizadas logo se tornou evidente.¹⁹ Novos anseios e inquietações foram surgindo e o plano de se criar a “maior e mais bela estância hidromineral do continente” foi adiado até a “Era Vargas”.²⁰

Ao contrário dos sulistas, que se habituaram ao uso regular do termo estância para denominar a propriedade rural, os araxaenses, em particular, utilizaram tanto esta expressão – “estância” – quanto o termo “estação” para referirem-se à condição de lugar onde se passa uma temporada para tratamento, descanso ou recreio. No entanto, entre o final dos anos 20 e o início dos anos 30 já se notava uma ligeira tendência para a adoção da primeira, ou seja, estância, fato que se consolidou com o citado projeto implantado durante o Estado Novo.

Araxá está entre os primeiros núcleos de ocupação do “antigo Sertão da Farinha Podre”,²¹ nome que recebeu ainda no século XVIII, ao lado de Desemboque, atual distrito da cidade de Sacramento, próximo à fronteira com o estado de São Paulo. Com a República esse território recebeu a denominação de “Triângulo Mineiro”, que, posteriormente, foi redividido, passando a ser parte integrante do chamado “Alto Paranaíba”.

Em princípio, às margens do rio das Velhas se formou o Desemboque, cujo aproveitamento do ouro fez com que ali se fixassem homens, mulheres e famílias inteiras. Com a escassez de aluvião aurífero passou-se a buscar outras fontes de sobrevivência. A pecuária – nova forma encontrada para organizar a produção e o trabalho – adquiriu maior proporção quando, em função da sua prática, foram alcançadas as fontes de águas minerais da Mata do Bebedouro. Assim chamou-se, inicialmente, o local onde jorravam as águas que durante mais de um século, entre o XVIII e o XIX, alimentaram o gado e definiram a lida diária dos seus criadores.

Os espaços desse Bebedouro, nome que foi gradativamente alterado para Barreiro, abrigaram práticas cotidianas rurais dedicadas ao sustento material da população que se

¹⁹ BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1997. p.137-226.

²⁰ A partir do período em questão, Araxá teve seu nome associado a este lema com fins de divulgação.

²¹ Segundo Waldemar de Almeida Barbosa, este nome remete à tradição oral. Os colonizadores, ao passarem pelo lugar, teriam guardado a farinha no tronco das árvores. Na volta, constataram que o alimento apodrecera. Assim, passaram a se referir a este ponto do sertão como “aquele da farinha podre”. BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Promoção da Família, 1971. p.43-49.

formava ao seu redor e no interior da nascente vida urbana. O sal naturalmente contido nas águas favoreceu a criação do gado, antes dependente do produto que penosamente chegava do Rio de Janeiro via São João del-Rei. No início do século XIX, os fazendeiros estabelecidos nas proximidades do Barreiro reuniram-se sob as bases de um acordo judicial, definindo regras a serem cumpridas por cada criador, a começar pelo dia de levar o seu rebanho até as fontes salobras.²² (Ver Anexos, Mapas 2 e 3).

As águas atraíram criadores e tropeiros do Desemboque e de outros pontos de Minas Gerais, como Itapeverica, Oliveira, Piumhi, Paracatu, Mariana, Sabará e São João del-Rei. (Ver Anexos, Mapa 1). Aos mineiros (assim chamados aqueles nascidos nas vilas dedicadas, em grande parte, à busca de ouro e diamante) e aos geralistas (naturais do lado oeste da antiga capitania, que mais tarde seria província) juntaram-se outros, oriundos sobretudo das províncias de São Paulo e de Goiás. A partir do século XVIII, as formas de ocupação da terra e de uso das águas delinearão o desenho urbano a ser impresso nos espaços de Araxá.

Quase um século depois, as revelações das propriedades das águas e, por conseguinte, do seu valor terapêutico indicaram novas possibilidades quanto à sua utilização. Araxá havia alcançado oficialmente a condição de cidade em 1865, período a partir do qual o Barreiro – reduto das fontes – deu início à possibilidade de atribuir novos sentidos aos moradores urbanos. Uma via alternativa e de expressiva representatividade sinalizou a prática do culto à saúde do corpo e da própria cidade.²³

Se no século XIX os “viajantes” escreveram sobre diferentes aspectos da vida de Araxá, analisando cientificamente os seus recursos naturais, fazendo referências às águas minerais do Barreiro e apontando caminhos para as pesquisas que se realizariam ainda naquele século e no posterior, o modelo transmitido por suas descrições contribuiu para desenhar uma fisionomia urbana. Em 1816, o alemão W. L. von Eschewege desenvolveu alguns estudos científicos acerca das águas minerais, comunicando a existência delas às

²² LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *As águas que rolaram: no poder, na urbanização e na modernização de Araxá (1890-1926)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista - UNESP, Franca - SP, 2001. p.17-42.

²³ Araxá alcançou o estágio de freguesia no final do século XVIII, seguindo alguns critérios determinados por lei. Segundo Murilo Marx, ser freguesia implicava a condição, entre outras, de ser arraial com capela devotada a um santo (neste caso, São Domingos) e erguida em terras doadas ao patrimônio da Igreja. Antes disso, tudo era somente uma grande extensão de terras rurais. Depois de estabelecido o patrimônio religioso e de construída a primeira igreja – a Matriz de São Domingos –, a paisagem urbana começou a ser delimitada com a aglomeração de moradias, de casas de negócios e de órgãos públicos. Para isso, uma parte da Sesmaria do Barreiro, demarcada em 1785 e, posteriormente, vendida a outros proprietários, foi doada por Alexandre Gondim, hoje identificado por denominar uma das ruas centrais da cidade. Já a escolha do padroeiro São Domingos, santo espanhol, tem raízes que remetem à passagem dos colonizadores de mesma origem. Araxá formou-se, portanto, como um exemplo clássico de assentamento humano, e nasceu a partir da doação de terras da Sesmaria do Bebedouro, ou Barreiro. Ver: MARX, Murilo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Editora Nobel/ Editora da Universidade de São Paulo, 1991. p.17-65.

autoridades portuguesas no Brasil. E, em 1819, Saint-Hilaire descreveu sua chegada ao Barreiro:

Eu não podia passar por Araxá sem ir ver as águas minerais a que a região deve, em grande parte, o seu povoamento. Saí bem cedo, com o frio da manhã fazendo-se sentir fortemente. Atravessei logo de início um pasto coberto exclusivamente de gramíneas e outras ervas, e em seguida outro onde cresciam aqui e ali algumas árvores mirradas. [...] Ao chegar ao final desse pasto entrei numa mata bastante fechada. Depois de ter caminhado uma légua e meia mais ou menos, por uma trilha bem batida, cheguei finalmente ao local onde se encontram as águas minerais e que, ali, é chamado Barreiro. Num ponto sombrio da mata, onde as árvores são mais juntas e mais folhudas, há um espaço com cerca de 600 passos de circunferência, cercado por um muro de arrimo e inteiramente tomado por uma lama negra e compacta. É do meio dessa lama, em cinco ou seis pontos diferentes, que brotam as fontes de água mineral.²⁴

Partindo dessas fontes, o núcleo urbano semeado e não planejado obedeceu ao modelo presente na maioria das vilas e cidades do país.²⁵ Contudo, o espaço rural se expandiu mais que o espaço urbano, onde se convivia com dificuldades relacionadas à precária administração pública.²⁶ Sob o signo de uma sociedade rural e escravista, Araxá, a partir do século XIX, iniciou seu processo de transformação espacial, lidando com problemas de toda ordem. A crise desnudou questões ocultas na retórica de quem ocupava o poder, mas também motivou as ações de quem queria alcançá-lo.²⁷ Hesitando entre o que já se considerava como vocação de natureza tropical, a agropecuária, mais o comércio precário, as raras formas de adesão às atividades industriais e as deficientes vias de comunicação e de transporte, os habitantes locais viram no potencial do Barreiro a perspectiva de assimilarem o ritmo das mudanças impostas pela urbanização.

A prática do lema “ordem e progresso”,²⁸ herdado da doutrina positivista, absorveu integralmente a idéia de organizar, primeiro, e, em seguida, conquistar o crescimento

²⁴ SAINT-HILAIRE, A. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p.101-112.

²⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 6ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.93-138.

²⁶ A condição de vila fora conquistada em 1831 e, por lei provincial de 1865, Araxá tornou-se cidade. Lei n.1259, 19 dez. 1865. Livro da Lei Mineira, Tomo XXXI, parte 1ª, folha 3. Arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

²⁷ COSTA, Emilia Viotti. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue: a relação dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.13-19.

²⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.9-73; 129-142.

conjunto.²⁹ Assim, a constituição e a normatização do espaço urbano atingiram Araxá no momento em que a cidade e o seu cotidiano caracterizavam-se por manter costumes peculiares a uma sociedade rural; a partir de então, tentava-se implantar a sua forma de urbanização. Tanto no Barreiro quanto na cidade a dinâmica das transformações adquiriu aspectos específicos diante daquilo que a natureza proporcionava – a existência das suas fontes de águas minerais – e do modo por meio do qual poder-se-iam assegurar riquezas. Até então utilizadas em função da pecuária por tropeiros e criadores que alimentavam o gado com o seu sal natural, as águas foram, daí por diante, submetidas a vários estudos científicos.

A influência da concepção positivista trazendo consigo receptividade ao ensino, à pesquisa e ao papel social do cientista integrou as idéias relacionadas à modernidade científica vivida na Europa em meados do século XIX. Naquele sertão de Minas Gerais vigorava ainda a visão tradicional da natureza ligada à noção de dádiva divina. Todavia, a emergência das mudanças culturais daquele final de século apontou para a viabilidade de apropriação das riquezas naturais, para, assim, gerar outras riquezas.³⁰

Estavam lançadas algumas das grandes questões desta cidade, que se constituía como fruto das mais diversas experiências vividas. Em meio ao desafio de se tentar aderir às inovações urbanas, revelaram-se vários indicadores, simultaneamente. Lado a lado, assistiu-se ao confronto da miséria e ao indício de opulência que se vislumbrava.³¹ Sinais revelados da luta pela resistência às adversidades, entre as quais a carestia de alimentos, a explosão de epidemias e a carência de moradias e de serviços de saneamento básico – com todas as implicações de higienismo –, encontraram perspectivas infinitas de soluções diante daquilo que Araxá poderia vir a ser.³² Novamente, a visão de Saint-Hilaire, registrada por escrito, muito antes focalizara nesta direção:

[...] as águas minerais são límpidas e de cor avermelhada, com um gosto amargo que lembra ao mesmo tempo o de ovos podres. A menção dessas simples características é suficiente para mostrar que elas são sulfurosas e, em conseqüência poderiam ser empregadas na

²⁹ Sobre a concepção de natureza enquanto dádiva divina e as possibilidades de aproveitá-la, ver, entre outros: COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.112-120.

³⁰ ARAÚJO, Hermetes Reis de. “Da mecânica ao motor: a idéia de natureza no Brasil no final do século XIX.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.23, nov. 2001. p.151-157.

³¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. p.21-41.

³² DELEUZE, Gilles. *Conversações: (1972-1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS).

cura de todas as doenças para as quais são aconselhadas águas desse tipo, e em particular das moléstias de pele tão comuns no Brasil.³³

Mais de meio século depois da passagem do biólogo francês, que atestara, com seu olhar científico e europeizado, a possibilidade de uma história a ser construída, Araxá deu início à tentativa de fazer sua estação hidromineral, cuja concretização esteve assinalada pela alternância entre ações práticas e tantos outros adiamentos. Não foi ocasional a execução das primeiras análises científicas das águas do Barreiro e, em seguida, a realização do primeiro estudo geológico do entorno daquela região. A cultura higienista introduziu Araxá nas pesquisas científicas que inseriam o país no movimento para torná-lo urbanizado, higiênico, saudável e, por fim, próspero. A valorização do saber científico como fórmula para sistematizar as riquezas naturais e, portanto, inserir o país em uma nova materialidade progressista despertou os pesquisadores para o conhecimento do Barreiro de Araxá.

Desde então, um elenco de nomes, reunindo médicos, cientistas e professores, muitos deles aliando as três funções, passou a integrar o panorama da cidade, com repercussão no âmbito dos chamados formadores de opinião. Entre estes, alguns profissionais da saúde e outros da imprensa viam-se na mesma área, ou seja, o médico ou farmacêutico era também o editor do jornal, formulando postulados que pudessem elevar Araxá à posição de cidade-balneário.

Em 1886, o Dr. May Castelnau instalou-se numa casa de capim junto às fontes para analisar as suas águas. Escreveu, então, o trabalho intitulado “As aguas alcalinas sulphurosas do Araxá”, inserindo-o nos “Annaes” da Imperial Academia de Medicina, no Rio de Janeiro, sede da corte. No mesmo período, um médico de Juiz de Fora, Dr. Luiz de Mello Brandão, visitou o Barreiro para conhecê-lo e, igualmente, analisou as suas fontes. Esse médico bebeu daquelas águas, denominou-as de acordo com suas nascentes e anotou os resultados, revelando o pioneirismo e a relevância de seu trabalho. Outros estudos se seguiram a estes, entre os quais o realizado pelo Dr. Borges da Costa, por intermédio do “Laboratorio de Hygiene do Rio de Janeiro”, o elaborado pelo “Laboratorio da Casa da Moeda”, também no Rio de Janeiro, e o assinado pelo Dr. Souza Fernandes, por dedução da média dos dois anteriores.³⁴

³³ SAINT-HILAIRE, A. Op. cit. p.131.

³⁴ Estes estudos têm sido citados pontual e tradicionalmente em trabalhos de memorialistas, médicos, advogados e pedagogos, a saber: SILVA, Sebastião de Affonseca e; MACHADO FILHO, Aires da Mata. *História do Araxá*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1946. 78p; COSTA, Waldir. *Araxá, da maloca ao palácio*. Goiânia: O Popular, 1987. 126p; EDE, Martha Botelho. *Thiers: controvérsia de três tempos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004. 120p; MAGALHÃES, Mário de Castro. *A estância de Araxá*. Araxá: s/n., 1945. 51p;

Por sua vez, o Dr. Orville Derby, geólogo norte-americano naturalizado brasileiro, visitou Araxá durante sua gestão como diretor da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, entre 1886 e 1904, e incluiu o Barreiro na sua enorme produção científica.³⁵ Em 1890, uma platéia reunida na Academia Nacional de Medicina – da qual Dom Pedro II fazia parte – assistira à palestra do médico e conselheiro Joaquim Monteiro Caminhoá. O trabalho apresentado, de sua autoria, foi produzido a partir da análise de garrafões de água provenientes de Araxá e transportados de Belo Horizonte, pela Estrada de Ferro Oeste de Minas, até o Rio de Janeiro.³⁶ A pesquisa, intitulada “Estudos das Aguas Minerais do Araxá”,³⁷ foi enriquecida, ainda, pelas observações dos médicos João Teixeira Álvares e Oliveira Botelho.³⁸

Em 1891, o Dr. João Teixeira Álvares retornava de sua primeira viagem de estudos à Europa impressionado com a estrutura oferecida por Vichy, então renomada estação de águas francesa. Deslumbramento e sentimento de angústia, simultâneos, levaram o médico à grande questão: “De que valem as águas de Vichy comparadas às de Araxá? O que vale um cristal em face de um diamante?” Ainda assim, comparações inevitáveis impulsionaram-no a novas ações. O trabalho investigativo sobre o teor das águas prosseguiu, com os médicos-pesquisadores submetendo-se às mais diversas formas de desafios:

Achando-se no Bebedouro, no anno de 1898, o Revmo. Pe. Jones Nery de Toledo Sion, figura de grande relevo na sociedade paulista, homem de aprimorado saber, que viajou a Europa inteira, consegui que elle se interessasse pelas nossas fontes e tanto se interessou que nós ambos, empunhando machadinhas, ajudamos a desbravar o bosque que cerca as fontes e limpamos os corregos, com as nossas proprias mãos; o bosque era um verdadeiro emanhado de cipos, columbario de juritys; denominei-o por isso: ninho de pomba; e ao maior regato foi dado o nome de corrego de leões, em homenagem ao

MAGALHÃES, Mário de Castro. *As aguas de Araxá: descrição geral da estancia*. Rio de Janeiro: Heitor, Ribeiro & Cia., 1945. 17p.

³⁵ PIRES, Fernando Roberto Mendes; CABRAL, Alexandre Rafael. “Estudos de Orville Derby sobre os depósitos manganésiferos do Brasil – edição comemorativa dos 150 anos de nascimento do cientista.” In: REVISTA DA ESCOLA DE MINAS. Ouro Preto, vol.4, n.3, jul./set. 2001.

³⁶ A OPINIÃO. Araxá, n.14, 17/04/1934, p.1. Arquivo FCCB.

³⁷ Os estudos sobre as águas realizados por Caminhoá mostravam o uso medicinal do produto, constatando maior índice de sais, se comparado às fontes européias. Apontavam, ainda, a possibilidade de sua industrialização, uma vez que dele se obtinha a matéria-prima para o fabrico de sabão comum e sulfuroso. CAMINHOÁ, J. M. *Estudo das Aguas Mineraes do Araxá*. Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert & Cia., 1890. p.115.

³⁸ O médico João Teixeira Álvares, natural de Uberaba, depois de formar-se em medicina, no Rio de Janeiro, chegou para clinicar em Araxá, onde residia sua família, estabelecida como pioneira no ramo de hospedagem junto às fontes de águas minerais do Barreiro. O Dr. Virgílio Oliveira Botelho, por sua vez, médico formado na mesma turma do Dr. João Teixeira Álvares, de quem fora colega e amigo, era sobrinho do professor J. M. Caminhoá. Por intermédio dos seus dois ex-alunos, o citado professor foi apresentado a Araxá para realizar o estudo em questão.

intemerato sacerdote paulista, que tornou-se em S. Paulo nosso maior propagandista.³⁹

As citações desses estudos justificam-se pela importância que o uso das águas adquiriu dentro do processo de crescimento de Araxá. A pioneira e ascendente medicalização elevou o prestígio das práticas médicas junto às outras, tradicionais, e reforçou os papéis dos médicos, dos remédios e dos trabalhos de elucidação dos enigmas do corpo humano. Outras especificidades, ainda obscuras, como as da composição do solo, passaram a ser objetos da ação racional adotada por engenheiros e geólogos, revelando-se em todas as suas dimensões técnicas e políticas. Neste momento o espaço da cidade começou a ser delineado na direção sul, rumo ao objetivo de atingir as fontes do Barreiro, local de onde partira inicialmente.

Outros fatores contribuíram para a formação de uma mentalidade transformadora expressa visualmente nestes espaços físicos e, por extensão, neles reproduzida. As práticas instituídas neste cenário, aliadas às representações formuladas por moradores e administradores e potencializadas por meio das presenças e expectativas dos visitantes, promoveram continuamente a inserção de novas variáveis. Uma delas, a ferrovia, formou uma corrente de idéias e mobilizou paisagens urbanas e rurais.⁴⁰

A aproximação dos ramais da “Companhia Mogyana de Estradas de Ferro”, que chegavam às cidades vizinhas, deu mostras, por exemplo, à alteração das práticas comerciais então adotadas. O trem de ferro chegou primeiro em Sacramento (1888) e depois em Uberaba (1889). A maior agilidade no transporte de mercadorias permitiu a aquisição do sal por parte dos fazendeiros – que, a partir desse momento, não mais dependiam do produto disponível nas fontes de águas minerais – e, mais do que isso, facilitou o acesso de passageiros a Araxá. A conexão com os trilhos interligou Minas Gerais a São Paulo e, somada ao conjunto das aludidas mudanças do final do século XIX, propiciou outras formas de urbanidade,⁴¹ especialmente aquela derivada dos usos do território do Barreiro. O destino das suas águas, antes inteiramente rural, passava a ser a terapêutica. O seu uso, agora, destinava-se a aliviar ou curar doenças do corpo humano.

A partir de então, a urbanização e a modernização de Araxá passaram a representar um modelo próprio, embora tenha sido produto de um processo amplo de mudanças

³⁹ A OPINIÃO. Araxá, n.14, 17/04/1934, p.1. Arquivo FCCB. Ainda segundo o Dr. João Teixeira Álvares, conforme pronunciara neste discurso, em 1898 ele estivera no Rio de Janeiro com o objetivo de levar o Dr. Nascimento Gurgel, professor de pediatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para conhecer e analisar as fontes de Araxá. Tal visita fora custeada pelo próprio Dr. João Teixeira Álvares.

⁴⁰ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”. In: REVISTA USP. São Paulo, n.30, jun./ago. 1996. p.144-155.

⁴¹ ARAÚJO, Hermetes Reis de. Op. cit. p.161-167.

históricas. A almejada transformação de todo um estilo de viver comum às sociedades tradicionais – na relação com o corpo, inclusive – também seguiu a diretriz vinda das regiões industrializadas, conforme os novos padrões determinados pelo avanço científico-tecnológico.⁴²

Todavia, as iniciativas que visavam atrair os possíveis usuários das águas surgiram somente após a chegada do transporte ferroviário à região, tornando viáveis o incentivo aos tratamentos médicos especializados e a incipiente divulgação de Araxá. Nesse momento, o panorama urbano e o quadro econômico da cidade passaram a apresentar intervenções que apontavam a possibilidade de Araxá ancorar-se na condição de estação de cura. Os estudos científicos iniciais proporcionaram a inserção de Araxá nos cenários do Rio de Janeiro no que se refere ao campo da medicina. O sistema de comunicação estimulou novos contatos e a Araxá republicana criou novos ambientes urbanos. Por outro lado, a paisagem local assistiu à destruição de antigas construções, ainda que por longo tempo casas e sobrados permanecessem à espera de mínimos cuidados de conservação.

As águas minerais integravam o patrimônio público de Araxá. Por intermédio da Câmara, responsável pelos poderes legislativo e executivo, cabia ao município o seu aproveitamento, fosse por iniciativa enquanto poder constituído ou por concessão do privilégio de uso àqueles que o requeressem legalmente. Algumas concessões foram cedidas sem que trouxessem resultados efetivos.⁴³ O domínio dos terrenos adjacentes às fontes por parte de proprietários particulares e a intenção do poder público de utilizar esses recursos naturais deram início a um longo processo em que imperaram, diante das ambicionadas transformações, intensas relações sociais e culturais.⁴⁴

Contudo, as experiências da vida urbana e desta em contato com a paisagem natural do Barreiro evidenciaram os limites tênues entre um território e outro. Assim, originaram-se situações ambíguas, possibilitando interpretar diferentes vivências do cotidiano tanto em um lugar quanto em outro. A busca pela prosperidade material, inspirada no ideal europeu de civilização,⁴⁵ prometia romper com toda uma herança sócio-cultural, assegurando a

⁴²ROLNIK, Raquel. “História urbana, história na cidade?” In: FERRANDEO, ANA; GOMES, Marco A. (Org.). CIDADE & HISTÓRIA. *Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA/ANPU, 1992. p.27-29.

⁴³ Em 1896, a Câmara aprovava o pedido de concessão, por vinte e cinco anos, dos Drs. João Teixeira Álvares e Eduardo Augusto Montandon, para criação de um estabelecimento balneário nas águas minerais do Bebedouro, ou Barreiro. ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 11 dez. 1896. p.138. Arquivo FCCB.

⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.27-49.

⁴⁵ Entendendo assim o modelo de civilização no sentido dado por Norbert Elias, como processo de normatização e de enquadramento do comportamento e que, em decorrência desse disciplinamento, evidencia-se a construção

construção de múltiplas imagens e gerando expectativas quanto ao futuro.⁴⁶ Mas o fato é que a cidade das águas minerais não dispunha de água potável e suas ruas não contavam com iluminação elétrica. O acesso ao Barreiro e às demais vilas e cidades vizinhas via-se dificultado devido à falta de estradas e pontes.

Na última década do século XIX, a Câmara Municipal administrava a cidade e, mediante o seu agente executivo – responsável direto pela gestão pública –, solicitava crédito para que se iniciassem os melhoramentos de ruas e praças.⁴⁷ Higienização e embelezamento, preceitos empunhados com determinações legais, pendiam, pelo menos aparentemente, para o bem-estar do cidadão. Visando à prevenção do perigo ou do “embaraço aos transeuntes” e à melhoria estética da cidade, a Câmara Municipal tratou de proibir, por meio de leis, todos os inconvenientes que se encontrassem nas partes externas das casas, isto é, nas ruas e nas praças. As mesmas proibições previam a intimação do proprietário de qualquer construção em ruína, que deveria, então, remover do seu patrimônio aquilo que se apresentasse prejudicial à vida dos moradores.⁴⁸

Essas determinações aplicavam-se não só a Araxá enquanto sede do município, mas também aos distritos que o compunham. Até 1923 fizeram parte desse território os distritos de São Pedro de Alcântara (hoje Ibiá) e Santo Antônio do Pratinha (Pratinha); e até 1938 os distritos de Dores de Santa Juliana (Santa Juliana), Nossa Senhora da Conceição (Perdizes), São João do Araxá (Argenita) e Tapira. Os dois últimos foram criados em 1923.⁴⁹ A tendência à urbanização fazia com que as repressões crescessem, inclusive nestes distritos, a quem não a aderisse. Multas eram impostas também aos carreiros que passassem pelas ruas com carro de boi ou carretão, caso pudessem passar por fora da cidade.⁵⁰ (Ver Anexos, Mapa 1).

O governo de Minas Gerais, em 1893, havia incentivado a introdução da mão-de-obra estrangeira na agricultura, disponibilizando transporte gratuito aos imigrantes.⁵¹ Neste período, principalmente italianos e árabes começavam a chegar informalmente a Araxá.

do exercício do poder. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2ª.ed., vol.1. Tradução de Rui Jungman. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p.27-29.

⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade – visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. p.7-25; 317-350.

⁴⁷ Lei n.49, 15 jan. 1895. Arquivo 000.682/ Leis/ FCCB.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 22ª.ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p.79-98.

⁴⁹ PONTES, Hildebrando de Araújo. *Notícia Estatístico-Chorographia e Historica do Municipio da Araxá*. Belo Horizonte: Secretaria da Agricultura, 1928. p.11-13.

⁵⁰ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 18 set. 1895. p.124. Arquivo FCCB.

⁵¹ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 19 jun. 1893. p.97. Arquivo FCCB.

Diferente do fluxo migratório dirigido à composição do quadro de trabalhadores rurais de outras localidades, a cidade passou a atrair os estrangeiros que se viram estimulados a conviver permanente e potencialmente com visitantes de toda parte e com as possibilidades decorrentes deste convívio.

A organização da produção, até então ancorada nas atividades agropecuárias, estendeu-se ao comércio (estabelecido ou ambulante) de gêneros do país ou da “terra”, fazendas, armarinhos, ferragens, secos e molhados, chapéus, arreios e “sellins”. Somente mais tarde os produtos alimentícios vendidos em tabuleiros sofreriam a concorrência das padarias. A fabricação de “bebidas espirituosas”, como a aguardente encontrada nas vendas, via-se altamente estimulada diante do grande número de engenhos e moendas de ferro que produziam açúcar e rapadura.⁵²

A união dos comerciantes em torno das questões básicas do transporte viário atingia diretamente o poder público, na medida em que a este era atribuída a responsabilidade pela falta de vias transitáveis e pelo progressivo aumento de preços dos gêneros de primeira necessidade. Momentos como estes representavam o início de uma crise, embora diferentes ramos do comércio divulgassem o recebimento de mercadorias cujo simbolismo as definia como “tudo quanto ha de moderno, chic, e de bom gosto, da capital federal e de S. Paulo”.⁵³ Solicitações eram enviadas à Câmara requerendo licença para abrir boticas “atendendo-se a população em augmento”.⁵⁴

Esse processo de construção simultânea da “cidade moderna” e da estação hidromineral, espelhado nos moldes europeus, engajava-se com freqüência nas contradições e nas situações imprevistas. Em 1904, a imprensa noticiou que a alta do café reanimava as atividades comerciais, atraindo, em diversos pontos do município, compradores de fora à procura do produto.⁵⁵ No comércio local podiam ser adquiridas, em 1891, algumas “vistas da cidade e do Bebedouro”, oferecidas pelo fotógrafo Emilio Travers. Desde 1880 podiam-se observar alguns hotéis sendo instalados, quase sempre no largo da Matriz (atual praça Coronel Adolpho). O Código de Posturas em vigor previa a necessidade de licença para abrir ou

⁵² Esta análise foi feita com base nas licenças concedidas para a produção desses gêneros e nos impostos cobrados pela legislação municipal de 1888. CÓDIGO DE POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARAXÁ. Ouro Preto: Typographia Paula Castro, 1888. Arquivo 087/ FCCB.

⁵³ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.09, 23/11/1890, p.3. Arquivo FCCB.

⁵⁴ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 10 mar. 1891. p.68. Arquivo FCCB. Embora se referissem ao aumento populacional somente foi possível identificar números em 1891 e, ainda assim, extra-oficialmente. Segundo a “Gazeta de Araxá”, o município contava com uma população superior a quinze mil “almas”. GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.28, 19/04/1891, p.1. Arquivo FCCB.

⁵⁵ O ARAXÁ. Araxá, n.08, 23/02/1904, p.1. Arquivo FCCB.

continuar o negócio hoteleiro, apresentando ou não o devido dístico.⁵⁶ Na última década do século XIX alguns hotéis já ofereciam atrativos, como a condução por “trollys” até Sacramento, a estação férrea mais próxima na fronteira com São Paulo, ou, ainda, tentavam incorporar ao próprio nome o pseudônimo “hotel de saúde”.⁵⁷

A atmosfera transformadora se intensificava, lançando luzes sobre as possibilidades de incluir Araxá no “padrão civilizatório”,⁵⁸ embora os avanços observados fossem acompanhados também de retrocessos.⁵⁹ A adoção de melhorias exigidas por uma estação destinada à cura esbarrava na solução de problemas, tais como hospedagem, tratamentos médicos especializados, meios de transporte – especialmente um ramal férreo que atingisse Araxá diretamente –, vias de comunicação, enfim, toda uma infra-estrutura era necessária para dinamizá-la enquanto tal.

Os estudos científicos sobre o valor das águas sugeriam desde 1890 o aproveitamento das fontes na fabricação de sabão,⁶⁰ uma vez que, naquela oportunidade, o professor Caminhoá lembrava a inexistência desta produção nas cidades paulistas vizinhas. Caminhoá sugeria, ainda, a utilização de outra matéria-prima encontrada no Barreiro, a pedra de enxofre, de cuja composição podia-se obter a fluorina, elemento importante na ciência médica, bem como na indústria de vidros opacos e de “luxo”. O fabrico de sabão percorreria extenso caminho, mas o de vidros não chegou a materializar-se.

Acreditava-se que outros investimentos industriais poderiam ser feitos em Araxá quando a eficácia das suas águas minerais fosse certificada, ou seja, no momento em que avançassem os estudos sobre suas propriedades. Nesse sentido, dava-se ênfase à fabricação dos sais e à exportação das águas convenientemente engarrafadas. Além do uso medicinal, indicava-se o aproveitamento da matéria-prima para a indústria de sabão de soda, por meio da mistura da água fervente à graxa ou a substâncias oleaginosas, entre as quais o toucinho derretido, uma vez que este era encontrado com fartura e a custo baixo. Este tipo de fabrico – sabão simples ou sulfuroso – era indicado, segundo Caminhoá, por intermédio dos sais obtidos pela evaporação das águas minerais. Por outro lado, estes sais podiam ser destinados ao uso interno e ao externo mesmo distante das fontes, ao fabrico de pastilhas e, ainda, servir de ração para engordar animais.

⁵⁶ CÓDIGO DE POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARAXÁ. Ouro Preto: Typographia Paula Castro, 1888. Arquivo 087/ FCCB.

⁵⁷ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.33, 1891, p.1. Arquivo FCCB.

⁵⁸ ELIAS, Norbert. Op. cit. p.23-50.

⁵⁹ BALANDIER, Georges. Op. cit. p.9-34; 89-131.

⁶⁰ Os estudos do conselheiro J. M. Caminhoá sobre as águas falavam, em 1890, além do uso medicinal, da possibilidade de industrialização do produto. Nelas encontra-se a matéria-prima para o fabrico de sabão comum e para o fino sulfuroso. CAMINHOÁ, J. M. Op. cit. p.115.

Todavia, foi a partir da primeira década do século XX que a indústria começou a tomar outros rumos, com a ampliação das funções urbanas e o crescimento da população e dos comércios em geral, entre os quais: serrarias, olarias, sapatarias, oficinas mecânicas, chapelarias e, posteriormente, fábricas de fumo, de laticínios, de sabonetes e de cervejas. Algumas dessas iniciativas, fruto da disponibilidade de matérias-primas locais, despertaram a atenção de imigrantes que viviam na cidade. Vale ressaltar, ainda, que os produtos fabricados levavam, geralmente, as marcas da mão-de-obra e da técnica estrangeiras.⁶¹

O aproveitamento vasto das águas na indústria também encontrava objeção na distância para se chegar ao local das fontes, mas mantinha-se a perspectiva de se poder contar com um ramal direto, como o que ligaria Araxá às estações férreas vizinhas. Indústrias como a de cerveja e a de sabonete cresceriam paulatinamente.⁶² Em alguns momentos chegariam a ser expressivas, mas não o suficiente para transformarem significativamente a produção no município.

Enquanto se buscava alterar o quadro das deficientes vias de transporte da região, a comunicação entre o Barreiro e a cidade era amplamente discutida na Câmara Municipal, que disponibilizou recursos para recuperá-la. Isso porque, devido à ausência de esgotos na estrada que une os dois pontos, a “entrada da Matta” foi considerada intransitável.⁶³ Aspectos como estes pareciam contestar a urbanidade. Tentando eliminá-los, a Câmara definiu, em 1897, os limites da cidade, que, então, foi dividida pelos córregos Santa Rita, Lavapés e Felipe,⁶⁴ em relação à parte sul – rumo às fontes – autorizou-se a abertura, em 1901, de uma nova estrada para o Barreiro.⁶⁵

Nos debates camaristas, travados a partir do início da República, esteve evidente a atenção com o Barreiro e com as suas fontes de águas, simbolizando a sobrevivência da população local. Ao lado da questão da ferrovia, cuja necessidade de construção de um ramal ligando Araxá diretamente aos maiores centros do país já se tornara crucial, alguns outros

⁶¹ Sobre os inúmeros serviços e profissões abstraídos dos jornais do início do século XX como mostra do processo de urbanização, ver: COSTA, Ângela Marques; SCHWARCZ, Lília Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. Coordenação de Laura de Mello e Souza e Lília M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.27-43.

⁶² DEAN, Warren. “A industrialização durante a República Velha.” In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 3ª.ed., Tomo III (O Brasil Republicano), vol.1 (Estrutura de poder e economia – 1889/1930). São Paulo: DIFEL/USP, 1982. p.249-283. WIRTH, John. “Minas e a Nação: um estudo de poder e dependência regional – 1889-1937.” In: FAUSTO, Boris (Org.). Op. cit. p.76-99.

⁶³ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 13 jan. 1888. p.2. Arquivo FCCB.

⁶⁴ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1897-1904. 20 set. 1897. p.6v, 7 e 7v. Arquivo FCCB.

⁶⁵ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1897-1904. 10 maio 1901. p.48-49v. Arquivo FCCB.

temas eram discutidos pelos vereadores, como os relativos às quantias despendidas com os consertos das antigas estradas ou trilhas da “Matta do Bebedouro”,⁶⁶ aos privilégios inicialmente concedidos para que ali se criassem estabelecimentos balneários e à instalação das linhas de bondes.

Parecia não haver dúvidas de que o “thesouro”, embora “abandonado”, residia junto às fontes. Restava, então, encontrar o caminho até as águas de beber e de curar, além das linhas físicas, anunciando uma identidade.⁶⁷ O Barreiro absorvia o urbano pelo caráter exótico que o caracterizava; todavia, era preciso transformar aquele cenário naturalmente sedutor e promissor, que, por isso mesmo, deveria ser urbanizado e, portanto, submetido às novas concepções da ciência e das técnicas para, assim, tornar-se produtivo, o que significava apropriar-se e fazer uso de normas, práticas e valores.⁶⁸

1.2 – NASCE UMA ESTAÇÃO DE ÁGUAS

No final do século XIX, Araxá despertou visivelmente para a possibilidade do uso terapêutico das águas minerais do Barreiro. Os usuários das águas, ou “aquaticos” – componentes indispensáveis do cenário local –, contribuíram de maneira intensa para desvelar o hibridismo de uma identidade plural a ser formada.⁶⁹

Quem visitava Araxá recebia a hospitalidade tradicionalmente mineira e uma denominação própria. Os termos mais correntes e remotos utilizados para identificar o outro transitavam entre estrangeiro, visitante, veranista, curista e turista; esta, com variação para *touriste* ou, ainda, *tourist*. Estas expressões, desde então presentes no discurso de jornalistas, hoteleiros, cientistas, construtores e governantes, bem como nas apresentações dos chamados “guias termais” ou médicos, somavam-se a algumas derivações da palavra água. E os usuários das águas eram os chamados “aquaticos” ou “aquiistas”, predominando a primeira

⁶⁶ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 18 set. 1895. p.125. Arquivo FCCB.

⁶⁷ A OPINIÃO. Araxá, n.13, 10/04/1932, p.4. Arquivo FCCB. Sobre a idéia de região associada às lutas nas relações de forças simbólicas, ver: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 9ª.ed. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p.124-132.

⁶⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit. p.7-25.

⁶⁹ Na perspectiva de Néstor García Canclini, há vários hibridismos inseridos na vida urbana e nas suas diversas temporalidades. A relação entre um e outro se dá, sobretudo, em nível ético, isto é, sem relação de dominação. CANCLINI, Néstor García. Op. cit. p.283-350. Partindo da noção de cultura de Bruno Latour, os hibridismos presentes na cidade não se referem apenas ao humano, pois se estendem aos objetos produzidos pela cultura material e sua relação com as pessoas. LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. (Coleção TRANS). p.7-17.

expressão, hoje grafada “aquáticos”. Embora atualmente esse termo seja comumente substituído por “turista”, podendo ganhar aparência jocosa, sob a perspectiva dos seus contemporâneos ser um(a) aquático(a) significava ser alguém privilegiado socialmente.

A questão da salubridade adquiriu, naquele momento, uma condição relevante,⁷⁰ na medida em que conquistá-la significava inserir Araxá no modelo de civilização, projetando-a como uma estação de águas. A higiene pública foi, então, adotada como mecanismo para disciplinar a vida urbana em transformação, remodelando hábitos e coibindo práticas antigas. Administradores, legisladores e técnicos uniram-se no

[...] processo de configuração dos pressupostos da higiene como uma ideologia: ou seja, como um conjunto de princípios que, estando destinados a conduzir o país ao verdadeiro, à civilização, implicam a despolitização da realidade histórica, a legitimação apriorística das decisões quanto às políticas a serem aplicadas no meio urbano. Esses princípios gerais se traduzem em técnicas específicas, e somente a submissão da política à técnica poderia colocar o Brasil no caminho da civilização.⁷¹

O higienismo em vigor, concomitante à realização de estudos científicos, favoreceu a inclusão das riquezas minerais do Barreiro nas análises de alguns estudiosos. As conclusões, já citadas, do professor J. M. Caminhoá a respeito do poder terapêutico e do uso industrial que se poderia fazer das águas e da lama termal foram oficialmente apresentadas em 1890, no Rio de Janeiro.⁷² Caminhoá havia feito um estudo comparativo das águas de Araxá com outras da Europa, do Brasil e de Minas Gerais. Referindo-se às investigações de outros estudiosos, teve-se, principalmente, à curabilidade da tuberculose pulmonar pelas ditas águas. No caso desse tipo de tratamento considerou Araxá privilegiada por contar com uma série de fatores conjugados, tais como: a existência de águas minerais sulfurosas, bicarbonatadas, sódicas e termais; a altitude (cerca de mil metros); a temperatura média de 16°C; a reduzida umidade do local das fontes, o que propicia os “passeios higienicos”; e, finalmente, a água potável boa, perene e corrente disponível no Barreiro.

Defendendo a idéia de se criar um estabelecimento destinado ao tratamento da tuberculose e de outras doenças, o cientista evidenciou opções de uso interno e externo das

⁷⁰ Segundo Michel Foucault, salubridade é “o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos que permitem a melhor saúde possível”. É nesse sentido que o autor insere o conceito de higiene pública enquanto técnica utilizada para controlar e modificar o meio em que vivem os indivíduos e do qual depende a saúde deles. FOUCAULT, Michel. Op. cit., 2006. p.93.

⁷¹ CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p.35.

⁷² CAMINHOÁ, J. M. Op. cit. p.6-113.

águas, como banhos, duchas e inalações do líquido pulverizado. Para o êxito dos tratamentos, o professor J. M. Caminhoá sugeriu que em tal estabelecimento houvesse médicos especializados e indicou como fundamental a persistência por parte do paciente. A citação de exemplos de pessoas que obtiveram a cura, a valorização dos aspectos locais favoráveis a uma vida saudável, o ambiente natural e a disponibilidade de uma alimentação baseada em carne e leite constituíam a imagem de uma estância de futuro. Assim como ocorrera, na Antigüidade, nas cidades hidrominerais perenizadas com a invenção da temporada de 21 dias pelos romanos, o Barreiro de Araxá poderia eternizar-se como um lugar de cura e de higienização.⁷³

A partir das últimas décadas do século XIX, os hotéis passaram a fazer parte dos estabelecimentos comerciais da cidade, mas a criação do “Sanatorio do Araxá”, em especial, inovou, naquele final de século, por oferecer hospedagem destinada à cura de várias doenças do organismo. Essa experiência colocava em prática o privilégio do uso das fontes por meio da concessão à iniciativa privada empreendida pelo poder público, sendo que coube ao supracitado médico João Teixeira Álvares o papel inicial de concessionário das águas minerais. Desde 1887, ano em que concluiu o curso de medicina, ele vinha dedicando-se às análises do produto, juntamente com outros médicos, com os quais mantinha relações no Rio de Janeiro. Em 1890 obteve privilégio para o uso das águas, concedido pelo Conselho Municipal de Intendência,⁷⁴ que comandava o município durante a transição republicana. Inicialmente, associou-se ao Dr. Virgílio de Oliveira Botelho e, logo depois, ambos venderam o direito a um sindicato carioca. Este não chegou a iniciar as obras, deixando caducar o contrato.

Ainda que as relações entre os concessionários e a municipalidade fossem permeadas por conflitos e acordos não cumpridos, o concessionário Dr. João Teixeira Álvares, desta vez associado a Joaquim Pereira Goulart, instalou na cidade este “Sanatorio”, no largo da antiga Matriz, em casa especialmente reformada para esse fim. O médico João Teixeira Álvares incluía no seu currículo a condição de paciente curado por tratamento crenoterápico no Barreiro. O seu objetivo precípua era criar um estabelecimento “hidro-balneo-therapico” no local das fontes, conforme sugeria nos seus estudos o professor J. M. Caminhoá. Com a idéia inicial adiada, os dois sócios investiram na divulgação do novo empreendimento e, para isso, fundaram um jornal semanal, a *Gazeta de Araxá*. De acordo com o ofício que enviaram à

⁷³ Antonio Candido adota a referência de lugar de cura para dirigir-se às célebres estações européias que serviram de cenário para a recuperação da saúde por meio das águas, ou para vilegiatura, de não menos célebres personagens encontrados na literatura e na história. In: RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. 3ª.ed. São Paulo: Editora Scipione, 1992. p.7-18.

⁷⁴ Denominação de caráter oficial dirigida ao órgão responsável pela administração – vinculado à Câmara Municipal – no período correspondente ao da transição do Império para a República.

Câmara comunicando a iniciativa, a sede do semanário se localizava também no largo da Matriz.⁷⁵

A abertura do “Sanatorio do Araxá”, também chamado de “Hotel de Saúde”, foi anunciada com ufania. Seus dirigentes asseguravam o zelo pela saúde física dos pacientes e o benefício que as características ambientais da cidade poderiam proporcionar.

[...] Este importante estabelecimento, destinado a receber as pessoas que procurarem as aguas mineraes da cidade do Araxá, possui acomodações vastas e luxuosas e modernos aparelhos, vindos especialmente de Paris, para o tratamento da tuberculose pulmonar e outras affecções dos órgãos respiratorios.⁷⁶

Tendo Paris como referência e a prosperidade material como ancoragem, a inauguração do novo estabelecimento foi saudada pelas autoridades, que discursaram efusivamente, atribuindo ao médico-dirigente a qualidade de “propulsor do progresso”.⁷⁷ A “Philharmonica Araxaense” deu tom solene à cerimônia, seguido de outro menos formalizado, com a queima de fogos. Licores e vinhos foram servidos à elite convidada, que depois pôde usufruir um baile que se prolongou pela madrugada.

A amplitude do discurso higienista que pretendia legitimar os meios de buscar a riqueza e o crescimento espacial urbanos chegou a associar a saúde de órgãos vitais do corpo humano ao significado daquele empreendimento, conforme foi descrito no pronunciamento inaugural:

[...] Dr. Eduardo Augusto Montandon [...] demonstrou que o estabelecimento que se inaugurava era um augurio de prospero engrandecimento desta terra de que elle era filho: o pulmão e o estomago são os dous principaes factores da vida; combalidos, a morte é proxima; as aguas do Araxá são o mais precioso e especifico para essas enfermidades; quem, pois, as beneficia, é um benfeitor da humanidade.⁷⁸

⁷⁵ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 08 out. 1890. p.53. Arquivo FCCB.

⁷⁶ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.19, 15/02/1891, p.3. Arquivo FCCB.

⁷⁷ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.10. 30/11/1890, p.1. Arquivo FCCB.

⁷⁸ Descrição com comentários do discurso pronunciado pelo médico Eduardo Augusto Montandon durante a cerimônia de inauguração do “Sanatorio do Araxá”. GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.10, 30/11/1890, p.1-2. Arquivo FCCB.

A anunciada era de crescimento esteve respaldada até mesmo nas instalações físicas colocadas à disposição dos frequentadores de Araxá. Afirmava-se que a “melhor casa da cidade”, na praça da matriz, havia sido reformada, pintada e decorada com revestimento de papel na sala nobre e no salão de jantar. Adjetivos como “sólida” e “elegante” qualificavam a mobília vinda do Rio de Janeiro, realçada ainda por louças, colchões, travesseiros e “lençóis de linho puro”. Os ares saudáveis ganhavam justa explicação: “[...] Oferece as melhores condições hygienicas, pois é collocado com a frente para o nascente, de modo que recebe o sol o dia inteiro, é regularmente ventilada e espaçosa”.⁷⁹

As inovações foram consagradas nas propagandas do jornal *Gazeta de Araxá*.⁸⁰ Seus anúncios aliavam o triunfo das águas “milagrosas” – qualidade derivada da idéia de milagre – à ciência por meio da qual possibilitava-se o serviço médico especializado. Mais ainda, ofereciam a oportunidade de o paciente se consultar com um profissional do Rio de Janeiro, professor da Faculdade de Medicina. Certamente, este professor era Caminhoá, mesmo porque o jornal indicava, a quem quisesse conferir os resultados daquele tratamento, a leitura de seu trabalho, à venda na “Laemmert & C”, na capital da República.

Nesse semanário podiam ser lidos relatos de pessoas acometidas por doenças do pulmão e do estômago que haviam sido curadas pelo efeito terapêutico das águas.

No mesmo edificio do Sanatorio funcionará uma Pharmacia bem montada com todas as drogas exigiveis e da melhor procedencia. Por enquanto ainda não ha estrada de ferro ate o Araxá que dista 13 leguas da estação da Conquista da E. de Ferro Mogyana, mas ha trollys para conducção dos enfermos até ao Araxá.⁸¹

Acreditava-se que esses fatores colocariam Araxá em iguais condições às estâncias da região sul de Minas e a “outras estações balnearias do mundo”,⁸² numa expressão de

⁷⁹ Ibidem. p.1. Arquivo FCCB.

⁸⁰ Sobre o uso dos jornais como fonte é necessário observar que a imprensa, ao construir aspectos do cotidiano e oferecer subsídios para produção de discussões e de imagens superpostas acerca do viver urbano, caracterizava-se, sobretudo, por posicionamentos que variavam da afeição à insatisfação pessoais, adquirindo papel de instrumento para formação de opinião. ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa: algumas considerações metodológicas.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.4, 1989. p.89-92. A respeito dos leitores de jornais e suas similaridades com os leitores de almanaques, ver: DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.21-28 e 94-119. Sobre o assunto, partindo da França do Antigo Regime, Roger Chartier analisa o lugar concedido ao material impresso enquanto componente das práticas urbanas. CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004. p.173-234.

⁸¹ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.09, 23/11/1890, p.1. Arquivo FCCB.

⁸² GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.21, 01/03/1891, p.1. Arquivo FCCB.

entusiasmo e esperança tipicamente republicana. O próprio jornal empenhava-se na campanha para promover a construção de uma estrada de ferro cuja preferência – apontando para a linha da “Companhia Mogyana de Estadas de Ferro” – amparava-se na condição de São Paulo como mercado consumidor dos produtos comerciais do município. Até então, ofereciam-se aos enfermos os “trollys”, que os conduziam de Conquista, a estação mais próxima vinda de São Paulo, passando por Sacramento, até Araxá.

No ano seguinte, o mesmo jornal e os semanários de outras cidades noticiaram a existência do “Sanatorio do Araxá”, afirmando que as pessoas procuravam “aquellas paragens a fim de adquirirem, em ares tão puros, a saude perdida”.⁸³ Durante o ano de 1891, a *Gazeta de Araxá* reforçou o luxo e o asseio do “Sanatorio do Araxá”. Aspectos como o elevado número de quartos, “todos arejados e com janela”, e a “roupa branca” neles presentes foram insistentemente realçados.⁸⁴ Entretanto, o empreendimento teve caráter efêmero. Não apenas problemas legais gerados com a concessão do privilégio das fontes, mas também as dificuldades em dotar a cidade de uma ferrovia contribuíram para o seu insucesso. O caráter provisório inerente à paisagem urbana, a ausência de elementos tidos como essenciais à urbanização e as relações entre empreendedores particulares e governantes permaneceram como imperiosos entraves.

Posteriormente, “[...] é declarado uso e gozo municipal todo o terreno comprehendido entre a Sesmaria do Bebedouro, fazenda da Pirapetinga e a do Pão de Assucar, respeitando-se o terreno que estiver murado ha mais de anno, de muros ou vallos”.⁸⁵ A esta decisão legal seguiu-se uma sucessão de privilégios cedidos pela municipalidade a particulares interessados no beneficiamento e aproveitamento das fontes. Nessa perspectiva, observou-se, em meio ao processo de reformulação da cidade e do Barreiro, a convergência entre os poderes público e privado,⁸⁶ na medida em que as elites projetavam seus interesses particulares para a esfera pública.⁸⁷

⁸³ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.16, 11/01/1891, p.2. Arquivo FCCB.

⁸⁴ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.33, 07/06/1891, p.3. Arquivo FCCB.

⁸⁵ Lei n.49, art. 1º, 15 jan. 1895. Arquivo 000.682/ Leis/ FCCB.

⁸⁶ Os conceitos de público e privado são aplicados a partir da definição de Jürgen Habermas quando este indica a ocorrência de uma “mudança estrutural da esfera pública” que conduz à adaptação da figura do Estado. O autor admite que o Estado representa a esfera pública à medida que propõe uma historicidade do termo, representativa do processo de construção da própria burguesia como uma esfera de poder, mas que “os elementos que a compõem não são apenas ‘estatais’”. Portanto, tornam-se estreitas e convergentes as fronteiras entre as duas esferas. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1984. p.60-74.

⁸⁷ NEEDELL, Jeffrey. Op. cit. p.106-142.

Em 1895, a Câmara decretou nova concessão a particulares, no intuito de incentivar a instalação de estabelecimentos balneários no Barreiro, porém não obteve êxito.⁸⁸ Depois disso, o mesmo Dr. João Teixeira Álvares requereu e obteve, mais de uma vez, privilégios cedidos pela municipalidade.⁸⁹ Contudo, não conseguiu realizar as obras que almejava devido à falta de recursos financeiros. Entre os itens do amplo projeto idealizado colocou em prática apenas aquele, o da criação do “Sanatorio do Araxá”, em 1890.

Em 1904, o semanário *O Araxá* publicou o texto “O que se diz ao longe das nossas aguas minerais”, em artigo de *A Sapucaia*, do Estado do Rio de Janeiro, que afirmava:

[...] A fonte do Araxá, cidade antiga de Minas, não é conhecida como outras, mas entretanto já figura nas nossas encyclopedias pharmaceuticas, sendo que possui por excellencia uma grande quantidade de enxofre, sob a forma de acido sulphydrico nascente, tendo por isso uma applicação especial. Além disso está situada em clima saluberrimo, secco e oxygenado, propicio à convalescença de todos os estados dyscrasicos, principalmente para a Tuberculose Pulmonar. [...] Acredito que Araxá, sendo um excellente sanatorio, pelas condições de clima, deve ser magnifico refugio para os tuberculosos, ao lado da ação benéfica do acido sulphydrico sobre a superficie das vesiculas pulmonares.⁹⁰

A cidade-sanatório investiu na infra-estrutura hoteleira, oferecendo opções de hospedagem, conforme ditavam os preceitos médico-sanitaristas e as normas de convívio e de conforto.⁹¹ Logo após a abertura do “Sanatorio do Araxá”, no mesmo largo da Matriz foi inaugurado o “Hotel das Famílias”.⁹² Seguindo a linha de oferecer “commodidades amplas, arejadas e de bonitas vistas”, firmava-se como uma opção de “bom tratamento e modicidade em preços”. Assim como aquele, esse hotel fornecia condução até as estações férreas de Conquista e do Cipó, próximas a Sacramento.

⁸⁸ Resolução n.º.65, de 29 out. 1895. Arquivo 000.989/ Resoluções/ FCCB. A mesma resolução autorizou ao Agente Executivo, ainda, a garantir área suficiente para o estabelecimento.

⁸⁹ Em 1896, a Câmara aprovava o pedido de concessão, por vinte e cinco anos, dos Drs. João Teixeira Álvares e Eduardo Augusto Montandon, para criação de um estabelecimento balneário nas águas minerais do Bebedouro, ou Barreiro. ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1888-1896. 11 dez. 1896. p.138. Arquivo FCCB.

⁹⁰ O ARAXÁ. Araxá, n.14, 24/04/1904, p.1. Arquivo FCCB.

⁹¹ Tais normas, isto é, as que aludem ao conforto, referem-se aqui ao que Michelle Perrot analisa no sentido material referente à presença de estabilidade e à produção elaborada do mobiliário em oposição ao que se via nas habitações dos operários das grandes cidades. PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários mulheres prisioneiros*. 4ª.ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Oficinas da História). p.110-111.

⁹² GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.28, 19/04/1891, p.3. Arquivo FCCB.

Freqüentemente, o poder curativo das águas era associado à existência de vistas panorâmicas, “bellos parques e jardim de recreio com pomar”. Vinculando o ambiente natural à alimentação saudável, as “casas de regimes”, atrativos de alguns hotéis ou de consultórios médicos, investiram em dietas adequadas aos “aqüistas”, ou aquáticos, acometidos por doenças. Contudo, a paisagem bucólica em harmonia com a vida urbana atraía principalmente as elites local e visitante. A imprensa empenhava-se em estimular os passeios de domingo pelos bosques do Barreiro como hábito saudável a ser praticado: “[...] Saluberrimo ambiente, sem pó, sem mosquitos inoportunos, sem excesso de sol nem de calor [...] onde o murmurio de cem riachozinhos cristalinos e desinquietos embalam e descansam a alma do visitante”.⁹³

O caráter elitizado presente na tentativa de divulgar a estação de águas faz lembrar o exemplo russo, quando se tentou implantar a modernização numa paisagem marcada ainda pela ausência permanente de inúmeros produtos e serviços tidos como básicos.⁹⁴ De fato, as águas fundaram Araxá, alimentaram o gado e, posteriormente, atraíram aquáticos e turistas. Mas a questão da água também gerou impasses na cidade, tanto no sentido do seu aproveitamento enquanto produto terapêutico quanto no do seu fornecimento à população.



Imagem 1 – “Matta do Bebedouro”.⁹⁵

⁹³ GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.21, 01/03/1891, p.1. Arquivo FCCB.

⁹⁴ BERMAN, Marshall. Op. cit. p.169-269.

⁹⁵ Na “Matta do Bebedouro”, posteriormente Barreiro, podiam ser vistos junto à natureza o gado salinando, os cavalos, os homens, as mulheres e as crianças (1890/1910). Esta imagem é datada conforme a indicação do

Via de regra, a existência de fontes de águas medicinais próximas à cidade e o caráter ameno de seu clima deveriam assegurar a saúde da população. Contudo, não era isso o que ocorria. As determinações legais, que ordenavam aos serviços públicos que desinfetassem todo e qualquer ambiente, estendiam os cuidados higiênicos também aos hotéis e às pensões. Nesses casos, redobrava-se a atenção sobre aqueles que aceitavam hóspedes acometidos por doenças contagiosas. Da mesma forma, recomendava-se a profilaxia nas fontes e nos estabelecimentos de banhos do Barreiro.⁹⁶

Não obstante os perigos do contágio e da infecção,⁹⁷ o Barreiro, assim como a cidade, reclamava por “melhoramentos urgentes”,⁹⁸ entre os quais aqueles relativos à higienização das fontes. A imprensa publicava páginas e páginas sobre a origem, a constituição, as características, a classificação e os usos internos e externos das águas. As sugestões para o melhor aproveitamento desse potencial apontavam a responsabilidade do poder público:

[...] Nas Thermas do Araxá tudo está por fazer-se, são um thesouro abandonado, uma maravilha ignota. Cumpra cada um dever elementar de compromisso e civismo para que não desdoire-se até á “lama sulfurosa” das fontes a instituição que nos governa! Que proceda a Camara Municipal á limpeza e guarda das Thermas; que o Governo mineiro faça executar uma analyse rigorosa e scientifica das fontes, e que o privilegio de exploração seja concedido sob bases ajustadas de captação e utilização sem vexame; os capitaes acudirão com empenho para erguer-se a “Karlsbaden Brasiliense” em diminuto tempo. Levanta-se-a uma installação moderna que comportará elegantes “buvettes” para uso interno, comportando piscinas, pulverisações [...] duchas, banhos de lama [...]. Além do grande hotel dever-se-ha

doador, sendo que o ambiente natural e o vestuário dos personagens que registra vêm confirmar tal datação. Contudo, o tipo de recorte presente nas bordas da fotografia “original” coincide com o formato adotado pelo fotógrafo Octavio Fonseca nos seus exemplares. O fato é que a chegada de *O. Fonseca* a Araxá ocorreu em 1921, contrastando com o período em questão, de onde se deduz que a imagem, considerada original, seria uma reprodução. Arquivo Fotográfico/ 00225. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB). As questões relacionadas ao uso e à interpretação da imagem enquanto fonte são trabalhadas por diversos autores, entre os quais: MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUSC, n.22, jun. 2001. p.165-167; KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p.35-50; e KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p.131-135.

⁹⁶ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.145, 12/03/1916, p.1. Arquivo FCCB.

⁹⁷ A respeito do contágio e da infecção como os principais paradigmas médicos vigentes no século XIX e sobre as causas e os modos de propagação de doenças epidêmicas, ver: CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p.168-180.

⁹⁸ Em torno da palavra “melhoramentos” e de sua permanente aparição para designar benefícios urbanos, Stella Bresciani analisa-a em três aspectos significativos: como “lugar-comum”, como metáfora e como figuração. Aqui se estende a análise da autora a partir da cidade de São Paulo para o caso de Araxá e a adota-se como referência teórica, considerando-se a paisagem urbana em questão e a frequência com que se pôde constatar a presença deste termo na documentação pesquisada. BRESCIANI, Stella. “Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950).” In: BRESCIANI, Stella (Org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001. p.343-366.

instituir uma “Casa de Regimem Alimentar”. É isto um poderoso instrumento therapeutico que a medicina moderna reclama a todo instante; no perigo alimentar está a nossa sentença de vida ou de morte.⁹⁹

Estudos assinados por médicos de outras localidades e de Araxá mostravam as vantagens da sua água medicinal, mas sobretudo os problemas a serem enfrentados, entre os quais a aplicação racional das águas e o uso do seu poder curativo. Embora essas águas fossem constantemente comparadas às de Karlsbad, na Boêmia, sendo catalogadas entre as primeiras do mundo no seu gênero e procuradas por uma clientela cosmopolita, sua curabilidade não atingia enfermos como “morphicos, tuberculosos, syphiliticos e muitos outros”. Os médicos deveriam aconselhá-las a “pessoas que soffrem dos orgãos digestivos, do figado, de dyspepsia, cachexia palustre, calculos biliares, hypocondrias, engorgitamento do baco etc”.¹⁰⁰

O uso das águas exigia o acompanhamento médico e as prescrições higiênicas. Com efeito, para que essas determinações fossem colocadas em prática, cumprindo o papel que se considerava pertinente à vocação de Araxá enquanto cidade-sanatório, muito ainda encontrava-se por fazer. A visão dos profissionais da medicina, publicada em artigos científicos com base sobretudo em visitas de estudo às “thermas” européias, corroborava a necessidade de se higienizar e aparelhar o local das fontes.

[...] protelar essas medidas elementares de beneficiamento e de guarda das fontes virtuosas é um acto sem explicação, é um esbarro ao progresso do municipio, é um estancamento á riqueza do estado, é um prejuizo ao bom renome mineiro, é uma lesão á cidade do Araxá, é uma muralha anteposta aos infelizes doentes. [...] As aguas radioactivas têm uma grande acção na cura de certas molestias. [...] estas propriedades só são notadas, se o doente fizer uso das aguas in loco. Engarrafados esses liquidos, perdem propriedades [...].¹⁰¹

O cenário não condizia, evidentemente, com a precária saúde da população, mas permitia que as dificuldades enfrentadas para se conseguir o real aproveitamento da estância perpassassem por um extremo otimismo. Tal paradoxo reproduziu-se nas cidades brasileiras como um todo e foi essencial para que, em 1923, algumas localidades de Minas Gerais com potencial terapêutico, entre elas Araxá, fizessem um apelo ao governo do Estado no sentido

⁹⁹ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.03, 27/01/1913, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁰⁰ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.22, 29/06/1913, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁰¹ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.137, 05/12/1915, p.2. Arquivo FCCB.

de elaborar um plano de remodelação das estâncias. As reivindicações nascidas da salubridade pública mostravam a ambigüidade da estação de cura que se formava e, inevitavelmente, remetiam às condições naturais:

[...] Vale-nos um pouco, como graça divina, o admiravel clima que nos envolve com maternal carinho; mas si o clima, pode corrigir consequencias maleficas sobre um convalescente, elle não evita sempre a infecção ou a morte, o retardamento ou a degeneração das victimas da anti-higiene.¹⁰²

Assim, recorria-se, mais uma vez, à concepção de natureza enquanto dádiva divina e, nesse sentido, anterior à ação humana.¹⁰³ Valendo-se dos pressupostos da higiene, as exigências quanto à limpeza e ao embelezamento da estância, seguidas de outras formas de se estabelecer um modo de vida saudável, buscavam construir uma imagem própria daqueles lugares acostumados a, anualmente, receber e impressionar veranistas.¹⁰⁴

1.3 – A CIDADE NO BALNEÁRIO E O BALNEÁRIO NA CIDADE

- **O natural e o construído**

Em torno das fontes de águas minerais e a partir delas definiram-se territórios e práticas sociais, sinalizando para a formação e o crescimento urbanos. Inseridas na tendência de urbanização, em especial no higienismo, as possibilidades histórica e culturalmente produzidas conduziram Araxá a uma auspiciosa condição de estância balneária. Os espaços do Barreiro e da cidade – naturais e construídos – interagiram-se continuamente. Nem um nem outro se constituiu de forma isolada, já que ambos estiveram unidos por intensas relações espaciais, sociais e culturais.

À medida que as novas técnicas incorporavam-se ao urbano, os planos da “cidade moderna” incluíam a fluidez na circulação de indivíduos, de idéias e de mercadorias, todos articulados entre si pela instalação de melhoramentos. Com o futuro exigindo posturas inovadoras e ditando regras inéditas de comportamento, tanto Araxá quanto o Barreiro e os trajetos disponíveis que interligavam os dois pontos estavam inseridos nesse processo

¹⁰² CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.153, 14/05/1916, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁰³ ARAÚJO, Hermetes Reis de. Op. cit. p.153-155.

¹⁰⁴ CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p.29-35.

transformador. Os novos sentidos de ver e interpretar a cidade concentraram-se, essencialmente, na dupla estruturação desses lugares e do caminho entre eles.

Desde a intervenção urbana adotada pelo Barão Georges Eugène Haussmann como prefeito de Paris, em meados do século XIX, as possibilidades de apropriação do modelo francês disseminaram-se pelo mundo.¹⁰⁵ A historiografia brasileira vem dedicando-se às condições de aplicabilidade desse modelo nos grandes centros urbanos; no entanto, tal modelo pode ser objeto de estudo também no interior do país.¹⁰⁶ Em Minas Gerais não apenas a capital Belo Horizonte foi construída conforme os novos padrões urbanísticos que, determinados pelas técnicas da régua e do compasso, colocavam em confronto a natureza e a civilização.¹⁰⁷



Imagem 2 – Antiga praça da Matriz.¹⁰⁸

¹⁰⁵ SALGUEIRO, Heliana Angotti. “Revisando Haussmann: os limites da comparação. A Cidade, a Arquitetura e os Espaços Verdes: o caso de Belo Horizonte.” In: REVISTA USP. São Paulo, vol.26, 1995. p.1-23.

¹⁰⁶ Sobre a humanização em cidades do interior paulista, ver: DOIN, José Evaldo de Mello. “A régua e o compasso nas terras do café: a haussmanização das cidades no interior paulista na República Velha.” In: ANAIS do XI Encontro Regional de História, “História e Exclusão Social”. Uberlândia: UFU, ANPUH/MG, 1998. p.54-57.

¹⁰⁷ Da mesma maneira, a difusão dessa forma de representação entre as estâncias mineiras tem sido referência por parte de vários autores. Estes, contudo, abordam somente as que integram o chamado “Circuito das Águas”, especificação para fins geográficos e, mais recentemente, turísticos, no qual não se insere Araxá.

¹⁰⁸ Antiga praça da Matriz, em 1915, hoje praça Coronel Adolpho, eixo a partir do qual a cidade se formou e expandiu. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 044. Fundação Cultural Calmon Barreito de Araxá (FCCB).

O culto ao progresso,¹⁰⁹ ainda que inspirado numa aparência fantasmagórica, procurou alterar o antigo panorama urbano, substituindo-o por uma nova paisagem disciplinada, higienizada, arborizada e ornamentada. No caso específico de Araxá – cidade destinada ao aproveitamento das águas “milagrosas” – tal fluxo de idéias tentou transformá-la em uma autêntica “higienópolis”. Em 1890, Araxá contava com poucas ruas e travessas, somente algumas calçadas, conforme indica um estudo publicado pela Revista do Arquivo Público Mineiro, em 1903. Ainda segundo este estudo, os oito sobrados então existentes concentravam-se no antigo largo da Matriz, atual praça Coronel Adolpho, a maioria das casas era coberta de telhas – embora houvesse as de capim – e a cidade possuía sete templos, descritos como sendo “todos de arquitetura vergonhosa pela desharmonia do conjunto”.¹¹⁰

A análise feita por aquele autor contemporâneo fundamenta-se na aparência simples e mal conservada da arquitetura colonial. Esse modelo construtivo assumia o significado de algo obsoleto, vinculado ao tempo dos tropeiros e criadores de gado, quando o ouro não fora suficiente sequer para revestir de luxo e riqueza as construções religiosas locais. O destaque dado à praça da Matriz era compreensível. Nela os poderes religioso e político – com a sede da Câmara Municipal – avizinhavam-se às melhores residências e às principais casas comerciais, também como expressão de poder. Nessa perspectiva, o perfil urbano foi traçado a partir do antigo largo da Matriz, de onde saíam ruas estreitas e becos formados de passagens entre quintais, seguindo um percurso em direção ao sul, isto é, com vistas ao Barreiro, território onde se concentrou o foco das atenções do projeto da estação de cura, de repouso e de veraneio. (Ver Anexos, Mapa 4).

A transfiguração de Araxá pode ser observada a partir das discussões na Câmara do final do século XIX acerca de questões como a delimitação da área urbana, sua composição e seu aformoseamento.¹¹¹ Simultaneamente a esse processo de urbanização e, principalmente, sob a inspiração de uma estância *ideal*, a Câmara Municipal de Araxá dedicava-se à melhoria, à ampliação e à construção de vias e espaços públicos; à edificação da nova igreja Matriz de São Domingos (1911-1948); à instalação dos serviços de telefonia (1906), abastecimento de

¹⁰⁹ Com base na análise de Walter Benjamin, o progresso é concebido como algo inevitável que leva a um tempo de transformação do presente, sem volta, mas, sobretudo, revestido de uma fantasmagoria. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.37-49.

¹¹⁰ TOLEDO, Octaviano. “Notícia Histórico-Geographica do Municipio do Araxá.” In: REVISTA DO ARCHIVO PUBLICO MINEIRO. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Geraes, 1903. p.282.

¹¹¹ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1886-1894. 18 jan. 1894. p.108v, 109 e 109v. Arquivo FCCB.

água potável (1909), iluminação à luz elétrica (1914) e telegrafia (1919); à criação do grupo escolar (1911), do mercado (1916) e do matadouro (1917); ao incentivo à inauguração de hotéis, teatro (1930) e cinemas (1913 e 1922); e ao beneficiamento das fontes de águas minerais do Barreiro (a partir de 1915).

No intuito de promover uma transformação “a qualquer custo”,¹¹² os representantes legais dos cidadãos junto à Câmara e, depois, à Prefeitura empreenderam as intervenções nos espaços públicos e no cotidiano da população, fazendo-se interpenetrarem as esferas pública e privada.¹¹³ Progressivamente, a reurbanização, o traçado da estrada de ferro e o aparelhamento da estância se ajustaram como elementos catalisadores dentro de um quadro amplo que se tentava revelar, modernizando-o acima de tudo. O projeto da nova igreja, a abertura de avenidas, ruas e becos, a construção de praças e jardins e tantas outras inovações ganharam uma intensa cobertura da imprensa à medida que a transformação urbana envolveu as relações de poder.

Uniformizando o espaço urbano ou disciplinando os seus moradores, ainda que não seguissem exatamente um plano específico, as mudanças verificadas formaram um elo que, por sua vez, imprimiu uma nova fisionomia à cidade. Nas construções em geral a preocupação com a estética e com o embelezamento foi visivelmente exposta, quer na legislação municipal, quer na imprensa ou nas atitudes dos habitantes que não se mostraram indiferentes à tendência inovadora.

As determinações impostas pelas leis municipais, ao serem aplicadas, ampliaram-se em número e extensão de casos. Limpar, numerar, ordenar e reformar foram disposições que obrigatoriamente chamaram à concorrência os prestadores de serviços urbanos.¹¹⁴ Nesses casos, observou-se um acréscimo nas funções e nos serviços disponíveis, verificando-se um aumento das contratações de mão-de-obra estrangeira, como as de construtores e outros

¹¹² NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*: República da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 3). p.27.

¹¹³ HABERMAS, Jürgen. Op. cit. p.60-68.

¹¹⁴ Lei Municipal n.º.221, 10 jan. 1911, e CORREIO DE ARAXA. Araxá, n.14, 13/07/1913, p.1-2 e n.22, 07/09/1913, p.1. Arquivo FCCB. Em 1916, o Conselho Deliberativo Municipal sancionou lei renovando normas para a construção civil, tais como altura de pé-direito (este e paredes com argamassa de cal e areia) e fachada das residências modificadas para platibanda. A mesma lei previa as diferenças quanto ao uso e à ocupação dos espaços entre a zona urbana e a rural. Leis ns.110 e 111, set. 1916, e CORREIO DE ARAXA. Araxá, n.176, 22/10/1916, p.2. Arquivo FCCB.

profissionais, de origem italiana, recém-chegados à cidade.¹¹⁵ A municipalidade ofereceu aos construtores “desenhos e plantas de fachadas para todos os gostos e orçamentos”, produzidos pelos técnicos da Prefeitura.¹¹⁶

Às elites urbanas e aos populares identificaram-se distintos saberes e fazeres da modernidade. Se essa mesma elite abriu espaços à prática de novos ofícios por ela exigidos na remodelação da cidade, foi a ela que a população necessitada recorreu ao aspirar riquezas consideradas essenciais à sua sobrevivência. Na tentativa de efetivar as mudanças, o poder público municipal encontrou barreiras nos poucos recursos disponíveis, advindos principalmente da arrecadação tributária. Recorrer ao governo estadual como parceiro foi, muitas vezes, o meio encontrado para driblar a deficiência dos cofres municipais. Todavia, grande parte das melhorias públicas foi viabilizada por intermédio de financiamentos realizados junto aos “argentários”, expressão comumente usada na linguagem jornalística quando se queria referir aos grandes proprietários urbanos e rurais. Os empréstimos em dinheiro e as doações de terrenos para a construção de empreendimentos tornaram-se práticas comuns que acabaram consolidando a existência de finalidades privadas dentro do espaço público.

Novos serviços de arborização e ajardinamento de ruas, praças e avenidas da cidade e do Barreiro anteciparam a construção de um jardim público¹¹⁷ na praça Coronel Adolpho, onde, em 1914, havia sido instalada a subestação de energia elétrica. Reunindo vários signos representativos das mudanças almejadas, como passeios, canteiros floridos e coreto, emoldurados pelas belas residências das elites, essa praça foi inaugurada em 1918, em meio à ansiedade e ao otimismo da população. Outras viriam posteriormente, refletindo a conformação urbana às necessidades de socialização e de acompanhamento do ritmo dos grandes centros. (Ver Anexos, Mapa 4).

¹¹⁵ Relatório do Dr. Franklin de Castro – presidente da Câmara e agente executivo – referente ao ano de 1908, apresentado à Câmara Municipal em 06 de janeiro de 1909 e publicado na imprensa. CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.14, 13/07/1913, p.1-2 e n.22, 07/09/1913, p.1. Arquivo FCCB.

¹¹⁶ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.168, 27/08/1916, p.1. Arquivo FCCB.

¹¹⁷ TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.22, 22/12/1915, p.3. Arquivo FCCB.



Imagem 3 – Praça Coronel Adolpho antes da reformulação urbana de 1918.¹¹⁸

Se na cidade o impulso transformador passou por intensos embates, no Barreiro o quadro não foi diferente. Algumas iniciativas foram levadas a cabo para o real aproveitamento das águas medicinais e para a alteração do estado de aparente abandono legado ao local das fontes. O tipo de urbanização pretendido incluiu, necessariamente, a realização contínua de estudos científicos sobre o teor das águas, o beneficiamento das fontes com limpeza e captação, a construção de Balneário e a instalação de hotéis, além da implantação da ferrovia. Somente com essas medidas, aliadas à transformação dos espaços entre a cidade e o Barreiro em vias públicas transitáveis, Araxá poderia se equiparar às estâncias afamadas.

Até 1915 as fontes de águas minerais e os seus terrenos próximos haviam sido administrados pelo agente executivo e também presidente da Câmara – cargos que foram reunidos em um único titular em 1896 –, a quem cabia conceder, até então, os privilégios para o uso das águas. Tal procedimento gerou fortes tensões sem que os concessionários conseguissem efetivar os melhoramentos na medida necessária. O ambiente natural do Barreiro exigiu consideráveis investimentos, sem contar as pendências judiciárias em relação

¹¹⁸ Praça Coronel Adolpho em 1914, quando foi instalada ali a subestação de energia elétrica. Em 1918 foi inaugurado um novo cenário nesta praça. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 239. Fundação Cultural Calmon Barreito de Araxá (FCCB).

à posse das terras no entorno das fontes, acionadas pelos antigos proprietários após a sua desapropriação.

Nos últimos anos do século XIX, a Câmara Municipal passou a promover discussões sobre a área do Barreiro a ser desapropriada. O primeiro passo em direção ao beneficiamento do espaço em torno das fontes foi dado em 1902, quando o município requereu a expropriação dos terrenos que circundavam o manancial, em um raio de mil metros, a partir do seu centro. Logo depois, o poder público concedeu, novamente, a posse, o uso e o gozo das fontes de águas minerais do Barreiro ao Dr. João Teixeira Álvares e ao Tenente Coronel Joaquim Pereira Goulart. Após a falta de execução deste privilégio, a Câmara manifestou a sua intenção de doar tais terrenos ao Estado e, assim, decidiu pôr fim à polêmica desapropriação, decretando que estes deveriam ser de utilidade pública.¹¹⁹

O objetivo da medida já transparecia a intenção por parte da administração municipal quanto aos destinos do Barreiro. Para realizar os melhoramentos essenciais, tais como o beneficiamento das águas e a construção de edificações, o município tinha as opções de: fazer, ele próprio, os investimentos; arrendar a propriedade para que a iniciativa privada os fizesse; ou, ainda, entregar o patrimônio ao governo estadual. A última opção – a que foi concretizada em caráter definitivo – visava diretamente à adoção do regime de Prefeitura pelo governo de Minas Gerais, por meio do qual acreditava-se que seria realizada a esperada transformação. A medida, portanto, procurava implantar ações mais eficazes pelo governo, cujos recursos financeiros poderiam corresponder às exigências das estâncias mineiras.

O processo de permuta dos terrenos em que se localizavam as fontes de águas minerais, praticado entre o poder público e os proprietários particulares, era análogo ao caso do “simpático casal de velhos” que, por meio de “Fausto e Mefisto”, se tornou descartável por não aceitar a inovação justificada como sendo decorrente das posturas progressistas adotadas. Assim, os donos das terras do Barreiro, onde a municipalidade pretendeu realizar investimentos, ao negociarem o patrimônio com o Estado, foram obrigados a enfrentar, a contragosto, uma certa estratégia de administração: “[...] o estilo moderno de agir, impessoal, mediado por complexas organizações e funções institucionais”.¹²⁰

¹¹⁹ Em 07/01/1903, a Câmara Municipal de Araxá aprovou a expropriação, por utilidade pública, dos terrenos que circundavam as fontes em um raio de mil metros. ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1896-1904. 07 jan. 1903. p.72 e 72v. Arquivo FCCB. Essa decisão foi o primeiro passo para o município criar uma lei, em 1913, negociando todo aquele espaço com o governo mineiro. Tal lei permitiu a doação das fontes e dos seus terrenos adjacentes, oficializada em 1915, quando o Estado criou em Araxá o regime de Prefeitura. Lei n.48, 22 set. 1913. Arquivo 00527/ Leis e Resoluções/ FCCB.

¹²⁰ BERMAN, Marshall. Op. cit. p.66-84.

Entre as ações previstas na legislação que cedeu ao Estado as fontes e os terrenos desapropriados em 1915 constavam, além da própria criação da Prefeitura, a captação e o beneficiamento dos mananciais de águas minerais, as construções de um Balneário e de um hotel na cidade, o estabelecimento de uma linha de bondes elétricos entre a cidade e o centro balneário e, por fim, o pagamento pela desapropriação já efetivada de terrenos e pelas benfeitorias realizadas. O descumprimento dessas determinações, conforme se previu em lei, desembocou em uma série de impasses.

De fato, anteriormente havia ocorrido um movimento pró-criação da Prefeitura por parte da oposição local, que defendia que a presença do prefeito como administrador municipal, desvinculado do cargo de presidente da Câmara, poderia materializar os melhoramentos idealizados e, com eles, conquistar a desejada condição de cidade-balneário.

A criação de uma Prefeitura no Araxá impõe-se como uma necessidade inadiável. Os riquíssimos e maravilhosos mananciaes das aguas do Barreiro não podem por mais tempo ficar abandonados pelos poderes publicos. As propriedades medicinaes das aguas mineraes do Araxá salientam-se sobre todas as outras conhecidas no Brasil e somente equiparadas, talvez com vantagem, ás preciosas aguas de Carlsbaden na Bohemia. [...] Somente a incuria do governo municipal tem deixado permanecer desaproveitadas estas ricas jazidas mineraes, quando ha muito deveriam constituir a mais garantida fonte de renda do municipio de Araxá, tornando-o conhecido e procurado por todos os povos das duas Americas.¹²¹

A letargia nas decisões fez com que, pouco antes de efetivada a instituição da Prefeitura como parte do acordo entre os poderes municipal e estadual, a Câmara arrendasse a estância, em caráter provisório, a uma empresa criada especialmente para esse fim. Da mesma forma como haviam sido introduzidos os serviços de água e luz e a instrução primária, a participação da iniciativa particular nos melhoramentos do Barreiro tornou-se decisiva para que o seu espaço natural fosse alterado. Como reforço à construção do mito das luzes, promoveu-se ali uma luta para remodelar o ambiente, dotando-o de elementos indispensáveis ao modelo de uma estância.

A dita empresa responsável pelos melhoramentos urbanos imprimiu um avanço considerável nas transformações da estância. Entre seus objetivos enquanto representantes de uma firma concessionária, os sócios priorizaram a construção de uma estrada de automóveis entre Araxá e o Barreiro (simultaneamente se projetava uma estrada particular ligando Araxá

¹²¹ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.12, 29/06/1913, p.1. Arquivo FCCB.

a Sacramento, onde finalizava a linha da “Mogyana”), a captação das fontes e a edificação de instalações hidroterápicas destinadas “à primeira e à segunda classes” e de consultório médico.¹²² (Ver Anexos, Mapa 3).



Imagem 4 – Antiga estrada Araxá-Barreiro.¹²³

Os debates sobre os meios de viabilização do transporte em Araxá seguiram a mesma tendência ambígua de todo o processo modernizador. Automóvel, trem de ferro, bonde elétrico, carro de bois e lombo de burro formavam o imaginário e o próprio dia-a-dia da população. Isso se tornou latente em 1913, quando a municipalidade proibiu atos como o de amarrar animais nas ruas, de maneira a impedir o trânsito público nas calçadas, sob pena de multa. Naquele mesmo ano entrou o primeiro automóvel na cidade. Tratava-se de um Ford adquirido em São Paulo por um araxaense membro da elite agrária que foi assim anunciado: “[...] o primeiro que atravessa as fronteiras do districto e vem saudar a brilhante aurora do progresso que se abriu para nossa terra”.¹²⁴ No caso de Araxá, o automóvel antecipou-se ao conjunto das novas tecnologias implantadas pelo uso do motor. Nem os trilhos nem a luz

¹²² Pareceres do ano de 1915. Arquivo 00138/ Estância Hidromineral/ Parecer/ FCCB e TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.15, 01/06/1915, p. 2. Arquivo FCCB.

¹²³ A antiga estrada Araxá-Barreiro, construída em 1915, pode ser considerada um marco no processo de ligação entre a cidade e as fontes de águas minerais. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 00690. Fundação Cultural Calmon Barreiro de Araxá (FCCB).

¹²⁴ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.19, 17/08/1913, p.2. Arquivo FCCB.

elétrica conseguiram alcançar o ritmo possante introduzido pelas rodas. Os faróis dos automóveis ocuparam inicialmente o lugar das luzes, que apenas um ano depois passaram a iluminar a escuridão dos espaços públicos de Araxá.¹²⁵

Em 1915, o poder público municipal tratou de dirigir sua atenção às questões pertinentes ao espaço da cidade. Indiretamente, administrava o Barreiro, mas confiava legalmente a responsabilidade do aparelhamento daquela área ao governo mineiro, por intermédio do aludido acordo entre as partes. De acordo com os pressupostos determinados pelo chamado “plano geral de melhoramentos”, abrangendo a cidade e o Barreiro – o Plano Bertacin, denominação decorrente da sua autoria, do engenheiro Ettore Bertacin –, que superava a quantia de “cem contos”,¹²⁶ previu-se a instalação de novos serviços de telefone e de luz, direcionados no sentido Araxá-Barreiro. No final de 1915, o incremento junto aos mananciais do Barreiro pela iniciativa privada trouxe como resultados, além da estrada automobilística, a construção de um Balneário provisório, que depois seria ampliado, e um espaço para o bebedouro em ambiente destinado ao descanso dos veranistas.

A empresa então concessionária do Barreiro descreveu a condição da estância utilizando-se da fala de um de seus sócios, o médico Mário Magalhães:

[...] O asseio das fontes está iniciado. A linha para as mesmas dentro em pouco concluída. Os senhores aquáticos poderão ir, pelas primeiras horas da manhã, receber as emanações que ali se despreendem, usar as águas e os banhos e regressar ainda a tempo para o almoço. A empresa fornecerá água, como todo escrupulo e hygiene, nesta cidade, para uso diário. É de grande conveniencia estabelecerem-se as prescrições medicas para melhor resultado das águas, devido a sua riqueza em saes e multiplicidade de indicações. Será melhor garantido o seu exito. A empresa só fiscalizará este criterio. Toda prescrição medica deve ser aceita, cabendo a responsabilidade aos seus signatarios. Nossos aplausos aos patricios entusiastas e emprehendedores.¹²⁷

Salvo a limpeza, a referida firma assegurou que havia realizado a drenagem, o escoamento e a separação das águas que se misturavam. Os serviços seguiam aquele plano

¹²⁵ ARAÚJO, Hermetes Reis de. Op. cit. p.161-164.

¹²⁶ O engenheiro, de origem italiana e domiciliado em São Paulo, fora contratado pela Prefeitura de Araxá. Embora a imprensa divulgasse frequentemente comentários sobre o referido plano e, por fim, a sua não-execução total, não foi possível localizar documentos que o definissem na íntegra, e sim referências fragmentadas. CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.120, 01/08/1915, p.1. Arquivo FCCB.

¹²⁷ O médico Mário de Magalhães, autor do texto, pertencia à empresa que arrendara as fontes por intermédio da concessão provisória cedida pela Câmara. A empresa reivindicava uma indenização diante da possibilidade de rescisão do contrato, com base no fato de ter recebido as fontes em “estado de imundicie” e de tê-las entregue com o asseio iniciado e em condições de empreender outras melhorias. TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.15, 01/07/1915, p.2. Arquivo FCCB.

traçado pelo engenheiro Bertacin, o qual garantia que a sua execução atendia às exigências de higiene e conforto.¹²⁸

Depois que a sociedade empreendedora de tais melhoramentos dissolveu-se, a exploração das fontes foi, novamente, concedida pelo Estado a particulares. Os novos concessionários Thiers Botelho e Antônio de Castro Magalhães, proprietários da empresa “Botelho & Magalhães”, comprometeram-se a beneficiar as fontes, realizando as obras essenciais, entre as quais a do serviço de captação.¹²⁹ Rezava o termo de contrato, ainda, que todas as instalações deveriam ser concluídas até julho de 1917. A firma pagou ao Estado um valor correspondente às águas exportadas, sendo que os preços para o uso do produto, em todas as suas aplicações, deveriam ser previamente aprovados pelo governo. Estavam previstas a indenização no caso de arrendamento a outros e a fiscalização das obras e do direito de uso das fontes. Para um possível arrendamento definitivo os donos da concessão teriam vantagens sobre os prováveis concorrentes.¹³⁰

Em virtude do acordo firmado, as obras contratadas foram inauguradas em fevereiro de 1918. Além das previstas em contrato,

[...] beneficiamos o bosque unido as fontes, abrindo ruas, encascalhando-as, construímos diversas fontes provisórias nos correços que cortem o bosque. Assim como abrimos praças nas quaes collocamos bancos toscos fizemos também drenagem e limpeza nos terrenos onde estão situadas as fontes assim como suas adjacências. Construímos um barracão provisório destinado ao engarrafamento de água para exportação.¹³¹

Estava claro que tais visões condensavam-se em outras, de maior amplitude, formulando modelos de como alcançar a “civilização”.¹³² Recomendavam os discursos de políticos, governantes, médicos, engenheiros e homens de negócios – cada um reunindo geralmente mais de uma dessas funções – os princípios de higiene pública, crescimento material ou até mesmo “aperfeiçoamento moral”.¹³³ No conjunto das falas desses personagens podem-se observar os motivos pelos quais o conhecimento técnico ganhou respaldo na administração pública. O fato de legitimarem as decisões na gestão dos problemas urbanos

¹²⁸ TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.16, 15/06/1915, p.1. Arquivo FCCB.

¹²⁹ MINAS GERAES. *Órgão Oficial dos Poderes do Estado*. Belo Horizonte, 04 de janeiro de 1917, p.2.

¹³⁰ Transcrição de telegrama publicado pelo jornal “O Estado de São Paulo”, mediante o seu correspondente em Belo Horizonte. CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.13, 12/04/1917. Arquivo FCCB.

¹³¹ Pareceres/ Ofícios da Prefeitura Municipal de Araxá de 31/01/1918. Arquivo 0218/ Estância Hidromineral/ Parecer/ FCCB.

¹³² ELIAS, Norbert. Op. cit. p.23-50.

¹³³ CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p.34 e 35.

propiciou a aplicação das intervenções pretendidas, mas não sem antes provocarem conflitos e imprimirem ritmo contínuo às transformações. Nesse sentido, o percurso adotado pela cidade-balneário seguiu o mesmo visto em outras experiências urbanas: o de constantes idas e vindas.¹³⁴

Como se tornou visível nas correspondências enviadas pelos arrendatários ao executivo municipal, as iniciativas reformuladoras mostravam interesse em reforçar os objetivos de “cercar os aquáticos de toda comodidade e conforto possíveis”. Também se verificou que, nos três últimos meses de 1917, o número de aquáticos que fez uso das águas minerais de Araxá elevou-se a trezentos e quatorze.¹³⁵ Assim, a experiência do arrendamento do Barreiro à empresa “Botelho & Magalhães” recebeu elogios da imprensa, uma vez que, gradativamente, as condições da estância foram melhoradas, provocando o aumento do número de veranistas e aquáticos que a freqüentavam.¹³⁶

A expressão “Sanatorio” foi comumente utilizada para se fazer referência ao Barreiro, pois este era o lugar onde se poderiam prevenir os males ou recuperar a cura do corpo e a da alma. A afluência de aquáticos e veranistas em busca das fontes sulfurosas e radioativas parecia não se alterar, nem mesmo com a impropriedade da estação de chuvas dificultando o acesso e o próprio uso das águas.

[...] É que, além das thermas, o clima de Araxá, secco, ameno, oxygenado, constitui por si só um elemento de revivescencia organica de primeira ordem, principalmente para aquelles que, residindo em logares excessivamente quentes e humididos, nesta quadra de anno, aqui vêm encontrar um ar puro de campina.¹³⁷

Nas relações de hóspedes e viajantes divulgadas semanalmente pela imprensa podiam-se ler os nomes, os títulos e as profissões dos ocupantes dos hotéis e das pensões araxaenses. Verificava-se, assim, que fazendeiros, coronéis, negociantes, agenciadores,

¹³⁴ Sérgio Lage analisa as formas de receptividade dos homens e mulheres diante das constantes modificações empreendidas na concepção urbanística. LAGE, Sérgio. “A saturação do olhar e as vertigens dos sentidos.” In: REVISTA USP. São Paulo, vol.32, 1996-1997, p.128. Maria Izilda Santos de Matos amplia a análise de Sérgio Lage estendendo outras discussões conceituais ao processo de transformação do espaço urbano. Para a autora este consiste, ao mesmo tempo, em “registro” e “agente histórico”. Assim, afirma que é necessário “[...] destacar a noção de territorialidade identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Espaços que, além de sua existência material, são também codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação e desterritorialização e reterritorialização”. MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.38.

¹³⁵ TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.16, 15/06/1915, p.1. Arquivo FCCB.

¹³⁶ GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.01, 27/05/1917, p.3. Arquivo FCCB.

¹³⁷ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.140, 26/12/1915, p.1. Arquivo FCCB.

médicos, farmacêuticos, advogados, empreiteiros e também viajantes, procedentes de vários pontos de Minas Gerais e do país, usufruíam as águas de Araxá. Em menor escala, observavam-se as presenças de operários e lavradores em tais relações.¹³⁸ Ao publicarem os nomes dos visitantes hospedados nos hotéis e nas pensões da cidade e do Barreiro, os jornais faziam de suas colunas sociais eficientes canais de informação. Os periódicos anunciavam, além da procedência e, muitas vezes, da ocupação dos hóspedes, os segmentos sociais aos quais pertenciam.¹³⁹

Os hoteleiros, por sua vez, também requeriam suas licenças para se estabelecerem ou para prosseguirem na atividade. Entre 1917 e 1919, Araxá dispunha de estabelecimentos como o Hotel Avenida, a Pensão Familiar, a Pensão Santa Rita, o Hotel do Comércio, a Pensão das Fontes, a Pensão Central, o Hotel Boa Vista, o Hotel Araxá, o Grande Hotel Colombo e o Hotel dos Estrangeiros. Os aquáticos, por seu turno, chegavam sozinhos ou, muitas vezes, acompanhados pelas famílias para cumprirem a estação de 21 dias.¹⁴⁰ Nos anos de 1916 e 1917, registrou-se um movimento considerável assinalado pela ocupação quase total dos estabelecimentos hoteleiros da cidade e do Barreiro. Com isso, os hotéis viam-se obrigados a aprimorar os serviços, a reformar e a ampliar instalações, tornando-se ainda mais visível a preocupação destes estabelecimentos em oferecer aposentos arejados e condizentes com as exigências de assepsia.

No final da Primeira Guerra, percebia-se que a propaganda das “Águas de Araxá” ampliava os seus efeitos curativos, que se estendiam a doenças como sífilis, anemia, reumatismo, diabetes, gota, obesidade, intoxicação medicamentosa e asma, entre outras. Moléstias diagnosticadas relativas ao intestino, ao fígado, aos rins, à pele e, inclusive, às “doenças de mulher” passaram a integrar o elenco de males suscetíveis de cura por meio das águas.¹⁴¹ Os benefícios gerados pela crenoterapia atendiam não somente àqueles que se mostravam com a saúde abalada, mas também às mulheres que buscavam o aperfeiçoamento da forma plástica. Ao lado do combate à mortalidade e, por conseguinte, do incentivo ao aumento populacional, procurou-se atingir o “bello-sexo”.¹⁴² Em princípio, naquele momento,

¹³⁸ GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.01, 27/05/1917, p.3; n.03, 16/06/1917, p.3. Arquivo FCCB. A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.08, 15/08/1917, p.1; n.11, 01/10/1917, p.1. Arquivo FCCB.

¹³⁹ A maioria dos visitantes procedia de São Paulo (capital), Campinas, Ribeirão Preto e Franca. Uma parte chegava também de Uberaba e de outros lugares de Minas Gerais. Os visitantes, geralmente, eram fazendeiros, profissionais liberais e comerciantes. CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.172, 24/09/1916, p.1. Arquivo FCCB e A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.22, 01/04/1918, p.2. Arquivo FCCB.

¹⁴⁰ RIO, João do. Op. cit. p.19 e 33.

¹⁴¹ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.02, 23/02/1919, p.4. Arquivo FCCB.

¹⁴² Este é o caso do uso das águas indicado pelo Dr. Mário de Magalhães. Médico crenologista, ele dedicou sua vida ao tratamento por meio das águas. Nesse tempo em questão, foi médico oficial da empresa arrendatária da estância. No seu consultório particular divulgava outro serviço: o do “parto sem dór, methodo do prof. Fernando

eram estes os parâmetros seguidos pela empresa arrendatária dos serviços oferecidos pela estância. A propaganda procurava alcançar a elite, que poderia desfrutar o privilégio de fazer “uma estação” e, ainda, retornar nos anos seguintes.

Os melhoramentos estenderam-se a outros ramos. Ensaio para o engarrafamento das águas minerais apresentavam os primeiros resultados:

Sob a pressão de 160 atmosphaera, desaparece o cheiro caracteristico e o seu paladar assemelha-se ao da conhecida Vichy. Com a addição de gaz carbonico, desaparecem o cheiro e o gosto. A primeira com o gaz natural offerece grande vantagem. A segunda com gaz addicionado, depois da analyse de syntheses e combinações possiveis poderá servir para refeições e uso diario.¹⁴³

Posteriormente, análises quantitativas elucidaram as formas adequadas de se engarrafar o produto. As águas que jorravam naturalmente em meio à vegetação e ao barro ingressavam no seu tempo industrial. Essas experiências, efetivadas pela dupla de imigrantes italianos – Francisco Cavallini e Ernesto Rosa –, concederam aos seus criadores a honrosa função de industriais. O jornal *Tribuna de Araxá* chegou a anunciar, em 1915, que esta indústria receberia o nome de “Karlsbaden Brasileira”.¹⁴⁴ No entanto, a exportação da água foi travada devido a dificuldades de transporte,¹⁴⁵ que impediram também que as experiências quanto à produção industrial de sabonetes medicinais fossem estimuladas a ponto de tornarem-se sólidas e economicamente representativas.¹⁴⁶

Curiosamente, os mesmos italianos desafiaram os limites que se apresentavam nos quesitos economia, comunicação e transportes. Ambos, ora um ora outro, estiveram vinculados profissionalmente à revenda de automóveis, às construções de estrada e de hotel, à instalação de fábrica de laticínios, enfim, a negócios que faziam circular na cidade mercadorias e visitantes. Os lamentos pela falta de ferrovia e de telégrafo sofriam uma pausa diante do consolo das estradas de automóveis, que substituíam parcialmente a primeira, e do serviço telefônico, que substituíam o segundo.

de Magalhães, com longa pratica da maternidade do Rio de Janeiro”. GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.10, 29/07/1917, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁴³ TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.16, 15/06/1915, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ Pareceres/ Ofícios da Prefeitura Municipal de Araxá de 31/01/1918. Arquivo 00320/ Indústria e Comércio/ Parecer/ FCCB.

¹⁴⁶ No período entre 1890 e 1918 – sendo que foi neste último ano que se criou a primeira “Fabrica de Sabonetes Finos Medicinais” –, conforme foi apontado no primeiro item deste capítulo, foram identificadas algumas iniciativas de produção artesanal de sabonetes medicinais.

Nessa época, Araxá contava com uma cadeia, reconstruída em 1909, com serviços de água e luz, telefone, fórum, cinema, grupo escolar, hotéis e estrada de automóvel ligando a cidade ao Barreiro. Contudo, outros melhoramentos, como rede de esgotos, um novo teatro municipal (o antigo, hoje demolido, foi construído em 1890) e uma agência bancária, eram insistentemente reivindicados. Os araxaenses consideravam incompreensível que uma estância balneária não pudesse contar com tais elementos progressistas. A esses se somavam, necessariamente, o telégrafo¹⁴⁷ e a estrada de ferro até Uberaba, por um lado, e até São Pedro de Alcântara (hoje, Ibiá), ligando Araxá a Belo Horizonte, por outro.

Habituada a receber aquáticos e veranistas, a cidade mesclou o convívio da população local com os seus visitantes. Espelhando-se freqüentemente nas estâncias européias, os melhores dias da estação eram semelhantes àqueles de Bath, a similar inglesa de Araxá:

[...] Os críticos arquitetônicos que recentemente confundiram urbanidade com elevada densidade demográfica e concentração de construções enganam-se por esquecer a amplidão de Bath: a mais coerentemente urbana das cidades inglesas que, em seus melhores dias, se gabava de ter a população de uma cidadezinha e cultivava os polidos ares de uma metrópole.¹⁴⁸

A freqüência de paulistas em Araxá tornou-se tão crescente que, em junho de 1917, a revista *Ribeirão Preto Ilustrado* enviou um dos seus correspondentes à cidade, que seria tema de uma edição especial desta publicação.¹⁴⁹ A imprensa local, por sua vez, chegou a fazer um apelo aos visitantes assim que a construção da igreja Matriz começou:

E não é tão somente ao povo do Araxá que endereçamos o nosso appello: endereçamol-o tambem àquelles que, vindo em busca de nossas preciosissimas aguas mineraes, aqui passam a quadra estival, gosando todas as doçuras de nosso clima paradisiaco. Recorremos sobretudo aos paulistas, que são os mais entusiastas de todos os frequentadores de nossas terras e cuja inesgotavel generosidade todos os dias se atesta.¹⁵⁰

¹⁴⁷ O telégrafo, inaugurado em 1919, colocou Araxá em contato com a capital do Estado, da República e com outros centros comerciais. JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.01, 16/02/1919, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁴⁸ MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965. p.507.

¹⁴⁹ GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.04, 17/06/1917, p.1. Arquivo FCCB. Sobre as representações feitas da cidade pelo imaginário dos seus habitantes ou dos visitantes, ver, entre outras, presentes na obra, as páginas 103 e 104 de CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹⁵⁰ A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.17, 1/01/1918, p.1. Arquivo FCCB.

As discussões locais em torno da necessidade premente de melhoramentos urbanos e do aparelhamento do Barreiro evidenciavam a constante busca de uma posição de estância *progressista* destinada à cura, ao repouso e ao lazer. O projeto de instalação de bondes elétricos no Barreiro às vezes entrava em cena, mesmo depois de viabilizada a estrada de automóvel.¹⁵¹ O argumento para introduzi-los girava em torno do alto custo do transporte por meio de veículos. Neste momento, o automóvel identificava-se como privilégio de poucos, que o utilizavam como meio de buscar a cura e praticar o culto ao corpo.¹⁵²

No âmbito do debate, constituído como uma das formas de se alcançar a estação idealizada, a Câmara discutiu um projeto que pretendia disponibilizar recursos para organizar o transporte para o Barreiro via “auto onibus de acumuladores electricos”. Progressivamente, assistiu-se ao questionamento sobre a urgência de a empresa “Botelho & Magalhães” instalar uma Casa de Banhos confortável no Barreiro – o que de fato se concretizou por volta de 1924 – e novamente uma linha de bondes elétricos em meio a um caminho arborizado e florido.¹⁵³

A perspectiva de colocar Araxá como referência entre as estâncias revigorou-se a cada iniciativa particular concedida pelo poder público em forma de privilégio. Permaneceram as visões enaltecidas vinculadas à natureza, mas também às ações que tentavam transformá-la materialmente, ainda que deixassem transparecer descontentamentos com esferas administrativas mais distantes. Por ocasião da implantação de uma estrada de automóveis, por Thiers Botelho, ligando a cidade à vizinha Uberaba, a imprensa registrou:

[...] As condições naturaes de Araxá, como estancia hydromineral se acha collocada ao nivel das melhores aguas medicinaes, pela sua efficacia incontestada, verificada e reconhecida como tal, mesmo por profissionais insuspeitos, taes os residentes em outras estações de cura, – levam-nos a nada desejar das aguas da Bohemia e da França e do clima incomparavel da Suissa. Si os brasileiros ainda procuram a Europa para muitos tratamentos hydro-therapicos, é porque as nossas estações não offerecem conforto rasoavel e algumas são de acesso difficil. Até hoje o Araxá não recebeu o mais pequenino auxilio do governo do Estado e da Republica. Tudo que ha, muito pouco ainda, representa a força propria, o recurso exclusivo da fortuna municipal e particular.¹⁵⁴

¹⁵¹ Depois de várias tentativas, em 1924, a Câmara chegou a autorizar o privilégio para construção dos bondes ligando a cidade ao Barreiro. No entanto, tal projeto nunca chegou a ser executado. ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1915-1930. p.120. Arquivo FCCB.

¹⁵² GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.10, 29/07/1917, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁵³ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.23, 03/08/1919, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁵⁴ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.13, 18/05/1919, p.1. Arquivo FCCB.

Afora o alto custo, os automóveis que transitavam entre Araxá e cidades próximas, com suas vias de acesso e linhas com *chauffeurs*, integraram-se ao imaginário da população de tal forma que o comércio ligado às revendas e oficinas viu-se estimulado. Tais arrendamentos se sucederam, mostrando o interesse que esse tipo de negócio despertava.¹⁵⁵ Em 1924, o italiano Domingos Zema associou-se ao português Fortunato Lopes, criando, pela primeira vez, uma linha de “auto-ônibus” para ligar, duas vezes ao dia, a cidade ao Barreiro.¹⁵⁶

Como medidas indispensáveis a serem tomadas pelo Governo de Minas Gerais, ainda restavam, em 1920, a conclusão das desapropriações de terrenos em torno das fontes e a conservação da mata da área desapropriada, ou de parte dela, para a prática de exercícios a pé ou a cavalo.¹⁵⁷ Quanto à subordinação legal ao Estado, não houve, a curto ou médio prazo, resultados efetivos. Por várias vezes, as estâncias hidrominerais recorreram ao governo para discutir a situação dos seus municípios e reivindicar a remodelação sistemática das estações aquáticas. Supunha-se que tal proposta fosse a única capaz de corresponder às metas dessas cidades como centros de repouso e de cura. Julgava-se que, caso as estâncias fossem aparelhadas adequadamente, o Estado poderia contar com lucrativa fonte de renda, pois o momento era de intensa valorização desses lugares.

Enquanto o município entrava em acordo com o governo estadual para obter o empréstimo que seria destinado às obras necessárias à cidade em relação ao saneamento e às melhorias de serviços já instalados, referentes ao abastecimento de água, de luz e rede de esgotos,¹⁵⁸ a imprensa noticiou, em 1925, os planos do presidente do Estado, Fernando Mello Vianna, em registrar o seu governo criando a “estancia hydromineral e balneo-therapica do Barreiro, em Araxá”. Parecia que, finalmente, chegara a hora de dotá-la de condições essenciais dentro do que se considerava uma “verdadeira estação de cura”.

¹⁵⁵ MINAS BRASIL. Araxá, n.186, 09/11/1924, p.5. Arquivo FCCB.

¹⁵⁶ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.25, jan./abr. 1998, p.4-5. Arquivo FCCB. O italiano Zema transitou por várias atividades ligadas ao automóvel até conquistar, em 1923, a condição de agente especializado na concessão Ford. Nesse período, promoveu uma passeata pelas ruas da cidade, fazendo demonstração de seu produto de forma pioneira: levava à frente dos carros estandartes alusivos à marca, confeccionados artesanalmente por sua mulher, costureira habilitada por especialistas francesas, no tempo em que ainda residiam em Ribeirão Preto. CASTRO, Maria Beatriz Afonso de. *Zema: a história de um nome*. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 1994. p.44-46.

¹⁵⁷ GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. p.14-16.

¹⁵⁸ Segundo estimativa da Repartição de Estatística do Estado, a população de Araxá era de 16.881 habitantes, sem contar os moradores dos distritos de Conceição, Dores de Santa Juliana, “Tapyra” e Argenita. ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1914-1930. 1º out. 1924. p.121. Arquivo FCCB.

- **A retomada do Barreiro**

A intenção era fazer de Araxá uma estância modelar, de águas minerais incomparáveis. Isso implicava transformá-la numa estação de “crenotherapy e de villegiatura” pela sua altitude, “pelo arejamento e instalação dos seus planaltos e pela beleza dos seus panoramas”. Análogo aos demais anteriores, esse discurso permaneceu em vigor, alterando-se apenas os ritmos de sua frequência.

Com o propósito de executar tais planos, Mello Vianna abriu um crédito especial destinado a atender as despesas com serviços de aproveitamento das águas. O governo estadual agia também “no sentido de liquidar as intermináveis questões de propriedade sobre os terrenos necessários e de abreviar os estudos preliminares indispensáveis a boa orientação dos trabalhos”.¹⁵⁹ No primeiro aspecto – o das desapropriações – decisões como as efetivadas em 1902 ampliaram a extensão da área relativa ao uso das águas e da lama termal, se comparada aos limites iniciais definidos também no referido ano. Não aliviaram, naturalmente, as tensões em relação aos proprietários daquelas terras, mas as determinações legais autorizaram, de certa forma, a reestruturação do investimento público nas pesquisas sobre os recursos minerais ali existentes.¹⁶⁰

Em dezembro de 1925, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do novo Balneário, também chamado de “Casa da Vida”, a cidade teve sua rotina transformada e seu cotidiano local alterado intensamente. Como de hábito, a presença da comitiva oficial foi saudada com discursos, cerimônias dirigidas pelas associações religiosas e banquete realizado no Hotel Cassino Colombo, situado na esquina entre a rua Boa Vista e a avenida D’Abadia, confluência entre as atuais ruas Presidente Olegário Maciel e Antônio Carlos.

¹⁵⁹ MINAS BRASIL. Araxá, n.211, 01/05/1925, p.2. Arquivo FCCB.

¹⁶⁰ RENOVAÇÃO. Araxá, n.26, 08/07/1934, p.4. Arquivo FCCB.



Imagem 5 – Projeto do Balneário.¹⁶¹

As cerimônias oficiais que lançaram a construção daquele que poderia ser o sonhado e definitivo Balneário do Barreiro estiveram inseridas numa atmosfera progressista, porém com nuances de incertezas. As formas da cidade, bem como os seus usos e as suas funções, modelavam-se de acordo com um misto de interesses materiais e políticos, desejos e utopias. Com a via férrea prestes a ser inaugurada, a impressão que se tinha era então descrita, ainda que revelando toques de ironia e ufanismo, pela sensibilidade de um verdadeiro agente da vida cidadina:

Apezar de viver quasi ignorado no meu canto, sem ser letrado, sem ser grosso, nem coronel tenho o direito de dizer o que penso e fazer os meus primeiros ensaios jornalisticos, pois assigno e leio as folhas das capitaes; sou eleitor; visto o meu palm-beach; tenho casa com alpendre; pretendo ter tambem um Chevrolet e não deixo de frequentar o Casino. Assim digo, hoje que é necessaria a mudança do nome Barreiro da nossa futura estancia. Já lá vão installar o telegrapho nacional. O momento é opportuno. Barreiro era o lugar onde o Jeca

¹⁶¹ Fotografia do arrojado projeto do balneário, com suas fachadas frontal e posterior, cuja imagem há décadas se construía no cotidiano da cidade. O belo prédio, porém, não chegaria a ser edificado. A produção do álbum em que consta esta imagem não especifica a sua autoria, procedimento comum nesses tipos de publicação do período. Há apenas uma observação na apresentação do editor, referindo-se: “Aos artifices das nossas inumeras gravuras, a todos esses modestos e prestimosos auxiliares, deixamos também, aqui o signal do nosso reconhecimento.” SILVEIRA, Victor (Org.). *Minas Geraes - 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Official, 1926. p.790.

levava o gado, ao som de vagaroso eia! Hoje, ali chegam turistas de toda a parte e turistas elegantes, chics. Como as nossas maravilhosas fontes são conhecidas por águas de Araxá, a denominação mais adequada seria – *Thermas de Araxá*. Que nos diz o leitor? É chegada a hora de se tomarem providências várias e essa é uma delas. Mórmente agora que com grande jubilo festejamos a primeira capina deste anno nas ruas. O matto estava ameaçador. A cidade estava em decadência, embora a picareta continue cavando aqui, ali e acolá, desordenadamente.¹⁶²

Ainda em 1925, anunciou-se que brevemente seria feita a ligação de Araxá por estrada de ferro – entre Ibiá¹⁶³ e Uberaba – com as capitais Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Por linhas de automóveis a cidade ligava-se aos municípios mineiros de Sacramento, Patrocínio, Uberaba, Uberabinha (Uberlândia), Monte Carmelo, Estrela do Sul, Patos de Minas, Paracatu, São Gotardo e Ibiá. A iniciativa privada abriu o tráfego de caminhões para transportar cargas entre Araxá e Ibiá e, garantindo eficiência, agilidade, economia e seriedade, a “Empresa Auto-Viação Araxá-Ibiá” fazia corridas diariamente.¹⁶⁴ (Ver Anexos, Mapa 1).

Como município composto de quatro distritos (Nossa Senhora da Conceição, Dolores de Santa Juliana, Tapira e Argenita), Araxá reunia aproximadamente cinquenta e oito mil habitantes, sendo que na sede viviam vinte mil, dos quais cinco a seis mil residiam na zona urbana.¹⁶⁵ Nesta perspectiva a Câmara Municipal recebeu a proposta orçamentária da receita e despesa para o ano de 1926. Nesta salientou-se a atenção dispensada aos principais problemas, aos quais camaristas referiam-se como aqueles relacionados ao “progresso e ao desenvolvimento” do município, tais como a instrução pública rural, o prosseguimento de desapropriação necessária ao “embellezamento da cidade” e os serviços da estância, de competência do Estado, porém dirigidos pelo prefeito.

Um elenco de solicitações para demolir, reconstruir e edificar residências ou estabelecimentos comerciais chegou novamente à Prefeitura. As inovações das fachadas e dos muros, tais como as construções de garagens para abrigar automóveis, demonstraram as tentativas de renovações. Também houve, nesse período, consideráveis pedidos de licenças para construir hotéis, pensões e outros prédios destinados às diversões,¹⁶⁶ cujas propagandas

¹⁶² MINAS BRASILE. Araxá, n.253, 28/02/1926, p.3. Arquivo FCCB.

¹⁶³ Desde 1923, o antigo distrito de São Pedro de Alcântara se desmembrara de Araxá, anexando-se ao distrito de Pratinha para juntos formarem o município de Ibiá. SILVEIRA, Victor (Org.). Op. cit. p.788.

¹⁶⁴ MINAS BRASILE. Araxá, n.193, 28/12/1924, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁶⁵ SILVEIRA, Victor (Org.). Op. cit. p.788.

¹⁶⁶ Requerimentos enviados à Prefeitura Municipal de Araxá em 1926. Arquivo 0603/ Construção Civil/ Requerimento/ FCCB e 0151/ Construção Civil/ Manifestação Cultural/ FCCB.

difundiam o conjunto dos símbolos republicanos disponíveis em Araxá, especialmente aqueles relacionados ao conforto material, à valorização do entretenimento e à atenção dedicada ao organismo humano. Reforçando essa tendência, pela Câmara passaram, assim como nas décadas anteriores, projetos que previam a isenção de imposto predial e de taxas de luz e água por cinco anos aos hotéis e às pensões que contassem com mais de cinquenta quartos.¹⁶⁷

As iniciativas que pretendiam impulsionar a condição de hospitalidade tornavam-se cada vez mais visíveis tanto na legislação municipal, nas ações administrativas, quanto nas opiniões que circulavam nos gabinetes e nos pontos informais de socialização. Mesmo assim, o futuro de Araxá parecia ancorar-se na solução de dois grandes problemas corolários, para os quais não se deixavam entrever ações práticas em curto prazo: o beneficiamento das fontes do Barreiro – com o seu aproveitamento como estação termoterápica de primeira ordem – e a viabilização dos meios de transporte.

Parecia evidente até então a atitude de indefinição dos poderes públicos, inclusive o estadual, em relação ao Barreiro. Os aquáticos, em número crescente, chegavam à procura das águas, ainda que tivessem uma estação em constante estado provisório para recebê-los. Por intermédio de ofícios e de comunicações verbais mantidas pessoalmente ou por emissários, a Prefeitura não deixara de reivindicar a definição de um plano especial para a estância, do qual deveriam constar um estabelecimento hidroterápico, um técnico do serviço de higiene do Estado para dirigir os trabalhos e, inclusive, a disponibilidade de cotas de verbas que o Congresso Mineiro votava, excepcionalmente, para as cidades balneárias. Araxá parecia não gozar dos favores que outras estações do Estado usufruíam; por isso, chegou-se a cogitar que, “[...] por ser mais nova, não lhe tem valido os privilegios de caçula, parecendo mais uma enteada [...]”.¹⁶⁸

Sob a perspectiva local, alternavam-se as visões ora negativas, ora positivas. Posicionamentos como estes levavam em conta certamente aspectos objetivos, como decisões político-administrativas, mas, outros, também de caráter subjetivo. O ritmo das transformações adquiriu um certo impulso, justificado pelo fortalecimento das expectativas em relação ao novo Balneário e à veementemente desejada estrada de ferro. Tardio ou não, esse momento configurou-se como uma espécie de retomada do Barreiro, dez anos após o

¹⁶⁷ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1914-1930. 28 mar. 1918. p.69-70. Arquivo FCCB.

¹⁶⁸ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.191, 18/02/1917, p.1. Arquivo FCCB.

acordo em que o governo estadual tomou para si a responsabilidade sobre o beneficiamento das fontes e a reorientação da estância.

Ancorando-se na irrefutável necessidade de dotar Araxá de todas as garantias de conforto e bem-estar que deveriam possuir uma estância hidromineral, a Câmara aprovou, em 1926, um não menos ousado projeto particular, proposto pelo líder político Coronel José Adolpho de Aguiar, em parceria com o médico Mário de Magalhães, que anos antes empreendera melhoramentos no Barreiro como concessionário da firma “Botelho & Magalhães”. Os proponentes pretendiam construir nas imediações das fontes do Barreiro um “Sanatorio-Hotel e Cassino” com serviços de “modernas e completas instalações electro-radio-mechanotherapicas, campo de sport, gymnastica e cultura phisica para uso dos hospedes e doentes; mezas de regimen dietetico para as doenças”.¹⁶⁹

Prevendo a construção de no mínimo cem quartos devidamente equipados, inclusive com aparelho de “radio telephonia com força para ouvir o Rio de Janeiro”, o projeto incluía ainda um cassino com sala para cinema e teatro e intensa divulgação do Barreiro no país e no exterior. A contra-proposta do poder público foi a de isenção de todos os impostos, até mesmo taxas de água e luz, pelo prazo de quinze anos, mais o direito de desapropriação da área necessária às construções. No entanto, o contrato que previa o início das obras para trinta dias após a assinatura não chegou a ser executado. Mais uma vez, desmoronaram-se algumas das imagens construídas em torno da estância, que, curiosamente, seguiam o mesmo processo materializado nos espaços públicos, ou seja, o de um contínuo construir-destruir.

Ainda assim, a mensagem do prefeito Inácio Dias Paes Leme enviada à Câmara, no final de 1925, traçava um panorama dos melhoramentos realizados na cidade, a partir de empréstimos obtidos anteriormente. Em 1924, a Prefeitura havia conseguido junto ao governo mineiro um empréstimo de quatrocentos contos, que foi destinado à realização de obras de saneamento e outras melhorias necessárias, como o abastecimento de água, luz elétrica e rede de esgotos.¹⁷⁰ A retomada da marcha no aparelhamento do Barreiro pelo governo estadual levava consigo o poder público municipal.¹⁷¹ O ramal férreo, que finalmente se aproximava, também reforçaria as ações da Prefeitura no sentido de preparar o estado das pontes e estradas do município, conforme comunicou o prefeito aos vereadores:

¹⁶⁹ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1914-1930. 16 fev. 1926. p.133-135. Arquivo FCCB.

¹⁷⁰ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1914-1930. p.120v. Arquivo FCCB.

¹⁷¹ No mesmo período foram executadas obras públicas para aperfeiçoar os serviços de luz, de água e para conservar e “embelezar” vias públicas.

[...] O melhoramento das ruas tem sido feito com intensidade, procurando atender os reclames da proxima situação de Araxá como ponto de passagem de via ferrea e centro buscado pela sua estancia hydro-mineral cujos trabalhos se devem intensificar nas construcções logo que a captação das aguas e os projectos de obras sejam concluidos. Diversas pontes avariadas nas estradas municipaes teem exigido tambem despesas e attenção da Prefeitura bem como concerto de estradas nas estradas da cidade e dos districtos.¹⁷²

O lançamento do novo Balneário do Barreiro, em 1925, foi finalmente seguido da construção, na cidade, do prédio da estação da “Estrada de Ferro Oeste de Minas”. A chegada da via férrea ligando Araxá à vizinha Ibiá, vinda de Belo Horizonte, aconteceu em meados de 1926. Pouco antes da inauguração, a Prefeitura publicou um edital determinando aos proprietários a limpeza nas fachadas dos edifícios. Reafirmou que as “pinturas das fachadas e faces dos edificios visiveis dos logradouros publicos devem ser renovadas sempre que estiverem desbotadas, sujas ou damnificadas”. O poder executivo municipal prosseguiu na adoção de medidas disciplinadoras e punitivas, marcando prazo para a execução de tal solicitação, sob seguidas penas de multas até o seu cumprimento.¹⁷³

Com a inauguração do ramal da “Estrada de Ferro Oeste de Minas”, os governos municipal e estadual expandiram alguns aspectos da urbanização não somente como formas de incremento ao turismo,¹⁷⁴ mas também como meios de reduzir os custos com transporte de mercadorias e com serviços.¹⁷⁵ Enquanto os trens já chegavam e partiam da “Estação de Araxá”, os melhoramentos observados na estância, ainda considerados insuficientes, continuavam concedidos a particulares. Contudo, a imprensa anunciou a chegada de um novo prefeito,¹⁷⁶ enfatizando-o como uma pessoa de “destaque social e intelectual” que seria responsável por uma reviravolta positiva na cidade. A nova fase prenunciada seria provocada por uma ação em conjunto pelo município contando com a cidade, o Barreiro e os distritos. Tendo o aproveitamento e o beneficiamento das fontes como políticas públicas, mais uma vez, a divulgação de alguns estudos sobre as águas e a relação de amizade pessoal entre o prefeito e o titular do “Palácio da Liberdade” contribuía para o aparente otimismo reinante.

¹⁷² MINAS BRASIL. Araxá, n.26, 01/11/1925, p.3. Arquivo FCCB.

¹⁷³ MINAS BRASIL. Araxá, n.275, 10/08/1926, p.3. Arquivo FCCB. FOUCAULT, Michel. Op. cit., 2006. p.79-98.

¹⁷⁴ A partir do conceito de lazer de Joffre Dumazedier enquanto conjunto de atividades com funções diferenciadas e desenvolvidas num tempo livre, Maria das Graças Menezes Paiva trabalha o turismo como fenômeno que figura entre as “necessidades criadas e recriadas” como lazer dentro do mundo capitalista. PAIVA, Maria das Graças Menezes V. *Sociologia do Turismo*. 6ª.ed. Campinas: Papyrus, 2001. p.35-40.

¹⁷⁵ MINAS BRASIL. Araxá, n.142, 06/01/1924, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁷⁶ O prefeito João Augusto Massena foi nomeado pelo presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, de quem fora colega desde os tempos de estudante no Instituto Granbery, de Juiz de Fora (MG). OÁSIS. Araxá, n.01, 28/11/1926, p.1. Arquivo FCCB.

Ao chegar a Araxá para ocupar o mais alto cargo público, o prefeito João Augusto Massena não conhecia a cidade, tampouco as necessidades que a afligiam. Assim determinava a prática política desde 1915, o que não impedia que o escolhido fosse recepcionado triunfalmente, mesmo que apenas por restritos segmentos da comunidade. Mais uma vez, foi manifestada a esperança que se depositava na nova administração do município e no apoio que Araxá teria junto ao governo estadual. Logo nos primeiros dias do novo mandato, o *Jornal de Araxá* noticiou intensamente os caminhos que o prefeito percorreu pela cidade e redondeza.¹⁷⁷

Ao mesmo tempo em que a Estação Ferroviária – localizada na nova praça de mesmo nome, integrada aos traçados da igreja Matriz, que se encontrava em construção, e da avenida Imbiara, projetada em direção ao Barreiro – começava a cumprir seu papel, os planos do governo estadual para o Balneário não passavam do estágio de projeto em via de ser executado. Contudo, o sonho da estação de cura, de repouso e de veraneio não terminara. Simultaneamente à euforia das celebrações oficiais da estrada de ferro, novas notícias sobre a construção de um “Grande Hotel”, situado na nova avenida Imbiara, foram propagadas.

A configuração do espaço público, onde se incluíam os hotéis, restringiu a participação popular, na medida em que às elites estavam reservados os direitos de decidir e de empreender. Assim como as medidas inovadoras implantavam-se por iniciativa dessas elites, a nova ordem que se queria fundar sob a inspiração de outros moldes, distintos dos estabelecidos tradicionalmente, deixava transparecer a superficialidade das mudanças que se efetivavam.¹⁷⁸ Talvez por isso o “Grande Hotel” por si só não tenha correspondido ao ideal que se construía como próprio de uma estância, assim como ocorrera com tantos outros melhoramentos.¹⁷⁹ No entanto, a luta pela adoção de melhorias – entre essas a construção de outros hotéis – não deixaria de ser levada a efeito como pré-requisito à estação sonhada. A dimensão simbólica projetada aos espaços da cidade e da estância foi traduzida conforme o panorama social. Ainda assim, no caso dos hotéis seus ambientes privados continuariam abrigando as práticas de algumas das importantes formas de socialização e de expressão de poder.¹⁸⁰

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ BERMAN, Marshall. Op. cit. p.15-35.

¹⁷⁹ Após sua inauguração, em 1927, o hotel funcionou como opção de hospedagem tal como fora concebido. No entanto, por pouco tempo. Logo depois, foi vendido à congregação salesiana, que ali instalou o Colégio Dom Bosco. O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.32, out. 2001, p.7-14. Arquivo FCCB.

¹⁸⁰ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987. p.47-82.

Como decorrência do fenômeno de reurbanização, nesse caso, de uma estação de águas, acentuaram-se as necessidades de focos geradores de criatividade e de inovações.¹⁸¹ Assim, a constante preocupação em atender às exigências dos freqüentadores fez parte das metas a serem cumpridas, em especial aquelas relacionadas às casas de diversões.¹⁸² O interesse pelo entretenimento exterior ao universo familiar e privado evidenciou-se à medida que as emoções de final de semana se intensificaram a cada patinação nos riques da avenida D'Abadia e da praça da Conceição (as atuais avenida Antônio Carlos e praça Governador Valadares). As corridas de cavalos na rua da Raia (hoje rua Dom José Gaspar) e o jogo de futebol promovido por agremiações que lentamente se formaram até os anos 30 também tiraram Araxá da suposta monotonia, despertando a atenção da imprensa e unindo moradores locais e visitantes.¹⁸³ (Ver Anexos, Mapa 4).

Em relação aos melhoramentos que a iniciativa particular realizou no Barreiro desde 1915, destacou-se a valorização do ambiente natural como fator positivo, ainda que algo pudesse remeter à idéia negativa de atraso: “[...] Por entre outros destacamos o do Bosque, cuja feição actual já é agradável, embora a agua do corrego proximo como o selvagem brasileiro não queira ceder terreno ao conforto dos civilizados”.¹⁸⁴ Uma vez aguçado o sentimento de assegurar uma nova era evidenciava-se a valorização da natureza, mesmo que nesta florescessem as antíteses do conforto e da civilidade.¹⁸⁵

O refúgio dos habitantes das capitais apontou para os lugares propícios à prática de atividades físicas. Assim foi que se observaram as constantes exigências por parte da imprensa para que as áreas verdes destinadas aos visitantes fossem conservadas como espaços de lazer e de exercícios corporais. Em meio às intensas discussões relacionadas aos melhoramentos no Barreiro efetivados pela iniciativa privada e à falta deles por parte do governo, sobressaíram-se os debates acerca da chegada da ferrovia. Mesmo que esta viesse atuar como meio de facilitar a chegada de turistas, firmara-se a posição de que, independente dela, os filhos da terra deveriam conhecer e gozar as fontes.¹⁸⁶

¹⁸¹ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p.89-127.

¹⁸² JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.29, 28/09/1919, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁸³ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.31, dez. 2000, p.9-13; CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.24, 21/09/1913, p.2. Arquivo FCCB.

¹⁸⁴ O ESTUDANTE. Araxá, n.25, 21/06/1917, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁸⁵ A propósito da polaridade entre os urbanismos “progressista” e “culturalista”, ver: CHOAY, Françoise. “A história e o método em urbanismo.” In: BRESCIANI, Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994. p.13-27.

¹⁸⁶ A TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.10, 15/03/1915, p.1. Arquivo FCCB.

Desde 1919, quando a imprensa anunciara que durante o mês de fevereiro o Barreiro havia fornecido trezentos e sessenta e oito banhos¹⁸⁷ e que a estação prometia ser animada, crescia a procura por aposentos nos hotéis. A afluência de veranistas fora intensificada nos últimos meses daquele ano, assim como acontecera nos anos anteriores.¹⁸⁸ Assim, na cidade, cujas alterações miravam-se na chamada vocação turística, o teatro, os cinemas, as associações religiosas ou de lazer, os estabelecimentos hoteleiros e o Balneário do Barreiro adquiriram uma significação especial como espaços de lazer e de formação de opinião.¹⁸⁹ Neles rompeu-se a rotina diária com eventos considerados “diversões agradáveis”.¹⁹⁰

Em outro sentido, podia-se observar que os elogios aos elementos *progressistas*, como a transformação do espaço urbano e a equiparação da cidade enquanto estação balneária, contrapunham-se às constantes críticas. As censuras, por sua vez, seguiram um movimento também contínuo, igualmente tensionado, em que imperaram interesses conflitantes.¹⁹¹ O traçado e a aparência do espaço público, as definições diante do que demolir ou o que construir novamente, como e em que lugar, permearam o processo de urbanização dos anos 20 e as discussões à sua volta. Assim como o aproveitamento do potencial do Barreiro, que foi referência para as transformações implantadas ou construídas no imaginário dos habitantes, a via férrea caracterizou-se como elemento fundamental do qual dependia o futuro da cidade e da estância e, por isso, esteve inevitavelmente no centro do debate. A maneira com que se deu a materialização adaptou-se à modernidade, entendida como aquilo que se move, desconstrói e reconstrói em meio à turbulência. Para conquistá-la e com ela concretizar o sonho de se inaugurar um tempo inédito, foram enfrentadas diversas situações em que os impulsos rumo à tomada de decisões cederam lugar, muitas vezes, ao recuo da sua marcha.

As águas minerais de Araxá haviam sido agraciadas com um grande prêmio na Exposição Internacional do Centenário do Brasil, publicado em 1923, afluindo a esperança de que a estância do Barreiro se tornaria mais divulgada, já que, conforme se afirmava, “é ainda um tanto desconhecida”. A representação que se fazia da cidade *ideal* estendia-se, de

¹⁸⁷ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.04, 09/03/1919, p.1. Arquivo FCCB.

¹⁸⁸ A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.11, 01/10/1917, p.1 Arquivo FCCB.

¹⁸⁹ HABERMAS, Jürgen. Op. cit. p.46-59.

¹⁹⁰ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.42, 01/01/1920, p.2. Arquivo FCCB. Mas era também nos hotéis que a elite dirigente decidia sobre o cotidiano da população, assegurando, com os instrumentos de poder, a dominação urbana. As idéias e os discursos transitam no interior das reuniões sócio-políticas de forma tal que parecem ser exclusivos apenas das elites e que somente a estas pertencem o direito à cidade e à estação de águas. A respeito da fragmentação das informações transmitidas nesses ambientes com a decorrente noção restrita da vida externa, ver: SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.112.

¹⁹¹ BALANDIER, Georges. Op. cit. p.137-226.

fato, à da estância também *ideal*. No entanto, o discurso *progressista* flutuava entre posições distintas, ora ressaltando uma identidade que se construía positivamente, ora pontuando seus componentes negativos ou, ainda, numa posição intermediária, ora sugerindo alternativas para solucionar as demandas da cidade e do Balneário.¹⁹²

Em meio às representações contraditórias do urbano, o poder público municipal despendeu verba e cuidado especiais com o embelezamento da cidade e com os festejos da inauguração oficial do novo ramal da “Estrada de Ferro Oeste de Minas”.¹⁹³ A atenção, contudo, concentrou-se nos espaços centrais, os mesmos onde tiveram lugares os eventos esporádicos previstos naquele cerimonial. Como se vêem, os trilhos chegaram a Araxá somente na segunda metade dos anos 20. A demora foi vinculada, muitas vezes, à ausência de forças políticas representativas. A via férrea já havia sido materializada e o poder municipal mantinha a postura de embelezar os logradouros públicos como forma de atrair os turistas. No entanto, alguns pontos do espaço público e das transformações nele promovidas recebiam críticas dos cidadãos, que, por meio das mais diversas manifestações praticadas na área urbana, reivindicavam o direito de poder usufruir o panorama progressista e o projeto espacial, indissociável, da cidade e do Barreiro.

Nessa perspectiva, a discussão sobre uma ampla avenida a ser implantada, dando seqüência à praça da Matriz e conduzindo os transeuntes em direção ao Barreiro, foi defendida com base em alguns argumentos. Por exemplo, dizia-se que esta avenida promoveria a expansão da cidade e, por conseguinte, dividiria quarteirões, lotes, avenidas e praças. Nos embates pela imprensa foram utilizadas como modelos as larguras da avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, e da avenida 25 de Maio, em Buenos Aires. Torna-se conveniente, nesse caso, retomar a leitura sobre o uso de outros modelos de urbanização.¹⁹⁴ Ao projeto da grande avenida em questão sugeriam-se denominações como “Avenida das Fontes” ou “Boulevard das Fontes”, em oposição ao nome de origem indígena, tradicional e identitário finalmente adotado: avenida Imbiara.¹⁹⁵ (Ver Anexos, Mapas 3 e 4).

¹⁹² As imagens construídas por intermédio do discurso dos jornais, positivas ou negativas, estiveram associadas aos interesses daqueles que as produziram. Neste caso, o jornal *Minas Brasil* assumia atitudes aparentemente neutras; daí o fato de suas opiniões acomodarem-se entre uma e outra posições. MINAS BRASIL. Araxá, n.114, 24/06/1923, p.2. Arquivo FCCB.

¹⁹³ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1914-1930. 02 ago. 1926. p.138v-140. Arquivo FCCB.

¹⁹⁴ SALGUEIRO, Heliana Angotti. Op. cit. p.3.

¹⁹⁵ Tradicionalmente, define-se o significado da palavra “Imbiara” como sendo o “caminho das águas”.



Imagem 6 – Avenida Imbiara, a partir da praça da Matriz.¹⁹⁶

De certa forma, múltiplas expectativas foram projetadas para que esta via cumprisse sua função como espaço tipicamente destinado à socialização. Permitindo o fluxo dos cidadãos locais e dos turistas nos seus percursos entre a cidade e o Barreiro, a avenida não só pôde oferecer-lhes um acesso mais confortável às fontes, mas também lhes proporcionar visão ampla dos espaços e, porque não, maiores possibilidades de irem e virem de um lugar ao outro.¹⁹⁷

A avenida Imbiara, unindo a nova igreja Matriz ao Barreiro, em via de ângulo oblíquo à da Estação Ferroviária, reservou para si um lugar no imaginário da população como ponto elegante e chique da urbe. Pretendeu mostrar-se uma avenida como símbolo e como espaço geometrizado destinado ao tráfego, à localização de novas residências e à manifestação dos sentidos de viver numa cidade-balneário.¹⁹⁸ Essas representações rivalizaram-se com outras, até então vinculadas à rua Boa Vista ou às remodeladas praças da Conceição e Coronel Adolpho. Isso porque, além dos serviços de iluminação elétrica e do

¹⁹⁶ Seguindo-se à praça da Matriz, as questões envolvendo a reformulação da nova avenida Imbiara e com ela os espaços em direção ao Barreiro geraram inquietações. Fotografia: Salviano Barreto. Arquivo Fotográfico/ 1855. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

¹⁹⁷ MUMFORD, Lewis. Op. cit. p.719-728; JULIÃO, Leticia. “Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1890-1920).” In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p.191.

¹⁹⁸ MUMFORD, Lewis. Op. cit. p.472-476.

ensarjetamento que ali se realizavam, os planejados ajardinamento e arborização alimentavam o debate em torno daquela inovação, ensejando comentários sobre outros referenciais urbanos que ocultavam as questões de poder no âmbito municipal. (Ver Anexos, Mapa 4).

[...] côr e gosto não devemos discutir. Sendo a nossa cidade visitada por touristes de toda a parte, devemos proporcionar-lhe logradouros publicos. O ajardinamento das praças e a abertura da grande avenida são necessarios. E até agora, o unico ponto da cidade que attrae os nossos visitantes, é a praça da Conceição. Amanhã será tambem a avenida Imbiára. Mais tarde, tambem a estrada daqui ás thermas quando comprehenderem essa imprescindivel necessidade, que é a garantia da cidade.

Ainda ha dias, um cavalheiro distincto, propagandista de nossas fontes e que nos dá o prazer de sua amavel visita todos os annos, nos dizia:

Os jardins de Araxá, antes tão floridos, com suas rosas invejaveis, com os seus canteiros tão cuidados, não são mais aquelles. Á Estrada do Barreiro então está ameaçadora. Que houve? Respondemo-lhe immediatamente: – Muita chuva e chuvas nunca vistas.¹⁹⁹

Após a iniciativa privada ter lançado projetos considerados arrojados, como o da construção do “Grande Hotel” da avenida Imbiara ou dos novos pedidos de privilégios para realizarem as melhorias “definitivas” na estância, houve uma espécie de chamamento ao poder público estadual para definir os destinos turísticos de Araxá.

No período posterior à introdução do transporte ferroviário direto, o governo mineiro tentou repassar às empresas particulares, outras vezes mais, os ditos melhoramentos a serem implantados na estância. Em 1928, o Estado comprometeu-se a oferecer a planta do terreno em que um novo projeto seria construído, bem como o privilégio do aproveitamento e a isenção de todos os impostos estaduais e municipais durante os dez primeiros anos de contrato. Dessas obras, que deveriam ser concluídas em três anos, constavam um Balneário com no mínimo cinqüenta banheiros (para banhos de imersão, salas para duchas, inalações e mecanoterapia com respectivos aparelhamentos), um cassino-teatro com capacidade mínima para quinhentos espectadores e com salões de diversões e salas para festas, um hotel-sanatório com cerca de cem quartos e, por fim, um parque na área das fontes abrangendo a nascente da água radioativa. Desta vez, novamente, o sonho da estação *ideal* não seria concretizado.

No II Congresso das Estâncias Hidrominerais de Minas Gerais, realizado em Araxá no ano de 1929, reavivaram-se os mesmos problemas abordados naquele primeiro, ocorrido em 1923, inclusive com intensa cobertura do jornal *O Estado de São Paulo*. Assim como

¹⁹⁹ MINAS BRASIL. Araxá, n.258, 11/04/1926, p.1-2. Arquivo FCCB.

antes, foram debatidos temas como crenologia, administração, divulgação, acessibilidade e finanças das estações balneárias. Exposições de trabalhos sobre os estudos das águas e as novas perfurações feitas por especialistas em Araxá também constaram da pauta de discussões.²⁰⁰ Evidentemente, imensas dificuldades permeavam a vida das estâncias mineiras. Em Araxá, o aparelhamento adequado incluiria, fundamentalmente, um Balneário definitivo, novos hotéis, empresas arrendatárias das águas com engarrafamento e exportação do produto, melhorias de serviços urbanos – entre os quais de saneamento, pavimentação e embelezamento – e extração dos sais minerais com pequenas indústrias deles derivadas. Enfim, os mesmos componentes que há décadas vinham sendo pontuados.

O fato é que o processo de urbanização e de modernização de Araxá, até os anos 1920, expressou o desejo de reformular o espaço público, fazendo com que os cidadãos pudessem viver um novo tempo, mais salubre, confortável e ativo, sem que se rompessem, conforme o prometido, com as formas tradicionais de produzir, de circular e, fundamentalmente, de pensar. A dinâmica dessas transformações vividas pressupunha a existência das águas minerais e a viabilidade de sua utilização como referencial terapêutico. Nessa perspectiva, o debate acerca da necessidade de se realizarem melhoramentos urbanos e de se aparelhar o Barreiro apontou para a constante busca de uma posição de estância *progressista*, integralmente destinada a receber aquáticos e visitantes.

Particularidades tenderam a revelar uma cidade e um Balneário que, mesmo separados geograficamente, estiveram unidos por intensas relações espaciais e sociais. Os modos de viver em um e em outro, entrecruzados, indicaram que neles existiram, simultaneamente, vários tempos.²⁰¹ Essa integração cidade-balneário trouxe consigo significados, valores, regras e hierarquias, peculiares a cada um ou, então, semelhantes em um e outro.²⁰²

²⁰⁰ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, Recortes de jornais datados de 12/08/1929; 13/08/1929; 14/08/1929; 15/08/1929; 16/08/1929; e 20/08/1929. DIÁRIO OFICIAL DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte, n.09, 23/08/1929. Arquivo FCCB.

²⁰¹ O sentido dos tempos históricos e a alternância dos mecanismos que os fazem conservar, reproduzir e destruir-se são analisados por Alfredo Bosi. BOSI, Alfredo. “O tempo e os tempos.” In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p.19-31.

²⁰² CANCLINI, Néstor García. Op. cit. p.283-350.

II – COTIDIANO DA ESTAÇÃO (1920 e 1930)

*“A vida são as guerras e o medo da guerra;
o mundo do trabalho, das relações de trabalho, com as tensões a ela inerentes;
são os deveres do lar e os problemas de dinheiro;
são os laços de vizinhança e as obrigações por eles criados;
é a doença, a fadiga, o nascimento e a morte;
é o mundo das diversões locais.”*

(Richard Hoggart)

O foco desse segundo capítulo é o cotidiano urbano de Araxá e sua especificidade enquanto estação de águas. Espaços físicos análogos, criados e recriados por representações em torno de cidade e de estância, são ocupados por pessoas que neles vivem, trabalham, descansam ou se curam das mazelas da sociedade e do próprio corpo. As práticas discursivas médico-higienista-sanitaristas, associadas às dos construtores e planejadores, ancoraram os investimentos em saneamento básico, em pavimentação e no embelezamento dos espaços urbanos. Estes mesmos discursos coibiram práticas e motivaram outras consideradas apropriadas.

Nos anos 20 e em parte dos anos 30, as fontes do Barreiro e os espaços ao seu redor contavam com alguns melhoramentos urbanos considerados indispensáveis. A cidade, deles distante geograficamente, também buscava a alteração do seu panorama. Reformas físicas foram promovidas, bens e serviços foram incorporados às necessidades cotidianas e formas de viver próprias de um mundo em transformação foram adotadas pelos habitantes, incluindo-se entre esses os pertencentes à categoria dos trabalhadores.

Considerando-se tal perspectiva, busca-se, neste capítulo, analisar a experiência do convívio mantido entre técnicos, visitantes e população local em diversos ambientes públicos e privados, notadamente naqueles reservados à hospedagem, como os hotéis. Nas próximas páginas serão expostas algumas das formas que assumiram as alterações nos âmbitos do espaço urbano, das representações que envolveram a cidade e sua estância de cura, de veraneio e de lazer, das práticas assumidas por diversos segmentos sociais e das memórias daqueles que viveram esse cotidiano.

2.1 – CIDADE-ESTAÇÃO: REPRESENTAÇÕES

- **Criação e recriação de espaços**

Uma cidade não pode ser vista apenas como um espaço de atração que se abre para nele se desenrolarem histórias. Ao contrário disso, a cidade é a história em si e, como tal, o desenho dela deve ser decifrado em todos os seus traços ou lido em todos os seus sinais.²⁰³ Isso significa que se deve descobri-la pelo enfoque das instâncias do urbanismo enquanto

²⁰³ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.172-182.

possibilidades de compreender sua extensão física e seus personagens que simultaneamente a constituem.²⁰⁴

O traçado de Araxá foi definido, ao longo do tempo, pelas mãos dos administradores públicos sob as luzes dos profissionais detentores dos saberes técnicos, objetivos e, a princípio, neutros. As intervenções promovidas estiveram amparadas pelo poder de riscar e de calcular dos engenheiros, arquitetos e construtores, aliado às ações médicas que respaldavam os pressupostos da chamada linha higiênico-sanitarista. Com instrumentos assim disponíveis, utilizados no seu desenho e na resolução dos problemas nele inscritos, acreditou-se que, uma vez alicerçado nos preceitos da medicina e da engenharia, o núcleo urbano poderia tornar-se tanto aprazível quanto saudável.²⁰⁵

Pensar nos espaços da cidade e da estação balneária exige, portanto, observá-los não como territórios fixos e homogêneos, mas como algo que deve ser percebido pelas imagens que se compõem e se sobrepõem. Percorrer as trilhas dessa vida urbana é compreender as relações de poder concentradas nos códigos de convivência e de sociabilidade, nas formas de resistência às transformações urbanísticas, nas atitudes e nos comportamentos daqueles que circularam por seus lugares públicos e por seus ambientes privados.²⁰⁶ Aspectos como esses poderiam explicar, em certa medida, uma espécie de pioneirismo, ou melhor, de singularidade das estações de águas enquanto cidades. Em uma e outra condições, o conjunto delas atuava como referencial de urbanização, de salubridade, de crescimento material e de conforto, estabelecendo padrões mínimos de conformidade entre o mundo interno domiciliar e, principalmente, o mundo exterior a este, o das ruas.²⁰⁷

Concentrando a dupla função de cidade e de estância de cura e veraneio, Araxá acolheu esta tendência, que se disseminou pelo mundo ocidental a partir do término do século

²⁰⁴ BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994. p.7-11. Buscando superar as proposições contraditórias dos “urbanismos progressista e culturalista”, Maria Stella Bresciani aponta “portas conceituais” para ingressar na análise da e sobre a cidade, envolvendo questões como a social, a sanitária, a filantrópica, a da cultura popular, a da memorização e a da experiência específica do viver urbano. BRESCIANI, Maria Stella. “Cidade e história.” In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: CNPq/ FGV Editora, 2002. p.16-35.

²⁰⁵ Ao referir-se à urbanização no século XIX, Richard Sennet a define como algo para além da “difusão de hábitos urbanos”; a conceitua, ainda, como uma “difusão de forças antitradicionais”, envolvendo a administração, as finanças e as leis. SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.163.

²⁰⁶ Nesse sentido, considero a definição de Sennet, reforçando as premissas de Bresciani de que os problemas da cidade não se resumem na união dos saberes do médico e do engenheiro na configuração da cidade. Vale dizer que a sua inserção no campo simbólico a revela como “espaço politizado”. BRESCIANI, Maria Stella. Op. cit., 2002. p.30.

²⁰⁷ WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.228.

XIX.²⁰⁸ O impulso da freqüência aos balneários favoreceu a estação de águas que buscou unir as noções de higiene, de saúde física e de embelezamento às possibilidades inovadoras de trabalho e de lazer. Devia-se, então, viabilizar condições propícias para oferecer as águas e os atrativos decorrentes do seu uso aos visitantes que chegavam. Os espaços urbanos e o seu cotidiano foram definidos a partir das formas como os habitantes ocuparam os seus territórios, os imaginaram e neles se organizaram para desenvolver a produção. Em se tratando de uma cidade construída natural e materialmente sob o emblema das águas, a visibilidade conquistada e os contatos mantidos entre moradores e veranistas aproximaram Araxá da *Belle Époque* não apenas nos anos 20, mas também a partir de 1930.²⁰⁹

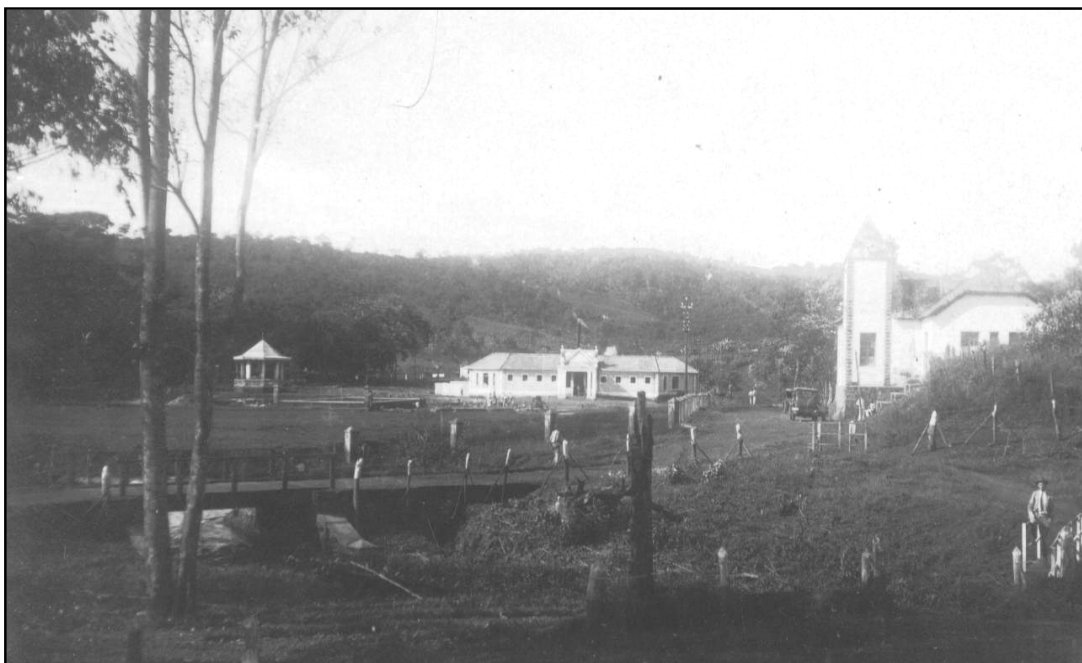


Imagem 7 - Barreiro de Araxá, no início da década de 1920.²¹⁰

²⁰⁸ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965. p.463-472.

²⁰⁹ CHARTIER, Roger. "O mundo como representação." In: REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS. São Paulo, vol.5, n.11, jan./abr. 1991. p.79; 182-184; NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.209-267. Tradicionalmente, a historiografia tem se referido à *Belle Époque* como a um período compreendido, sobretudo, entre 1870 e a primeira Guerra Mundial. No Brasil, a duração desse tempo de euforia e de descoberta presente na vida urbana teria ocorrido entre 1900 e 1920, conforme analisa Sevcenko. Há que se observar, contudo, que Araxá viveu essa experiência nos anos 20, estendeu-a pela década de 30 até alcançar a de 40, introduzindo um tempo, ou uma bela época, próprio de praticar e de sentir a cidade e sua estação de águas. SEVCENKO, Nicolau. "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso." In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 3). p.35-37.

²¹⁰ À direita vê-se o prédio da subestação de luz; à esquerda, o quiosque; e ao centro o balneário depois de ampliado. Década de 20. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 00122. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB). Neste capítulo, os procedimentos adotados para o uso das

Até os anos 20, aproximadamente, as fontes e os espaços ao seu redor receberam serviços considerados indispensáveis; neste período, essa área já contava com hotéis, Balneário, estrada e jardins, como se pode observar na imagem apresentada anteriormente, parte representativa deste cenário. A cidade, por sua vez, também buscava a alteração do seu panorama urbano com bens, serviços e formas de viver inspirados no campo oposto ao da tradição. A transfiguração de Araxá, que pretendia se tornar uma estância modelo, constituía o imaginário da população, particularmente daqueles que formavam os diversos grupos envolvidos no processo de engajamento às mudanças que se operavam.²¹¹

A condição de cidade-balneário pôde ser alcançada por meio das mudanças físicas ou do discurso enquanto representações das experiências vividas ou das que se esperavam viver. Ancorado nessas representações formuladas de criação e recriação de espaços urbanos próprios de uma cidade destinada à cura e ao veraneio, o processo de gestão de um novo e almejado Balneário com pretensões definitivas teve início somente nos anos 1930. A unicidade pretendida deparou-se permanentemente com a existência de ambientes que se mostravam plurais. O cotidiano da cidade e os ritmos nela presentes evidenciaram-se, por um lado, pelo modo de viver dos moradores, dos construtores-planejadores, dos higienistas, dos comerciantes, enfim, dos trabalhadores de várias categorias e, por outro, pelas expectativas dos visitantes, cidadãos e cidadãs que chegavam para as temporadas de banhos, de descanso ou de jogos.

Considerando-se que os estilos de vida adotados na cidade são provisionais e devem ser assumidos com prudência, entende-se que a convivência entre moradores e visitantes e as atitudes de todos para com os espaços urbanos acabaram por buscar dimensões do social que o mundo racional ignora.²¹² A historicidade de Araxá e de sua estação de águas deve ser vista, portanto, como uma reconstrução de tempos, de espaços e de relações sociais. Neste percurso, a interface entre a cidade e o Balneário nela contido impôs-se como algo concreto, mas as

imagens como fonte, descritas nas legendas, foram selecionadas para darem maior visualidade ao texto favorecido pelo seu cruzamento com as demais fontes. Para isso, utilizo como referências as propostas de Ana Maria Mauad e Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes. Ver: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003. p.11-35; MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história – interfaces”. In: TEMPO. Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996. p.95 e 96.

²¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. p.7-25.

²¹² MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Op. cit. p.11-36.

sensibilidades inerentes à primeira e ao segundo sinalizaram a subjetividade determinante do formato que a rede urbana ganharia.²¹³

O projeto modernizador concebido pelos republicanos e que havia sido implantado no Brasil nos primeiros anos do novo regime atingiu não somente Rio de Janeiro, São Paulo ou Belo Horizonte, entre outros grandes centros. Diversos lugares dele se apropriaram, todos eles inspirados no ideal europeu de civilização.²¹⁴ Araxá viveu essa tentativa de transformação e absorveu os elementos naturais de uma cidade, especificamente uma cidade-balneário, caminhando ao encontro de avanços tecnológicos, que, no entanto, revalorizariam a natureza do Barreiro. Nesta recondução estavam à mostra formas específicas de lidar com a urbanização deste território, cuja grande riqueza concentrava-se nas águas que jorravam das suas fontes.

O espaço urbano constituiu-se no lugar, por excelência, que poderia representar o rompimento de uma sociedade estabelecida tradicionalmente e inseri-la na nova ordem de mudanças, ainda que para isso se fizesse necessário unir antigos modelos a outros inovadores. Dotar esse espaço de uma atmosfera tanto higiênica e bela quanto rica e próspera era a premissa então em vigor. O fato é que a forma de operacionalizar tal tendência seguiu diferentes práticas de vincular o crescimento material à busca incontestada de se tocar a alma e de se alterar o modo de vida dos cidadãos.²¹⁵

Na cidade, circundada pelo fetiche do vai-e-vem do visitante, especialmente aquele portador de opiniões favoráveis manifestas, o processo de instalação da ferrovia havia se arrastado por quase todo o período da Primeira República. Construíram-se e destruíram-se, continuamente, as imagens relacionadas à estância que se formava. A implantação do transporte ferroviário e a inauguração de serviços e obras públicas considerados essenciais ao bem-estar coletivo, à saúde e à prosperidade, definindo hábitos e comportamentos moldados por um quadro de intensa disputa pelo poder, valorizaram ou condenaram os homens públicos. Mais do que isto, estigmatizaram moradores cujas idéias indicavam aspectos mais, ou menos, transformadores. O labor esteve vinculado ao êxito ou ao insucesso dos presidentes da Câmara Municipal e dos agentes executivos – sendo que estes últimos foram substituídos, em 1915, pelos prefeitos nomeados e pelos políticos que, em torno daqueles, compuseram significativos traços do delineamento urbano.

²¹³ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncoras de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005. p.91-157.

²¹⁴ LEPETIT, Bernard; SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Por uma nova história urbana*. Tradução de Cely Arena. São Paulo: EDUSP, 2002. p.137-189.

²¹⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.50.

Em outro sentido, essas ações constatadas no âmbito particular chegaram a ser definidas como próprias do arrojo de empreendedores que assim teriam agido motivados pela ausência da locomotiva, insistentemente lamentada. Essa corrente de idéias circulou pelo fato de hoteleiros, fazendeiros e profissionais liberais terem ingressado em empreendimentos importantes, como a construção de estradas particulares de automóveis ligando Araxá às estações férreas de Sacramento, à Uberaba e à antiga São Pedro de Alcântara, hoje Ibiá. Contudo, mesmo com a presença dos motores dos automóveis, com seus ruídos e aromas, associada ao poder de clarear dos seus faróis – que desde cedo estiveram na vida cotidiana dos araxaenses –, nunca se chegou a considerar a estrada de ferro indispensável.²¹⁶ (Ver Anexos, Mapa 1).

A celebração das estradas de automóvel já havia tornado explícita a posição vacilante entre os trilhos e os *autos*, ainda que a iniciativa reconhecidamente ousada de particulares fosse também justificada como resultado da ausência de forças políticas representativas. Mais do que isso, as reivindicações no sentido de transformar positivamente a cidade contribuíram para imprimir nitidez ao caráter provisório da vida urbana. Cercavam-na da ambivalência de se recorrer ao passado como meio de viabilizar o seu futuro enquanto cidade-balneário.²¹⁷ Na intenção de eliminar o obsoleto e de consagrar o novo, as relações sociais mostravam-se, até certo ponto, comedidas, mas também tensionadas.

Nota-se que, até os anos 20, a cada prefeito empossado para uma nova gestão retomava-se a luta para que Araxá fosse ligada diretamente, pela ferrovia, aos maiores centros do país. Domínio de muitos, esta postura pareceu indicar que seria este o caminho propulsor dos melhoramentos que, vinculando noções de benefícios urbanos às de enaltecimento da eventual condição deles derivada, colocariam termo aos entraves e confeririam a Araxá o “conceito da mais importante estância hydro-mineral”.²¹⁸ Dessa maneira, a articulação da rede ferroviária com a estação de águas seria por si só um empreendimento significativo, mas, sobretudo, capaz de evidenciar a ação administrativa aliada às novas possibilidades de melhorias.²¹⁹

Até então, as transformações urbanas viram-se inevitavelmente interrompidas, já que da localização dos trilhos e da estação férrea dependeu a escolha de uma planta que,

²¹⁶ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.18, 22/06/1919, p.1. Arquivo FCCB.

²¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.93.

²¹⁸ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.01, 16/02/1919, p.1. Arquivo FCCB.

²¹⁹ Sobre a necessidade de os administradores públicos evidenciarem atuação e poder em obras públicas, ver: SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª.ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.81.

posteriormente, modificaria a fisionomia da cidade.²²⁰ Em certos aspectos, o adiamento da instalação da via férrea bloqueou as reformas espaciais. Chegara-se a cogitar a possibilidade de o traçado da ferrovia atingir o lugar conhecido como “Pão de Assucar”, devido à redução em quilômetros que esta extensão acarretaria. As questões relativas à introdução tardia do trem de ferro e de sua estação definiram-se em favor de uma posição estratégica. A gare inaugurada em 1926 concentrou em torno dela a praça planejada para esse fim. Logo depois batizada de praça Arthur Bernardes, a popularmente denominada praça da estação modelou-se entre dois importantes referenciais urbanos: a igreja Matriz de São Domingos – em construção – e o ponto inicial da estrada do Barreiro, ou seja, em direção às fontes de águas minerais. (Ver Anexos, Mapas 3 e 4).

Encontrar a dita ordem urbanística e com ela uma ação normativa nascida da afinidade entre gestores públicos, médicos, higienistas e urbanistas era essencial para que se criassem e recriassem espaços. Unindo idéias, interesses e poderes afins, garantiu-se ambientação própria para o uso dos espaços públicos, ainda que submetidos a um controle permanente.²²¹ Cumpre lembrar que a materialização desses espaços físicos fez-se acompanhar sempre do espectro da cidade enquanto território propício para estanciar-se.

A Voz Parochial, jornal que circulou entre os anos de 1917 e 1920, entre outros assuntos, havia dado realce às questões urbanas, mais especificamente à construção da nova Matriz, à força da parcela da comunidade favorável ao seu projeto e às pendências da Prefeitura quanto à posse de muitos terrenos.²²² Antes, porém, a Câmara concedera autorização ao pedido de auxílio para as obras da igreja, considerando, ainda, que ela contribuiria para a uniformização e o alinhamento das vias centrais, entre as quais a atual avenida Antônio Carlos, o largo D’Abadia (atuais praças São Domingos e Emílio Phillipini, respectivamente) e as ruas das Flores e do “Comercio”, hoje nomeadas ruas Calimério

²²⁰ A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.27, 01/01/1920, p.1. Arquivo FCCB. Um projeto de construção da estação férrea na avenida Lavapés entrara em debate. Esta opção foi desconsiderada, levando-se em conta que a aludida localização não acompanhava a direção do crescimento urbano, naquele momento, rumo às fontes do Barreiro. MINAS BRASIL. Araxá, n.117, 15/07/1923, p.3. Arquivo FCCB.

²²¹ FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996. p.22; FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.108-109.

²²² A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.27, 01/01/1920, p.2. Arquivo FCCB.

Guimarães e Dr. Franklin de Castro.²²³ A configuração do espaço público restringia, portanto, a participação popular, na medida em que às elites estavam reservados os direitos de decidir e de empreender. (Ver Anexos, Mapa 4).

A nova igreja Matriz, que teve suas obras iniciadas em 1917 e concluídas somente em 1948, fez parte de um “plano de reurbanização”.²²⁴ A antiga igreja de mesmo nome foi demolida somente em 1930. Em grande medida e especificamente neste caso, a Igreja e o poder público mantiveram-se unidos. A ambos interessavam soluções urbanas que favorecessem o projeto da nova Matriz e sua inserção no planejamento do centro da cidade, ainda que tais decisões contrariassem os proprietários das aludidas áreas. Todavia, o ritmo empreendido na sua construção evidenciou o contraste do impulso ditado pelas transformações que procuravam desenhar a nova paisagem, embora deixasse explícito o caráter ambíguo das mudanças, naturalmente presente na vida urbana.²²⁵

[...] Não se admire pois, o povo do Araxá pela aparente lentidão com que são conduzidas as obras da nova Matriz, e não se deixe levar pela impaciência que caracteriza a nossa geração de querer vêr á tarde o fructo da semente que lançara á terra pela manhã.
Apesar do desanimo que reina em alguns corações, a nova Matriz não tardará muito em converter-se em uma esplendida realidade.²²⁶

Em meio a uma atmosfera transformadora, a imprensa dedicou-se insistentemente a noticiar a necessidade de se dotar de melhoramentos a Santa Casa de Misericórdia de Araxá. Esta instituição era vista como uma daquelas edificações que deveriam contribuir para o “engrandecimento”²²⁷ do município, embora lhe fossem atribuídas fragilidades naturais concernentes às exigências do higienismo. No mesmo período, um panorama das reformas já efetivadas era traçado semanalmente pelas páginas dos jornais, referendando o significado do tema.

²²³ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1914-1930. 07 jan. 1915. p.9-12. Arquivo FCCB.

²²⁴ O chamado “plano de reurbanização” referia-se a mais de um projeto e, portanto, não havia uma unidade nesse sentido. Ainda assim, só seria possível se o município detivesse a posse dos terrenos que desde o início da formação urbana de Araxá pertenciam à Igreja. A esta interessavam a desapropriação e a venda de parte de seu patrimônio, até mesmo para edificar a obra da nova Matriz. O desenvolvimento das negociações, por longo tempo, foi permeado por complicada rede de interesses e especificidades que extrapolam o recorte temporal adotado neste estudo. A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.27, 01/01/1920, p.2. Arquivo FCCB. LIVRO Tombo da Igreja Matriz de São Domingos. Araxá, 1911-1948, n.1, p.5-46.

²²⁵ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.42, 25/10/1914, p.1. Arquivo FCCB.

²²⁶ A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.03, 27/05/1917, p.1. Arquivo FCCB.

²²⁷ TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.03, 01/12/1914, p.1. Arquivo FCCB.

Em 1920, a municipalidade havia isentado o pagamento dos impostos predial e de água, durante quatro anos e, depois, mais quatro, aos prédios novos que fossem levantados em lugar das chamadas “casas velhas” pertencentes a terceiros ou àqueles adquiridos até 1921.²²⁸ As inovações das fachadas e dos muros de residências e pontos comerciais, seguidas das construções de garagens para abrigar automóveis, constaram do considerável conjunto de requerimentos enviados à Prefeitura para executar transformações nos aspectos construtivo e estético da cidade.

Ares de estranhamento, mas também de espírito reformador, foram sentidos ainda em outras iniciativas que tentavam promover melhorias na cidade e no Barreiro. Para Araxá, que, antes mesmo da luz elétrica, acostumara-se a assistir às cenas em que os faróis dos automóveis iluminavam a escuridão das ruas, os espaços públicos representavam um importante foco de atração, envolvendo administradores, moradores e visitantes. Assim, tratando-se de uma cidade que buscava sua afirmação como estância turística,²²⁹ os trabalhos do chamado “jardim publico”²³⁰ da praça Coronel Adolpho encontravam-se adiantados, até que a imprensa registrou:

O jardim publico da praça Cel. Adolpho, acha-se quasi prompto, quanto aos trabalhos de terra. Em breves dias, lá estarão para gaudio dos olhos educados a polychromia deliciosa das flores e das toietes garridas das senhoras e as arvores farfalhantes e perfumosas. [...] ²³¹

O toque elitista dado à nota amparou-se na reivindicação junto ao poder público para que se realizassem concertos musicais na praça, atendendo à expectativa da população local e visitante. “[...] A musica influe decididamente nas maneiras de um povo, e attrahirá á elegante praça concurrencia infalivel e selecta, permittindo alguns instantes de diversão aos que nos procuram, e dando ao Araxá um aspecto novo e brilhante” ²³²

²²⁸ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1914-1930. 03 nov. 1920. p.87. Arquivo FCCB.

²²⁹ Entende-se aqui por estância turística um lugar destinado ao lazer, que, por sua vez, segundo a definição de John Urry, requer “um trabalho regulamentado e organizado” capaz de atender às expectativas do visitante. URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 2ª.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.17-19.

²³⁰ A praça assim já se chamava, embora a antiga igreja Matriz nela situada, cuja existência justificara sua denominação anterior – praça da Matriz –, mantivesse suas funções religiosas, fato que ocorreria até 1930, quando foi demolida.

²³¹ GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.08, 15/07/1917, p.1. Arquivo FCCB.

²³² Ibidem.

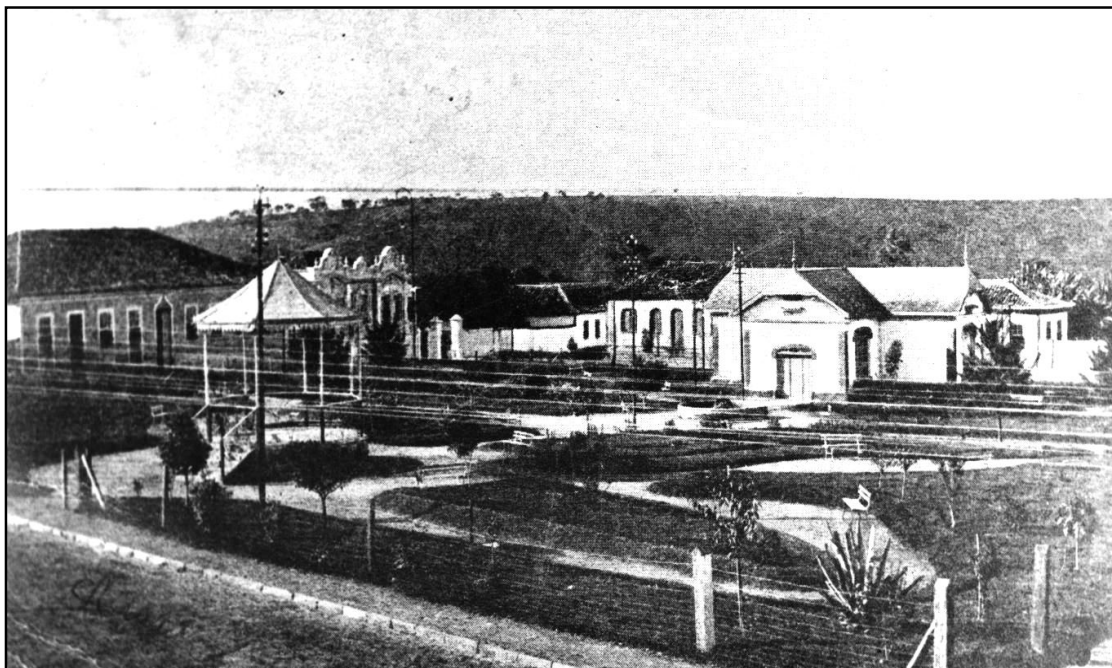


Imagem 8 – Jardim público da praça Coronel Adolpho.²³³

O jardim e o coreto, inaugurados desde 1918, compuseram o cenário da praça, que já contava com o prédio da subestação de luz. O novo traçado, recortado por passeios que uniam os canteiros ao coreto e aos demais pontos, incluía lugares para bancos.²³⁴ Dessa forma, novos hábitos foram introduzidos, os quais recebiam a definição de divertimentos.²³⁵ O gramado e os canteiros causavam admiração e proporcionavam horas de lazer não só às chiques e elegantes elites locais, mas também aos visitantes. No entanto, diante do confronto entre os antigos e os novos comportamentos, foi preciso cercar o jardim com arame para proteger todo aquele encanto dos atos de depredação dos “vadios e desocupados”.²³⁶ Tal medida não impediu que a praça fosse saudada pela imprensa: “[...] mudou as feições do velho posciglio publico, em sitio mais agradável da cidade”.²³⁷ (Ver Anexos, Mapa 4).

²³³ O jardim público da praça Coronel Adolpho foi inaugurado com direito a um coreto para a apresentação de retretas aos domingos, canteiros floridos e bancos para proporcionarem conforto e comodidade. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 0057C. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

²³⁴ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.03, 02/03/1919, p.1. Arquivo FCCB.

²³⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole - São Paulo: sociedade e cultura nos prementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.89-90. O autor analisa, especificamente neste caso, o uso do termo “diversões” para designar essas novas práticas que se tornavam regulares.

²³⁶ A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.22, 01/04/1918, p.1. Arquivo FCCB.

²³⁷ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.03, 02/03/1919, p.1. Arquivo FCCB.

Embora esse espaço público despertasse o interesse especialmente das elites, o hábito das retretas dominicais na praça pública foi estimulado sob a justificativa de se disponibilizar uma forma de entretenimento a todos os segmentos sociais. Da mesma forma, a estréia e o uso do coreto como espaço disponível para concertos populares ao ar livre foram celebrados. Ainda que esse atrativo musical tenha sido justificado por ser acessível à população como um todo, era ameaçado de receber punições aquele que depredasse o jardim e prejudicasse a “bellesa do grammado arrancando sempre flores dos canteiros”.²³⁸

Enquanto a cidade vivia a euforia da inauguração do jardim da praça central, o poder público recebia aplausos da imprensa como o responsável por proporcionar um lugar de diversão. Outro jardim, o do antigo largo da Conceição, também foi projetado para contar com coreto, bar, campo para jogo de tênis e pista de patinação, afora a exibição das especificidades do paisagismo. O coreto, em particular, configurou-se, por muito tempo, como espaço de atuação dos profissionais da música, que foram estimulados por contratos de apresentações com a Prefeitura.²³⁹ (Ver Anexos, Mapa 4).

A grande expectativa, sem dúvida, ficou por conta da criação da gruta de Nossa Senhora de Lourdes nesta praça, que reuniu alguns dos importantes componentes então exigidos para territórios como esses: caminhos sinuosos, canteiros, coreto, bancos confortáveis, pista de patinação e, no entorno, as residências das elites.²⁴⁰ Do processo de embelezamento adotado por Haussmann em Paris constou o modelo londrino de parques, tradicionalmente projetados com a técnica inglesa de jardinagem, segundo a qual não podiam faltar grutas, riachos e pequenas rotas, entre outros estereótipos.²⁴¹ O que se viu na praça da Conceição, em Araxá, com a gruta – curiosamente chamada *de Lourdes* – e os caminhos recortando jardins floridos, foi mais um exemplo de como as condições de apropriação de modelos urbanísticos disseminaram-se por inúmeras cidades.²⁴²

²³⁸ A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.22, 01/04/1918, p.1. Arquivo FCCB.

²³⁹ MINAS BRASIL. Araxá, n.144, 30/12/1923, p.3. Arquivo FCCB. Possivelmente, fora o paisagista paulista Reinaldo Dierberger, da Casa Dierberger, o responsável por este projeto inspirado em modelos ingleses. Além do paisagismo executado por ele no Barreiro naqueles anos 20, Dierberger realizou outros trabalhos em algumas estâncias mineiras e na capital, Belo Horizonte. Nota-se, então, a tradição da estância enquanto foco de atração para a prática de técnicos renomados cuja experiência profissional estendia-se geralmente aos espaços da cidade. A manutenção de tal prática foi observada outras vezes, nos períodos subseqüentes. Recorte do jornal ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 21/08/1929. Arquivo FCCB. NEEDELL, Jeffrey. Op. cit. p.51.

²⁴⁰ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.12, 11/05/1919, p.1. Arquivo FCCB.

²⁴¹ NEEDELL, Jeffrey. Op. cit. p.19-73.

²⁴² LEPETIT, Bernard; SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). Op. cit. p.137-189.



Imagem 9 – Praça da Conceição.²⁴³

Contudo, a ambigüidade do processo de modernização foi nítida na transformação desses espaços públicos em pontos de lazer. Antes mesmo da inauguração do jardim da Conceição, ocorrida em 1919, algumas medidas foram tomadas pelo prefeito, entre as quais a solicitação de cercamento da praça, provisoriamente, com arame farpado e “moirões toscos”,²⁴⁴ a fim de impedir que transeuntes e até boiadas perturbassem os serviços e estragassem os canteiros.²⁴⁵

O Barreiro estava arrendado à iniciativa privada e a experiência de cedê-lo à empresa “Botelho & Magalhães” (dirigida por Thiers Botelho e Antônio de Castro Magalhães)²⁴⁶ recebia elogios da imprensa, a qual afirmava que as condições da estância gradativamente melhoravam, provocando o aumento do número de veranistas e aquáticos que a frequentavam. Os concessionários haviam realizado melhoramentos no local das fontes, entre os quais a

²⁴³ Um dos modelos da modernização empreendida na cidade, a praça da Conceição reuniu alguns dos importantes elementos exigidos para um espaço público como este: caminhos sinuosos, canteiros, coreto, bancos confortáveis, rинque de patinação, gruta *de Lourdes* e as residências das elites no entorno. Há uma inscrição da data, feita à máquina, no canto superior esquerdo da imagem, gravada pelo seu doador. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 00769. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

²⁴⁴ Peça de madeira comumente vista nas paisagens rurais e urbanas, compondo uma espécie de cerca que une resistência à rusticidade. CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. 3ª.ed. São Paulo: Global, 2001. p.16-39.

²⁴⁵ SENNET, Richard. Op. cit., 2003. p.79-109.

²⁴⁶ Esta empresa substituiu aquela primeira, chamada “Sociedade Auto-Viação Araxaense” (ou “Botelho & Cia.”), criada em 1915. (Ver Capítulo 1, item 1.3).

drenagem, a limpeza e o beneficiamento do entorno do manancial, chamado de bosque. Neste, abriram e encascalharam ruas, fazendo caminhos floridos com “bancos toscos e fontes provisórias” formadas junto aos córregos. A empresa construiu, ainda, um barracão temporário onde, por determinado tempo, a água que seria comercializada era engarrafada. Como se tornou visível nas correspondências enviadas pelos sócios da “Botelho & Magalhães” ao executivo municipal, todas as ações dessa empresa tinham por objetivo “cercar os aquáticos de toda comodidade e conforto possíveis”.²⁴⁷

A implantação da rede telefônica unindo a linha do Barreiro à cidade fora obtida por lei municipal.²⁴⁸ O projeto de instalação de bondes elétricos no Barreiro, por seu turno, vez por outra entrou em cena, mesmo depois de viabilizada a estrada de automóveis.²⁴⁹ Para se defender a execução de tal projeto, argumentava-se sobre o alto custo do transporte por veículos. Ao contrário do que acontecera anteriormente, o automóvel – passado o impacto da sua estréia – já se identificava como privilégio de poucos, que o utilizavam como meio de buscar a cura e praticar o culto ao corpo.²⁵⁰

Transformar Araxá significava não só fazer dela uma estância de águas minerais, simplesmente. Objetivava-se, sim, formá-la como estação de “villegiatura”,²⁵¹ a partir do amparo nas suas características ambientais, como altitude, clima e vegetação natural. A atração pela natureza em equilíbrio com o panorama urbano também convidava os “elegantes da cidade” a usufruírem momentos de prazer. O parque do Barreiro foi freqüentemente eleito para acolher as pessoas que buscavam não apenas a saúde, mas também um ambiente natural, passível de socialização, que era oferecida pela possibilidade dos passeios em público.

Nesse sentido, a necessidade de escapar das mesmas atribuições sentidas num grande centro não era exatamente o caso dos habitantes locais. Mas o Barreiro possibilitava uma certa privacidade à elite, mesmo sendo aquele um lugar público.²⁵² Para que o local das fontes fosse alcançado o uso do automóvel fazia-se obrigatório, dificultando, de alguma maneira, o deslocamento dos indivíduos que estavam na cidade até aqueles espaços naturalmente convidativos. (Ver Anexos, Mapas 2 e 3).

²⁴⁷ GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.01, 27/05/1917, p.3. Arquivo FCCB; SILVA, Sebastião de Affonseca. *Ligeiros comentarios sobre a localização do novo estabelecimento balneario de Araxá*. Abril de 1936. p.4. Arquivo 00046/ ABPH-01/ FCCB.

²⁴⁸ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.190, 12/02/1917, p.2. Arquivo FCCB.

²⁴⁹ Depois de várias tentativas, em 1924, a Câmara chegou a autorizar o privilégio para construção dos bondes ligando a cidade ao Barreiro. No entanto, tal projeto nunca chegou a ser executado. ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1915-1930. p.120. Arquivo FCCB.

²⁵⁰ GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.10, 29/07/1917, p.1. Arquivo FCCB.

²⁵¹ MINAS BRASIL. Araxá, n.211, 01/05/1925, p.2. Arquivo FCCB.

²⁵² SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.117-128.

Ainda que os bondes elétricos não tenham ultrapassado a condição de projeto não executado, a idealização e os objetivos desta via estiveram eventualmente associados a outros meios de favorecer a estância, tais como o transporte, a rede hoteleira, o lazer e, obviamente, o jogo. Sua criação chegou a ser pensada como forma de dar sustentação à cidade-balneário a partir de três pilares. Os bons hotéis e cassinos poderiam ser construídos na cidade mesmo; os veranistas se deslocariam de bonde ao Balneário e às fontes, que, dessa forma, se manteriam mais próximos do ambiente originalmente natural; e, finalmente, a locomoção de um território ao outro se daria pelo carro elétrico, meio destinado a transportar, mas também a selecionar passageiros conforme a categoria social a que pertencessem.

Com tal delineamento, os grandes hotéis, casino e demais diversões, seriam construídos na cidade e o bonde com as suas 1ª, 2ª, e 3ª classes, daria uma prompta solução ao transporte, onde os preços das passagens de ida e volta de 1ª 2\$000, de 2ª 1\$000 e de 3ª 500 rs operaria sem vexame a seleção dos passageiros.²⁵³

Somados às águas, os ares bucólicos do Barreiro de Araxá atraíam homens e mulheres que chegavam para as temporadas, que podiam ser de banhos e de descanso, mas também de jogos. O jogo era praticado nos hotéis por segmentos privilegiados, enquanto os bares não deixavam de oferecer o concorrido carteadado. A vida cotidiana era paradoxalmente caracterizada por um elevado teor de heterogeneidade e, por isso, as estações revelavam-se como uma combinação de atributos diferentes, porém, nesse caso, integrados. Assim, pode-se perceber que pensar sobre Araxá, sua estância hidromineral e suas experiências diárias vividas por moradores e visitantes é pensar sobre a organização do urbano, com seus espaços de luta e de poder, mas também sobre as relações de trabalho, a vida doméstica, os eventos temporários, o descanso, o entretenimento e, enfim, a referida interação entre todos estes.²⁵⁴

- **Via higiênico-sanitarista**

O discurso médico derivado do saber técnico do higienismo ancorou as ações dos administradores públicos. Determinadas regras de higiene direcionaram os investimentos em saneamento básico, pavimentação e embelezamento, reformulando o espaço urbano e, ao mesmo tempo, eliminando antigos costumes dos moradores. Com a incorporação de outros

²⁵³ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.32, 03/08/1919, p.1. Arquivo FCCB.

²⁵⁴ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6ª.ed. vol.2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.17-41.

hábitos, esses procedimentos implicaram em algo mais, já que atos praticados repetidamente e por longo período não são de todo modo inflexíveis ou imutáveis. Uma sintonia bastante própria entre as variáveis do lugar e os seus personagens em ação permitiram que fossem plasmados outros meios de convívio cotidiano.

As estratégias executadas definiram práticas sociais nascidas dessas experiências e, assim, do grau de conhecimento e da subjetividade dos sanitaristas e construtores-planejadores. Tais práticas, associadas ao domínio dos saberes técnicos de médicos, engenheiros e advogados, amparados por administradores públicos, que, em geral, no exercício de seus cargos, traziam formação acadêmica numa dessas áreas citadas, mostravam mais do que tentativas de fazer com que se assimilassem normas. Sobrepondo-se a uma relação de assimilação apresentavam-se outras: de mando e de subserviência. Atender às exigências desses profissionais requereu habilidade de quem procurou implantar as mudanças nos espaços públicos e no comportamento dos habitantes sem que se pudesse, contudo, deixar velada a necessidade de neutralização imposta e tantas outras formas de dominação.²⁵⁵

A proposta higienista exigiu a limpeza e a reestruturação de vias e logradouros. Foi, portanto, utilizada como suporte ideológico para conduzir os problemas da cidade e legitimar as ações que pretenderam solucioná-los. Estas concepções acabaram por levar à reivindicação de maneiras devidas de se obter a saúde física e espiritual. Viabilizaram, ainda, o tráfego por ferrovias e rodovias, por vias urbanas limpas, calçadas e ornamentadas, além de estimular a existência de belas construções residenciais, hoteleiras e de um espaço para a estação balneária que buscou constantemente equipar-se para se adequar às exigências que se faziam para tal categoria.

No início dos anos 20, um “Guia Thermal das Aguas do Araxá”, editado em São Paulo, inseriu a cidade neste tempo de culto à saúde corporal:

N’um paiz como o nosso, em que a vitalidade da raça está se exaurindo aos golpes de endemias e de epidemias, maximé no seu vasto interior, a fundação de estações de recuperação de saude, al alcance de todos, é um dever governamental que incumbe a um tempo ao Governo da União, ao do Estado e ao do Municipio. Essas três administrações cometteriam um crime contra a Patria, si, na medida das attribuições legaes de cada uma, não concorressem com forte

²⁵⁵ Sobre o conhecimento enquanto invenção produzida por diversos mecanismos de dominação, ver: FOUCAULT, Michel. Op. cit., 1996. p.7-27. Ainda sobre os meios de modelar os costumes das pessoas, seguindo as ordens sanitárias do médico e do engenheiro, entrecruzadas no espaço da cidade com outras questões de caráter político e ainda econômico, ler: BRESCIANI, Maria Stella. Op. cit., 2002. p.16-35, especialmente p.27.

contingente de recursos para a transformação do Araxá em uma Carlsbad brasileira, ou melhor, americana do sul.

Não ha mais discutir sobre o incontestavel valor therapeutico das aguas mineraes do Araxá. Suas virtudes medicinaes são inegaveis em avultado numero de molestias, maximé nas do tubo digestivo, em toda a sua extensão, que são as molestias de que mais frequentemente soffrem os habitantes das latitudes em que o Brazil se acha situado [...].²⁵⁶

Por meio de artigos de jornal, de almanaques e de guias, entre outros tipos de publicação, Araxá divulgou uma descoberta científica que seria responsável por conduzi-la à posição privilegiada: uma de suas fontes detinha o poder de jorrar a água de “maior gráu de radioatividade do Brasil”.²⁵⁷

Em 1929, o Posto de Higiene – iniciativa do governo estadual adotada nos municípios – chegou a Araxá para implementar a medicamentação, oferecendo serviços de assepsia e de medicina preventiva.²⁵⁸ Instalado num ponto de destaque, na então rua do Comércio, sua atuação abrangeu desde noções de hábitos – como o de se manter latas de lixo fechadas –, fichamento de leprosos e identificação dos profissionais em contato direto com a população até campanhas de combate a mosquitos, que conduziram, paulatinamente, à substituição de fossas e cisternas por redes de esgoto. A partir de então, como resultado da ação profissional do Dr. Henrique Furtado Portugal, somada às relações sociais mantidas pelo médico, inúmeras solicitações chegaram à Prefeitura requerendo a instalação das referidas redes de esgoto.²⁵⁹ Ademais, o costume de não se eliminar utensílios com “aguas estagnadas” e outros apontavam a necessidade de esclarecimentos por parte do poder público, incutindo lições de higiene e mostrando o alcance prático das medidas exigidas.²⁶⁰

Na tentativa de promover a assistência médico-hospitalar na cidade e no Barreiro, o discurso sanitarista levou à inauguração solene, no mesmo período, do “Instituto Chimico Bacteriologico e Vaccino-therapico”, para, em 1932, viabilizar a instalação da “Sociedade de

²⁵⁶ GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Gerais, s/n., 1920. p.3.

²⁵⁷ CARVALHO, Horacio (Org.). *Album do Araxá*. São Paulo: Typographia Gutemberg, 1928. p.18.

²⁵⁸ Em Araxá, a partir desse momento, seriam implementadas outras atividades institucionais similares. Iniciativas como essas integravam grandes projetos públicos em que atuavam os médicos sanitaristas. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p.191. MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2005. p.87-89.

²⁵⁹ Há uma série de requerimentos datados de 30/12/1932 a 09/09/1947 solicitando a ligação da rede de esgoto das residências situadas em várias ruas centrais da cidade. Arquivo 07/ ACMA/ FCCB. Da mesma forma, foram localizados recibos datados de 25/07/1930, 06/08/1930, 28/08/1930 e 22/12/1930 referentes ao assentamento de passeios e de meios-fios, calçamentos, esgotos e bueiros nas ruas centrais da cidade. Arquivo 45/ ACMA/ FCCB.

²⁶⁰ RENOVAÇÃO. Araxá, ns. 12, 13, 14 e 15; 01/04/1934, 08/04/1934, 15/04/1934, 22/04/1934, p.1. Arquivo FCCB.

Medicina, Cirurgia e Crenologia de Araxá”.²⁶¹ Os dois organismos tinham à frente médicos respeitados, como os Drs. José Porfírio de Almeida Machado, Pedro Pezzuti, Álvaro Ribeiro, Mário de Magalhães, Hugo Levy e Thomás de Almeida, entre outros. Evidentemente respaldados pelo poder municipal, órgãos técnicos como estes mereciam o apoio irrestrito de todas as administrações municipais, em especial do prefeito Fausto Alvim, que desejava cumprir o contínuo e cristalizado objetivo de transformar a cidade “numa verdadeira estação de cura”, pois

Em Araxá temos tudo a fazer nesse sentido. Aqui se entrelaçam os problemas mais graves, tanto na cidade quanto nas termas: desde os que interessam à engenharia sanitária, urbanismo, indústria do turismo balnear, até as questões que dizem respeito à hidrologia e terapêutica de nossas águas minerais.²⁶²

Nessa diretriz, o prefeito expôs, em 1932, o plano de remodelação que os administradores das estâncias mineiras dirigiram ao presidente do Estado e do qual constavam uma espécie de Fundo Especial das Estâncias, um Conselho das Estâncias e uma Inspeção Técnica das Estâncias. Em forma de anteprojeto, o conjunto de ações justificou-se pela ausência de recursos financeiros destinados ao aparelhamento de algumas estações balneárias mineiras, num nítido contraste com os recursos naturais disponíveis. A única ressalva, naquele momento, referiu-se a Poços de Caldas, onde o governo anterior do presidente Antônio Carlos havia investido, segundo dizia-se, a quantia de 30.000:000\$000 (trinta mil contos de réis).²⁶³

Enquanto o Barreiro aguardava as ações por parte do Estado de Minas Gerais para elevar o nível de conforto material e de possibilidade de tratamento hidroterápico à clientela que o procurava, os trabalhos pelas ruas da cidade prosseguiram. Serviços de aterro, de encascalhamento, de ensarjetamento e de asfaltamento de vias centrais, prevendo-se, ainda, reformas nos prédios do Grupo Escolar Delfim Moreira e da Cadeia Pública, integravam os chamados “melhoramentos municipais”, os quais nasciam das pranchetas dos engenheiros civis José de Carvalho Lopes e Honório de Paiva Abreu. A pedido da administração

²⁶¹ Estas organizações integravam os mesmos projetos políticos financiados pelo Estado, concentrando no médico a função de cientista.

²⁶² Discurso pronunciado pelo prefeito Fausto Alvim durante posse da diretoria da Sociedade de Medicina, Cirurgia e Crenologia de Araxá. A OPINIÃO. Araxá, n.32, 21/08/1932, p.2. Arquivo FCCB.

²⁶³ Carta Aberta enviada pelo médico João Teixeira Álvares ao presidente do Estado, Olegário Maciel, publicada no jornal A OPINIÃO. Araxá, n.13, 10/04/1932, p.4. Arquivo FCCB.

municipal, estes profissionais desenvolveram uma planta cadastral da cidade para garantir-lhe um ordenamento racional a partir dos projetos urbanos adotados.²⁶⁴



Imagem 10 – Avenida Antônio Carlos.²⁶⁵

A aludida planta significava a existência do planejamento que muitos reivindicavam. As transformações urbanas dos anos anteriores, envolvendo construções e demolições, ganharam críticas de certos setores da comunidade por não apresentarem planos consistentes e duradouros, a começar pela periodicidade limitada, muitas vezes interrompida, das gestões municipais entre 1915 e 1930. A avenida Antônio Carlos, até então avenida D’Abadia, foi totalmente remodelada em seu traçado. Ganhou um “grande jardim”, o Jardim das Rosas, cujo significado relevante das roseiras conferiu-lhe, informalmente, um nome alternativo: avenida das Rosas.²⁶⁶ Esse jardim fora demarcado por vias internas asfaltadas e um coreto no ponto onde existia a antiga igreja Matriz. A visibilidade conquistada pela avenida associou-a à

²⁶⁴ A OPINIÃO. Araxá, n.1, 17/01/1932, ano 1, p.3. Arquivo FCCB.

²⁶⁵ Avenida Antônio Carlos com seu novo traçado, onde se vêem jardins, coreto, residências e a igreja ainda em construção, ao fundo. 1933, aproximadamente. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 410. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

²⁶⁶ PONTES, Hildebrando de Araújo. *Notícia Estatístico-Chorographia e Historica do Municipio da Araxá*. Belo Horizonte: Secretaria da Agricultura, 1928. p.73.

aparência de outras da capital Belo Horizonte,²⁶⁷ e a imprensa não deixou de comemorá-la como “[...] um grande acontecimento para Araxá, precursor de uma nova phase de desenvolvimento, do ponto de vista higienico, esthetico e de maximo conforto para os que aqui residem e nos honram com as suas visitas”.²⁶⁸ (Ver Anexos, Mapa 4).

A invocação aos visitantes fazia-se imediata, reportando sempre à lembrança daqueles que recorriam às virtudes terapêuticas das águas e às favoráveis condições climáticas de Araxá. O prefeito Fausto Alvim creditou à sua gestão, iniciada em 1930, a perspectiva de uma fase favorável para a cidade e para o Barreiro. Embora essa visão fosse compartilhada por muitos moradores, o chefe do executivo parecia manter-se consciente. As limitações financeiras apresentavam-se em todas as outras estâncias mineiras e ele chamou a atenção para este obstáculo durante uma palestra que proferiu no *Rotary Club* de Belo Horizonte, divulgando um plano de melhoramento progressivo do Balneário de Araxá.

O fato de o prefeito ter noticiado a inclusão do Barreiro no orçamento da Secretaria de Agricultura com uma verba de 60000\$000 e a autorização para fechar as fontes, passando-se a cobrar uma taxa, ainda que reduzida, sobre o uso das águas sulfurosas e radioativas, não o impediu de recorrer mais uma vez ao Estado. O tom de apelo explicitado naquele discurso para que a estação de águas se mantivesse independente dos recursos municipais ressoou, mais uma vez, no fetichismo da estância, que deveria ser “um dia a primeira da América e uma das mais freqüentadas do mundo”.²⁶⁹

Noções como estas, positivadas por discursos e experiências pessoais, se direcionavam aos referenciais existentes de estação balneária quer fossem no estado de Minas Gerais ou em outro ponto do país. Atingiam suas similares na América e, preferencialmente, no outro lado do Atlântico. A consolidação da estância não pôde esquivar-se da dualidade urbana visível, em primeiro plano, o físico, pela via de separação entre a cidade e as fontes; e, depois, pela existência simultânea de antigas e novas práticas sociais interligadas às diferentes formas de percepção do urbano.²⁷⁰ Eis o desafio: a consubstanciação de ambos os territórios não partia das possibilidades inseridas exclusivamente nos limites físicos de Araxá e do Barreiro.

²⁶⁷ Discurso pronunciado por Victório Marçola. A OPINIÃO. Araxá, n.10, 20/03/1933, p.3. Arquivo FCCB.

²⁶⁸ A OPINIÃO. Araxá, n.13, 10/04/1932, ano 1, p.4. Arquivo FCCB.

²⁶⁹ A OPINIÃO. Araxá, n.1, 17/01/1932, ano 1, p.3. Arquivo FCCB.

²⁷⁰ SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.164-165.

2.2 – FONTES, JARDINS E CASAS DE BANHOS

O Barreiro foi naturalmente criado com seus espaços onde brotaram água, lama e demais riquezas minerais. Tantos outros pontos daquela área viram-se culturalmente transformados. Entre o natural e o construído formaram-se o Balneário e a cidade como algo complexo, historicamente produzido. Impasses de ambos os lados, em permanente tensão, impuseram formas de viabilizar os meios de beber a água e definiram a maneira ideal para ingeri-la e usufruir seus poderes. Os banhos de imersão exigiram igualmente condições propícias ao seu melhor aproveitamento.

Mas, afinal, o que é esta estância e qual é a sua relação com a paisagem onde se bebe água, toma-se banho e respiram-se ares aprazíveis? Os hábitos mantidos reproduzem aqueles vistos enquanto modelo de estação balneária? Ser uma cidade-balneário pressupôs produzir uma materialidade a partir da benevolência da natureza. Para intervir com suas práticas sociais, administradores, técnicos, higienistas, empresários e trabalhadores em geral imprimiram conhecimentos e expectativas com o objetivo de configurar os espaços recíprocos da cidade e do Balneário tal como os entendiam e os imaginavam.²⁷¹

Nos primeiros anos da década de 30, construções pontuais já abrigavam as fontes Dona Beja (de água radiativa) e Andrade Júnior (de água sulfurosa), acolhiam visitantes em torno de um quiosque e forneciam energia elétrica por intermédio de uma subestação. Ao centro das edificações, a Casa de Banhos reunia atrativos tanto quanto experiências compartilhadas entre visitantes e funcionários, moradores e trabalhadores de Araxá. Jardins sinuosos, cuidadosamente planejados, uniam cada um dos pontos construídos com suas formas, suas funções e seus sentidos. Avizinhando-se desse conjunto, os hotéis, as pensões, os pequenos comércios e as moradias compunham o território do Barreiro, ligado à cidade, desde 1915, pela estrada ainda de terra e por tantas outras propriedades rurais. Atravessar essas fazendas, seguindo suas trilhas, fora também um dos meios de transitar entre os dois lugares durante décadas.

Se no Barreiro o primeiro Balneário foi construído pela empresa fundada por iniciativa de Thiers Botelho, a “Sociedade Auto-Viação Araxaense” ou “Botelho & Cia.”, constando de cinco repartimentos, sendo três quatinhos, uma sala e um cômodo para

²⁷¹ Partindo do pressuposto de que a cidade é um “artefato”, Ulpiano Meneses define tal caracterização como um “segmento da natureza socialmente apropriado” que se coloca invariavelmente como resultado e direção sujeito a determinadas forças nas práticas orientadas por representações. MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana.” In: REVISTA USP. São Paulo, n.30, jun./ago. 1996. p.149.

fornalha, o segundo ganhou novo formato. A firma “Botelho & Magalhães” contratou o engenheiro Ettore Bertacin – o mesmo que chegou a realizar projetos urbanísticos para a Prefeitura nos primeiros anos da década de 20 –, incumbindo-lhe o projeto arquitetônico daquela Casa de Banhos. Agora, sim, uma casa de dezesseis cabines para banho sulfuroso, cabine para banho de lama, sala de espera, sala para administração, consultórios médicos e “casa de força” garantindo os banhos quentes.²⁷²

Em 1927, médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba e de Araxá haviam acompanhado o então presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos, em sua visita às fontes do Barreiro. De passagem pelo território do antigo Triângulo Mineiro, o estadista comprometeu-se a beneficiar as águas de Araxá. O profissional da medicina Dr. João Teixeira Álvares compôs a comitiva e, como estudioso daquelas águas havia 40 anos, as considerava um “tesouro abandonado”. Mas o governo dispensava seu olhar ao Barreiro e o médico em questão definiu, momentaneamente, o prazer pessoal diante das primeiras ações do presidente mineiro: “[...] ver tombar e desaparecer o antigo muro de pedras que cercava as fontes, baluarte intransponível da ignorância, grosseira Bastilha que impedia a entrada do progresso e da vida”.²⁷³

A necessidade de melhorias contínuas levava à conquista e à execução de reformas no Balneário, nas fontes e no entorno destes. A fonte de água sulfurosa já se chamava Andrade Júnior há alguns anos quando o hidrólogo, geólogo e professor José Ferreira de Andrade Júnior, contratado pelo governo de Minas Gerais, realizara ali o trabalho de captação racional das águas referente à “sua vasão, a sua thermalidade, a sua salinidade”. Até 1932, o dispositivo para fazer seu uso diretamente na fonte era descrito como “profundamente antehygienico, até mesmo condenável, descommodo e inesthetico”.²⁷⁴ Tratava-se de um cano, nada mais do que isso. No entanto, considerando-se que o uso da água captada e encanada modificara hábitos anteriormente praticados, verifica-se que este ato em si – o de beber a água que chegava por meio de um mecanismo modificado pela condição humana – representava um certo avanço. Todavia, o fato era que se queria avançar ainda mais.²⁷⁵ E a imprensa, enquanto prática discursiva, cumpria o seu papel de lamentar a cena que estava acostumada a

²⁷² EDE, Martha Botelho. *Thiers: controvérsia de três tempos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004. p.41-80.

²⁷³ Carta Aberta enviada pelo médico João Teixeira Álvares ao presidente do Estado, Olegário Maciel, publicada no jornal A OPINIÃO. Araxá, n.13, 10/04/1932, p.4. Arquivo FCCB.

²⁷⁴ A OPINIÃO. Araxá, n.09, 13/03/1932, p.4. Arquivo FCCB.

²⁷⁵ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Entre a pele e a paisagem.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: Educ, n.23, nov. 2001. p.193-207.

assistir: idosos e reumáticos curvando-se até quase os pés para “colher o copo da bendicta agua”.²⁷⁶



Imagem 11 – Fonte *Radio-Activa*, Barreiro.²⁷⁷

Nos primeiros meses daquele ano de 1932, o enfrentamento para minimizar o sacrifício dos aquáticos junto à fonte foi tão extenuante quanto aquele empreendido para viabilizar financeiramente suas novas instalações. O prefeito recorreu ao construtor Manoel dos Santos para executar a obra da Fonte Andrade Júnior, também chamada de Bebedouro, segundo o projeto do engenheiro Raul Brizzi d’Mediolanum. O acordo estabelecia que o pagamento ao construtor se faria pelo produto da taxa mediante o uso das águas, adotada a partir de então. Posteriormente, esta taxa seria revertida em melhoramentos para a estância, tal como ocorria nas demais, “quer nacionaes quer estrangeiras”.²⁷⁸

A referência contínua a Araxá como reduto de incomparável riqueza hidromineral levou, durante décadas, a inevitáveis associações. Naquele momento, em especial, esperava-se que a estação de águas se tornasse a “rainha das estancias brasileiras e uma das maiores do

²⁷⁶ A OPINIÃO. Araxá, n.10, 20/03/1932, p.3. Arquivo FCCB.

²⁷⁷ A fonte de água radioativa, já conhecida como Fonte Dona Beja, foi fotografada após reforma em 1932. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 163C. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

²⁷⁸ A OPINIÃO. Araxá, n.10, 20/03/1932, p.3. Arquivo FCCB.

mundo”.²⁷⁹ Tais asserções mostravam-se latentes. Nasceram como produtos das análises científicas das águas, que faziam com que estas fossem comparadas às existentes nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Goiás, Paraná e Santa Catarina. Destacava-se, ainda, o fato de as descobertas de Araxá terem sido posteriores às demais de Minas Gerais, o que constituía mais um ponto favorável. O deslocamento do foco do sul de Minas para o sudoeste deste estado atraía as atenções dos veranistas e do mundo científico brasileiro, estimulando os estudos comparativos.



Imagem 12 – Fonte Andrade Júnior.²⁸⁰

Quanto às denominações das fontes em cidades mineiras, algumas daquelas localizadas no sul do estado, como em Caxambu, foram chamadas fontes “Duque de Saxe”, “D. Leopoldina”, “Conde d’Eu”, “D. Izabel” e “D. Tereza”, e uma em Poços de Caldas chamou-se “D. Amélia”. Nomes como esses estavam claramente relacionados ao Brasil imperial, enquanto Araxá já havia nascido como uma estância republicana. Não foi por acaso que suas principais fontes receberam nomes em homenagem a dois personagens locais de grande marca identitária: Dona Beja e Andrade Júnior. A primeira representa o gênero feminino e, mais especificamente, uma personagem em torno da qual se reúnem elementos

²⁷⁹ Ibidem.

²⁸⁰ As dependências físicas da Fonte Andrade Júnior, de água sulfurosa, inauguradas em 1932, acompanharam as descobertas do valor desta água pelos progressivos estudos científicos. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 00353. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

histórica e culturalmente construídos.²⁸¹ O segundo faz alusão ao saber técnico-científico, cujos poderes permitiram incluir Araxá no conjunto de estações de águas conhecidas internacionalmente.²⁸² A fonte Dona Beja, instalada aproximadamente em 1918 sem esta denominação – já que na época era chamada apenas de fonte radioativa –, foi reinaugurada em 1932, ano em que se estreava a nova versão da segunda, a fonte sulfurosa, ou melhor, fonte Andrade Júnior.

Deixar o momento presente para voltar ao passado é viabilizar uma maneira de abrir espaço a um futuro.²⁸³ Dessa maneira agiu o engenheiro José de Carvalho Lopes quando as autoridades locais inauguraram o novo espaço construído da Fonte Andrade Júnior. Em discurso, o referido engenheiro preocupou-se em pontuar o percurso do patrono da fonte, a quem auxiliou, creditando a ele seu devido mérito. Desde 1924, o hidrólogo Andrade Júnior dedicava-se ao estudo geológico do Barreiro, depois de atuar em várias regiões do país. Em 1926, apontou cientificamente a radioatividade da fonte, que já era conhecida como Fonte Dona Beja. Dois anos depois, em 1928, novas análises permitiram ao cientista explicar o modo como as águas emergiam e a hipótese da sua origem em fase pré-histórica.²⁸⁴

Referindo-se à água que corria como a maior riqueza hidromineral, Carvalho Lopes encerrou aquele discurso inaugural, o último daquela tarde em que cerca de duzentas pessoas o aplaudiram depois de ouvirem os pronunciamentos do prefeito e de outros oradores. A obra definida como um “moderno, lindo e confortavel pavilhão” foi projetada para abrigar a água sulfurosa captada. Seus executores recorreram à lembrança dos nomes do artista, do prefeito anterior, do prefeito do período e do engenheiro que trabalharam para concretizá-la, respectivamente:

[...] O ilustre artista araxaense Calmon Barreto, premio de viagem á Europa e aqui presente, n'um belo gesto que bem define o seu carater, prontificou-se a gravar num bronze artistico, que será colocado em frente á fonte, a homenagem a Andrade Junior. Quero que o ilustre artista patricio complete a homenagem com a n'um bronze que tambem será colocado ao lado da fonte, de mais treis nomes. A justiça

²⁸¹ LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Das águas passadas à terra do sol: ensaio sobre a história de Araxá*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999. p.68-71.

²⁸² GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Gerais, s/n., 1920. p.27-29. Sobre a necessidade de uma cidade distinguir-se da outra, ver: BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII: as estruturas do cotidiano*. Vol.1. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.439-464.

²⁸³ CERTEAU, Michel. Op. cit., 1982. p.93.

²⁸⁴ Discurso pronunciado pelo Dr. José de Carvalho Lopes durante a inauguração da Fonte Andrade Júnior. A OPINIÃO. Araxá, n.11, 27/03/1932, p.4. Arquivo FCCB.

nos dita: Mario Álvares da Silva Campos, Fausto Figueira Soares Alvim e Raul Brizzi d’Mediolanum.²⁸⁵

Evidenciando as intervenções técnicas promovidas pela união do conhecimento enquanto poder, o panorama do Barreiro da década de 30 passou a representar a proximidade com aquilo que se projetava, a princípio, no campo do imaginário, isto é, passou a mostrar-se tal qual um belo parque. O estabelecimento para proporcionar os banhos e os abrigos para ingerir água junto às fontes radioativa e sulfurosa reinavam em meio aos córregos canalizados com palmeiras e lírios na extensão de suas margens. Nos jardins havia rosas, hortênsias, violetas, “fuccias” e folhas dos “caladiums”, mesclando os tons verdes com os coloridos das flores.²⁸⁶ O movimento de uma “nova cidade balneário” que se modificava pelo urbanismo, pelo paisagismo e pelo cientificismo dirigido às águas viu sua historicidade transformada por um espaço de circulação, gerando tantas outras imagens sobre a vida urbana.²⁸⁷

“Araxá tem sede de Agua, Sr. Prefeito!”²⁸⁸ Expressões como esta tiveram destaque nas páginas da imprensa cidadina, denunciando a redução e a escassez do “precioso líquido” no serviço de abastecimento da cidade. O discurso jornalístico despontou, não raramente, em forma de apelo que se mostrava ambivalente. Quer no tom de crítica, quer no de reivindicação coletiva que se insinuava como medida a ser acatada, certamente, as denúncias impediam que se velassem as fragilidades dos espaços públicos. O problema do abastecimento de água há muito acompanhava Araxá e o executivo local buscava alternativas para solucioná-lo. Não apenas este problema se apresentava desafiador; viviam-se ainda e com maior intensidade muitas outras discussões sobre a implantação de projetos que viabilizassem a cidade enquanto estação, abordando possibilidades que deixavam aflorar idéias modestas e, outras, mais ousadas.

A visão do prefeito de Araxá, à frente da administração que se iniciou em 1930 e se estendeu até 1940, revelou olhares do político e do intelectual. O advogado Fausto Alvim, mineiro de Mar de Espanha, homem letrado, chegou à cidade para comandá-la por indicação do governo do Estado, tornando-se, posteriormente, amigo pessoal do presidente Getúlio Vargas. Algumas de suas idéias publicadas no jornal *A Opinião* representaram aspectos conjuntos, divulgados durante as comemorações do centenário da Câmara Municipal. O discurso partia de um intelectual respeitado e admirado pela população. Nada mais natural,

²⁸⁵ A OPINIÃO. Araxá, n.11, 27/03/1932, p.1-4. Arquivo FCCB.

²⁸⁶ A OPINIÃO. Araxá, n.13, 10/04/1932, p.4. Arquivo FCCB.

²⁸⁷ PECHMAN, Roberto Moses. “Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular.” In: BRESCIANI, Stella (Org.). Op. cit., 1994. p.29-34.

²⁸⁸ A OPINIÃO. Araxá, n.36, 18/09/1932, p.4. Arquivo FCCB.

portanto, do que o semanário ceder-lhe páginas e páginas para que pudesse expressar sua posição quanto aos destinos da cidade-balneário sob sua responsabilidade.²⁸⁹

[...] Quanto às termas do Barreiro, tem elas passado nestes ultimos tempos pela mesma crise que, à exceção de Poços de Caldas, assoberba as nossas estancias hidrominerais. Os fatores desse fenomeno são conhecidos. Em Araxá, foram agravados pela distancia e pessimos meios de comunicação que nos ligam aos grandes centros. Ultimamente, parece que a Oeste de Minas compreendeu que seria sacrificar de vez a nossa estancia, permanecendo por mais tempo o absoluto desconforto das suas viagens, ainda mais, a absurda conservação das suas linhas. [...] O jogo deve ser centralizado em um cassino, a construir-se bem como um hotel de conforto, sem luxo exagerado. [...] As instalações balnearias completar-se-iam, mantendo-se as atuais para a clientela mais modesta. Outro balneario seria construido, ainda que sem exagero suntuario, para os que pudessem pagar melhor o seu conforto.²⁹⁰

As idéias expressas freqüentemente pelo prefeito acerca da estância inserida na cidade que administrava não se concretizaram na sua essência e complexidade. Naquele momento, a fala de interesse coletivo, oriunda da intelectualidade, esteve sujeita às exigências momentâneas, e, por isso, foi a ela atribuído um caráter discursivo como forma de compreender Araxá e de tentar transformá-la. Mas o projeto implantado a partir de 1937 superou as previsões, especialmente as mais promissoras, referentes à sua materialidade.²⁹¹

2.3 – OS HOTÉIS: LUGARES DE HOSPEDAGEM E DE CONVIVIALIDADE

As alterações no âmbito do espaço urbano de Araxá evidenciaram certamente inúmeras representações envolvendo a cidade e sua estância de cura, de veraneio e de lazer. Muitos segmentos da população assumiram práticas visando à conquista da cidade e do balneário idealizados. Formar identidades próprias capazes de assegurar esses territórios tornou-se uma busca constante empreendida nos diversos ambientes da vida local, no campo familiar ou profissional e na esfera social. Partindo-se do reduto doméstico para transitar por

²⁸⁹ A OPINIÃO. Araxá, s/n., 07/01/1933, p.11-15. Arquivo FCCB.

²⁹⁰ Ibidem.

²⁹¹ Dirigir um “olhar político” e, mais, um “olhar político do intelectual” para a análise de uma relação entre presente e passado, sob o foco “da iluminação benjaminiana”, é o que sugere SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. (Ensaio latino-americanos 2). p.53-63.

ruas, avenidas e estradas em transformação, podia-se observar a paisagem natural ganhando ao menos aparência renovada. O ato de se movimentar pelos espaços físicos, criados e recriados por imagens construídas em torno do que é ser uma cidade e uma estação de águas, promoveu seguramente a circulação de idéias e atitudes e, com estas, a própria socialização.²⁹²

Hotéis e pensões, elementos indissociáveis deste cenário, materializavam-se com vistas ao abrigo e ao acolhimento dos hóspedes que chegavam motivados por interesses de cura, de negócios, de missões políticas, religiosas ou científicas. Mas havia também aqueles que se submetiam a viagens penosas, outras nem tanto, para simples vilegiatura. Com isso, muitos estabelecimentos hoteleiros ganharam novos significados. Ao aliarem as funções tradicionais de receber pessoas de diferentes lugares aos fazeres do trabalho cotidiano com noções de hospitalidade, promoveram a integração entre habitantes e freqüentadores eventuais.²⁹³

Cenas habituais no dia-a-dia de Araxá, especialmente nos anos 20 e 30, foram registradas à frente dos hotéis pelas lentes dos fotógrafos. Os aquáticos – homens, mulheres e crianças em idades variadas – posavam para a posteridade como prova do privilégio de freqüentar uma estação de águas. No caso de estabelecimentos situados em avenidas, como o Hotel Cassino Colombo, da avenida Antônio Carlos, tornou-se comum eleger o jardim público para palco do momento fotografado. Cadeiras transportadas do hotel serviam de assento para as mulheres ou de apoio para as mãos masculinas. Os mais jovens mantinham-se de pé, geralmente nas extremidades do grupo. As crianças eram amparadas no colo ou no braço maternos.²⁹⁴ Alterando detalhes de postura e de ângulos, escolhidos conforme a inspiração do fotógrafo ou a imposição da técnica, os registros traziam personagens ostentando, quase sempre, semblantes sisudos. A rigidez se rompia quando um ou mais integrantes da pose – ao invés de portarem um objeto à mão, como era de costume – exibiam um instrumento musical, como o violino, o violão ou a flauta.²⁹⁵

²⁹² Ao analisar os espaços como pontos de “difusão de hábitos urbanos”, Richard Sennet observa-os como sendo propícios ao encontro rotineiro entre pessoas estranhas. SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.163-164.

²⁹³ ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.82-88. Ainda sobre as diferentes formas de expressão de sociabilidade configurando outras, extensivas inclusive à cozinha mineira, ver também: ABDALA, Mônica Chaves. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: Edufu, 1997. p.46-109, especialmente.

²⁹⁴ Convém observar que estes são os casos de muitas fotografias ilustrativas de publicações, como os chamados álbuns, tais quais as que se encontram em: CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.16; 31; 32; 37; e 47.

²⁹⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade.” In: NOVAIS, Fernando A (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). Op. cit. p.457-488.

Dos personagens visitantes, com seus ritos e objetos inovadores, aos residentes locais, o campo da hotelaria desenhava um percurso no mínimo diferenciado. Um conjunto de pessoas e de estabelecimentos ganhava os espaços, garantidos não apenas por um único cidadão ou cidadã que pudesse reservar a si, individual e heroicamente, o direito de ocupar a cena pública.

Os nomes dados aos hotéis seguiam tendências incorporadas seletivamente conforme o gosto dos seus proprietários. Critérios de sonoridade, de grafia e de localização contavam na escolha, direcionada ainda para as tradições identitárias, de significados familiar, local e até mesmo de naturalidade.²⁹⁶ Entre as décadas de 20 e 30, a cidade dispunha de exemplares como Araxá Hotel, Minas Hotel, Brasil Hotel, Hotel Glória, Grande Hotel, Hotel Bella Vista, Hotel Paiva, Hotel Colombo e Hotel Central. No Barreiro, próximo às fontes, havia o Hotel dos Estrangeiros (antecessor do Hotel Rádio), o Hotel Paulista, o Hotel das Fontes, as Pensões das Águas, a Pensão Santa Terezinha, o Hotel Colombo e o Hotel Cavallini.²⁹⁷



Imagem 13 – Araxá Hotel.²⁹⁸

²⁹⁶ ANTONACCI, Maria Antonieta. “Tradições de oralidade, escritura e iconografia na literatura de folhetos: Nordeste do Brasil, 1890/1940.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.22, jun. 2001. p.105-138.

²⁹⁷ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.79; 80; 83; e 93-95. SILVEIRA, Victor (Org.). *Minas Geraes - 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926. p.788-794.

²⁹⁸ A antiga rua Boa Vista, hoje rua Presidente Olegário Maciel, abrigou belas residências e importantes hotéis, motivos que fizeram o fotógrafo transformar esta imagem em cartão-postal. Década de 20. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 01665. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

O Araxá Hotel integrou um conjunto de construções singulares cujas fachadas remetiam ao tempo da *Belle Époque*. O casal Jesuíno Alves Ferreira, ou *Senhor Vigarinho*, e Francisca Santos Ferreira, ou *Dona Chiquinha*, desenvolveu a atividade hoteleira na rua Boa Vista, uma via que se formava na direção do crescimento da cidade. Embora não fosse exatamente central, considerando-se a extensão urbana de então, esta rua foi uma das primeiras a receber calçamento nos anos 30 e, antes disso, já era anunciada como a principal entre as demais. O imigrante português Daniel Henrique Pinto adquiriu o hotel em 1940 e, posteriormente, transformou-o em Grande Hotel Pinto.

A centralidade do Minas Hotel, de propriedade de Thereza Teixeira & Cia., fez da sua localização geográfica, na atual praça Coronel Adolpho, o emblema para atrair aquáticos e viajantes. Administrado pelos donos – referência a mais na divulgação do hotel –, ofereceu tratamento e cozinha especiais à clientela, num amplo sobrado de arquitetura colonial.²⁹⁹ Décadas depois, o imóvel foi musealizado pelo valor de testemunho que lhe coube ao representar no real os domínios de Dona Beja, personagem feminina do século XIX eternizada nos séculos posteriores.³⁰⁰

Quase em frente ao Araxá Hotel, entre a rua Mariano de Ávila e a atual praça Governador Valadares, o Hotel Bella Vista impôs-se, a princípio, pelo novo prédio de dois pavimentos, considerado “confortável e elegante”.³⁰¹ (Ver Anexos, Mapa 4). Outros aspectos também o distinguiam dos demais hotéis, como a água corrente disponível, os banhos quentes e frios e os serviços de cozinha definidos como sendo característicos de profissionais. Aqui o termo profissional pode ser entendido, provavelmente, como uma sofisticação do cardápio, mas também como uma negação do trivial.³⁰² Tratando-se de uma estação de águas, nada mais apropriado do que atrair hóspedes, e por isso oferecia-se o automóvel “Buick” para transportá-los até as fontes do Barreiro por 3\$000 cada viagem de ida e volta. O proprietário do Bella Vista, Dr. Mário de Magalhães, era um médico crenologista que sonhava em fazer de

²⁹⁹ Na documentação pesquisada consta um alvará que concede licença a Thereza Teixeira & Cia. para continuar com o negócio de Indústria e Profissão. Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1928. Arquivo FCCB/000164.

³⁰⁰ SANTOS, Maria Célia T. Moura. “A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania.” In: *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993. p.51-63. LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. Op. cit. p.68-71.

³⁰¹ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.79.

³⁰² MACHADO, Maria Clara Tomaz. “(Re)significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi – do trabalho ao festar (1950-2000). In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.26, n.51, jan./jun. 2006. p.37-38. Ainda que a autora enfoque aqui a questão da tradição dos carros de boi como forma de expressão de uma “identidade cultural” que tenta resistir à imposição de uma nova ordem, penso ser apropriado associar a análise a outra questão, a da tradição culinária, porém em sentido oposto, ou seja, neste caso é o antigo, a “identidade cultural” da alimentação, que agrega o novo como atrativo.

Araxá um “paraíso para repouso e descanso”. Dedicou-se mais de meio século ao estudo das águas minerais, publicando trabalhos científicos, clinicando e participando dos debates e das buscas de alternativas para o aparelhamento da estância e para o crescimento do ramo hoteleiro.³⁰³

“Vae a Araxá? Então precisa de um bom hotel e bom, só o Grande Hotel de Trivelli & Massini”.³⁰⁴ Assim anunciou a propaganda de um estabelecimento de grande dimensão, inaugurado em 1927, por iniciativa do médico Pedro Pezzuti e do homem de negócios José Porfírio Ferreira, conhecido como *Juquinha Ferreira*. O empreendimento, construído originalmente conforme o projeto do engenheiro José Carlos Pedro Grande³⁰⁵, foi transferido para a dupla de italianos, seus segundos donos, que divulgaram o conforto e a modernidade das instalações. Os hóspedes deste hotel também podiam ir ao Barreiro utilizando seus dois automóveis. As refeições, servidas das 10h30min às 12 horas e das 17 horas às 19 horas, destinavam-se não só aos hóspedes, mas também aos que desejassem usufruir apenas o serviço de restaurante, constituindo-se numa nova opção inovadora de lazer e convivência dirigida aos clientes eventuais.

Mais uma vez, a iniciativa privada recebeu da imprensa referências elogiosas, enquanto que ao poder público dirigiram-se críticas pela inexistência de empreendimentos:

[...] O futuro invejável, prospero e seguro, desta cidade, infelizmente não dispersou ainda confiança no animo constructor de seus filhos. Não ha industrias em projecto, não ha construcções de vulto, excepto o Grande Hotel; não ha finalmente emprehendimentos dignos da situação brilhante que mil sonhos envolvem Araxá, por isso, consideramos verdadeiro arrojo a obra que estão construindo os srs. dr. Pedro Pezzuti e José Porfírio Ferreira, onde instalarão moderno hotel que será um dos mais confortaveis do Estado. Predio que

³⁰³ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.27, out./dez. 1998, p.3. Arquivo FCCB.

³⁰⁴ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.83. Para Eugen Weber, as estações de águas revelaram-se oportunidades consideráveis para a indústria da propaganda na França do século XIX. Araxá reproduziu essa tendência por meio da imprensa local e dos centros maiores, estendendo-se à publicação de guias, almanaques e folhetos, nos quais se obtinham informações variadas a respeito da cidade e da sua condição de estância balneária. WEBER, Eugen. Op. cit. p.226. Conforme Eliana de Freitas Dutra, em estudo sobre o “Almanaque Brasileiro Garnier”, a preocupação com temas especializados não impedia a atenção com informações úteis, ligeiras, que caracterizavam os almanaques a partir do perfil do seu público leitor. DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.36 e 37. No caso de Araxá incluo nessa caracterização a presença marcante das propagandas no citado “Album do Araxá”, organizado por Horacio Carvalho.

³⁰⁵ Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1927. Arquivo 000883/ FCCB.

recommenda a moderna architettura, traçado de modo que não deixará de satisfazer ao mais acabrunhado dos diabeticos ou aos villegiaturistas de fino trato, construcção formidavel que tem causado admiração até aos que vaticinam transformação grandiosa nos destinos desta terra, o Grande Hotel é a maior obra particular que já se pensou em Araxá.³⁰⁶

A projeção no futuro ainda assim parecia caminhar no sentido oposto ao das ações de particulares. Nesta linha transpareciam as fragilidades das transformações. Talvez por isso a dimensão do Grande Hotel estivesse acima de outros sentidos por ele agregados, como o de obra arquitetônica representativa ou o de lugar de hospedagem à altura de uma estância que se queria. Semelhante situação já havia ocorrido anteriormente com outras experiências consideradas relevantes, porém não exitosas no seu tempo de duração. O Grande Hotel da nova avenida Imbiara atuou como tal até 1931, quando o prédio teve sua função alterada, sendo vendido à congregação salesiana para nele instalar o Colégio Dom Bosco.³⁰⁷

Em outro ponto da cidade, o Brasil Hotel da antiga rua São Miguel, hoje rua Capitão Izidro, lançou mão de benefícios similares aos de congêneres, especialmente quanto ao asseio, à comodidade dos aposentos e ao esmero da mesa. Mas, o proprietário Areovaldo Affonso, sucessor dos seus sogros – Izidro Ferreira dos Santos e Antônia Leopoldina de Almeida Santos – no negócio do hotel, contava com um elemento essencial ao seu favor: a proximidade do seu empreendimento em relação à plataforma dos trens da Estrada de Ferro Oeste de Minas, o que facilitava as baldeações. Em 1933, o proprietário alugou o estabelecimento, incluindo na transação o espaço da lavanderia cedido a Maria José Palhares Rosa, gerando, assim, outras oportunidades, negócios e, sobretudo, empregos.³⁰⁸ (Ver Anexos, Mapa 4).

³⁰⁶ MINAS BRASIL. Araxá, n.254, 07/03/1926, p.5. Arquivo FCCB.

³⁰⁷ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.32, out. 2001, p.6-14. Arquivo FCCB.

³⁰⁸ Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1933. Arquivo 000572/ Impostos/ EC/ FCCB. Sobre a oferta de trabalho em estações de águas, Weber chama a atenção para os “operários de lavanderia”. WEBER, Eugen. Op. cit. p.223.



Imagem 14 – Brasil Hotel.³⁰⁹

O Hotel Paiva, igualmente localizado na rua São Miguel e ainda mais próximo da Estação Ferroviária, pertenceu a José Veloso de Paiva e foi dirigido pelo austríaco João Rückert. Modesto, porém definido como “exclusivamente familiar”, o hotel – décadas depois transformado em Hotel Cruzeiro – destacava em divulgações a sua disponibilidade de quartos arejados e encerados, bem como a sua cozinha, que se equiparava às dos mais eminentes hotéis da cidade: “[...] máxima moralidade tratamento e cosinha a par dos melhores hotéis locais”.³¹⁰

O Hotel Glória do Rio de Janeiro foi inaugurado em 1922 em comemoração ao centenário da independência do país. Antes disso e logo após a atuação do arrojado Cine-Teatro Glória da rua Boa Vista – um misto de cinema, teatro, casa de jogos e de realização de cerimônias oficiais –, Araxá ganhou o seu Hotel Glória. A iniciativa partiu do casal Josina e João Pereira Marques, que, em 1919, adquiriu o imóvel, ainda em construção, situado entre a rua São Miguel e a avenida do Rosário, hoje avenida Senador Montandon. Depois de

³⁰⁹ O Brasil Hotel situava-se entre as atuais ruas Capitão Izidro e Mariano de Ávila e, portanto, próximo à estação férrea da Oeste de Minas. Nessa imagem vê-se, à direita, uma bomba de gasolina e, em frente, o hotel com a placa indicativa. Década de 20. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/771. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

³¹⁰ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.96. Sobre a experiência do convívio entre estranhos, quer fossem visitantes da estação ou imigrantes nela estabelecidos, Sennet considera especialmente a imigração. Incluo aqui a especificidade do hoteleiro austríaco residente em Araxá, entre outros. SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.163-164.

concluída a obra, o proprietário contratou o pintor Pedro Leopoldo para produzir em afrescos as paisagens da sala de visitas. As imagens retratadas remetiam a outras, mais distantes, todavia constitutivas de um modelo a ser seguido: os cenários da cidade do Rio de Janeiro.³¹¹



Imagem 15 – Hotel Glória.³¹²

Esse tipo de pintura, produzido também em outras paredes de determinadas residências, foi possível graças ao pintor baiano em temporada de trabalho na cidade. O ambiente artístico por ele criado no Hotel Glória ostentou ainda mobiliário austríaco com cadeiras de assento revestido em crochê e um piano, indispensável objeto de entretenimento

³¹¹ Por volta de 1923 o pintor Pedro Leopoldo e sua família residiram em Araxá para fins específicos de tratamento com as águas sulfurosas, fazendo com que o artista realizasse alguns trabalhos dessa natureza. Depoimento de Olívia Pereira Marques Schewetter concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá. A palavra emitida pela oralidade como meio de rememoração a partir do presente é usada a partir daqui tendo como referências as propostas de: PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.14, fev. 1997. p.7-24; PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.14, fev. 1997. p.25-39; AVELINO, Yvone Dias. “Experiências e trajetórias de vida: as tramas da memória universitária a partir de depoimentos orais.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.22, jun. 2001. p.223-238. Cabe ressaltar a importância de se relacionar o relato oral com as imagens visuais, cuja associação é também utilizada, daqui por diante, buscando resultados efetivos. Nesse aspecto utilizo como referências: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Op. cit., 2003. p.11-36; MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares”. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.22, jun. 2001. p.157-169; LEITE, Miriam L. Moreira. “Texto visual e texto verbal”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papiurus, 1998. p.37-49.

³¹² Assim como ocorrera com outros centros urbanos, Araxá também contou com o seu Hotel Glória. Década de 20. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Acervo particular de Olívia Pereira Marques Schewetter.

das reuniões, com o qual Aurora e Guiomar, filhas dos donos, executavam peças musicais. Aos domingos, geralmente, hóspedes e familiares faziam as refeições em conjunto, regadas a vinho do Porto, numa calorosa confraternização. A excepcionalidade ocasional fazia alterar também a bebida, introduzindo outra considerada de requinte. Assim como os demais, o hotel aprimorou seus serviços oferecendo garçons vestidos de forma impecável e chofer para conduzir os hóspedes entre a cidade e o Barreiro. A caminhonete da família, dirigida por Clarimundo, também filho dos proprietários, fez parte dos atrativos exigidos a um hotel como o Glória.

A única estrada de terra, com aproximadamente nove quilômetros, que separava a cidade do Barreiro, podia, nessa época, ser percorrida em dez minutos. (Ver Anexos, Mapa 3). Bem próximo ao manancial, o Hotel das Fontes, antes pensão, contava com condições favoráveis que sempre justificaram a sua grande procura por parte dos visitantes que chegavam a Araxá. A localização privilegiada dentro da Bacia do Barreiro foi um dos itens definidores do seu êxito. Instalado no início da década de 1920 por João Jacques Montandon, o Hotel das Fontes teve seu objetivo inicial fortalecido a cada novo proprietário. Sob os comandos de José Borges (*Zequinha*), Ernani Barbosa e Mário Marques, cada um estando à frente do hotel em períodos diferentes, esse empreendimento correspondeu às expectativas dos seus hóspedes, oferecendo a eles os símbolos representativos da boa hospedagem numa estação de águas.

As acomodações passaram gradativamente por reformas que dotaram a construção de novos ambientes, como as varandas, de onde se podia ver o bosque com caminhos sobre o riacho, bem ao estilo dos jardins ingleses, construídos anteriormente pela empresa concessionária de Thiers Botelho. A cozinha, considerada de “primeira ordem”,³¹³ buscou, neste caso, valorizar a tradição da culinária mineira produzida a partir de elementos essenciais oriundos das atividades agrícola e, principalmente, pastoril, privilegiando, assim, as colheitas de grãos, frutos e frutas, as criações bovina, suína e avícola e o feitiço artesanal de laticínios e bebidas.³¹⁴ Os aposentos do hotel mantinham-se disponíveis de acordo com as regras de

³¹³ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.96.

³¹⁴ Os ingredientes usados na culinária reforçavam o caráter do cardápio básico da população local, apresentado com pequenas variações se comparado ao de Minas Gerais como um todo. ABDALA, Mônica. Op. cit. p.141-180. Esse cardápio nascia de produtos como arroz, milho, mandioca, feijão, carnes, leite, queijo, manteiga, café, açúcar, rapadura, aguardente, batata, legumes e hortaliças, banana, laranja, limão, mamão, goiaba, abacaxi, jabuticaba, pêssego, cidra, caju, manga, marmelo, entre outros que, reelaborados, resultaram em diversos quitutes, bebidas, quitandas e doces. PONTES, Hildebrando de Araújo. Op. cit. p.73-77. Elementos desse cardápio são especialmente rememorados por Jacintha Duarte Garcia Alencar em entrevista concedida à autora, em 05/08/2005, Santa Rosa de Viterbo, São Paulo. Conjunto de cadernetas manuscritas por Urias Machado de Castro, numeradas de 01 a 09 e datadas de dez./1929 a abr./1930; jul./1930 a set./1930; abr./1931 a maio/1931; set./1932 a nov./1932; jan./1933; jan./1936 a fev./1936; out./1936 a jan./1937; out./1938 a dez./1938 e set./1939.

higiene e conforto, contando com luz elétrica, água corrente e endereço telegráfico. Não faltavam automóveis a serviço dos hóspedes, mas era a inovação da garagem como abrigo para os veículos dos próprios aquáticos que enchia de orgulho a direção do hotel. Complementando a série de atrativos, o cassino aquecia as noites na estação, especialmente aquelas mais chuvosas.



Imagem 16 – Hotel das Fontes.³¹⁵

Algumas pensões, como a chamada Santa Terezinha (localizada no Alto de mesmo nome), de *Zequinha* Borges, ou a Pensão das Águas (edificada no ponto inicial da Vila Operária), dirigida inicialmente por *Mariquinha* Montandon e mais tarde pelo italiano Demétrio Zema, caracterizavam-se sobretudo pela qualidade e variedade dos alimentos servidos aos hóspedes. O Hotel Paulista (no Alto Paulista), do casal Adalardo Borges e Dona Candinha, da mesma forma, oferecia alimentação especial aos hóspedes, às vezes frágeis pela debilidade provocada por males físicos.

Arquivo FCCB. Nessa documentação é possível observar fragmentos relativos a idéias, sentimentos, ironias, entre outras expressões, mas, também, dados sobre o clima e, fundamentalmente, sobre elementos da produção de um sitiante, como o autor dessas referidas cadernetas. No caso, o mesmo produzia queijos para consumo próprio e para comercialização.

³¹⁵ Depois de ampliada, a Pensão das Fontes, no Barreiro, transformou-se em Hotel Cassino das Fontes. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 00026. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

De maneira geral, em todos acima citados e demais estabelecimentos, verduras, legumes, raízes e frutas eram colhidos nas hortas, elaborados lenta, cuidadosa e manualmente e somados aos demais itens derivados do leite, das carnes e dos grãos – muitos dos quais constituíam-se em farinhas –, chegando à mesa como elementos integrantes do tratamento médico.³¹⁶ Outro aspecto há de se considerar: o hábito da produção ou do plantio caseiro dos alimentos impedia que o mercado público adquirisse o prestígio desfrutado em outras localidades, sobretudo devido à comodidade de se obter esses produtos diretamente nos espaços das próprias residências e hotéis.³¹⁷

Quando o imigrante italiano Francisco Cavallini chegou a Araxá, nos anos 1910, assim como outros, imaginou possibilidades que pudessem transformar o seu espaço urbano. Vindo de Ribeirão Preto, onde trabalhava como vendedor-representante das máquinas de costura Singer, viu-se atraído pelo potencial de crescimento da cidade enquanto estação de cura e de veraneio. Então, estabeleceu-se no Barreiro com o hotel que levou o seu sobrenome e que buscou promover o bem-estar da estadia em dimensão ampla. Inconformado com o pedágio a que se submetia nas estradas de particulares para transportar os hóspedes vindos de São Paulo, Cavallini inaugurou, em 1929, a “Estrada da Liberdade”.³¹⁸ Ele próprio, portanto, investiu na construção de uma via ligando o Barreiro a Rifaina, primeiras terras paulistas a partir da fronteira geográfica com Minas Gerais, separadas pelo rio Grande. O nome da estrada designou a libertação do hoteleiro e de outros diante do que se considerava um monopólio.³¹⁹

Numa relação que pareceu vitimá-los enquanto grupo social reunido em torno da experiência no campo da hotelaria e das atividades tributárias dessa, os desdobramentos nascidos dessas tensões atingiam outros espaços, públicos ou particulares.³²⁰ Ainda assim, enquanto esteve em atividade, aos clientes do Hotel Cavallini, situado numa grande área verde, tal qual uma fazenda, eram disponibilizados elementos revigorantes para além do conforto das viagens e dos aposentos. Seus hóspedes saboreavam o leite natural, os queijos e

³¹⁶ A respeito da alimentação típica e, sobretudo, farta, personificando a mesa dos mineiros como “esmerada”, de “primeira ordem” ou colhida diretamente nas hortas, tal qual se vêem nas propagandas dos hotéis de Araxá, Mônica Abdala analisa a sua origem a partir dos períodos entendidos por ela como próprios de “determinantes históricas e simbólicas” verificados em Minas Gerais desde o período da ocupação territorial até as décadas iniciais do século XX. ABDALA, Mônica. Op. cit. p.83-142. Ver também, sobre a prática presente na cozinha do “fiz com as mãos”: CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 3ª.ed. São Paulo: Global, 2004. p.597-621.

³¹⁷ Depoimento de Dâmaso Drummond concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB, 1995.

³¹⁸ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, s/n., 18/08/1929, p. 1-2. Arquivo FCCB.

³¹⁹ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.05, abr./jun. 1992, p.2. Arquivo FCCB; PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 2001. (Brasiliana novos estudos; 5). p.71-94.

³²⁰ SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.159-221.

as manteigas frescos. Nos primeiros dias de janeiro de 1934, o hotel registrou cerca de cinquenta por cento de ocupação dos 23 quartos que possuía.³²¹

A *Belle Époque* vivida em Araxá nos anos 20 e 30 consagrou os hotéis como ambientes restritos, destinados ao convívio entre pares, onde se teciam relações de sociabilidade e de poder. Localizado “a dois minutos das novas fontes radio-activas”³²² (considerando-se os estudos e a captação de tais fontes – denominadas na sua totalidade de “Fonte Dona Beja” – efetuados em 1926), o Hotel Radio representou um tempo de intensa euforia diante das sensações inéditas experimentadas por homens e mulheres, durante o dia e a noite. Sua concepção como espaço destinado a esse segmento, entretanto, tivera início anteriormente, no início dos anos 1920.

Muitos se acostumaram a chamá-lo de antigo Hotel dos Estrangeiros, referindo-se ao nome original dado pelos primeiros proprietários, os estrangeiros Carlos Hirschle, engenheiro alemão, e Lydia Bruno, italiana de origem francesa cujos gestos, idéias e hábitos comportamentais a tornaram conhecida como “madame francesa”.³²³ A escolha do nome do empreendimento pelos seus primeiros donos sofreu a influência de outros exemplares de mesma denominação existentes em grandes cidades imperiais brasileiras.³²⁴ Em 1919, o Barreiro recebeu o hotel, o seu primeiro de grande porte, nascido da visão do casal que aqui chegara da Argentina. Carlos e Lydia embarcaram de trem do Rio de Janeiro para o interior de Minas Gerais, seguindo a linha férrea até Ibiá, o antigo distrito de São Pedro de Alcântara. Dali mudaram-se para o Barreiro, adquirindo a fazenda “Sesmaria do Barreiro” para nela construir o hotel conforme projeto e administração do proprietário.

O funcionamento do hotel com a diversidade de signos adotados, como profissionalismo, conforto, avanço tecnológico e nova opção de transporte, requereu o uso da propaganda como forma de atração.³²⁵ Nela, o simbolismo das informações anunciando tempos renovados recorria à tradição do antigo nome, revelando, simultaneamente, a necessidade de se romper com o passado, mas também a de se conservá-lo.

³²¹ RENOVACÃO. Araxá, n.1, 14/01/1934, ano 1, p.1. Arquivo FCCB.

³²² CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.95.

³²³ PROJETO HOTEL RADIO. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1987. 52p.

³²⁴ CALDEIRA, Jorge. “Deleites Imperiais.” In: *Mauá: empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.262-271.

³²⁵ WEBER, Eugen. Op. cit. p.226.



Imagem 17 – Publicidade Hotel Radio.³²⁶

Como Hotel dos Estrangeiros o estabelecimento atuou até 1928, quando foi vendido aos italianos Arthur Trippa e Clélia Chiavez Trippa. Nesse período, tornou-se Hotel Radio, devido, provavelmente, à proximidade das fontes cujas águas haviam acabado de receber a classificação de radioativas, em decorrência dos estudos do hidrólogo Andrade Júnior. Suas instalações passaram por um plano de ampliação, concebido por Emmanuel Gianni, engenheiro que foi o autor também de diversos outros projetos, comerciais e residenciais, entre os quais o da torre da igreja Matriz de São Domingos, dotando a cidade e o Barreiro de uma aparência renovada.

O Hotel Radio cumpriu o fim a que se destinou. De 1930 até a morte de Trippa, em 1932, esteve arrendado, primeiro, a Alcides Mello e, depois, a Max Neumann. Em 1932, foi arrematado em leilão pelo Banco Comércio de Indústria de Minas Gerais. A instituição, então, repassou-o aos médicos Álvaro Ribeiro, Hugo de Resende Levy e Thomás de Almeida, que ampliaram as funções do hotel instalando o “Radium Sanatorium”. O Dr. Álvaro, como médico oficial da estância, e o Dr. Hugo, com experiência profissional adquirida em

³²⁶ Investindo na divulgação do seu produto, os hotéis orgulhavam-se de tudo quanto pudesse ser oferecido ao visitante. CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.95.

“hospitales de Paris”, implantaram ali “Execução Rigorosa e Perfeita da Cura Thermal e Dietetica”.³²⁷

Nesse período, a paisagem urbana de Araxá já contava, desde 1910, com o Grande Hotel Colombo, empreendimento de um construtor, o imigrante italiano Luiz Colombo, que, assim como outros, apostou no potencial da estância e nos aquáticos como seus principais freqüentadores. Seu ingresso no ramo da hotelaria deveu-se a um contato mantido com o médico Franklin de Castro, então agente do executivo local, isto é, prefeito. Um ferimento na mão provocado pelo trabalho diário na construção civil levou-o ao consultório daquele profissional. Nesse momento, o médico considerou-o capaz de construir e administrar um hotel, sugerindo-lhe que se dedicasse ao empreendimento.³²⁸ Ao considerar a carência de hotéis na cidade naquele início de século, o administrador público recorreu com sucesso à iniciativa particular.

Com projeto e construção assinados pelo proprietário, este estabelecimento hoteleiro localizava-se na área central da cidade, em frente ao Cine Trianon, e dispunha de uma sala de dança com piano, para deleite dos seus hóspedes. Em meados de 1919, o Grande Hotel Colombo, em anúncios veiculados na imprensa local, oferecia:

[...] banhos quentes e frios e mesa de primeira ordem em ponto central da cidade. [...] O Hotel Colombo será o ponto naturalmente preferido dos araxaenses e veranistas, encontrando allí o conforto, bem estar e divertimentos que se tem nos grandes hoteis das estancias hydromineraes.³²⁹

O propósito do hotel de recepcionar os aquáticos, tal como idealizou o seu proprietário, fora cumprido. Um considerável acervo fotográfico registra a presença deles no hotel, que podia, ainda, conduzi-los às fontes do Barreiro em automóvel próprio. No que se refere à iconografia, o ato de registrar em fotografias e cartões-postais as temporadas como prova material do *status* do veranista nutria o “desejo individual de expansão bem como a apropriação privada da paisagem na forma de souvenir”.³³⁰

³²⁷ RENOVAÇÃO. Araxá, n.12, 01/04/1934, ano 1, p.1. Arquivo FCCB.

³²⁸ Depoimento de Yolanda Colombo concedido à autora em 04/05/2004, Araxá. O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n. 28, 1999. p.6-9. Arquivo FCCB. Sobre a possibilidade de associar relato oral e fotografia como estratégia para obter uma relação entre ambos na construção da memória, ver: MAUAD, Ana Maria. Op. cit., 2001. p.157-169.

³²⁹ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.29, 28/09/1919, p.1. Arquivo FCCB.

³³⁰ SCHAPOCHNIK, Nelson. Op. cit. p.446. MAUAD, Ana Maria. “Imagem e auto-imagem do segundo reinado.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da*

O Hotel Colombo esteve arrendado ao Major Quirino Alves, proprietário de cassino em Ribeirão Preto, e seu nome foi modificado para Hotel Cassino Colombo. Jeremias Bonifácio continuou como gerente e Ederlino Lannes Bernardes assumiu a diretoria do empreendimento. Com entrada especial na lateral do prédio, o cassino oferecia diversos jogos, como campista, carteadado e roleta. A imprensa noticiou o novo empreendimento, semelhante aos hotéis renomados de outras estâncias, como uma conquista dos araxaenses e um privilégio dos veranistas, traduzindo-o, ainda, como símbolo de conforto, bem-estar e divertimento. O novo e o moderno foram vistos como formas de desenraizamento que levariam à ruptura da “monotonia” e da “somnolencia” da vida urbana de Araxá.³³¹



Imagem 18 – Grande Hotel Colombo ou “Hotel Casino”.³³²

Com a inauguração do Hotel Cassino Colombo incorporado à condição de primeiro hotel de lazer da cidade, Araxá tornou-se um reduto da elite cafeeira paulista para temporadas de banhos e de jogos. O jogo foi largamente difundido em Araxá como uma das “fontes

vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 2). p.182-231.

³³¹ JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.30, 05/10/1919, p.1. Arquivo FCCB.

³³² O Grande Hotel Colombo, depois transformado em Hotel Cassino Colombo, foi pioneiro na categoria de hotel de lazer. Década de 20. Fotografia: Octavio Fonseca: Arquivo Fotográfico/ 24. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

artificiais de excitação”.³³³ Por outro lado, como elemento do conjunto de atividades temporárias de lazer, o seu hábito podia, muitas vezes, ultrapassar a esfera das obrigações e dos deveres diários.³³⁴ Todavia, o fato é que a sua prática movimentou ambientes nos hotéis e nos salões freqüentados preferencialmente pelas elites e por aquáticos, e justificou a existência de alguns bares precários, que se mantinham apenas por oferecerem concorridos jogos de baralho. Paralelamente, salões de bilhares eram inaugurados e saudados com otimismo, formulando bases para futuros projetos de cassinos.³³⁵ No final de 1930, o antigo Hotel Colombo, situado na avenida Antônio Carlos, teve seu nome novamente modificado, desta vez para Grande Hotel Central. Seu novo dono, José Cassimiro da Silva, natural de Uberaba, havia adquirido o negócio de Luiz Colombo, mantendo inclusive os serviços de bar e o salão de jogos.³³⁶

Doentes ou sãos, os visitantes que ocupavam os espaços alternativos disponíveis na cidade e no Barreiro tiveram ao seu dispor, a partir de 1929, um novo hotel. A família Colombo vendeu o negócio do centro urbano, mas manteve a tradição hoteleira, desta vez em local próximo às fontes e ao Balneário. Habitualmente, Luiz Colombo ouvia dos seus hóspedes pedidos e sugestões referentes à instalação de um hotel no Barreiro. Já nos primeiros anos da década de 20, o convívio entre o proprietário do hotel e os engenheiros que construíam a Estrada de Ferro Oeste de Minas, ali hospedados, abriu possibilidades para um empreendimento inovador. Depois da conclusão da obra da via férrea, que finalmente alcançava Araxá, o hoteleiro arrematou os trilhos disponíveis para utilizá-los como “recheio de estuques” na construção do novo hotel, em terreno adquirido do senador João Jacques Montandon.

O Hotel Colombo, tal como desejavam muitos aquáticos, encontrava-se agora em área privilegiada do Barreiro. (Ver Anexos, Mapa 3). O novo empreendimento foi construído em duas etapas; a primeira delas foi inaugurada em março de 1929, com discursos e um concorrido banquete, disponibilizando em sua estrutura física uma pequena sala para cassino. O término da execução do projeto do hotel aconteceu em 1932. A sacada frontal delineava a fachada do prédio, que ganhou dois amplos salões, um funcionando como cassino e o outro como salão de festas. Assim como na primeira inauguração, os hoteleiros vizinhos e muitos

³³³ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., 1992. p.85.

³³⁴ Richard Sennet analisa a relação entre lazer e vício quando o segundo faz com que as pessoas priorizem suas “paixões naturais” em detrimento das responsabilidades a serem cumpridas. SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.107-115.

³³⁵ CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n. 159, 25/06/1916, p.1. Arquivo FCCB.

³³⁶ Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1930. Arquivo 0151/ Construção Civil/ FCCB.

outros convidados comemoraram a conclusão do projeto com a família Colombo desfrutando de um grande baile.

De certa forma, a ausência de clubes sociais, decorrente do caráter efêmero de que se revestiam aqueles eventualmente fundados, foi suprida pelas presenças dos hotéis e de outros recintos enquanto espaços privados de lazer que promoviam o convívio público.³³⁷ A respeito dessas categorias de público e privado, elas figuravam no imaginário da cidade como algo definidor de novos hábitos e padrões de comportamento reproduzidos, em grande medida, nesses ambientes reservados aos segmentos a que se destinavam, esses formados por aqueles que buscavam em Araxá um modelo de civilização para estância.

Dessa maneira, os hotéis apresentavam mudanças de signos, passando de lugares de hospedagem para locais de socialização. Nos cômodos comuns dos estabelecimentos hoteleiros os contatos davam-se mediante a conversa informal, a música, os jogos e/ou a refeição diária. A particularidade desta última nascia da “legitimidade da elaboração caseira” dos alimentos que eram servidos aos hóspedes, associada à farta e tradicional composição da despensa onde se depositavam os mantimentos. O temperamento hospitaleiro ganhava uma de suas maiores expressões: “comer junto é decorrentemente, aproximar-se, compreender-se. [...]”.³³⁸ Ao valorizar o hóspede com uma “comida especial” destacava-se geralmente aquilo que era natural à terra. Originado de um espaço doméstico cujos ornamentos eram os tachos de cobre, as peneiras e balaios de taquara, as colheres e as gamelas de madeira, entre outros objetos de cozinha, servia-se, ao público cliente, o que havia de melhor; afinal, o hóspede era uma visita e as temporadas eram dias de festa.³³⁹

Os hotéis funcionaram também como ambientes em que as elites, utilizando os seus instrumentos de poder, decidiam sobre o cotidiano da população, assegurando formas específicas de dominação urbana. Em alguns momentos, a questão do lazer pareceu silenciar-se diante de outras, tais como a do trabalho, a do movimento social ou a do planejamento urbano. Não existe lazer sem trabalho, mas as formas de descanso, de entretenimento e de apropriação de novos comportamentos formaram uma escala de ações com as quais as pessoas ocuparam o seu tempo livre, ou o tempo do não-trabalho, especialmente em espaços urbanos como os de Araxá, que agregavam outros significados enquanto ambientes de cura e também de veraneio.

³³⁷ SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.107-115. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1984. p.46-59.

³³⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit., 2004. p.401 e 609.

³³⁹ ABDALA, Mônica. Op. cit. p.54-68.

Sobre as imagens urbanas e as representações da vida social, é possível perceber as diferenças entre a cidade real e a cidade aparente. Se a primeira é entendida como território, a segunda pode ser compreendida como algo constituído pelas memórias e percepções do passado não facilmente observáveis.³⁴⁰ O cotidiano urbano de Araxá revelou a especificidade de uma estação de águas integrada no espaço físico e análogo de uma cidade composta por protagonistas que nela residiam ou estanciavam. A cidade e o Barreiro ofereceram, por intermédio de seus hotéis, de seu Balneário, de suas fontes, de suas praças e de seus jardins, lugares com uma significação especial traduzidos como espaços de lazer e de formação de opinião.³⁴¹ Neles, igualmente, a convivência se manifestou com suas descobertas, seus modismos, suas euforias e suas mazelas.

A luta pela implantação de melhorias – entre essas a construção de outros hotéis – não deixaria de ser levada a efeito como pré-requisito à estação sonhada. O simbolismo projetado aos espaços da cidade e da estância, com seus ritos, aparatos e recintos em busca de conforto e requinte, foi traduzido conforme as especificidades culturais, inserindo nestas os aspectos econômicos, políticos e sociais dos territórios de Araxá e do Barreiro. (Ver Anexos, Mapa 2). No caso dos hotéis, seus ambientes privados continuaram abrigando as práticas de algumas das importantes formas de socialização e de expressão de poder.³⁴²

2.4 – TERRITÓRIO DE EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO

O cotidiano de uma pequena cidade como Araxá, em busca permanente de ser contemplada com iniciativas que viabilizassem a estância idealizada, estimulou o movimento de uma massa de trabalhadores. Sua interação e incorporação com diferentes segmentos promoveu a dinâmica da produção e dos serviços locais exigidos e, por isso, em vias de serem oferecidos gradualmente. Nesse sentido, a materialidade do espaço físico absorveu o urbano e a subjetividade nele inerente.³⁴³ Moradores e moradoras viram, pensaram e organizaram o tempo de diferentes formas, conforme seus anseios e desejos, recorrendo às atividades que lhes garantissem sustento ou perspectiva de crescimento material.³⁴⁴

³⁴⁰ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994. p.96.

³⁴¹ HABERMAS, Jürgen. Op. cit. p.46-59.

³⁴² ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987. p.78-82.

³⁴³ BRESCIANI, Maria Stella. Op. cit., 2002. p.16-35.

³⁴⁴ Para a orientação referente às condições dos trabalhadores urbanos em Araxá, foram consultadas também, em igual período, as seguintes obras: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários mulheres prisioneiros*. 4ª.ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Oficinas da História). DECCA, Maria

As remodelações pelas quais passaram o Barreiro, a cidade, os espaços entre ambos e aqueles entre as zonas urbana e rural promoveram, ainda que lentamente e para além dos hotéis, a oferta de trabalho e a atuação da iniciativa privada. Comerciantes, pequenos empresários, produtores rurais, construtores, alfaiates, barbeiros, costureiras, garçons, cozinheiras, motoristas, eletricitas, fotógrafos, músicos, engenheiros, médicos e muitos outros profissionais aos quais recorrem os hoteleiros, obviamente, investiram nos seus serviços, ancorados no cenário de transformação e no poder das águas.³⁴⁵ Todos eles formaram o conjunto de trabalhadores que fizeram a cidade a partir daqueles anos 20, mesmo que, para isso, muitas dessas práticas não tenham sido estabelecidas a partir de um saber técnico legitimado, mas sim de uma técnica empiricamente construída, capaz de dar-lhes um lugar próprio.³⁴⁶

A presença dos mestres do saber técnico-científico durante a formação e a construção gradativa da estância, associada à permanência temporária dos veranistas e aquáticos com seus modos tão particulares de ser e de viver, revelou novos padrões de comportamento praticados durante as temporadas de banhos e de descanso. A sociabilidade mantida entre os visitantes e os moradores locais e entre estes e os profissionais diversos contribuiu para desenhar Araxá com traços que a definiram como um território específico inserido num quadro ampliado, levando-se em conta os fatores espaciais, ambientais e sociais e com eles articulando-se.³⁴⁷

A organização do trabalho, aliada à vida doméstica, ganhou novo redirecionamento. Das experiências diárias constou a introdução de serviços diferentes daqueles tradicionais, fazendo interagirem antigas e inéditas representações do urbano. Foi preciso atrair aquáticos e veranistas não só com produtos, mas também com propagandas comerciais que os divulgassem. A cidade-balneário deveria atuar tal como um “agente provocador” provendo

Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil (1870-1970)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993. PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. Além de focalizar a cidade como paisagem repleta de signos e sentidos, este autor a analisa como conceito que permite conhecê-la por meio de seus saberes e suas formas de expressão de poder.

³⁴⁵ Muitos trabalhadores investiam nos seus ofícios apenas como forma de assegurarem a sobrevivência sem se preocuparem com a divulgação que eventualmente pudesse levar a uma ampliação de seus negócios. Aprendendo e praticando seus ofícios, informalmente, havia ainda os serralheiros, marceneiros, ferreiros, funileiros, caldeireiros, pedreiros, engraxates, tipógrafos, jornalheiros, fogueteiros, carregadores de malas e de mercadorias (os chamados “chapas”), lavadeiras, passadeiras, carroceiros, carreiros, jardineiros ou aqueles popularmente contratados como capinadores de horta e demais trabalhadores urbanos e rurais. PONTES, Hildebrando de Araújo. Op. cit. p.78.

³⁴⁶ CERTEAU, Michel. Op. cit., 1994. p.91-149.

³⁴⁷ AMADO, Janaina. “História e Região: reconhecendo e construindo espaços.” In: SILVA, Marcos da (Coord.). *República em migalha: história regional e local de São Paulo*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ CNPq, 1990. p.8-11.

uma diversidade de opções que, por sua vez, pudessem gerar bens materiais e suprir outras necessidades.³⁴⁸ Mais do que nunca, era preciso perceber e visualizar as possibilidades que se abriam.³⁴⁹

No final de 1924 já se podiam ver pela imprensa os sinais da presença do operariado como segmento social de representatividade. Serviços como os de barbeiro e cabeleireiro faziam-se no Salão Operário, localizado na rua do Comércio. A Associação Operária Araxaense, fundada no ano seguinte – em março de 1925 –, reuniu sob suas bases trabalhadores de diversos ofícios, como costureiras, alfaiates, mecânicos, seleiros, sapateiros, ferreiros, tipógrafos, motoristas e funcionários do comércio e de pequenas fábricas. Imigrantes portugueses e italianos que não possuíam o próprio negócio também integravam o grupo de associados.

Seus fundadores, inspirados pelos ideais trabalhistas que, entre outras metas, pretendiam unir política e culturalmente a classe, definiam a Associação Operária como “fructo bemdicto da harmonia, alta visão e civismo do nosso povo, distribuido por diversos ramos de actividade promissora”.³⁵⁰ Malgrado a posição oficial e publicamente assumida pelo operariado, aliada ao grau de envolvimento do próprio jornal que divulgava as iniciativas nesse sentido, estava presente uma série de circunstâncias na organização da classe. Partia de visões arredias, observadas inclusive imediatamente após o ato de organizarem-se, alcançando outros tipos de relações permeadas por representações e linguagens específicas. Araxá contava, então, com uma renda municipal de 245.000\$000 e a cidade, excetuando-se os distritos, possuía “684 casas construidas e varias em construcções”.³⁵¹ Uma das fontes dos impostos arrecadados pela administração pública advinha justamente dos “ofícios e profissões”, e na cidade viviam cerca de 16.000 habitantes, segundo a estatística divulgada em dezembro de 1925.³⁵²

Os imigrantes, em sua maioria, chegaram a Araxá estimulados pela existência das águas minerais e pela viabilidade do seu uso como forma de expansão de negócios. Aqueles

³⁴⁸ WEBER, Eugen. Op. cit. p.224.

³⁴⁹ GLEZER, Raquel. “Visões de São Paulo.” In: BRESCIANI, Stella (Org.). Op. cit., 1994. p.163-176.

³⁵⁰ A primeira diretoria da Associação Operária Araxaense foi composta por: Sebastião Gomes, João Bazolli, Jason de Oliveira, José Afonso Ribeiro, José Guimarães, Edmar Tito, Arlindo Amaral, Tito Silva, José Horácio Montandon, Alfredo Melasippo, José Fullini, Elias Bittar, Dr. Leonel Braga, Dr. José Ribeiro, Alfredo Neves, José Gomes, Clarimundo Baptista, José Leandro, Júlio Guidini, João da Cruz Filho e Antônio Alves Dimas. Foram eles os fundadores da Associação Operária, acrescidos ainda de Oacisto Teixeira da Cunha, embora este tenha assumido funções administrativas somente nas gestões seguintes. MINAS BRASIL. Araxá, n.211, 01/05/1925, p.1. Arquivo FCCB. Michelle Perrot analisa os olhares “dos patrões franceses vistos pelos operários”, em momento relativo a este e permite associação extremamente pertinente com o panorama local aqui em foco. PERRROT, Michelle. Op. cit. p.81-100.

³⁵¹ SILVEIRA, Victor (Org.). Op. cit. p.788.

³⁵² Ibidem.

de origem européia trouxeram consigo a experiência e a visão obtidas das estações de águas do velho continente. Alguns tornaram-se hoteleiros, como os proprietários dos hotéis dos Estrangeiros, Radio, Colombo, Cavallini e Pinto. Outros introduziram serviços urbanos nas áreas de mecânica, padaria, tornearia, carpintaria, medicina, confeitaria e construção civil. Foi este o caso de Domingos Zema, Fortunato Lopes, Fernando Parolini, Hermenegildo Contato, Luiz Samartano, José Dobrauz, Ferdinando Miller, Maria Ratzinger, Dr. Pedro Pezzuti e Domingos Di Mambro, entre outros.³⁵³

Não apenas os europeus, mas também os árabes uniram-se aos trabalhadores de Araxá, fortalecendo as relações de trabalho e a vida associativa. Com negócio próprio ou não, trabalhadores como Alfredo Melassipo, Elias Bittar, José Guimarães, João Bazolli, José Horácio Montandon, José Fullini e Júlio Guidini reuniam-se em torno da classe que se organizava. A possibilidade de integrar profissionais de diversas atividades e, às vezes, naturalidades para um fim único revelava virtudes como harmonia, civismo e consciência cidadã. Aos olhos dos trabalhadores, tal oportunidade era, sim, decorrência do grau de sociabilidade que se atribuía à população da época e, sobretudo, uma forma de se lançar mão de uma estratégia de sobrevivência.³⁵⁴

Amparada em argumentos reivindicativos dos direitos de circular, de residir e de trabalhar, a imprensa fez um apelo velado ao comércio local exatamente no dia 1º de maio de 1925.³⁵⁵ Jornalistas recorreram à tradição desta data para agregarem os comerciários no movimento internacional e inseri-los nas homenagens ao trabalhador, encerrando antecipadamente o expediente do dia, que, por sinal, era um domingo. O dono do jornal da localidade, Sebastião Gomes, formou o grupo fundador da Associação Operária. Possivelmente, na redação do seu semanário, cuja sede localizava-se na atual rua Capitão Izidro, desenrolaram-se muitas das discussões em torno da organização do trabalho no espaço urbano. A redução da jornada semanal com a folga aos domingos foi uma conquista posterior, coroada com uma lei municipal sancionada pelo prefeito Inácio Dias Paes Leme em 1926.³⁵⁶

O Cine Trianon foi, muitas vezes, o palco das reuniões e assembléias dos membros associados. Nele foram discutidos temas como as condições sociais dos trabalhadores e as funções a serem praticadas pela associação. Não raramente, pedia-se aos médicos e

³⁵³ PROJETO LEVANTAMENTO DA IMIGRAÇÃO EM ARAXÁ. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1985.

³⁵⁴ MINAS BRASIL. Araxá, n.236, 01/11/1925, p.8. Arquivo FCCB. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.13-24.

³⁵⁵ Sobre as reivindicações trabalhistas no espaço da cidade seguidas da análise dos vários sentidos do 1º de maio, ver: PERROT, Michelle. Op. cit. p.115-125; 127-164.

³⁵⁶ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.31, dez. 2000, p.6-8. Arquivo FCCB.

farmacêuticos que ingressassem na organização. Em 1928, três anos depois da sua criação, a organização contava com 137 associados, integrantes de uma população de 16.463 habitantes.³⁵⁷



Imagem 19 – Cine Trianon.³⁵⁸

A imprensa divulgou uma nota, em 1932, sobre a desobediência à lei reguladora do trabalho no comércio.³⁵⁹ Alguns comerciantes locais haviam pedido licença para abrirem suas portas aos domingos até às 12 horas. Em defesa aos trabalhadores e ao seu direito de descanso, o jornal apoiou a decisão tomada pelo prefeito de indeferir a solicitação, manifestando-se favorável ao dia livre.³⁶⁰ Em 1933, novamente os comerciantes manifestaram-se, dessa vez promovendo um abaixo-assinado contendo as posições de Leonildo José da Silva, Francisco Penello, Alberto Ribeiro de Almeida, Celso Affonso, Francisco Ratto, Waldemar Fernandes Corrêa, Enéas Araújo, Antônio Camattari e José Maria Perfeito. Receberam o deferimento da solicitação de licença os salões de barbearia, que

³⁵⁷ Ibidem.

³⁵⁸ O antigo Cine Trianon foi inaugurado em 1922. Ofereceu espaços para o lazer e para reuniões de toda ordem, inclusive trabalhistas. Década de 20. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 01666. Fundação Cultural Calmon Barreiro de Araxá (FCCB).

³⁵⁹ A OPINIÃO. Araxá, n.45, 19/11/1932, p.1. Arquivo FCCB.

³⁶⁰ PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala*. São Paulo: Bomtempo, 2000. p.16.

tiveram permissão para funcionar nos dias 24 e 31 de dezembro até às 16 horas, garantindo-se, assim, o descanso semanal “desses estabelecimentos nos dias de Natal e Ano-Bom”.³⁶¹

Tendo em vista a legislação federal que limitou em oito horas o período diário de trabalho dos comerciários, um decreto municipal publicado em 1934 veio determinar regras que, em grande medida, revelaram ângulos da vida cotidiana da cidade. As casas comerciais funcionavam das 8 horas às 18 horas, mantendo-se fechadas aos domingos e feriados, excetuando-se as farmácias, que ficavam abertas até às 19 horas e excepcionalmente até mais tarde, com avisos do plantão programado. Aos bares, confeitarias, sorveterias, cafés e botequins concedeu-se a abertura em todos os dias da semana até a meia-noite. Nos casos dos cassinos, cabarés e “estabelecimentos analógos” o limite estendeu-se até às 2 horas do dia seguinte. Os primeiros ocupavam as ruas centrais, situando-se às vezes nos próprios hotéis; os demais, tratando-se das zonas boêmias, encontravam-se divididos em determinados pontos da cidade não necessariamente periféricos.³⁶² Os salões de engraxates e as casas de loterias abriam legalmente, evidentemente, nos dias úteis e também aos domingos e feriados, nestes casos das 8 às 12 horas.³⁶³

Em 1933, o município adotou para aquele ano uma tributação específica sobre indústrias, profissões e bebidas. Conforme aviso fiscal, a legislação referiu-se também às atividades denominadas de artes e ofícios e a algumas práticas cotidianas cujo alcance requereu o uso de determinadas formas de regulá-las.³⁶⁴ Estabelecia-se que as declarações deveriam conter as especificações dos artigos do comércio explorado, o objeto da indústria e as operações de venda, no atacado ou varejo. De fato, estes impostos, advindos dos “ofícios e profissões”, referiam-se às “oficinas de trabalho”, estabelecimentos responsáveis pela produção e pelo comércio. A legislação estabelecia, ainda, que deveria ser feita uma avaliação aproximada em litros da venda diária de cada tipo de bebida, inclusive naqueles “dias de festas”, quando o consumo se ampliava. Nesse item incluíam-se os fabricantes e os proprietários de engenho com produção de aguardente. Os impostos estendiam-se aos comerciantes de gasolina estabelecidos ou ambulantes.³⁶⁵

Outros segmentos do comércio investiram no vestuário, na beleza, na alimentação e no entretenimento. As questões voltadas aos contatos mantidos nos espaços públicos

³⁶¹ Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 15/12/1933. Arquivo 000512/ EC/ FCCB.

³⁶² Entre os anos 20 e 30, os pontos mais ou menos isolados referentes à zona boêmia concentravam-se nas ruas Dom José Gaspar, Tiradentes, Calimério Guimarães e Capitão José Porfírio.

³⁶³ RENOVAÇÃO. Araxá, n.3, 28/01/1934, p.2. Arquivo FCCB.

³⁶⁴ CERTEAU, Michel de. Op. cit., 1994. p.140-144. BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 2ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.351-353.

³⁶⁵ A OPINIÃO. Araxá, n.4, 16/10/1932, p.4. Arquivo FCCB.

envolviam também o cuidado com a aparência. Dela dependia ou não o futuro desse convívio. De todo modo, o domínio dos códigos que a regiam estavam sujeitos à capacidade de cada pessoa em captar os sinais diante do que meros detalhes pudessem simbolizar.³⁶⁶ Na Oficina de Costura e Chapéus, de propriedade de Maria Melasippo, ou *Dona Pequetita*, localizada na antiga rua São Miguel e conhecida por “distintas famílias”, moradores e visitantes podiam obter vestidos e *manteaux*, entre outros produtos, conforme os critérios de elegância e de rapidez que os tempos exigiam.³⁶⁷ Próximo dali, na atual rua Presidente Olegário Maciel, a Casa Vasco oferecia à clientela as seções de calçados, meias, sombrinhas e perfumaria. Aos homens e às crianças disponibilizava tantos outros artigos afins, além do Salão Brasil, em anexo, com seus “habeis officios” de barbeiro.³⁶⁸ (Ver Anexos, Mapa 3).

Na mesma rua, o público masculino encontrava o “cortador” Sebastião O. Camargo, proprietário da Alfaiataria São José, que confeccionava vestimentas conforme as regras ditadas pela moda e com preços acessíveis. Nos ramos de barbeiro e cabeleireiro, o Salão Araxá, de Francisco Penello, oferecia serviços com “presteza e perfeição”, unidos a um “gabinete para senhoras” destinado a massagens. Nas propagandas comerciais, o salão se auto-definia como “chic por excellencia, onde a illustre freguesia é servida com a maior atenção”. Entendia-se por ilustre não somente as elites locais, mas também os aquáticos que manifestavam preferência pelo Salão Araxá.³⁶⁹

Na Casa Mineira, de João Geraldo da Silva e *Dona Carlota*, artigos finos, como fazendas, armarinhos, calçados, chapéus, bijouterias e sedas, somavam-se a “artigos grossos”, como ferragens, no intuito de reunir maior clientela. Na Sapataria Central, de J. Velloso & Comp. e direção do sócio Carlos Moura, calçados de “todos os gostos” saíam sob medida da oficina, grande consumidora do couro vindo de cortumes. Situada à avenida Antônio Carlos, como as citadas acima, a Casa Santos, a mais antiga em funcionamento naqueles anos 20 e 30, fundada em 1908 pelos irmãos Izidro, Theóphilo Ferreira dos Santos e Armando Santos, assemelhava-se às demais dos gêneros de secos, molhados, vestuário e perfumaria, porém expandiu-se ao ponto de possuir uma fábrica de ladrilhos, de agenciar a *Standard Oil Co. of Brazil* e de atuar como financeira, na condição de correspondente do Banco do Brasil.³⁷⁰

³⁶⁶ SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.211.

³⁶⁷ THOMPSON, E. P. Op. cit. p.267-304.

³⁶⁸ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.95.

³⁶⁹ Ibidem. p.85.

³⁷⁰ Ibidem. p.89. Sidney Chalhoub apresenta especificidades a respeito da vida urbana em expansão progressista enquanto outros espaços e/ou grupos sociais experimentam formas diferentes de trabalhar e de divertir, em meio ao controle a eles imposto. CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: UNICAMP, 2001. p.23-57 e 247-301.

Fábricas como a Triângulo, produtora de manteiga, agregaram a atividade principal a outros benefícios. Esta, criada pelo italiano Ernesto Rosa e pelo descendente de mesma origem Calimério Guimarães, produziu e comercializou manteiga e queijo, mas notabilizou-se também por reunir diferentes negócios, como a revenda Chevrolet. No mesmo espaço, uma oficina mecânica sustentou a manutenção dos automóveis. Via de regra, as concessionárias para venda e conserto de automóveis mantinham oficinas próprias, mas muitas delas, mesmo sem ostentar nomes consagrados pela indústria automobilística, exerciam funções de qualidade. Dessas, algumas trabalhavam com aluguel de automóveis e com seção de serralheria. Na “Garage Central e Officina Mechanica”, do português Fortunato Lopes, podia-se encomendar toda e qualquer peça para as variadas marcas de automóvel. A empresa importava acessórios para os autos e oferecia gasolina, óleo e pneus. A esse conjunto de serviços acrescentava-se uma filial dessa mesma oficina, localizada no Barreiro.³⁷¹

Mesmo depois de 1929, quando passou a se chamar rua Dr. Franklin de Castro, a antiga rua do Comércio ainda concentrava muitos estabelecimentos comerciais. Da sapataria de José Cândido, passando pelo Foto Parateca, pelas Farmácias Cruzeiro e São José e pela Casa São Jorge, chegava-se aos últimos quarteirões da rua tradicionalmente identificada pela notória atividade comercial que exibia. Nas lojas de Salim Bittar e Elias Leime podiam-se comprar tecidos e variedades, e na padaria da *Dona Diba* consumiam-se quitutes e quitandas tradicionais de origens mineira e sírio-libanesa.³⁷² Nesses pontos comerciais, membros da colônia árabe e outros habitantes da cidade podiam se encontrar para estabelecer relações ou fortalecê-las. (Ver Anexos, Mapa 4).

Muitos se reuniam na porta da Casa Hildebrando Cunha, uma confeitaria que oferecia “variado sortimento de seccos e molhados”, bebidas, frutas, conservas e, ainda, louças e ferragens. Alguns fregueses concentravam-se também na Padaria e Confeitaria Central, de Luiz Samartano. Incluindo charutaria e bar, o estabelecimento manteve “rico sortimento de bombons e chocolates, sem contar os afamados biscoitos Aymoré, 31, Maria e Maisena”. O Bar Trianon, anexo ao cinema de mesmo nome, em funcionamento desde 1922, também se orgulhou de receber as elites e os aquáticos. Paralelamente ao comércio de doces finos, bebidas, artigos para fumantes e presentes, ofereciam-se “ótimos bilhares”.³⁷³

³⁷¹ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.84. PROJETO LEVANTAMENTO DA IMIGRAÇÃO EM ARAXÁ. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1985.

³⁷² Sobre o significado dos termos “quitutes” (iguarias e petiscos) e “quitandas” (pães, bolos, roscas, broas, biscoitos, bolachas) e os seus usos, ver: ABDALA, Mônica Chaves. Op. cit. p.25-47 e 157-165. Especialmente sobre a incorporação de outros hábitos, consultar: HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Presença, 1973. p.198.

³⁷³ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.85.

Na avenida Antônio Carlos, José Guimarães negociava “generos do país, cosmeticos, molhados finos e miudezes”, oferecendo preços competitivos. Avizinhava-se com a Alfaiataria Jamatti, do egípcio nascido em Alexandria, Latfalla de Jamatti, com a Casa Mineira, que funcionou também naquela avenida, com as Casas Pernambucanas e com a Livraria Pinho, cujo proprietário, o engenheiro José Carlos Pedro Grande, oferecia serviços de papelaria e tipografia para escolares, para escritórios e para trabalhos artesanais. No ramo de tipografia, a Oficina de Sebastião Gomes, situada na rua São Miguel, dedicava-se à publicação semanal do jornal *Minas Brasil* e aos impressos de maneira geral – inclusive em cores –, orgulhando-se de prestar serviços pelos preços “correspondentes aos de S. Paulo e Rio”.³⁷⁴

Especialistas em tecidos finos, na Casa Voga, de Gil Rodrigues e Hildebrando Maneira, e na congênere Casa e Alfaiataria Seleta, de propriedade de Chico de Assis, os clientes podiam encontrar-se nos interiores das lojas ou no caminho entre uma e outra, isto é, entre a rua Mariano de Ávila e a rua Presidente Olegário Maciel. Nesta última, a adoção do nome do chefe do governo mineiro em substituição à denominação anterior (rua Boa Vista) sugere que a rua já representava uma importante via central. Entre os anos 20 e 30, não se podia por ela transitar sem recuar-se diante das belas residências e dos atrativos pontos comerciais. Um elenco de vendedores e produtos nela podia ser visto: Farmácia Pinheiro, Livraria Cabral, Casa Mineira, Casa Fonseca (depois, Bazar Fonseca), Alfaiataria de Joaquim de Castro, Casa Vasco, Drogaria Dumont, Casa Bancária Omar Dumont, Casa Enéias, Casa Braga e Casa Henrique. Além das construções residenciais elitizadas e dos estabelecimentos comerciais, os hotéis Araxá e Bella Vista, o antigo Clube Araxá e o Clube Brasil (desde 1937) também localizavam-se nesta rua de crescente expressão.³⁷⁵ (Ver Anexos, Mapa 4).

³⁷⁴ Propaganda comercial. A FAÍSCA. Araxá, n.1, 19/01/1930, p.4. Arquivo FCCB. CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.85-93.

³⁷⁵ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.79 e 82.



Imagem 20 – Rua Presidente Olegário Maciel.³⁷⁶

O fotógrafo Octavio Fonseca, mineiro de Prados que já havia morado nas capitais mineira e federal, estabeleceu-se em Araxá em 1921, conduzido pelo espírito observador que o caracterizava e atraído pela condição de estância hidromineral desfrutada pela cidade.³⁷⁷ Focalizando as perspectivas profissionais a ele reservadas, procurou um espaço para abrir seu primeiro ateliê na antiga rua do Comércio. O principal fotógrafo da cidade era o octogenário *Totôe* Simões, nascido em Uberaba. Outros dois, Goretta e Mazzotti, trabalhavam em Araxá como fotógrafos ambulantes. Mas o fato é que, dois anos após sua chegada, Octavio Fonseca fez da sua residência própria, na rua Boa Vista, um ambiente para a Casa Fonseca, ateliê de fotografias, local para fabricação própria de molduras e vidraçaria. A referida rua, ainda de terra, não possuía rede de esgotos, tampouco calçamento, mas ambos seriam ali implantados, à frente de outras ruas, na década de 30. Este cenário justificou a iniciativa do fotógrafo de unir o ateliê à oferta de outros serviços decorrentes da imagem como arte tecnicamente reproduzida. A fotografia não representava ainda uma atividade profissional regular, já que se situava mais próxima do entretenimento do que de uma ocupação que assegurasse a sobrevivência.³⁷⁸

³⁷⁶ Trecho da antiga rua Boa Vista, já denominada rua Presidente Olegário Maciel, onde se vê, em primeiro plano, à direita, o Clube Brasil. Anos 30-40. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 00402. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

³⁷⁷ LUGAR DE MEMÓRIA. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2001. p.135.

³⁷⁸ MAUAD, Ana Maria. Op. cit., 1997. p.182-231.

O trabalho do fotógrafo introduziu novidades. Ele havia aprendido o ofício em ateliês reconhecidos do Rio de Janeiro, entre os quais “Fotografia Musso” e “Fotografias Raul”. Antes disso, trabalhou na “Livraria Leuzinger e Cia.”,³⁷⁹ importante editora brasileira de postais, onde provavelmente teve os primeiros contatos com a arte de fotografar, observando a recriação de cenas do cotidiano em estúdio. Em Araxá, Octavio Fonseca produziu fotografias em preto e branco, coloridas à mão e esmaltadas. A cada inovação que trazia da capital federal o artista ampliava a sua freguesia. A Casa Fonseca diversificou o estoque, passando a oferecer, entre outros, cartões-postais e souvenirs como xícaras, copos e canivetes importados que chegavam ao Rio de Janeiro, onde recebiam a inscrição “Lembrança de Araxá”, para, depois, serem transportados e vendidos na cidade. A loja transformou-se, portanto, em Bazar Fonseca e chegou a ter uma filial no Barreiro no início dos anos 30.

Se a antiga Boa Vista cristalizava-se enquanto espaço destinado a estes segmentos comerciais, nos anos 40 e alcançando ainda os 50, a mesma rua passou a abrigar bares, cafés e confeitarias celebrizados pela população. Sendo assim vista e sentida pelos moradores, tal caracterização transferia-se eventualmente aos visitantes. A cidade-balneário transformava-se em “mostruário de estilos de vida especificamente urbanos”,³⁸⁰ estimulando a noção de consumo enquanto necessidade de aquisição do novo, de circulação de mercadorias e de dinamização da economia. Reside aí – a propagação do que existe para ser consumido – mais um fator particular presente nas estações de águas muitas vezes identificado anteriormente ao das cidades de um modo geral.

No entorno desta rua principal, localizavam-se, ainda, estabelecimentos relacionados ao comércio de gêneros alimentícios, tecidos, confecções, calçados e outros produtos de uso pessoal e doméstico. O armazém de Calimério Guimarães comercializava gêneros alimentícios, utensílios domésticos e objetos de uso agrícola, fazendo do Largo do Rosário (hoje praça Hely França), onde se situava, um espaço de significativo movimento comercial. Anos mais tarde, próximo a este lugar, na antiga rua Quintino Bocaiúva, o ex-motorista de automóveis José Natal estabeleceu-se também no ramo de gêneros alimentícios com significativa representatividade.

³⁷⁹ KARP VASQUEZ, Pedro. *Postaes do Brasil: 1893-1930*. São Paulo: Metalivros, 2002. p.54-76.

³⁸⁰ O entendimento dessa “economia de consumo” presente nas estações de águas ocorrido em tempo anterior ao de outras cidades é analisado por Weber. WEBER, Eugen. Op. cit. p.219.

No alto da avenida Antônio Carlos, o armazém de Ezequiel Pinto da Silva, o *Zico Pinto*, agregou à sua volta um conjunto de fregueses afortunados e de produtores rurais, fornecedores que lhe garantiam parte do estoque, acrescido de utilidades domésticas, importadas inclusive, que chegavam pela Estrada de Ferro Oeste de Minas. Logo abaixo, a Merendeira – que inicialmente foi de Celestino Rodrigues Valle, o *Tino*, e posteriormente de *Zeca do Alfredo*, apelido de José Florêncio da Fonseca – vendia guloseimas como broinha de amendoim, pão-de-queijo, bolo de milho, doces de leite branco e preto, cocadas, puxas e biscoitos de polvilho, os conhecidos “chimangos”. Era ali uma espécie de lanchonete que dividia espaço com um salão de jogos, onde os amigos se reuniam para jogar pife-pafe, cacheta e pôquer.³⁸¹

Assim como nos hotéis da cidade e do Barreiro, muitos dos itens vendidos em bares e confeitarias similares à Merendeira originavam-se de outros ingredientes adquiridos em armazéns ou às portas das residências, vindos de produções caseiras elaboradas de forma artesanal nos mesmos espaços urbanos ou rurais. Tal hábito – o de vender variados produtos alimentícios em domicílio – justificou a inconsistência do hábito de freqüentar um mercado municipal enquanto área destinada a essa função comercial.³⁸² Na rua Capitão José Porfírio, mais especificamente na casa de Gaudêncio Ignácio de Almeida, fundada em 1924, podiam-se obter cereais, queijos, carnes, café e os inovadores serviços de bar, sorveteria e restaurante. As instalações constituíam-se na matriz dos negócios sob a qual giravam três filiais localizadas nos bairros Santa Rita, Lavapés (atual São Geraldo) e Chapada (atual Silvéria). (Ver Anexos, Mapas 3 e 4).

³⁸¹ LUGAR DE MEMÓRIA. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2001. p.1. O nome do comércio de *Zeca do Alfredo* – Merendeira – origina-se do termo “merenda”, usado para denominar o lanche ou a refeição rápida no período da tarde, assim como o termo “puxa” refere-se ao doce de rapadura cuja consistência é elástica.

³⁸² Conjunto de cadernetas manuscritas por Urias Machado de Castro numeradas de 01 a 09, datadas de dez./1929 a abr./1930; jul./1930 a set./1930; abr./1931 a maio/1931; set./1932 a nov./1932; jan./1933; jan./1936 a fev./1936; out./1936 a jan./1937; out./1938 a dez./1938 e set./1939. Arquivo FCCB. Nesta documentação o mesmo autor das notas, sitiante, revela itens produzidos por ele e revendidos no comércio local. Em depoimento oral concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB, 1995, Dâmaso Drummond revela sua surpresa em relação à não-existência de um mercado municipal ativo e duradouro na cidade, nos moldes vistos por ele em outros lugares. Sobre a possibilidade das fontes trazerem os personagens até o nosso meio, ler: GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.12.

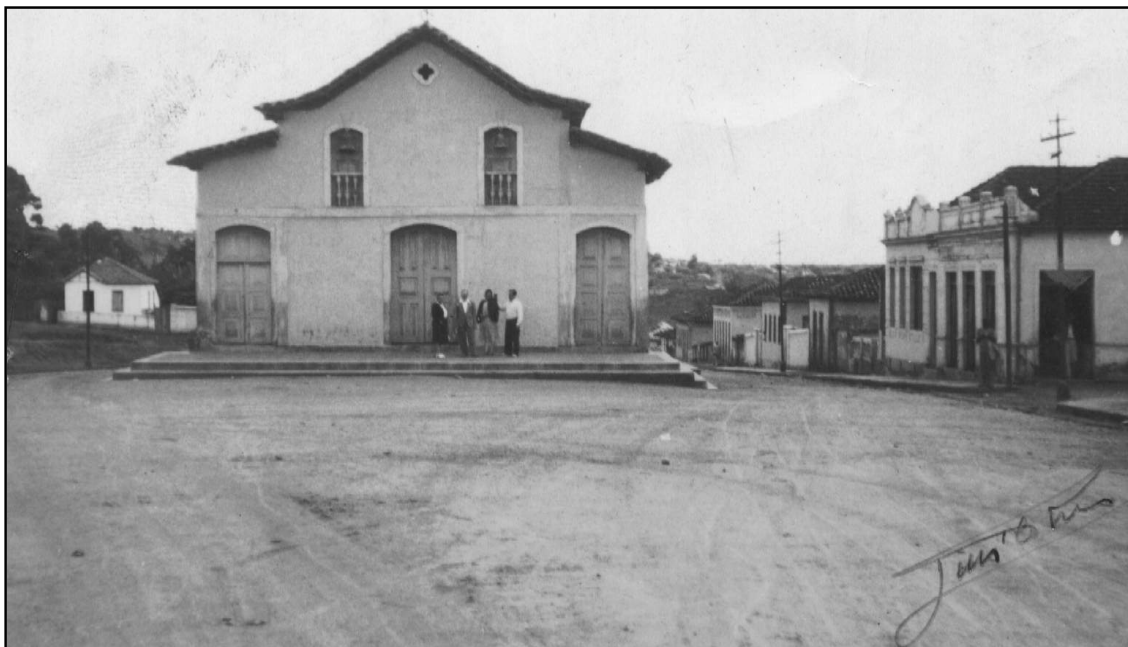


Imagem 21 – Casas comerciais do entorno da igreja São Sebastião.³⁸³

Ao longo da avenida Marechal Floriano (atual avenida Vereador João Senna), em direção oposta ao largo do Rosário, concentravam-se os armazéns de Olímpio Pereira Marques e João Senna, comerciantes personificados com a vida produtiva da cidade naqueles anos 20 e 30. À venda de gêneros alimentícios eles reuniram outros produtos diversificados, transformando-se, nos anos 40, em grandes atacadistas. Estes estabelecimentos tinham o largo da igreja São Sebastião como convergência e, assim como outros localizados no entorno da edificação religiosa – como a Casa Brasileira, de Juvenal Pereira Marques (loja de tecidos, confecções, calçados e aviamentos, fundada em 1923), e a Casa Síria, de Miguel Jorge Feres (especializada também em tecidos) –, contribuíram para caracterizar o território de São Sebastião como reduto de uma comunidade de forte traço identitário. É possível, ainda, pensá-lo como um lugar específico, entre outros da estância hidromineral, onde se convivia com práticas cotidianas de trabalho, intercruzadas com a sociabilidade natural de uma pequena cidade e, mais ainda, com os ritos simbólicos que a presença da igreja promovia.³⁸⁴ (Ver Anexos, Mapa 4).

³⁸³ Passando pelo largo da igreja São Sebastião, a então avenida Marechal Floriano abrigava armazéns, entre várias outras casas comerciais. Anos 30-40. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 098C. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

³⁸⁴ LUGAR DE MEMÓRIA. Vol.2. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2002. p.113.

Médicos e farmacêuticos investiram de maneira tão intensa na divulgação dos seus estabelecimentos e na prestação de serviços que muitos deles atendiam em filiais no Barreiro. Ali, ao amanhecer, farmácias e consultórios já se colocavam à espera de fregueses e pacientes. Alguns tipos de comércio, como os de medicamentos, os de produtos turísticos (como o Bazar Fonseca), as garagens e as oficinas mecânicas, também facilitavam a permanência dos aquáticos hospedados no Barreiro e, de certa forma, dos moradores instalados no local próximo às fontes.³⁸⁵

Muitas famílias ali viviam e sobreviviam para além de outras atividades. A Casa de Banhos, as fontes, os jardins e, especialmente, os hotéis empregavam, por mês, mais de um membro do mesmo núcleo familiar.³⁸⁶ Em torno de um comércio comumente praticado no interior do país, isto é, apoiado na existência de vendas que aglutinavam extensa variedade de gêneros, num misto de armazém e mercado, muitos garantiam a sobrevivência diária. Afora estes estabelecimentos havia, ainda, os que se dedicavam à extração e ao engarrafamento de água sulfurosa, atividade que, embora fosse realizada de maneira rudimentar e alternasse diferentes responsáveis, tinha como objetivo comercializar o produto em São Paulo, cidade a qual chegava via estrada de ferro.³⁸⁷ Em outro sentido, fortalecendo a via de mão dupla entre a cidade e as fontes, crianças e jovens, em alguns dias da semana, caminhavam a pé até o Barreiro para levar ao relativamente distante centro urbano água – tanto a radioativa quanto a sulfurosa – para consumo e para venda.³⁸⁸

A visibilidade exterior permitida pelos espaços do Balneário fazia deles pontos comercialmente estratégicos. As Casas Pernambucanas solicitaram, em 1930, a devida licença ao prefeito para ali afixar um reclame artístico, tal qual o fizera o “Banco Comercio e Industria de Minas Geraes”, igualmente estabelecido com sua matriz no centro da cidade, porém na praça da Conceição.³⁸⁹ Tratando-se do comércio farmacêutico, a Farmácia Popular, de Argeu Moreira, e a Farmácia Mesquita, de Salomão Pereira de Mesquita – a primeira

³⁸⁵ Entre os citados produtos turísticos disponíveis na filial do Bazar Fonseca, localizada no Barreiro, vendia-se material fotográfico, uma vez que o proprietário exercia também a profissão de fotógrafo. Comparado a esse tipo de comércio existente em centros maiores no final do século XIX, analisado por Ana Maria Mauad, o caso de Araxá com sua estância mostrava que ainda, a essa época, havia não apenas a união do serviço do fotógrafo com o da venda de material como, também, de outros similares. MAUAD, Ana Maria. Op. cit., 1997. p.195.

³⁸⁶ Depoimento de Arnaldo de Almeida Castro concedido à autora em outubro de 2006, Araxá. Em Araxá os empregos gerados no balneário e nas fontes abriam espaços para auxiliares nos serviços de banho e de ingestão de água, entre outros, assim como nas estações francesas. Weber analisa a requisição de grande número de “auxiliares de banho, carregadores de cadeiras, massagistas, varredores e operários de lavanderia”. WEBER, Eugen. Op. cit. p.223.

³⁸⁷ Depoimento de Benedito Oliveira concedido à autora em agosto de 2006, Araxá.

³⁸⁸ Depoimento de Raul França concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB, 1995.

³⁸⁹ Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1930. Arquivo 000177/ EC/ FCCB.

situada na rua Boa Vista e a segunda na avenida Antônio Carlos –, dividiam uma clientela à procura de preços módicos e de produtos nacionais e estrangeiros.³⁹⁰

O cientista Caminhoá, após ter sugerido, em 1890, o uso industrial das águas minerais e da lama termal na fabricação de sabonetes, estimulou um movimento que gerou inúmeras atividades no mundo do trabalho. Por volta de 1918, a cidade passou a abrigar a Fábrica de Sabonetes Finos Medicinais, de F. C. Epiphânio. As bulas dos sabonetes traziam atestados de médicos respeitados da cidade, entre os quais o Dr. Mário de Magalhães, o Dr. Pedro Pezzuti, o Dr. Almeida Machado, o Dr. Franklin de Castro e o Dr. Lauro Magalhães. Possivelmente, essa foi a primeira indústria do ramo e os sabonetes podiam, ainda, ser adquiridos por intermédio dos Correios³⁹¹. (Ver Capítulo 1, item 1.3).

Em 1928, a Grande Fábrica dos Legítimos Sabonetes de Araxá, de propriedade do farmacêutico Luiz Correa, já contava com três marcas de produtos, nomeadas Araxá, Araxaense e Araxalino. A propósito, a fábrica trazia no seu registro oficial a denominação “Sabonete Araxaense”. Isso veio corroborar a associação constante do produto à sua legitimidade, ou seja, como algo essencialmente natural da cidade. A escolha dos nomes dos três exemplares que produzia foi inspirada no termo Araxá e nas derivações dele. Em 1932, a “Fábrica de Sabonete Araxaense”, por sua vez, ganhou nova denominação, depois de ser vendida à firma Marçolla & Cia., atuante no segmento de perfumaria em Belo Horizonte.³⁹²

Daí por diante, as perspectivas na área da produção de cosméticos impulsionaram novos empreendimentos. Na década de 40, empresários locais, entre os quais Geraldo Porfírio Botelho e Dâmaso Drummond, criaram a Fábrica de Sabonetes Araxá, que depois foi vendida ao jurista Dr. Christiano Barsante e ao farmacêutico Clóvis Cardoso Júnior. Mais tarde, nos anos 40, a fábrica desenvolveu uma linha de perfumaria e chegou a produzir de três a quatro mil sabonetes por dia, comercializando-os na galeria do Grande Hotel, no Complexo Termal do Barreiro, após sua inauguração. A partir de então, a Fábrica de Sabão Araxá, criada em 1951 pelo imigrante árabe Abdanur Elias, seria a responsável pela produção de cremes derivados da lama e do sal sulfuroso.

³⁹⁰ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.84 e 88.

³⁹¹ Ibidem. p.97.

³⁹² Ibidem. p.92 e Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1932. Arquivo 001236/ EC/ FCCB.

A visibilidade das experiências de trabalho de diferentes etnias, classes e gêneros evidenciaram não só as práticas cotidianas em seu amplo sentido, como também as vincularam à questão política, que, redirecionada, atingiu a “esfera do privado e do cotidiano, com uma politização do dia-a-dia”.³⁹³ Homens, mulheres, adolescentes e até crianças lutavam pela sobrevivência, gerando improvisações e outras modalidades diferentes de trabalho, fazendo intercruzarem-se as atividades domésticas àquelas originalmente destinadas ao mercado de consumo.³⁹⁴

A reinterpretação dessas práticas culturais no espaço vivido da cidade e do Balneário e a utilização de rituais cotidianos, teorizando sobre os hábitos repetidos diariamente pela maioria dos moradores e frequentadores de Araxá, mantiveram-se, em geral, submersas diante do desenvolvimento da produção sócio-cultural. Muitos protagonistas, os “praticantes ordinários da cidade”, são eventualmente silenciados, mas essenciais à sua existência. À margem de tantos profissionais, outros estão sempre preenchendo “os cheios e os vazios” de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo.³⁹⁵

Em meados dos anos 30, os araxaenses, entusiasmados, viram aproximar-se a oportunidade de ganharem, agora sim, condições propícias ao recreio dos usuários das águas.³⁹⁶ Recomendava-se que os visitantes que chegavam em busca de repouso fossem cercados da comodidade inerente àquele período de ausência de trabalho. A premissa dominante naqueles anos 30 de que todo cidadão deveria ser um trabalhador no sentido exato do termo reservou-lhes o direito ao descanso.³⁹⁷ Nesse sentido, muitos habitantes locais criaram diversas maneiras de fazer expandir sua cidade, por meio do trabalho e da possibilidade de antecipar-se ao tempo a partir da leitura que cada um fazia daqueles espaços urbanos.

Interpretar essa estação balneária, materializada especialmente entre os anos 20 e 40, é, também, vê-la no processo de construção de um projeto amplo nas esferas política, social e cultural, cuja rede histórica sugere a existência simultânea de antigas e novas formas de ver, de pensar e de fazer enquanto experiências vividas pelos seus habitantes, os trabalhadores. A presença freqüente de pessoas de diferentes lugares colaborou para a formulação de hábitos e representações cosmopolitas postos lado a lado de outros, de tradição conservadora. Ambos, contudo, mostraram-se igualmente provocadores de reações de deslumbramento e

³⁹³ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. p.22.

³⁹⁴ *Ibidem*. p.43-68.

³⁹⁵ CERTEAU, Michel de. *Op. cit.*, 1994. p.171.

³⁹⁶ SILVA, Sebastião de Affonseca. *Op. cit.* Arquivo 00046/ ABPH-01/ FCCB.

³⁹⁷ GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.25. PARANHOS, Adalberto. *Op. cit.* p.27.

estranhamento.³⁹⁸ Considerando-se o universo dos hotéis, do Balneário (antigo e novo), das fontes e dos serviços urbanos, percebe-se que, como lugares de descanso, de cura dos males do físico e da mente, de divertimentos e de trabalho, eles permitiram a criação de outros espaços sociais e de relações de poder, inclusive recíprocos, dando vigor às diferenças entre as vidas diurna e noturna.³⁹⁹

³⁹⁸ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.171-179.

³⁹⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.26.

III – TEMPOS DE CURAR E DE EMBELEZAR

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

*As três mulheres do sabonete Araxá me invocam,
 me bouleversam, me hipnotizam.
 Oh, as três mulheres do sabonete de Araxá às 4 horas da tarde!
 O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!
 Que outros, não eu, a pedra cortem
 Para brutais vos adorarem,
 Ó brancaranas azedas,
 Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata
 Ou celestes africanas:
 Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá!
 São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá?
 São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?
 São as três Marias?
 Meu Deus, serão as três Marias?
 A mais nua é doirada borboleta.
 Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida,
 dava pra beber e nunca mais telefonava.
 Mas se a terceira morresse...
 Oh, então nunca mais a minha vida outrora teria sido um festim!
 Se me perguntassem: queres ser estrela? Queres ser rei?
 Queres uma ilha no Pacífico? Um bangalô em Copacabana?
 Eu responderia: não quero nada disso, tetrarca.
 Eu só quero as três mulheres do sabonete Araxá:
 o meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!*

(Manuel Bandeira)

Este terceiro capítulo dedica-se aos aspectos formadores de uma identidade com a interpretação das múltiplas vivências presentes no cotidiano da cidade e do Balneário. O enfoque do corpo sob uma perspectiva histórica fundamenta a identificação e a análise da tendência que impulsionou a visitação às estâncias balneárias. Araxá uniu as idéias de higiene, de saúde física e de embelezamento às noções de trabalho e de lazer, buscando agregar condições propícias para oferecer as águas revigorantes do organismo aos seus freqüentadores. As iniciativas de médicos, engenheiros, geólogos, hoteleiros, administradores e publicitários tornaram-se perceptíveis na promoção de estudos científicos sobre as qualidades das águas, que, aliadas às condições naturais e ao conforto dos espaços públicos e privados, conquistaram respaldo técnico e demanda de visitantes. A urbanização trouxe a sociabilidade e esta, por sua vez, a incorporação de novos padrões de comportamento.

A cidade tinha seu próprio cotidiano e aquele que se projetava para as temporadas de 21 dias. Nesse período, o cenário local parecia absorver a diversidade de referências que apontavam as potencialidades individuais e coletivas. Os divulgadores da estância de Araxá depositavam confiança na idéia auspiciosa de se respirar um novo ar, o componente essencial das águas. A variação do lugar aliada à hidroterapia e aos benefícios climáticos, alterando hábitos e incorporando outros, tornava-se vital ao alívio do ritmo em crescente tensão nos centros urbanos. As práticas e representações corporais permitiam, ainda, uma inserção no universo da estética.

3.1 – ÁGUAS E CURA: AS TEMPORADAS E OS AQUÁTICOS(AS)

A especificidade de Araxá enquanto estância balneária reproduziu continuamente relações sociais e de trabalho nascidas do contato mantido com o outro mais ou menos distante. A história desse lugar interagiu com tantas relações pessoais quanto as histórias vividas por aqueles que o freqüentaram periodicamente.⁴⁰⁰ Se as experiências dos moradores, obtidas mediante o exercício de atividades profissionais e vinculadas a uma sucessão de idéias e iniciativas para que serviços urbanos fossem implantados, promoveram a viabilização da estância, as experiências dos visitantes caminharam em sentido paralelo, mas com igual proporção.

⁴⁰⁰ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.32-36.

Como expectadores ansiosos por situações inéditas, os veranistas repousavam, se divertiam, relaxavam junto ao ambiente natural, realizavam tratamento médico, enfim, desfrutavam o tempo do “não-trabalho”. Por um lado, as pessoas de Araxá adaptavam seu corpo e suas aspirações ao modelo de uma cidade que se queria como estação de águas. Reservavam o sustento a si e às suas famílias, buscando formas de crescimento material que variavam segundo as suas capacidades de observação e de execução. Por outro, garantiam a permanência dos que chegavam, colocando-se à disposição para oferecer-lhes o lazer ou a cura.

O ato de fazer uma estação ou de estar por determinado tempo num ou noutro lugar, neste caso uma estância onde se passa temporada com objetivos de fazer tratamento ou de descansar, pressupõe experiências variadas. Entre o aquático visitante e o morador anfitrião verificou-se a criação de uma via ocupada por elementos que se cruzavam, ora tensionados, ora não. Poderiam ser esses elementos os hábitos alimentares, os modos de se vestir, de trafegar, de portar-se e tantas outras novas maneiras de pensar, de consumir ou de produzir para o deleite próprio ou para fins de comercialização. Essa reprodução, adotada não só como simples prática individual ou familiar, mas também como forma de comercializar mercadorias, ganhou mais ou menos força conforme se estabeleceram as particularidades das relações locais, quer fossem sociais, quer fossem de trabalho.

Esses elementos compuseram um “feixe” cultural, podendo ser tanto aqueles incorporados em virtude do caráter hegemônico que apresentavam, quanto aqueles transmitidos entre gerações.⁴⁰¹ No dia-a-dia da cidade, as práticas colocadas em evidência – como a adoção de um novo corte de cabelo ou de um chapéu, a posse envaidecida de uma fotografia ou de um automóvel ou um ingrediente a mais na feitura do almoço trivial – nasciam muitas vezes desse relacionamento com o imprevisto. Bem-vinda e, simultaneamente, provocadora de um certo estranhamento, a novidade não perturbou a racionalidade, abrindo possibilidades para fazer de Araxá, do Barreiro e do caminho entre ambos uma cidade viva e “mítica”.⁴⁰²

O período dedicado a fazer a estação de águas durava inicialmente 21 dias. Foram os habitantes de Roma que estipularam este período, haja vista a preocupação voltada para os princípios que eternizariam sua cidade, explícitos no valor atribuído às aparências tanto no espaço urbano, com seus traços geométricos, quanto no corpo, em constante busca pelas

⁴⁰¹ Edward P. Thompson chamou de “feixe” o conjunto de vários elementos culturais que são incorporados ao longo dos contatos mantidos em determinada comunidade ou transmitidos por tradição. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.19-22.

⁴⁰² CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.183-191.

formas estéticas harmônicas, pela purificação e pela higiene por eles consideradas as ideais. Criados os estabelecimentos públicos para banhos – as termas romanas –, eles viam no ato de banhar-se uma experiência naturalmente exigida ao cidadão e à cidadã.⁴⁰³

As temporadas não eram apenas acontecimentos efêmeros, sem rastros. A fugacidade da programação, seguida a princípio durante três semanas (às vezes mais, às vezes menos) como privilégio e poder do veranista, não passava incólume ao habitante local, ainda que pudesse parecer-lhe cronologicamente reduzida. Longe disso, o período de convívio com aquele que chegava para depois partir – não raro, com a esperança do retorno – dotava a cidade de um ritmo passível de absorver todos os movimentos próprios de um lugar onde se podia estar por algum tempo com todos os seus sentidos, inclusive os metafóricos. Esse período de permanência na estância representava para os aquáticos um intervalo em suas vidas, objetivando o reequilíbrio do organismo. A consciência do tempo vivido no dia-a-dia, muitas vezes desgastante, enfadonho e, sobretudo, uniforme, parecia quebrar-se ou retardar o seu fluxo quando o indivíduo usufruía a estação de águas tranqüila e longínqua de Araxá.

Já na chegada à cidade se obtinha a sensação da amplitude e do vigor que caracterizaria aquelas semanas tão especiais. Os hábitos diferentes então introduzidos levavam ao esquecimento do mundo deixado para trás. Após a primeira semana, o visitante, uma vez aclimatado, sentia o tempo passar rapidamente.⁴⁰⁴ Já se vivia a nova monotonia conquistada e, ao contrário do que se pensa, os dias pareciam breves no seu conjunto. Afora os benefícios absorvidos durante três semanas de tratamento e tranqüilidade, a viagem em si significava o rompimento da rotina, experiência decorrente não apenas do interregno, mas também da distância geográfica que temporariamente separava o visitante dos seus afazeres da vida cotidiana.⁴⁰⁵

“A estação thermal cria uma medicina physica e suggestiva do mais feliz êxito”, garantiu uma espécie de guia do usuário, em 1920 – “sobretudo quando como no Araxá, onde, a paisagem é nova e encantadora e cujas águas e clima são de peregrinas virtudes”.⁴⁰⁶ Os aquáticos, sobretudo os doentes, eram aconselhados a não fazerem viagens longas de maneira ininterrupta, já que paragens esparsas podiam aliviar a distância e o provável desconforto do percurso. Das estações férreas de Sacramento e de Uberaba partiam automóveis para conduzir

⁴⁰³ SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª.ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.6-123. Ver também Antonio Candido prefaciando João do Rio in: RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. 3ª.ed. São Paulo: Scipione, 1992. p.IX-XVIII.

⁴⁰⁴ MANN, Thomas. *A montanha mágica*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p.143-145.

⁴⁰⁵ *Ibidem*. p.11-14.

⁴⁰⁶ GUIA Thermal das Águas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. p.9-14.

todos à estância de Araxá em poucas horas. Como garantia aos passageiros, anunciava-se a existência de telefones ao longo do trajeto.⁴⁰⁷

Naqueles anos 20, nada mais nada menos do que trinta horas de viagem separavam Araxá daqueles que viviam no Rio de Janeiro. Já os moradores de São Paulo levavam cerca de vinte horas para chegarem à estação de águas.⁴⁰⁸ Do Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro Central do Brasil, mais especificamente da estação central da capital da República, partiam três trens diários para a capital paulista: um diurno e dois noturnos. Às 7 horas da manhã de cada dia o passageiro tinha à sua disposição a primeira e a segunda classes, com bilhetes de ida e volta intervalados em trinta dias. À noite partia um trem com carro-dormitório cujos leitos eram oferecidos a preços mais acessíveis, seguido de outro, três horas depois, porém de luxo. Este dispunha de cabines com dois leitos e um carro-restaurante. A viagem do Rio de Janeiro a São Paulo era realizada em cerca de onze horas.

Da estação da Luz, em São Paulo, saíam dois trens rumo a Sacramento e a Uberaba: um ao amanhecer e outro ao anoitecer. Esses correspondiam aos horários dos trens da “Companhia Mogyana”, vindos de Campinas, em direção às supracitadas cidades mineiras. As passagens davam direito também à viagem de volta, com a baldeação acrescida da estação de Ribeirão Preto. O porte e o estilo das cidades pelas quais passavam os trilhos contavam a favor dos trens. Havia restaurantes também nas estações, embora tanto a Central do Brasil como a “Mogyana” dispusessem desse serviço nos seus próprios vagões ou carros, os chamados “carros-salões”. No caso da estação de Sacramento, a viagem exigia, nesse ponto, que se tomasse um bonde elétrico até a cidade, distante quatorze quilômetros da estrada de ferro, percorridos em trinta minutos.⁴⁰⁹

Nestas terras mineiras, onde se viam chapadões, serras e campos, os passageiros cumpriam por estradas de automóveis os trajetos entre Sacramento e Araxá ou Uberaba e Araxá. No primeiro deles, procedente da cidade sacramentana, um Fiat chegava à estância hidromineral nos dias pares do mês para retornar nos dias ímpares. A empresa Auto-Viação Sacramento-Araxá, responsável por este serviço de condução dos passageiros, pertencia a um negociante conhecido regionalmente como Coronel José Afonso de Almeida e tinha como representante em Araxá a firma “José da Cunha & Cia”. Com o italiano Domingos Zema, motorista da referida empresa no início dos anos 20, onze pessoas – de acordo com a capacidade dos carros – chegavam em quatro horas a Araxá, contabilizando paradas nos

⁴⁰⁷ Ibidem. p.15.

⁴⁰⁸ Ibidem. p.51-52.

⁴⁰⁹ CERCHI, Carlos Alberto. *Os bondes de Sacramento*. Uberaba: Pinti – Editora Artes Gráficas, 1991. p.93-104.

pontos previamente estabelecidos ao longo da estrada, entre os quais Ventania, Alpercatas e Poções. O trânsito livre, sem pedágios, para os autos da viação concessionária, assim como para carros de bois e caminhões, colaborava para agilizar a viagem daqueles que preferiam o roteiro via Sacramento.⁴¹⁰

Alguns aspectos contribuíam para fazer do percurso de 88 quilômetros um caminho aprazível e um orgulho a mais para os donos do negócio. Embora a estrada fosse margeada por aparelhos telefônicos, cada automóvel da Auto-Viação Sacramento-Araxá contava com um telefone portátil. Para oferecer maior comodidade aos passageiros, as bagagens seguiam à parte, em carros destinados apenas para transportá-las. As viagens seguiam um calendário próprio com base, evidentemente, nos horários de todos os trens da “Mogyana”. A cada dia ímpar, às 4 horas da manhã, partia de Araxá um automóvel da empresa do Coronel José Afonso. Os passageiros embarcavam rumo a São Paulo na estação do Cipó, em Sacramento, às 10h30min, passando por Ribeirão Preto, de onde saía o noturno das 21h30min, para chegarem à capital paulistana às 9h40min do dia seguinte.

Outras opções despontavam àqueles que pudessem contar com motoristas particulares ou eventualmente contratados para essas viagens. Eles conduziam os passageiros de Araxá a Ribeirão Preto, de onde partia um trem às 7h30min com chegada a São Paulo prevista para as 19h15min. Da cidade paulistana partiam trens em direção ao Rio de Janeiro às 7 horas e às 20 horas, com chegadas às 18 horas e às 7h40min da manhã seguinte, respectivamente. Outra locomotiva, de luxo, partia de São Paulo às 21h05min para chegar ao Rio de Janeiro às 8h25min.

Tal qual o percurso de Sacramento a Araxá, o caminho entre Uberaba e Araxá era percorrido por meio de empresas arrendatárias desse privilégio, uma vez que a estrada de ferro ainda não alcançava diretamente a cidade. Pela viação de Thiers Botelho chegavam de Uberaba, em dias alternados da semana, os automóveis com passageiros que haviam embarcado nos trens da “Mogyana” ou nos da Oeste de Minas, vindos de Belo Horizonte. Durante o ano de 1922, esse roteiro esteve arrendado a Domingos Zema, já desligado da Auto-Viação Sacramento-Araxá, que o fazia em cinco horas, conduzindo três pessoas no seu Ford modelo T-1914. Às 5h30min, ele partia de Uberaba nos dias pares para retornar, no mesmo horário, no dia seguinte, em dias ímpares.⁴¹¹

⁴¹⁰ CASTRO, Maria Beatriz Afonso de. *Zema: a história de um nome*. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 1994. p.22-52.

⁴¹¹ *Ibidem*. p.58. De 1926 em diante, a linha férrea já alcançava Araxá, mas esta estrada manteve o trânsito até 1936, quando o governo mineiro construiu, de maneira rústica e penosa, a Araxá-Belo Horizonte. Em 1932, Thiers Botelho cedeu os poderes do direito que possuía à Prefeitura de Uberaba e recebeu indenização do

Salvo os imprevistos geográficos e climáticos ou os desafios de transpor estradas de cascalhos, pontes, mata-burros e bueiros, outras dificuldades se impunham, como a necessidade de se transitar por vias de propriedade particular e, no caso da estrada Araxá-Uberaba, aberta sem subvenção estadual, o pagamento de pedágio. Em 1927, o ingresso de cada passageiro de automóvel particular à referida estrada custava 10\$, custo baixo se comparado aos cobrados em outras rotas. Essa prática se refletiu nas relações entre os poderes públicos constituídos e os direitos privados de concessionários e passageiros, gerando conflitos de empresários e motoristas com fazendeiros e prefeitos da redondeza.

A estrada ligando essas duas cidades – Araxá e Uberaba – começara a ser concebida em 1917, como parte das ações da “Botelho & Magalhães”, a mesma que arrendara, desde o início de 1916, do estado de Minas Gerais, o direito de uso das fontes de águas minerais, incluindo a construção do Balneário e dos jardins do entorno. Tendo Thiers Botelho à sua frente, acompanhado por Antônio de Castro Magalhães e José Botelho, a empresa chamada Auto-Viação Araxá-Uberaba abriu a linha de automóveis na condição de construtora de estradas particulares, viabilizando ainda contatos com Patrocínio, cidade próxima, e com os distritos de Dores de Santa Juliana (Santa Juliana) e Conceição do Araxá (Perdizes), à época pertencentes a Araxá. Perfazendo o total de 162 quilômetros entre Uberaba e Araxá, Thiers Botelho e seus sócios cumpriam essa distância disponibilizando aos visitantes carros Ford modelo T, Chevrolet e Fiat, uma linha de jardineira e os já citados serviços de telefonia prestados ao longo do percurso, acrescidos da instalação de uma “caixa postal particular ao Correio das cidades por onde passava a estrada”.⁴¹² (Ver capítulo 1, item 1.3).

Em outro sentido, passando por Belo Horizonte, os trens noturnos saíam diariamente do Rio de Janeiro às 18h30min para chegarem às 10h05min na capital mineira, de onde partiam para Araxá às 16 horas. Disponibilizando dormitórios e restaurante, o desembarque dos passageiros na plataforma da estação da Oeste acontecia às 10h05min do dia seguinte.⁴¹³ A estrada de ferro veio oferecer essa linha, incluindo nela a opção do desembarque em Ibiá, até 1926, quando foi então inaugurada a estação de Araxá e com ela a possibilidade de alcançar diretamente a cidade por meio dos trilhos. No sentido Uberaba-Araxá havia, ao final

governo federal. EDE, Martha Botelho. *Thiers: controvérsia de três tempos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004. p.64.

⁴¹² *Ibidem*. p.59.

⁴¹³ Nessa época, final dos anos 30 e início dos anos 40, os noturnos saíam de São Paulo às 19h30min, chegando a Sacramento (via Campinas e Ribeirão Preto) às 15 horas do dia seguinte. Meia hora depois partiam os automóveis rumo a Araxá. THERMAS de Araxá. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. 16p.

dos anos 20, nove estações, entre as quais se destacam as de Presidente Bernardes, Tamanduapava, Capivara, Ibitimirim, Itaipu, Alpercatas, Almeida Campos e Zelândia.

Pouco depois de inaugurada a estação férrea de Araxá na praça que, posteriormente, se chamaria Arthur Bernardes – referência ao mineiro na presidência da República (1922-1926) –, teve início a construção de um ramal (“ferro-carril”) para o Barreiro, que, no entanto, não foi concluída. Coube à Prefeitura, em 1928, organizar outro meio de transporte ligando a cidade à sua estância. Era um serviço regular de “auto-omnibus” feito em um Chevrolet de dez lugares. Entre as 6 horas da manhã e as 17 horas realizavam-se oito viagens de ida e volta, ao preço de 1\$000 cada uma.

Ainda assim, as questões em torno dos caminhos que ligavam Araxá à capital mineira ou ao estado de São Paulo criavam sérios desafios. No início dos anos 30, a estrada Araxá-Sacramento, que contava com grande fluxo de mercadorias e de passageiros, já pertencia ao governo de Minas Gerais, mas encontrava-se à espera de conservação e reparos. A Prefeitura local mantinha os serviços de conserto da estrada e dos seus telefones. Para executá-los, os funcionários municipais, com frequência, aproveitavam a corrida dos motoristas da Viação Araxá-Sacramento; mas a condução, a princípio gratuita, acabava por custar aos cofres públicos. Requerimentos chegavam à mesa do prefeito Fausto Alvim solicitando descontos e, outras vezes, abatimentos nos impostos a serem pagos sobre a propriedade dos automóveis. A Prefeitura, por seu turno, abria outra estrada rumo à fronteira com os paulistas, cujas referências indicam que se tratava da “Estrada da Liberdade”, construída em parceria com o hoteleiro italiano Francisco Cavallini.⁴¹⁴

Os caminhos até Araxá e os meios de transitar por eles aguçaram intensos debates na Câmara Municipal. Em 1936, a maioria dos vereadores locais votou a favor do aumento tributário sobre automóveis e caminhões particulares ou de aluguel. Esse tema fez parte da primeira reunião pós-eleitoral daquele ano e ganhou repercussão ainda maior ao chegar à população em forma de comunicado distribuído pelas ruas da cidade.⁴¹⁵ O poder público local defendia o acesso a Belo Horizonte por meio de uma estrada a ser aberta entre Araxá-Ibiá-São Gotardo até encontrar-se com outras já existentes no oeste mineiro.

No início da década de 1940, além das linhas férreas e rodoviárias, o passageiro que pretendia chegar a Araxá passou a contar também com a linha aérea da Panair. Sempre às terças e sextas-feiras chegava-se à cidade de avião, ainda pela manhã, duas horas e cinquenta

⁴¹⁴ Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1930. Arquivo Requerimentos/ FCCB.

⁴¹⁵ Panfleto intitulado “Comunicado ao Povo – sobre a reunião da Câmara, discussão e voto de vários projetos”. 26/11/1936. PO/ 0092-141/ AMDB-03/ Arquivo FCCB.

minutos após o embarque no Rio de Janeiro e passando por Belo Horizonte. Pelo mesmo avião, à tarde, era possível cumprir o trajeto de volta. As passagens ficavam à venda na respeitável casa comercial da cidade, a “Baroni & Cia.”, onde trabalhavam agentes locais da Panair.⁴¹⁶ Ao final dos anos 40, a comunicação aérea já se fazia não apenas pela “Cia. Nacional de Transportes Aereos”, com vôos para Belo Horizonte e Rio de Janeiro, mas também pela “Viação Aerea São Paulo” - VASP, com viagens para São Paulo. Sem considerar as ligações rodoviárias, os trens diários para Belo Horizonte e Uberaba asseguravam o transporte de passageiros entre Araxá e essas cidades, agora não mais pela Oeste de Minas, transformada em Rede Mineira de Viação a partir de 1931.⁴¹⁷

Pelos trilhos, pelos ares ou sobre rodas dava-se o deslocamento até Araxá. Paisagens novas levavam passageiros de diferentes cidades aos ambientes naturais ou construídos do local das fontes, onde se revelavam não apenas a cor da água e o cheiro do Balneário, mas também a ausência de ruídos eminentemente urbanos. Os aposentos eram tidos como muito ou como pouco confortáveis, dependendo da referência e dos hábitos, distantes até centenas de quilômetros, daqueles que neles se hospedavam. As condições dos hotéis podiam representar o retorno a um tempo já conquistado ou ainda por se conquistar. Quem sabe, talvez, Araxá se configurasse como um objetivo a ser alcançado pelos paulistanos que, neste caso, poderiam ter como modelos as antigas residências da avenida Paulista reproduzindo em si os estilos de estação de águas e de cassinos.⁴¹⁸

A princípio, médicos recomendavam que as temporadas de 21 dias ocorressem preferencialmente em março, abril ou setembro.⁴¹⁹ Acreditavam os especialistas que eram estes os períodos mais apropriados, embora não se descartassem os demais. Aos usuários das águas e dos outros elementos convenientes da estância reservavam-se vastos benefícios disponíveis, numa espécie de férias em que se podiam contemplar o seu e os outros tipos de vida e, ainda, refletir sobre todos eles.

⁴¹⁶ THERMAS de Araxá. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. p.14.

⁴¹⁷ LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *As águas que rolaram: no poder, na urbanização e na modernização de Araxá (1890-1926)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista - UNESP, Franca - SP, 2001. p.178.

⁴¹⁸ Sobre as impressões causadas por mudanças de espaços, de tempos e de hierarquias sociais, ver: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.69-134.

⁴¹⁹ Com o passar do tempo e com a incorporação de novos hábitos, as temporadas em Araxá seriam sugeridas para 14 ou 7 dias. THERMAS de Araxá. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. 16p. À medida que as investigações científicas se avolumaram, as temporadas passaram a ser recomendadas para todos os meses do ano. Recorte do jornal O PAIZ. Rio de Janeiro, 08/03/1929. Arquivo FCCB.

Os divulgadores da estância de Araxá, especialmente os médicos e os hoteleiros, há muito tempo depositavam confiança na idéia auspiciosa de se respirar um novo ar, o componente essencial destinado aos visitantes. Para aqueles que viviam a poucos metros acima do mar, a altitude em torno de mil metros poderia evocar prazeres indescritíveis e conceder proventos incalculáveis. A temperatura amena fazia do clima um dado obrigatório em qualquer anúncio publicitário de hotel ou de consultório médico. Aliada aos fatores climáticos, a variação de lugar, alterando hábitos ou incorporando outros, tornava-se vital ao alívio do ritmo em crescente tensão nos centros urbanos. Araxá poderia oferecer aquilo que a cultura das cidades grandes havia excluído. São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte já haviam deixado para trás a tranqüilidade, o ar puro e a alimentação saudável.

Ao doente, em especial, uma vez instalado no hotel escolhido, recomendava-se não fazer o uso das águas imediatamente. A regra consistia em esperar entre vinte e quatro e quarenta e oito horas, no mínimo. O período sugerido permitia ao visitante adaptar-se aos novos hábitos e, seguramente, aclimatar-se.⁴²⁰ Enquanto isso, cumpria-se a fase preparatória do tratamento, avalizada pelo discurso poético do cronista anônimo:

[...] E não somente as aguas os unicos elementos de cura que se concentram em Araxá. Alliam-se-lhes tambem, num complemento nunca assas admirado, factores outros que nenhuma outra estancia reune tão completos.

O clima é duma amenidade acariciadora e a natureza, cheia de encantos, eleva o observador de deslumbramento.

O seu ceu, sempre muito azul, faz devanear perdendo-se a consciencia do tempo que passo... E quem se envolve na claridade alacre do seu esplendido sol tão amigo, sempre irisando as verduras em redor; quem respira o seu ar saturado de odor calido das flores, á luz tepida de uma eterna primavera, que faz desabrochar os renovos numa florescencia que nunca se entorpece – não pode deixar de se inebriar. Nessa esplendorosa festa das coisas, presa dessa indefinivel sensação de esperança, que, por si só, já é mais de meia cura para os que soffrem [...].⁴²¹

As águas – fossem elas radioativas ou sulfurosas, para ingerir ou para imergir – integravam um método complexo de terapêutica cujos elementos formadores deveriam agir harmoniosamente. Já há muito tempo os pesquisadores aliavam o seu valor à qualidade do clima e ao regime alimentar próprio a ser indicado pelo médico. Também o repouso – um misto de descanso com dieta alimentar – era recomendado como recurso eficaz ao

⁴²⁰ GUIA Thermal das Águas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. p.16.

⁴²¹ CARVALHO, Horacio (Org.). *Album do Araxá*. São Paulo: Typographia Gutemberg, 1928. p.60.

tratamento.⁴²² Creditava-se a cura termal, portanto, aos elementos climáticos, à altitude, à vegetação, enfim:

[...] às mudanças de vida, pautadas durante a estação segundo normas sanitarias especiaes, entre as quaes avultavam a dieta e o exercicio – enfim a agua thermal com as suas condições physico-chimicas peculiares, utilizada pelos varios processos da technica hydriatica. Os agentes curativos encabeçam-se pois em clima, regime e aguas. Os sedentarios de vida escravizada a um ar recluso, falho no oxygenio, infestado de impurezas; os quebrantados de nutrição, de desassimilação lenta, com as visceras trophicas do estomago ao figado paralygadas; os flagelados de hypocondria, encontram no Araxá o seu meio reconfortador por excellencia: o bom solo, o bom ar; a boa agua, esse triplo alicerce da saude, proclamado desde Hyppocrates.⁴²³

A urbanização conduzia à sociabilidade e com esta incorporavam-se novos padrões de comportamento, como a sensação de bem-estar adquirida em decorrência da mudança de ambiente. E no episódico residia o caráter saudável do novo hábito. Os poderes das águas poderiam rejuvenescer e revigorar o corpo, adiando os efeitos provocados pelo passar dos anos.⁴²⁴ No caso da experiência de Araxá há ainda uma particularidade. Concebida posteriormente às demais do Sul de Minas, como Poços de Caldas, Caxambu, São Lourenço e Cambuquira, e, sobretudo, distante geograficamente do tradicional circuito mineiro de águas e dos grandes centros do país, a cidade, ainda assim, habituou-se a receber anualmente um grande número de visitantes.

O convívio com o outro se dava nos pontos de circulação, como os salões dos hotéis, a sala de recepção do Balneário ou do coreto e os jardins do parque. Nos espaços públicos urbanos não havia como o visitante se isolar completamente dos habitantes locais, contudo evidenciavam-se outras formas de isolamento como contraponto da socialização. O fato de atrair pacientes em busca de cura, qualquer que fosse esta, representava também lhes permitir que se isolassem em face da recuperação pretendida. Havia, então, os aposentos dos quartos, nos quais os hóspedes tinham garantia de privacidade. Da mesma forma, o isolamento poderia se dar nas cabines de banhos e nas áreas verdes mais reservadas dentro do próprio parque ou localizadas nos entornos do Barreiro e da cidade: “[...] nos arredores do Barreiro ha passeios encantadores. Caçam-se perdizes e codornas nos arredores das serras do Monte Alto e

⁴²² MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. p.43-55.

⁴²³ GUIA Thermal das Águas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. p.43.

⁴²⁴ Às situações ocasionais obtidas nessas temporadas, ou seja, vividas neste passar do tempo, e que nos une ou nos distancia de algo Certeau chamou de “tempo acidentado”. CERTEAU, Michel. Op. cit. p.311.

Bocaina. [...] Em summa, quer a doentes, quer a sãos, é altamente proveitosa uma estação no Araxá”.⁴²⁵

O fato é que a *aquae* originada da fonte – herança dos hábitos da antigüidade – fazia com que os aquáticos permanecessem por uma longa temporada na estação. As formas de sociabilidade mantidas entre aquáticos e moradores locais e entre estes e os hoteleiros, comerciantes e profissionais liberais contribuíam para desenhar a cidade e o Barreiro com identidade própria. O cotidiano de Araxá vivia sua fixidez mesmo quando se percebiam as manifestações espontâneas. A quebra do seu ritmo com as temporadas de banhos significou a existência mútua da regularidade e da espontaneidade de uma estação de águas.⁴²⁶ O retorno à vida rotineira após semanas de permanência em Araxá acompanhava-se da sensação revigorante do organismo. Cada um levava consigo as impressões obtidas na temporada, que, invariavelmente, associavam a natureza – clima, água, vegetação – ao estilo receptivo dos moradores. O caráter afável da acolhida incluía a especificidade da culinária com base nos produtos naturais da terra reelaborados por maneiras próprias de fazê-los chegar à mesa.⁴²⁷

Certa vez, um clérigo do nordeste brasileiro, bispo em Pernambuco, fez menção ao sentimento católico dos habitantes locais como complemento dos atrativos aos quais usufruiu durante a estação de águas.⁴²⁸ Os religiosos, especialmente os da congregação salesiana, instalada na cidade em 1931, freqüentavam a estância – e também as colunas sociais dos jornais locais, que registravam suas presenças – e, comumente, a divulgavam.⁴²⁹ Anos mais tarde, durante a inauguração do Complexo Termal, no governo Getúlio Vargas, o teor de religiosidade presente na estação e a confluência dos espaços desta com a cidade católica levaram o bispo Dom Alexandre do Amaral, da Diocese de Uberaba, a pronunciar-se a favor da construção de uma igreja, que, ao seu ver, era o único elemento ausente naquela imponente obra arquitetônica destinada à cura do organismo dos seus freqüentadores.

⁴²⁵ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.57.

⁴²⁶ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6ª.ed., vol.2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.29-30.

⁴²⁷ ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.82-88.

⁴²⁸ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.30.

⁴²⁹ Noticiado como o Pe. Dr. José Noronha, que “sempre se revelou entre seus companheiros de congregação pela sua cultura, dotes oratórios e amor ao magistério”, a imprensa registrou em 1934 a presença do salesiano na cidade em uso das águas minerais. A RENOVAÇÃO. Araxá, n.36, 23/03/1934, p.4. Arquivo FCCB.

Quando o poeta fluminense Alberto de Oliveira (1857-1937) esteve em Araxá, fazendo estação de águas, também pôde provar a experiência de reunir as atenções da cidade em torno de si. Reverenciado pela posse do nobre título de príncipe da poesia brasileira, conquistado naqueles anos 20, ele retribuiu gentilezas com cortesias. Pelas elites foi saudado sobretudo com jantares, flores e versos. Fez uma conferência literária no Cine Trianon em benefício das obras da igreja Matriz e escreveu cinco versos intitulados “Araxá”.⁴³⁰ A poesia exaltou a terra visitada – a natureza e as sensibilidades captadas dos anfitriões – e foi disseminada ao ser impressa nos jornais e almanaques e, mais ainda, ao ser eternizada na memória ou na voz de quem a ouviu, leu e aprendeu a recitá-la: “[...] Céos infinitos, serras, serras, serras... No alto, o Araxá. E o ar puro, o ar fresco e às vezes frio que corre lá! Que diferentes são clima do Rio e o do Araxá! Andas triste? Padeces, sobre maguas, doença má? Vae do Barreiro ás milagrosas aguas, lá no Araxá”.⁴³¹

O número de religiosos, políticos, poetas, inventores e jornalistas ampliava-se em direção aos fazendeiros, negociantes, profissionais liberais e militares de alta patente, consubstanciando-se a sensação de prazer que pulsava no coração dos visitantes. Alguns iam para Araxá sozinhos, outros acompanhados das famílias, e todos eles juntavam-se nas varandas dos hotéis, nos salões de refeições ou de jogos, no Balneário, nas fontes ou nos espaços públicos e privados da cidade. Os grupos se estendiam em número e quase sempre em sisudez ao posarem para os fotógrafos com os proprietários dos hotéis à frente desses estabelecimentos. Hóspedes, hoteleiros com familiares e funcionários expressavam formalidade, ao menos por alguns minutos, frente às lentes das máquinas fotográficas, revelando uma convivência característica da cidade-balneário.⁴³²

O enviado do jornal *O Paiz*, Octavio Antônio da Costa, passou duas temporadas de abril – em 1926 e em 1927 – em Araxá. Suas estações foram, sobretudo, de viagens,

⁴³⁰ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.35.

⁴³¹ Ibidem. p.4. Depoimento de Yolanda Colombo concedido à autora em 04/05/2004, Araxá.

⁴³² Alguns modelos de fotografias reveladoras dessas citadas características podem ser observadas em: CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.16; 31; 32 e 37.

observações e intensos estudos, que, em seguida, transformaram-se em uma série de reportagens, publicadas semanalmente entre 1928 e 1929, sobre a cidade e sua inserção no Triângulo Mineiro.⁴³³ Das informações por ele obtidas constam que 1127 aquáticos estiveram em Araxá no primeiro ano em que ele também esteve na cidade, número que cresceu para 1244 no mesmo período em 1927.⁴³⁴ Dom Frei Luiz Maria de Sant'Anna, Frei João José de Castro e Pe. José Gaspar de Affonseca e Silva, este pouco antes de sagrar-se bispo e depois arcebispo de São Paulo, passavam temporadas em Araxá, onde conciliavam repouso com ofícios e cerimônias religiosas. Os clérigos hospedavam-se, em geral, nos aposentos salesianos do Colégio Dom Bosco, enquanto o araxaense Dom José Gaspar usufruía a hospitalidade da residência familiar.⁴³⁵

Em dezembro de 1931, pouco antes de sua morte, Alberto Santos Dumont passou uma temporada em Araxá. Há muito tempo o aviador havia abandonado as incursões pelos ares, já se dedicando à literatura sobre as experiências como inventor e aeronauta. Hospedou-se no “Radium Sanatorium”, no período em que o Hotel Radio assim se chamou e esteve arrendado aos médicos da cidade, Dr. Álvaro Ribeiro e Dr. Hugo Levy. Sob as orientações desses profissionais, realizavam-se ali tratamentos para cura, convalescença e repouso. Durante sua estada, Santos Dumont uniu a terapêutica disponível aos relacionamentos informais e à afetividade dos contatos familiares.⁴³⁶ Reencontrou Corina Dumont Pinto, sua prima e mulher do hoteleiro Daniel Henrique Pinto, residentes no Hotel Araxá, na cidade.

⁴³³ O jornalista enviou os recortes das matérias ao memorialista da cidade, Sebastião de Affonseca e Silva, que o auxiliaria nas reportagens. Este material consta de dedicatórias do autor demonstrando o afeto por quem o introduziu na história da cidade e compõe o acervo do memorialista, hoje integrante do Arquivo FCCB.

⁴³⁴ Recorte do jornal O PAIZ. Rio de Janeiro, 06/02/1929. Arquivo FCCB.

⁴³⁵ RENOVAÇÃO. Araxá, n.19, 20/05/1934, p.4. Arquivo FCCB. ALMENARA. Araxá, n.14, 15/01/1935, p.3. Arquivo FCCB.

⁴³⁶ Depoimento de Arnaldo de Almeida Castro concedido à autora em outubro de 2006, Araxá. Nesta entrevista o Sr. Nado faz questão de afirmar: “eu vi o Santos Dumont”, descrevendo-o fisicamente conforme o registro de sua memória aos seis anos de idade. SEIXAS, Jacy Alves de. “Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?”. In: ARTES DA HISTÓRIA & OUTRAS LINGUAGENS. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo, EDUC, n.24, 2002. p.43-63. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.73-90; 415-433.

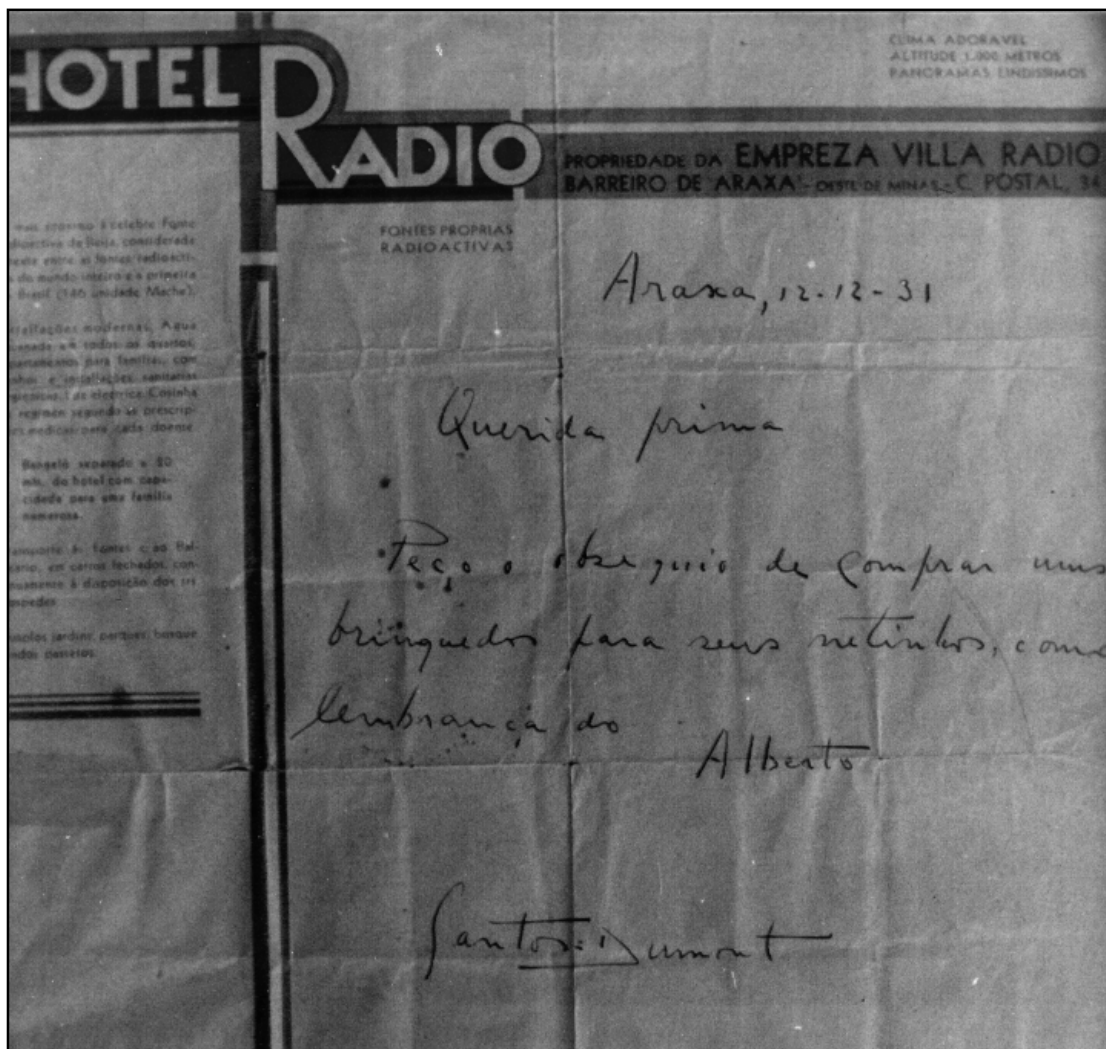


Imagem 22 – Correspondência de Santos Dumont.⁴³⁷

O significado da presença do pai da aviação na cidade extrapolou a esfera pessoal. Num bloco de papel do hotel, ele escreveu uma mensagem que depois foi encaminhada à sua prima, solicitando que comprasse algum brinquedo para os netos dela como lembrança do parente que lhes queria bem. Nas memórias da cidade incluem-se aspectos como este da sua passagem, que foi sedimentada pela existência de uma placa com seu nome que durante décadas permaneceu afixada à porta do “apartamento independente” em que se hospedou.⁴³⁸

⁴³⁷ Correspondência enviada por Alberto Santos Dumont à sua prima Corina Dumont, residente em Araxá, durante temporada no Hotel Radio em 1931. PROJETO HOTEL RADIO. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1987. p.24.

⁴³⁸ Esta placa compõe o acervo da Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá. PROJETO HOTEL RADIO. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1987. 52p.

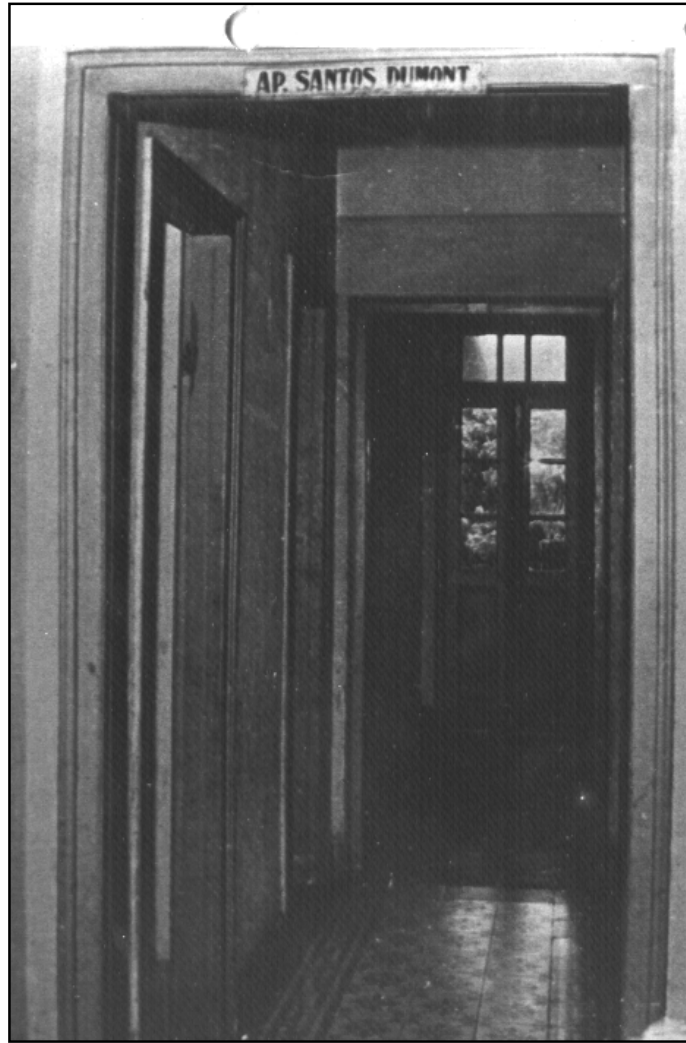


Imagem 23 – Vista do apartamento de Santos Dumont no Hotel Radio.⁴³⁹

Um fazendeiro da região sul de Minas Gerais havia deixado o Brasil para fazer uma estação de cura na Alemanha. Um médico alemão, então, sugeriu-lhe que procurasse um lugar chamado Araxá, cujas águas revelavam-se curativas, especialmente da diabete, enquanto as de São Lourenço deveriam ser indicadas para os rins, as de Caxambu, Lambari e Cambuquira para o estômago e as de Poços de Caldas obtinham melhores resultados nos tratamentos da pele e de sífilis. Houve casos em que jovens portadores de dores ciáticas ganharam alívio após os banhos com as águas de Araxá. Da mesma forma, diversos senhores diabéticos tiveram significativa redução de açúcar em seus organismos ao final das temporadas de 21 dias.⁴⁴⁰

⁴³⁹ Fotografia do apartamento ocupado por Santos Dumont em temporada exibindo a placa que identificava o hóspede, datada de 1976. Doação: CAMIG (Companhia Agrícola de Minas Geais, já extinta). Arquivo Fotográfico/ 495. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁴⁴⁰ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.53.

Os contatos iniciais de Domingos Zema com Araxá foram marcados por dois momentos. O primeiro foi decorrente de uma indicação médica que recebera em Ribeirão Preto, onde morava, a partir dos sintomas de malária por ele apresentados. À temporada de cura por meio das águas, durante a qual recuperou a saúde, seguiu-se o segundo momento, em que o italiano aproximou-se definitivamente das terras mineiras. Residindo na cidade de Sacramento, ele trabalhava como motorista que conduzia visitantes ao Barreiro. Em 1923 já morava em Araxá e possuía negócio próprio – a “Casa Sport”, na atual avenida Antônio Carlos –, um comércio de autopeças que, pouco depois, conquistaria a revenda Ford e, posteriormente, a dos pneus Michelin, Dunlop e Goodyear, além dos produtos da “Atlantic Company”. Nos anos 40, a empresa de Zema venceu outros desafios, agora agregados aos êxitos anteriores: o primeiro posto de gasolina, “Atlantic”, e de frente a este uma ampla sede própria, reunindo oficina, loja e residência, naquela quase inabitada avenida 3 de Outubro (hoje, avenida Getúlio Vargas).⁴⁴¹



Imagem 24 – Avenida Getúlio Vargas.⁴⁴²

⁴⁴¹ CASTRO, Maria Beatriz Afonso de. Op. cit. p.41-76.

⁴⁴² Avenida Getúlio Vargas, antiga avenida 3 de Outubro, onde se localizavam a Estação Ferroviária e o primeiro posto de gasolina “Atlantic”. Anos 30. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/3713. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

Cidadãos como Domingos Zema chegaram a Araxá para não mais partirem. Outros visitantes, no entanto, permaneceram na cidade o tempo suficiente para a conhecerem, recuperarem a saúde ou deixarem inscritas suas idéias a respeito de Araxá. As estações prosseguiam formulando representações enquanto estância hidromineral ideal para o repouso. Em 1927, Luiz Adrião corroborou a opinião de tantos outros, sinalizando para a topografia da cidade, para as suas águas, o seu clima e o seu estilo afetuoso de acolher o visitante. Henrique Costa recorreu ao lirismo de Olavo Bilac com suas “Velhas Árvores” para definir a mata do Barreiro de Araxá. Já Carlos Olyntho Belfort, procedente de São João da Boa Vista, São Paulo, declarou que curou sua diabete após a estação de cura em Araxá, que lhe havia sido sugerida por médicos de sua terra natal.⁴⁴³

Freqüentadores assíduos costumavam estabelecer laços com a cidade a ponto de serem agregados de alguma forma à população local. O coronel Francisco Schmidt, conhecido como o “rei do café”, deixava Ribeirão Preto com freqüência para passar temporadas, preferencialmente de jogos, em Araxá. Esta familiaridade foi tanta que uma das fontes de águas minerais do Barreiro, antes identificada por número, passou a se chamar Fonte Schmidt.⁴⁴⁴

Alguns pacientes retornavam diversas vezes a Araxá sob orientação médica. Entre 1933 e 1935, um militar de 48 anos, astênico e em esgotamento nervoso, apresentando nítido processo de emagrecimento, cumpriu as fases do tratamento e, mesmo depois de obter a cura, passou mais de dez dias na cidade dedicando-se apenas a beber a água e a desfrutar o clima agradável. Ainda em 1933, chegou a Araxá um acreano de 18 anos procedente do Rio de Janeiro que buscava curar a diabete que já o havia levado ao coma. Seu caso contribuiu para o incremento do número de doentes beneficiados pelas propriedades terapêuticas das águas do Barreiro.

A lama medicinal em uso com a água sulfurosa transpunha as estações alemãs de Karlsbad e Franzesbad para a estação de Araxá. Uma jovem de 25 anos definhava há três meses em decorrência de um reumatismo que a impedia de movimentar os braços e as mãos. Conduzida por um automóvel no trajeto entre o hotel e o Balneário, ao final da temporada na estação, a paciente havia recuperado as articulações e a possibilidade de caminhar pelo parque em torno das fontes e da Casa de Banhos. A ingestão de água sulfurosa e os banhos com esta

⁴⁴³ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.57-60.

⁴⁴⁴ Recorte do jornal O PAIZ. Rio de Janeiro, 06/02/1929. Arquivo FCCB.

e com a lama curaram, em 1935, um doente acometido de eczema córneo. As três semanas de tratamento permitiram-lhe retomar a posição num time de *football* do Rio de Janeiro.⁴⁴⁵

Profissionais da medicina – como o Dr. Luiz do Rego, de São Paulo, e o Dr. Victor Mascarenhas, de Uberaba – ganhavam as colunas sociais, carregando consigo os títulos de clínicos, cirurgiões e, entre esses, as suas especificidades médicas. Muitos deles chegavam a Araxá com suas famílias para aproveitarem uma viagem de recreio, e não profissional, mas isso não os impediam de serem chamados a analisar, enquanto veranistas detentores dos saberes médicos, o mérito da estância visitada.⁴⁴⁶

Esta prática de atestar as águas minerais, entre outros deveres atribuídos à estância, repetiu-se habitualmente. Desde os anos 20, um livro de visitantes “illustres” indicava a presença de aquáticos, muitos deles médicos que, embora estivessem em temporadas de lazer com suas famílias, eram chamados a opinar.⁴⁴⁷ Julgamentos abalizados de cientistas e de professores em férias vinculados às Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de São Paulo avultavam a relação de pareceres e assinaturas em livros mantidos geralmente por hotéis e escritórios de empresas concessionárias das águas, em uma evidente disposição para reuni-los.⁴⁴⁸

Em 1932, hospedou-se no Hotel Cavallini o Dr. Affonso Fraga, advogado em São Paulo, jurista e autor de vários trabalhos publicados na área do direito. No mesmo hotel e igualmente com o objetivo de fazer estação de águas encontrava-se o Sr. J. Fonseca Saraiva, identificado na imprensa local como “o conceituado editor e proprietário da Livraria Acadêmica”, em São Paulo.⁴⁴⁹ O Hotel Colombo registrou nos primeiros anos da década de 1930 a presença, entre seus hóspedes, do Sr. Adolpho Frichaim, cônsul de origem alemã com jurisdição no estado do Maranhão. Nesse mesmo período, hospedaram-se neste hotel diversos aquáticos paulistas, fiéis clientes da família Colombo, que procuravam se afastar das tensões provocadas pelo movimento constitucionalista de 1932.⁴⁵⁰

Repouso e recreio, simultaneamente, compunham as opções de muitos que chegavam ao Barreiro para distanciarem-se da rotina diária. Nesse sentido, Araxá atraiu a população de

⁴⁴⁵ LUZ, Carlos. *O Barreiro de Araxá*. Palestra feita no *Rotary Club* do Rio de Janeiro, no dia 10 de abril de 1942. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio – Rodrigues & C., 1942. 13p.

⁴⁴⁶ RENOVAÇÃO. Araxá, n.12, 01/04/1934, p.1 e 4. Arquivo FCCB.

⁴⁴⁷ Sobre a produção dos chamados livros de visitantes e o intuito de divulgá-los por meio da imprensa, ver: CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.266-286, especialmente 271.

⁴⁴⁸ GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Gerais, s/n., 1920. p.47-48.

⁴⁴⁹ A OPINIÃO. Araxá, n.12, 03/04/1932, p.4. Arquivo FCCB.

⁴⁵⁰ A OPINIÃO. Araxá, n.39, 09/10/1932, p.4. Arquivo FCCB. Depoimento de Yolanda Colombo concedido à autora em 04/05/2004, Araxá.

municípios vizinhos, acolhendo temporariamente a família de Gregoriano Canedo, prefeito de Monte Carmelo, bem como os líderes políticos e profissionais reconhecidos de Patrocínio, Uberlândia, Uberaba, Araguari, São Gotardo, Divinópolis, Oliveira, Passos, entre outros, inclusive do estado de São Paulo. Hospedavam-se em Araxá com frequência relevante, ainda, aqueles procedentes de cidades não tão próximas, como Juiz de Fora, São João del-Rei e Paracatu.⁴⁵¹



Imagem 25 – Aquáticos e aquáticas em frente à Casa de Banhos.⁴⁵²

O então presidente de Minas Gerais, Dr. Fernando Mello Vianna, estivera no Barreiro nos anos 20 em visita oficial, deliberando sobre ações que poderiam conduzir ao aparelhamento da cidade-balneário. Fizeram o mesmo o seu antecessor, Arthur Bernardes, e os seus sucessores, entre os quais Antônio Carlos, Olegário Maciel e, nos anos 40, Benedicto Valladares. A imprensa de Araxá noticiou a presença de Mello Vianna e de seus familiares no final de 1932 e, já como ex-presidente do Estado e ex-vice-presidente da República, no início de 1934, em viagem de recreio.⁴⁵³

⁴⁵¹ A OPINIÃO. Araxá, n.41, 23/10/1932, p.4; e n.42, 30/10/1932, p.4. Arquivo FCCB.

⁴⁵² Homens e mulheres, em grupo, posam para fotografia, em 1926. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Doação: Família Manoel Lopes da Silva. Arquivo Fotográfico/ 0345. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁴⁵³ A OPINIÃO. Araxá, n.47, 03/12/1932, p.4. RENOVAÇÃO. Araxá, n.12, 01/04/1934, p.1 e 4; e n.21, 03/06/1934, p.4. Arquivo FCCB.

A sirene do Cine Trianon anunciou a chegada do Interventor Federal Dr. Benedicto Valladares, chefe do governo mineiro, que desembarcava pela primeira vez em visita a toda região, antes chamada Triângulo Mineiro. Dois anos antes, o então presidente Olegário Maciel – líder do grupo político ao qual pertencia o senador João Jacques Montandon, representante de Araxá no senado mineiro – abriu um crédito especial de 100:000\$000 (cem contos de réis) a ser empregado em reforma inadiável no Balneário e nas fontes do Barreiro, sob a direção do Departamento do Trabalho, Indústria e Comércio da Secretaria da Agricultura, Viação e Obras.⁴⁵⁴

Do mesmo modo como os representantes dos poderes políticos absorveram na prática a idéia da estância, corolário às funções dos chefes do executivo, os profissionais da imprensa anteciparam àqueles num trabalho de reportagens em que seguiam a trilha do governante. Via de regra, esses percursos jornalísticos procuravam viabilizar a realização de matérias especiais. Seus executores inseriam-se na categoria de “hospedes ilustres” e, como tais, ganhavam saudações nos espaços dos semanários.⁴⁵⁵

“A vida é calma em Aguas de Araxá”, escreveu Rubem Braga, enviado especial da extinta Folha de Minas que, em 1936, hospedou-se no Hotel Radio Sanatório. Os diretores do hotel, Drs. Hugo Levy e Álvaro Ribeiro, dirigiam também o tratamento e o repouso dos visitantes e, por conseguinte, administraram a estadia do repórter, que assim definiu a calma do lugar com seus objetos de atração: “[...] aguas sulfurosas e radioativas, aguas para banho e para bebida; dieta para os mais doentes; passeios, diversões, conforto e sobretudo, repouso”.⁴⁵⁶

No início dos anos 40, os mesmos motivos que levaram o capixaba Rubem Braga a visitar Araxá motivaram Francisco Alencar a conhecê-la. Este jornalista piauiense radicado no Rio de Janeiro traduziu o sentido da estância mineira aos seus leitores cariocas. Na cidade-balneário, além de realizar seu trabalho jornalístico, ele viveu o encontro com Jacintha, ou Nina, filha da família Duarte Garcia, formada por prósperos fazendeiros de Santa Rosa de Viterbo, no interior paulista. Nina e seus pais haviam chegado a Araxá com o desejo de fazerem da estação de águas um tônico que produzisse novo encantamento à filha, que acabara de terminar um romance. A história de Nina ganhou contornos celebrativos. Do convívio do jornalista Francisco com a professora Nina, ambientado na varanda e nas salas do

⁴⁵⁴ RENOVAÇÃO. Araxá, n.21, 03/06/1934, p 4. Arquivo FCCB.

⁴⁵⁵ RENOVAÇÃO. Araxá, n.25, 01/07/1934, p.1 e 4. Arquivo FCCB.

⁴⁵⁶ BRAGA, Rubem. *Terras, Águas e Ventos do Araxá*. Texto publicado originalmente na “Folha de Minas” de 16 de julho de 1936 e reeditado em O PLANALTO. Araxá, n.1187/96, ano XX, 03/11/2005, p.10.

Hotel das Fontes, ao casamento do casal em Santa Rosa, que em seguida estabeleceu domicílio no Rio de Janeiro, decorreu apenas um ano.⁴⁵⁷

Após regressar da sua segunda “estação de repouso”, conforme definira a temporada em Araxá, o então presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica do Rio de Janeiro, Dr. Carlos Luz, cumpriu um compromisso assumido com ele mesmo: ministrou palestra aos companheiros do *Rotary Club* da capital federal, levando-lhes informações sobre a “estância hidroterápica” de Araxá. A fala do Dr. Carlos Luz mostrou a dupla função de estatuto de prova e de guia do usuário, sem deixar de pontuar alguns aspectos do passado da cidade e do uso de suas águas, mas lançando dados e imagens da nova estância hidromineral em construção naqueles primeiros anos da década de 40.⁴⁵⁸

Ainda que estivesse habituada a receber os Mello Franco de Paracatu, os Pignataro de Belo Horizonte e os Matarazzo de São Paulo, além de condes, condessas, barões e baronesas e de tantos outros homens e mulheres portadores de credenciais específicas dos nobres, doutores, intelectuais, coronéis ou clérigos, a cidade-balneário confrontou-se com as faces de grupos carentes de saúde e de prosperidade material.⁴⁵⁹ A imprensa promovia a estância e, concomitantemente, denunciava as suas ambigüidades. O confronto entre a exclusão e a pujança tornar-se-ia mais intenso na cidade-balneário principalmente a partir da segunda metade dos anos 40, com a inauguração do Complexo do Barreiro. Da literatura referente àquela obra arquitetônica obtém-se uma justificativa da supracitada ambivalência:

O plano de cura e repouso a que se propôs o Serviço de Propaganda das Estâncias é um sinal evidente do propósito que tem hoje o Governo de dissipar a impressão errada de que as Estâncias são privilégio dos ricos mundanos, dos industriais do dinheiro, que a elas se dirigem para jorrá-lo, na superexcitação do jogo e da sedução. Muito ao contrário, Araxá é um centro de cura e repouso, ao alcance de todos, pobres e ricos, sem distinção de classe. Bem é que os dinheiros do povo a ele volte, devolvido assim em melhoras e curas, em descansos e alívios, muito longe da corrupção dos costumes, mas na satisfação integral dos gozos puros da vida.⁴⁶⁰

Os espaços da cidade-balneário ordenavam as experiências vividas pelos personagens durante as temporadas. Cada um dos lugares sociais estabelecia suas hierarquias

⁴⁵⁷ Depoimento de Jacintha Duarte Garcia Alencar concedido à autora em 05/08/2005, Santa Rosa de Viterbo, São Paulo.

⁴⁵⁸ LUZ, Carlos. Op. cit.

⁴⁵⁹ A OPINIÃO. Araxá, n.16, 01/05/1932; e n.48, 10/12/1932, p.4. Arquivo FCCB.

⁴⁶⁰ COSTA, Waldir. *Araxá, da maloca ao palácio*. Goiânia: O Popular, 1987. p.91-92.

e os protagonistas, individual ou coletivamente, teciam as relações neles presentes. As práticas e as expectativas conectadas aos cenários da estação, reforçadas pelo discurso médico que sustentava a formação de um centro de cura e de repouso, apontavam para as especificidades dos grupos sociais. Os modos de ser e de revelar uma aparência por meio de linguagens que expressassem os diferentes tipos de vida acabavam por identificar os freqüentadores temporários e por facilitar, ou não, o convívio deles com os moradores locais.⁴⁶¹ Na estação de águas de Araxá encontravam-se os aquáticos, saudáveis ou doentes: homens, mulheres, crianças e jovens. Tal categoria social era formada, na sua maioria, por aqueles cujo poder aquisitivo permitia vencer longas distâncias. Eles procuravam estar em contato com a natureza, mas também serem reconhecidos, diante de si e dos outros, como elegantes e refinados.⁴⁶²

3.2 – ESTUDOS CIENTÍFICOS: PUBLICIZANDO A CURA

Ser uma estação balneária significava estar integrada à urbanização tal como esta deveria ser. Além da qualidade da água, elementos como luminosidade, pureza do ar, saneamento público, higiene, belas paisagens, ruas e avenidas planejadas eram essenciais. Transportes rodoviário, ferroviário e aéreo também se impunham como atrativos indispensáveis. Em Araxá, os(as) aquáticos(as) ou aqüistas chegavam principalmente de Uberaba, São Paulo (capital e interior) e Belo Horizonte, cidades com as quais se mantinham intensos contatos e relações comerciais. Em 1930 a imprensa divulgava que

⁴⁶¹ Em relação à aparência – sua valorização ou depreciação – deve-se analisá-la como algo construído de acordo com a cultura e o tempo específicos. Partindo do princípio que a subjetividade revela-se na aparência, a mesma passa a ser, então, objeto contemplativo. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Corpo e História”. In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol.3, n.2, set./fev. 1995. p.251 e 252.

⁴⁶² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.23. Sobre a inserção de grupos sociais diversos na história, aqui foram consultados: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. p.25-51, especialmente 48-50; RUTHEFORD, Jonathan. “O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha.” In: REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Rio de Janeiro, n.24, 1996. p.35-41. Em relação ao privilégio de freqüentar uma estação balneária, restrito às elites e, portanto, sinal de distinção social, ver: URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 2ª.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.33-48.

[...] De São Paulo a Araxá vem-se em dois dias e pouco. Partindo-se da Capital Paulista á noite chega-se no dia seguinte em Uberaba e dahi vem-se no mesmo dia ou de automovel ou pela E. F. Oeste de Minas, chegando-se ainda cedo em Araxá.⁴⁶³

O Barreiro ligava-se à cidade ainda por aquela mesma estrada de terra reservada, em princípio, aos automóveis. O Balneário, localizado junto ao ambiente natural das fontes, encontrava-se cercado por hotéis e pensões. A cidade oferecia também estabelecimentos hoteleiros que, associados à vivência de uma estação de águas, davam visibilidade às experiências de homens e mulheres⁴⁶⁴, ambos com jeitos próprios de viver, trabalhar e se divertir.

As temporadas de 21 dias de Araxá, afastada da produção industrial e próxima de uma sociedade conservadora de tradição agrária, tornaram-se um estímulo à oferta de novos produtos e serviços. O comércio e a indústria ocupavam gradativamente seus espaços na dinâmica urbana, que, justificados pelas necessidades e possibilidades criadoras e administrativas, eram compostos, principalmente, de lojas de tecidos e de gêneros do país, farmácias, tipografias, salões de cabeleireiro, cafés, confeitarias, casas de frutas, sorveterias ambulantes e fábricas de calçados, de manteiga e queijo e, ainda, de sabonetes, estes produzidos das águas.⁴⁶⁵

Dessa forma, as estações de águas como Araxá impulsionavam também a nova indústria: da propaganda.⁴⁶⁶ Assim, ao lado de anúncios de hotéis, muitos outros circulavam, estimulando a frequência à estância e o consumo derivado do movimento urbano. Uma série de propagandas passou a percorrer a cidade oferecendo tratamentos médicos destinados à cura e ao bem-estar do organismo. Serviços de costureiras, alfaiates e chapeleiras, entre outros associados aos bens de consumo dirigidos à higiene e à aparência corporais, podiam ser localizados nas páginas de jornais, de guias termais, de almanaques e de outras pequenas publicações. Placas dispostas em espaços públicos chamavam a atenção para serviços e mercadorias disponíveis, cujos conteúdos informativos podiam ser observados também em notas fiscais diversas e nos papéis impressos de estabelecimentos hoteleiros. Os receituários

⁴⁶³ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.58.

⁴⁶⁴ SCOTT, Joan W. “A invisibilidade da experiência.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo, n.16, fev. 1998. p.297-325.

⁴⁶⁵ TOLEDO, Octaviano. “Notícia Historico-Geographica do Municipio do Araxá.” In: REVISTA DO ARCHIVO PUBLICO MINEIRO. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Geraes, 1903. p.282.

⁴⁶⁶ WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.226. Dentre os livros e as leituras possibilitadas pela produção literária como forma de divulgar, neste caso, uma estância hidromineral, ver: CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004. p.173-180.

médicos, igualmente, divulgavam a formação do profissional, o endereço do seu consultório e os tipos de enfermidades passíveis de medicalização. Extrapolando o universo da imprensa, alguns médicos dedicaram-se à literatura, editando livros em que relatavam os benefícios advindos de uma temporada em Araxá.⁴⁶⁷

Do teor dos textos e das imagens contidos no material publicitário organizado constavam, evidentemente, signos considerados obrigatórios na promoção da imagem da cidade-balneário. Tais visões reuniam, por um lado, os pareceres médicos que atestavam a cura e, por outro, as opiniões daqueles beneficiados pela terapêutica. Reuniam também informações acerca de atrativos complementares aos tratamentos, muitas vezes vinculados ao conforto dos hotéis, às referências de urbanidade e à valorização da natureza enquanto fonte de produtos saudáveis usados na alimentação e na recuperação do bem-estar.

Portanto, o conteúdo presente nas propagandas ressaltava as condições favoráveis de Araxá, desconsiderando, claro, a existência dos seus problemas, inibidores do interesse dos visitantes pela estância hidromineral. Os anúncios enalteciam o objeto divulgado e, configurando-se como uma representação do real, ostentavam bem mais do que uma suposta neutralidade pudesse determiná-los.⁴⁶⁸

Alterando-se conforme a linha editorial adotada e os interesses defendidos, a imprensa local, ao contrário da propaganda, atuava por vezes como mecanismo de denúncia das fragilidades de Araxá. Ainda assim, ao publicar nomes de aquáticas e aquáticos em colunas sociais, valorizava suas presenças, apontando a necessidade de se receber bem o veranista ou o usuário das águas. Os semanários anunciavam o ritmo de ida e vinda de visitantes, incluindo entre estes os integrantes da população araxaense. Eram noticiados, para além dos que nasciam, aqueles que viajavam por alguns dias apenas, casavam-se, faleciam ou eram acometidos de enfermidades seguidas de repouso e convalescença.

Dos maiores centros às pequenas cidades, a urbanização trouxe a sociabilidade e, com esta, novos problemas e anseios, incorporando padrões inéditos de comportamento e de consumo. A busca da cura por meio das águas e o isolamento para se evitar o contágio levaram homens, mulheres e crianças aos bons ares das estações de águas. Quer fossem para ingerir águas radioativa e sulfurosa, quer fossem para imersão, as temporadas indicavam

⁴⁶⁷ MAGALHÃES, Mário de Castro. *A estância de Araxá*. Araxá: s/n., 1945. 51p; PEZZUTI, Pedro. *Pontos nos ii: por um médico do interior*. São Paulo: Jornal dos Livros, 1955. 344p.

⁴⁶⁸ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Vol.2. Campinas: Unicamp, 1992. p.98-115.

ainda o repouso – um misto de descanso com dieta alimentar – como recurso eficaz ao tratamento.⁴⁶⁹

É esse o enfoque do corpo sob uma perspectiva histórica. Desde o início do século XX, principalmente, já se encontravam notas, anúncios, artigos científicos e poemas literários, todos publicizados com vistas à divulgação da importância da saúde e do vigor dos corpos.⁴⁷⁰ Esta tendência impulsionou a visita às estações balneárias, favorecendo, especialmente, Araxá, ao unir as idéias de asseio, de embelezamento e de saúde física às noções de trabalho e de lazer. Assim, Araxá tentava reunir condições propícias para oferecer ao visitante as águas revigorantes do organismo.

“Da virtude de suas águas, digam os médicos; falem os doentes”.⁴⁷¹ As impressões de F. de Sales Braga, usuário da estância no verão de 1928, acerca de Araxá pareciam por demais subjetivas. Quando solicitado a exteriorizá-las, transpôs inicialmente a idéia da impossibilidade de fazê-lo. O veranista decidiu então atuar como cronista, atendendo ao pedido. Revelou o domínio que lhe submetia o panorama natural presente naquele lugar chamado Barreiro. Abstrai-lo era para ele o mesmo que reconquistar o ânimo e revigorar os tecidos do organismo. A condição primeva dos ambientes, avessa aos ruídos senão os próprios da natureza, fazia deles abrigos propícios à meditação, afagos ao espírito.

O discurso médico-higienista atestou o percurso da estação das águas e absorveu os efeitos sentidos no acompanhamento de doentes em simples repouso. Todavia, as iniciativas de difusão da viabilidade da estância deviam-se à ação conjunta de segmentos diversos. Médicos, higienistas e administradores públicos ganhavam adesão de engenheiros, construtores, hoteleiros, paisagistas, jornalistas e publicitários, todos investidos do propósito de abastecer os espaços do Balneário e da cidade do seu principal elemento: o curista ou aqüista. Expedidos por iniciativas públicas ou particulares, os guias, as palestras e os relatórios médicos ou administrativos deram visibilidade à estância e elevaram a procura por cidades balneárias, ao mesmo tempo em que reivindicações eram dirigidas às autoridades, públicas ou não, pedindo medidas adequadas ao bom aparelhamento da estação.⁴⁷²

⁴⁶⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003. p.107-127.

⁴⁷⁰ BERNUZZI, Denise. Op. cit. p.243-266.

⁴⁷¹ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.46.

⁴⁷² Sobre o papel dos almanaques enquanto gênero da literatura e fonte histórica, ver: DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.13-62, especialmente.

Aos filhos da terra diplomados nas capitais reservavam-se honraria e divulgação dos feitos conquistados. Ações geralmente respaldadas pela imprensa cuidavam da projeção dos graduados e de suas especializações. O mesmo se dava no momento do retorno deles à cidade com o conseqüente ingresso no exercício da profissão. No caso específico dos profissionais da medicina, o envolvimento mais direto com o uso terapêutico das águas fazia com que lhes fossem dedicadas páginas inteiras dos jornais locais. Regularmente, a imprensa das cidades grandes e médias realizava a cobertura do tempo hidroterápico, cumprindo o papel de divulgar Araxá e de inseri-la no circuito das estâncias balneárias.⁴⁷³ Aqueles cujas iniciativas formadoras de opinião investiam nas fontes mineralizadas das águas sulfurosas, desde o final dos anos 20, alertavam para a importância de divulgar as águas radioativas descobertas:

Admiravel! Essas aguas, altamente radio-activas, cuja existencia era ainda hontem ignorada, portanto têm, exactamente especial indicação nos casos em que as mineralisadas contra-indicam! Cada qual com as suas virtudes especialisadas, reunidas no mesmo local, [...] completam-se agora em sua efficacia contra todas as molestias, tornando-se o Araxá, dest'arte, a primeira estancia crenotherapica do mundo.⁴⁷⁴

O imigrante Dr. Pedro Pezzuti chegara da Itália em 1922. Formado pelas Universidades de Nápoles e de Belo Horizonte, ingressou na vida da cidade pelo ofício médico e, em seguida, casou-se, formando sua família em Araxá. Atuava na Santa Casa de Misericórdia local fazendo inúmeras cirurgias, mas aos pacientes da cidade e também de fora prescrevia as águas minerais no tratamento de diversas doenças, sobretudo no período em que investiu no ramo da hotelaria, compondo a sociedade que construiu o antigo Grande Hotel, localizado na avenida Imbiara.⁴⁷⁵

O médico italiano escreveu e publicou trabalhos sobre a experiência profissional vivida no cotidiano de Araxá. Quando a água radioativa do Barreiro foi descoberta, lançou sobre ela seu olhar europeizado e comparou-a à principal dessas fontes, aquela existente em Fiuggi, na Itália. Inspirou-se em autores franceses e definiu-a como “água de lavagem, isto é, uma água que lava o organismo em que passa, transportando em sua passagem as escórias tóxicas do mesmo, e eliminando-as por uma forte diurese”. A água mineral sulfurosa, com

⁴⁷³ ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa: algumas considerações metodológicas”. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.4, 1989. p.90-103.

⁴⁷⁴ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.59-60.

⁴⁷⁵ PROJETO LEVANTAMENTO DA IMIGRAÇÃO EM ARAXÁ. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1985. Arquivo FCCB. LUGAR DE MEMÓRIA. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2001. p.137.

forte teor alcalino, foi por ele analisada como “água medicamentosa por excellencia, modificadora, por sua alcalinidade, dos humores excessivamente acidos do organismo, e topica dos catharros das mucosas”.⁴⁷⁶

Segundo Pezzuti, tais águas deveriam ser ingeridas, considerando-se que a balneação não se constituía no seu efeito maior. O médico recomendava, ainda, que tanto a água radioativa quanto a sulfurosa fossem tomadas em jejum e, raramente, à tarde, após a digestão do almoço. Assim como a existente na estação francesa de Vichy, a água alcalina sulfurosa deveria ser ingerida em pequenas doses, espaçadas por curto período. Com estas tratavam-se diabetes, “diathese, arthritica e urica, doenças do estomago, do figado, dos intestinos, das vias urinarias”. Já aos pacientes portadores de insuficiência renal indicava-se a ingestão da água radioativa. Igualmente como faziam os usuários da italiana Fiuggi, Dr. Pezzuti recomendava grande quantidade ingerida ao longo de espaços intervalados. Na concepção dele, não havia um mês ou meses mais indicados à temporada de cura. Durante todo o ano o tratamento poderia ser feito com êxito. A temperatura constante, o ar puro, o sol luminoso e a ausência de umidade, fatores potencialmente favoráveis, completavam a ação curativa das águas.

Em 1915, o acordo firmado entre o estado de Minas Gerais e a municipalidade já se constituía num marco de memória da cidade. Polêmico na sua estrutura, o ato instituiu um conjunto de disputas e de interesses materiais, além de valores comportamentais gerados por anseios e utopias. Sua aplicação desencadeou-se na primeira desapropriação de terras privadas formadoras de fazendas, nas quais nasciam as fontes de águas minerais. Em decorrência dessas ações, uma nova série de estudos científicos acerca da aludida região foi procedida. Especialistas como Dr. Alfred Schaeffer, Dr. Joaquim Cândido da Costa Senna, Dr. Pádua Rezende e Dr. Octavio Magalhães foram contratados pelo governo mineiro e passaram a transitar pela imprensa local e pelos gabinetes oficiais. Estudos químicos, biológicos, bacteriológicos, geológicos e trabalhos científicos em geral passaram a compor a literatura sobre o tema, presente em toda espécie de publicação sobre a cidade.

Em 1925, o geólogo, também contratado pelo governo mineiro, Dr. José Ferreira de Andrade Júnior realizara o “Reconhecimento geologico dos arredores de Araxá e outros pontos de ocorrencia de aguas mineraes”. Para tanto, contou com a colaboração do

⁴⁷⁶ Entre outras reflexões, Dr. Pedro Pezzuti publicou, em outubro de 1927, o “Guia theorico-pratico para uso das aguas mineraes do Araxá”. Considerado na época um trabalho “magistral”, consistia em substanciosa fórmula para um tratamento clínico por meio das águas, indicadas por ele nos casos de doenças da nutrição: “diabetes, arthritismo, diatheses urica, obesidade e rheumatismo gottoso; molestias do figado, congestão do figado, ictericia, lithiase billiar [...]”. A contra-indicação das águas dava-se para as doenças do coração, arteriosclerose, tuberculose, câncer e nefrite. CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.28.

minerologista Dr. Djalma Guimarães.⁴⁷⁷ O contrato particular de arrendamento das fontes não mais vigorava, desde 1922. Nesse sentido, o governo estadual realizou uma ampliação no Balneário, dotando-lhe de trinta e duas cabines de banhos sulfurosos e duas de banhos de lama.

A imprensa de Belo Horizonte noticiara, em 1926, a descoberta do grau de radioatividade da Fonte Dona Beja com a cobertura que os resultados enquanto pesquisa científica exigiam. “A cerca de 350 metros ao sul das fontes de aguas minerais do Barreiro do Araxá, do lado de cima da lagoa que lá existe, jorram de uma rocha amarello terra, aguas purissimas que o dr. Ignácio Pinheiro Paes Leme, captou inteiramente [...]”.⁴⁷⁸ Os estudos de dois pesquisadores – Dr. Glycon Djalma de Paiva, engenheiro que procedia um estudo geológico no Barreiro, e do supracitado Dr. José Ferreira de Andrade Júnior, então chefe do “Serviço de Aguas Radioactivas do Brasil”, do Ministério da Agricultura – constataram que as emanações de rádio naquela fonte superavam em quatro vezes a riqueza dos mananciais mineralizados já conhecidos em Araxá. Ultrapassavam, ainda, o teor de radioatividade das águas de Lindóia, em São Paulo, até então referência neste aspecto:

Ora, as aguas radioactivas do Araxá cuja fama corre longe, e que o povo visita em romaria para se radiojuvenescer e já as vae chamando de Fonte Dona Beja, possuem cerca de quatro vezes mais radioactividade que as de Lindoya, isto é, 40 e poucos maches, desta para possivelmente, 160 daquela.⁴⁷⁹

Mais tarde, as águas que jorravam de uma rocha “radifera”, conforme atestou o geólogo Dr. Glycon em pesquisas no Laboratório do Serviço Geológico do Brasil, no Rio de Janeiro, colocaram Araxá em posição privilegiada. Um orgulhoso sexto lugar, amplamente divulgado no circuito que partia de órgãos oficiais e chegava até as esquinas das ruas da cidade, cravou Araxá no pódio mundial. À sua frente estavam, da primeira à quinta posição, respectivamente, Brembach (Alemanha), St. Joachimsthal (Boêmia), Ischia (Itália), Gastein (Áustria) e Aguas-Lerez (Espanha).⁴⁸⁰

⁴⁷⁷ COSTA, Waldir. Op. cit. p.65-67; 105-124.

⁴⁷⁸ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, 1926, com trechos publicados em CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.18-19.

⁴⁷⁹ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.19.

⁴⁸⁰ Segundo os autores dessa pesquisa, a citada rocha era identificada como “tinguaito, contendo phosphato de uranio”. A especificidade daquela encontrada em Araxá fez com que os cientistas a denominassem “araxaito”. Em 1927, o professor Dr. José Ferreira de Andrade Júnior publicou, no Boletim n.22 do Serviço Geológico do Brasil, o trabalho de sua autoria intitulado “Radioactividade das Aguas Mineraes do Barreiro de Araxá e de outras fontes do Estado de Minas Geraes”. CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.19.

A explicação científica do fenômeno das águas termais do Barreiro e a subsequente comparação destas com outras similares na Europa e nos Estados Unidos promoviam cada vez mais a familiaridade entre a vida urbana araxaense e terras tão distantes. Mirando-se nesses modelos, as atitudes contínuas de presentificação daquilo que a estância de Araxá poderia vir a ser permitiam a proximidade com as estações estrangeiras e com o que de melhor elas podiam representar, ainda que simbolicamente, por meio dos discursos proferidos por autoridades políticas e científicas, de conversas informais nos espaços públicos da cidade e do Barreiro ou dos novos hábitos que gradativamente eram incorporados ao cotidiano local.

As bases de um novo Balneário haviam sido lançadas desde 1925. A cerimônia da colocação de uma pedra fundamental simbolizara o início do projeto, cujos elementos giravam em torno do padrão de modernidade dos seus contemporâneos: piscina, *ground* para *football*, *court* para *tennis*, lago para passeios de bote e um “sanatório” para diabéticos.⁴⁸¹ Com a previsão de cerca de “uma dezena de milhares de contos de réis”, os projetos e orçamentos do governo de Minas Gerais, levados a cabo pelo Dr. David Mourão, viram-se arquivados com a interrupção da obra. Posteriormente, o então presidente, Antônio Carlos, visitou o Barreiro onde ouviu um apelo da classe médica para retomar aquela obra. O porta-voz da reivindicação, Dr. João Teixeira Álvares, reuniu os médicos locais a outros vinte e dois que com ele vieram de Uberaba.⁴⁸² Na ocasião, em 1927, a derrubada do muro de pedra em torno das fontes serviu para dotar de ânimo a população, em especial aqueles mais diretamente envolvidos.⁴⁸³

Desde então, os nomes do hidrólogo Andrade Júnior e do engenheiro José Carvalho Lopes incorporaram-se definitivamente ao cotidiano da cidade. As etapas vencidas – como a determinação da origem e da formação da lama mineral, a captação das fontes de águas sulfurosas e a descoberta do teor de emanações radioativas da Fonte Dona Beja – adquiriam o caráter de grandes conquistas. Diziam os estudiosos araxaenses que “conhecido o intrincado problema hidrológico e geológico da Estância vieram os brilhantes profissionais”, entre os quais: Carlos Chagas, Carneiro Felipe, Eurico Vilela e Dr. Daniel de Carvalho. As visitas de estrangeiros especialistas no estudo das águas minerais ganharam cobertura suficiente para romper o ritmo diário da cidade. Foi este igualmente o caso da permanência da Dra. Eugène

⁴⁸¹ Ibidem. p.56.

⁴⁸² A OPINIÃO. Araxá, n.14, 01/05/1932, p.1. Arquivo FCCB.

⁴⁸³ Ibidem.

Rugovine, que realizou pesquisas junto às fontes do Barreiro como profissional contratada pelo governo do Estado.⁴⁸⁴

A mobilização das forças no sentido de aparelhar a estância da forma que se considerava definitiva parecia adquirir um contínuo movimento de idas e vindas. Durante a visita do então presidente de Minas Gerais, Olegário Maciel, da saudação oficial ao governante constou a proposta de formar-se uma comissão local para trabalhar pelo beneficiamento das águas de Araxá. Esta proposição partia das idéias de que este grupo deveria ser, acima de tudo, apartidário e de que nele ingressassem os intelectuais da cidade reconhecidos como tal e apontados nominalmente: prefeito (Fausto Alvim), autoridades judiciárias, padres, médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos. Dessa comissão ainda provisória nasceria a permanente, estendendo-se aos chefes da polícia local, fazendeiros e comerciantes.⁴⁸⁵

Ser o médico oficial da estância conferia legitimidade ao ocupante do cargo. Credenciava-lhe poder para exercer as funções decorrentes do saber técnico e do direito de participar diretamente das decisões quanto aos rumos que a cidade deveria seguir. Dr. Mário de Castro Magalhães, médico crenologista oficialmente reconhecido como tal, carregou este título desejando fazer de Araxá um templo para o repouso. Por isso dedicou-se durante mais de meio século ao estudo das águas, trabalhando incansavelmente para divulgar estas e o Barreiro. Como muitos médicos da cidade, mantinha um segundo consultório próximo às fontes.

O Dr. Mário de Castro Magalhães foi, ainda, o editor responsável do *Jornal de Araxá* durante 1919, ano em que circulou inicialmente o periódico, e em 1927 associou-se a outros parceiros para editar a segunda versão do semanário.⁴⁸⁶ Tanto o jornal sob sua responsabilidade quanto outros de grande circulação no país divulgaram artigos por ele assinados. O crenologista conciliava, ainda, o trabalho em sua clínica médica com a participação em congressos no Brasil e no exterior; dedicava-se também a ministrar palestras e publicar obras dessa temática, disseminando, assim, o nome de Araxá. Em 1925, especializou-se em gastroenterologia em Paris; a temporada européia permitiu-lhe estagiar em clínicas de estâncias balneárias francesas e alemãs, absorvendo a aplicação de tratamentos que pudessem ser adotados no Barreiro de Araxá. Uma das biografias produzidas sobre o médico afirma:

⁴⁸⁴ COSTA, Waldir. Op. cit. p.66.

⁴⁸⁵ A OPINIÃO. Araxá, n.14, 01//05/1932, p.1. Arquivo FCCB.

⁴⁸⁶ Nesta segunda fase tivera como parceiro: Sebastião Gomes – nome ligado intensamente à imprensa local –, Almeida de Melo e o também médico Dr. Hugo de Rezende Levy.

[...] Em 1944 proferiu palestra na Sociedade de Biologia de Belo Horizonte. Como médico oficial divulgou pela primeira vez, trabalho de sua autoria intitulado “Estância Hidromineral de Araxá e suas novas instalações”.

Naquele momento altamente favorável ao termalismo, propôs-se verdadeira peregrinação como conferencista, em Sociedades Médicas, Clínicas Especializadas e Faculdades de Medicina no Brasil, na Argentina e no Uruguai.

As conferências “Las Águas de Araxá”, “Estância Hidromineral de Araxá e seus novos tratamentos crenoterápicos” e “As termas de Araxá” contaram na ocasião, com coberturas totais da imprensa. A imagem do médico de Araxá foi estampada em manchetes e seu nome, relacionado junto a algumas das grandes personalidades artísticas e científicas brasileiras.

Nesse tempo, participou da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Araxá, foi seu presidente e esteve à frente de dois congressos médicos aqui realizados.⁴⁸⁷

Fundamentando-se em investigações criteriosas, o Dr. Mário de Magalhães elencou algumas doenças que, segundo ele, mais se enquadravam nas indicações clínicas que tanto interessavam a população de Araxá. Ele observou que no período entre 10 de dezembro de 1925 e 10 de dezembro de 1926 1.120 pessoas freqüentaram a estância. Desse total, 192 apresentavam diabetes; os casos de colite somavam 86 e os de sífilis eram 73; 46 tinham reumatismo, enquanto 47 apresentavam congestão hepática. Das enfermidades relacionadas constaram outras de menor incidência, mas que totalizaram 517 portadores. No tratamento do reumatismo o médico-pesquisador sugeria ainda os banhos de lama, bem como as compressas da mesma lama para os enfermos de “choletithiasis” e colites.⁴⁸⁸

No final dos anos 20, dois técnicos alemães chegaram a Araxá contratados pelo governo mineiro: Dr. Eugen Mauren, de Wilbad, especialista em captação de águas minerais; e Dr. Paul Schobert, de Baden-Baden, clínico dedicado ao tratamento de algumas doenças por meio das águas minerais. Depois de cientificar-se do objeto estudado, Dr. Schobert concluiu que Araxá possuía a mais alcalina das águas que conhecia, inclusive se comparadas àquelas das estações européias. Do contato com médicos locais abstraiu a experiência bem-sucedida especialmente no tratamento da diabete. Para ele, “a ingestão das águas de Araxá beneficia

⁴⁸⁷ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.27, out./dez. 1998, p.3-5. Arquivo FCCB.

⁴⁸⁸ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.25.

mais que a dieta e faz mais milagres que a insulina”. A propósito, no hotel em que se hospedou pôde acompanhar um diabético em tratamento. Em forma de conferência, depois reescrita, ele se expressou:

[...] São águas extraordinariamente carregadas e destinadas a um futuro muito brilhante. Quando se entra em um banho de água do Araxá, si esfregarmos a nuca e a cabeça, não é preciso sabonete, pois a gordura da pelle com os principios alcalinos da água formam espuma e faz um agradabilissimo sabonete [...].

[...] Elle notou que as águas do Araxá, collocados em presença do óleo de oliva, o saponificam, dando um precipitado leitoso, sendo de notar que elle observou o mesmo facto nas águas sulfurosas alcalinas de Poços de Caldas, conforme experiencia que viu realizada pelo dr. Mario Mourão.⁴⁸⁹

A clínica do Dr. Hugo de Rezende Levy, médico igualmente formado por incursões em hospitais e clínicas parisienses, disponibilizou tratamentos para doenças da nutrição, do estômago, do fígado, dos intestinos e dos rins, todos eles associados aos usos interno e externo das águas minerais, bem como aos regimes dietéticos segundo moldes do Sanatório de Valmout, na Suíça. Os pacientes tinham acesso a um laboratório de análises clínicas e microscopia, realizando exames de sangue e de urina. As consultas do médico iniciavam às 6 horas da manhã, no consultório do Barreiro. À tarde, entre 12 e 16 horas, Dr. Hugo atendia na avenida Antônio Carlos, no centro da cidade.⁴⁹⁰

Identificado apenas por duas iniciais de seu nome, um residente de São Paulo encontrou na crenoterapia a solução para um problema biliar. Os cálculos renais expulsos do organismo do paciente transformaram-se em estímulo para a propagação da eficiência do tratamento. O médico Hugo Levy comprovou a cura, reunindo os elementos expelidos sob o bloco de papel utilizado para aviar receitas; o fotógrafo Octavio Fonseca, por sua vez,

⁴⁸⁹ Ibidem. p.29.

⁴⁹⁰ Ibidem. p.88.

cristalizou a imagem, identificando o paciente, o caso específico e o hotel que o hospedou, para atestar por meio da técnica fotográfica o êxito da operação.

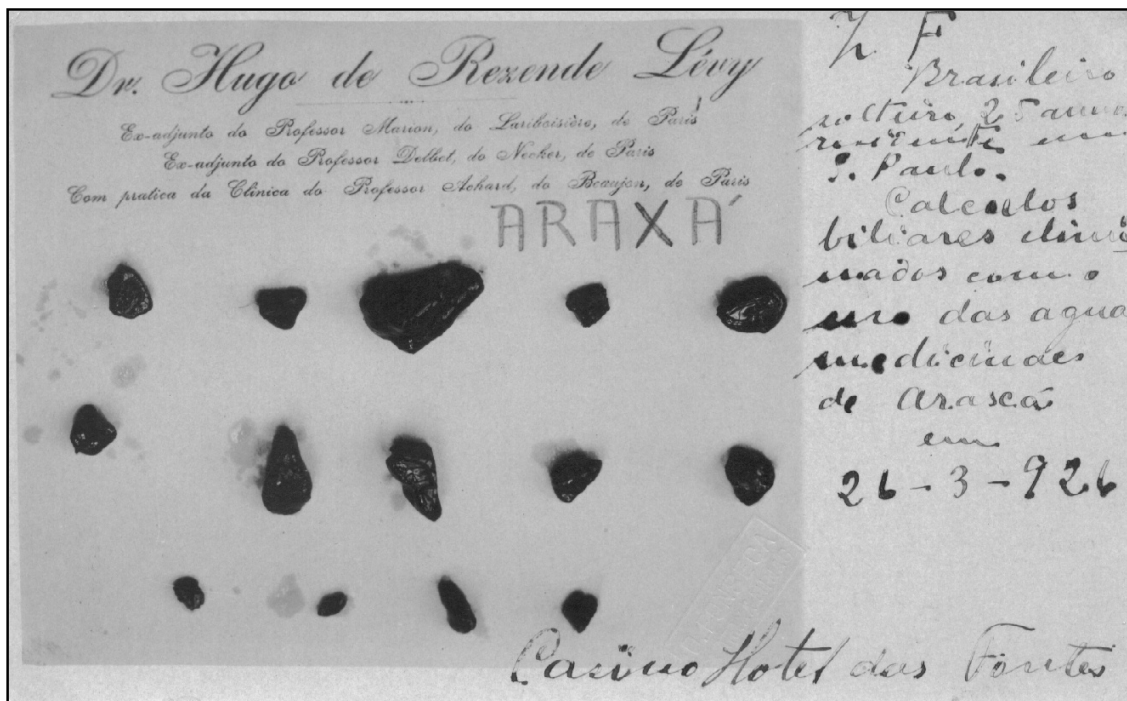


Imagem 26 – Legitimação da cura.⁴⁹¹

Conforme evidencia outra imagem apresentada a seguir, não raramente recorria-se à imagem fixada em suporte técnico para revelar ao maior público possível a eficácia da cura em Araxá. Utilizava-se o recurso de elucidar a fotografia enquanto documento, e as informações nela contidas mediante a letra do fotógrafo revelavam os efeitos dos banhos medicinais nas diversas terapêuticas e, neste caso, no tratamento da pele.

⁴⁹¹ Fotografia produzida como prova de cura efetivada com as águas medicinais de Araxá, 1926. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 340. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).



Imagem 27 – Modelo feminino de cura.⁴⁹²

Da expressão do rosto à postura da aquática, que utilizava o mesmo traje de banho nos dois momentos intervalados por quarenta dias, como se pretendesse imprimir maior veracidade à imagem, a cura tornava-se evidente por meio da visualidade permitida. Associados ao elemento água, moringa e copo aparecem em ambas as visões como símbolos representativos da estação de águas. Apenas o mobiliário como anteparo da água e da aquática parece ter sido alterado, como se, ao final do processo, paciente e ambiente apresentassem aspectos de visível renovação.⁴⁹³

⁴⁹² Enferma que chegou a Araxá para tratamento e uso das águas minerais, fotografada após 5 banhos; 1927. Não foi possível identificar o autor da fotografia. Doação: Família Manoel Lopes da Silva. Arquivo Fotográfico/ 338. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB). A segunda imagem é seqüência da que mostra o estado da paciente no início de seu tratamento, sendo que esta a retrata após 40 dias de tratamento; 1927. Doação: Família Manoel Lopes da Silva. Não foi possível identificar o autor da fotografia. Arquivo Fotográfico/ 339. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁴⁹³ MAUAD, Ana Maria. *Fragments de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetória familiares*. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUSC, n.22, jun. 2001. p.165-169. Sobre o caso específico de fotografias em série, ver: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003. p.11-35.

Hoteleiros e médicos atuaram em conjunto. Os serviços profissionais do Dr. Almeida Machado eram divulgados em anúncios encimados pelo nome “Águas Medicinaes de Araxá”. Com realce para o diagnóstico das doenças da nutrição, oferecia-se “tratamento moderno do diabetes”. No Barreiro, o Dr. Almeida atendia em local próximo à Farmácia Santa Terezinha e, naturalmente, às fontes e ao hotel homônimo, a partir das 7 horas da manhã. Entre 13 e 15 horas o atendimento médico acontecia na cidade, no consultório da avenida Antônio Carlos. Mas, assim como muitos de seus colegas de profissão, este médico atendia seus pacientes também no próprio hotel ou na pensão em que estes se encontrassem.⁴⁹⁴

Depois de ser inaugurado, em 1929, o Hotel Colombo do Barreiro aderiu à tendência de associar a hotelaria à medicalização. Destinou, a partir de 1933, um espaço totalmente equipado para ser o consultório do Dr. Atilio Colombo, filho médico dos proprietários. O Dr. Atilio uniu-se aos colegas Dr. Tibúrcio Afonso Teixeira e Dr. Edmar Cunha para juntos prestarem atendimento aos hóspedes do hotel, entre outros usuários da estância. Mais tarde, ele ampliaria sua função à de diretor do hotel. Na segunda metade dos anos 40, o Hotel Colombo esteve arrendado ao Dr. Atilio, ao seu irmão José Colombo e ao cunhado de ambos, Alberto Tito de Almeida.⁴⁹⁵

O Hotel Radio aliou o papel de estabelecimento hoteleiro ao de sanatório de forma bastante significativa. Este empreendimento conquistou prestígio junto aos visitantes e credibilidade diante das perspectivas que vislumbrava. Há pouco tempo havia sido elaborado um projeto imobiliário no seu entorno e batizado como “Villa Radio”;⁴⁹⁶ tratava-se de um loteamento cuja divulgação ocupara as páginas da imprensa local e do jornal *O Estado de São Paulo*.⁴⁹⁷ Na verdade, ele não mais atuava enquanto hotel quando os Drs. Hugo de Resende Levy e Álvaro Ribeiro – então, o médico oficial da estância – o arrendaram do proprietário, o Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, para instalarem nas suas dependências o “Radium Sanatório”. A reabertura oficial do empreendimento, em 1934, representou a retomada da tradição hoteleira daquele espaço, inserido na nova proposta dos aludidos médicos, a de oferecer um tratamento de moléstias da nutrição.

⁴⁹⁴ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.88.

⁴⁹⁵ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.28, jan./abr. 1999. p.6-9. Arquivo FCCB.

⁴⁹⁶ PROJETO HOTEL RADIO. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1987. 52p.

⁴⁹⁷ Recorte do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 06/03/1930. Arquivo FCCB.

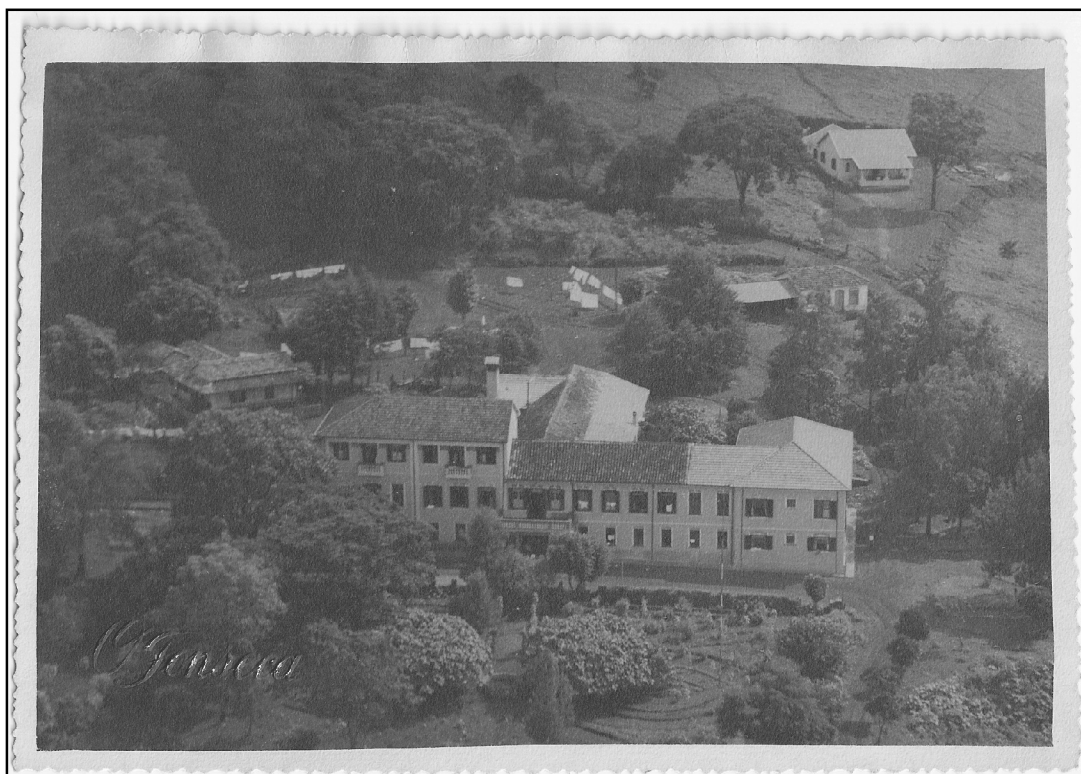


Imagem 28 – Hotel Radio.⁴⁹⁸

Durante o período em que vigorou a dupla função de hotel-sanatório (até o início dos anos 40), sua estrutura física manteve-se inalterada, bem como os atrativos naturais à sua volta. O investimento girou em torno dos rigores da “cura thermal e dietetica” aplicados pelos dirigentes-médicos do hotel em casos de moléstias do estômago, intestinos, fígado, rins, diabetes, gota, obesidade, cálculos renais e hepáticos, reumatismos e eczemas. Os trabalhos de divulgação e orientação dos tratamentos disponíveis alimentavam a linha editorial do jornal *Renovação*, de propriedade dos donos do “Radium Sanatorio”, semanário que circulou na cidade por cerca de um ano.⁴⁹⁹

Os serviços públicos de higiene e de medicina preventiva ficavam a cargo do governo mineiro, mantendo em cada cidade um centro ou posto específico. O Posto de Higiene de Araxá que havia sido inaugurado em 1929, na rua do Comércio, desde o início estabelecera com os moradores uma relação de reciprocidade. O titular do órgão e responsável pela saúde pública, o médico Henrique Furtado Portugal, conquistara expressiva e natural

⁴⁹⁸ Vista aérea do Hotel Radio quando propriedade de José Cavallini e Emiliana Jardim Cavallini. Durante este período o prédio sofreu acréscimo em sua ala esquerda; 1943/1947. Fotografia: Octavio Fonseca. Doação: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 191. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁴⁹⁹ Este semanário circulou em Araxá no período de 14/01/1934 a 23/09/1934. Arquivo FCCB.

inserção na sociedade local, que lhe devotava respeito acima de tudo. Cerca de uma década depois, ainda funcionava sob a mesma autoridade médica e na mesma rua central, onde grande parte dos estabelecimentos mantiveram quase integralmente o fluxo comercial urbano, pelo menos até a metade do século XX.

Como poder constituído para regulamentar os aspectos sanitários da cidade, o aludido posto municipal não apenas introduziu critérios normativos. Mais do que isso, fiscalizou a aplicação das medidas que então vigoravam. Uma série delas regia os hábitos quanto à prática da higiene e do conforto dos cerca de 17.000 moradores que recebiam inspeções domiciliares, bem como, em hotéis, pensões, casas de gêneros alimentícios, açougues, restaurantes e padarias, entre outros estabelecimentos públicos. O Posto de Higiene divulgava regularmente os serviços de saneamento, de dispensário, de medicações distribuídas, de vacinas, de imunizações e de exames de laboratórios. Na esfera educativa, seus profissionais realizavam palestras e distribuía impressos informativos.⁵⁰⁰ Ainda assim, o posto local passou por algumas fases de menor atuação, em decorrência de sucessivas reduções de verba, de profissionais e de medicamentos disponíveis que não escapavam à vigilância da imprensa.⁵⁰¹

Em 1929, autoridades políticas e científicas haviam participado do II Congresso das Estâncias Hidrominerais de Minas Gerais, realizado em Araxá. O ex-prefeito do município, Bernardo Aroeira, chegou para o evento, acompanhado da família, já como prefeito da estância mineira de Águas Virtuosas. A comissão organizadora do encontro preparou uma recepção prévia com discurso de saudação àqueles visitantes já tão conhecidos. As manifestações ocorreram dois dias antes da abertura oficial do Congresso e os gestos de boas-vindas pretenderam demonstrar declaradamente reconhecimento e gratidão. Enquanto as mulheres aguardavam reunidas na residência do sucessor do convidado – o prefeito Mário Campos –, os homens encontraram-se no Bar do Ponto, situado na rua Boa Vista. De lá seguiram, acompanhados pela Banda de Música Santa Cecília, para integrarem-se ao grupo feminino que os esperava na casa do chefe do executivo.

O papel de Araxá nas discussões em pauta no congresso era de anfitrião e de protagonista que se lançara a uma série de desafios para transformar o panorama natural do Barreiro na estação de cura desejada. O retorno ao passado foi muitas vezes o meio utilizado para firmar as conquistas: “[...] A área das fontes, situada numa depressão circundada por

⁵⁰⁰ Boletim do ano de 1936, do Posto de Higiene de Araxá. Arquivo SP0003/ FCCB.

⁵⁰¹ RENOVAÇÃO. Araxá, n.12, 01/04/1934, p.1. Arquivo FCCB.

elegantes colinas, era quase inteiramente um charco, que se prolongava pelas vizinhanças, estando atualmente drenado em grande parte”.⁵⁰²

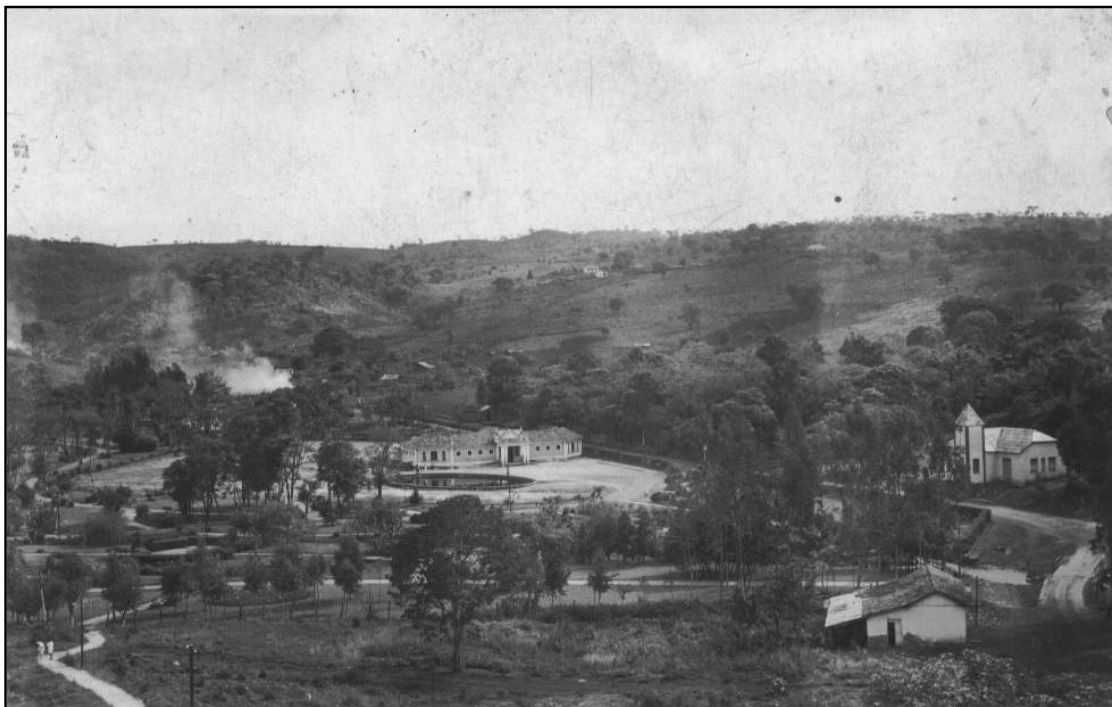


Imagem 29 – Vista da bacia do Barreiro.⁵⁰³

As etapas seguintes foram cumpridas gradativamente pelos engenheiros e geólogos, técnicos a serviço do governo mineiro. Limpeza e drenagens da área das fontes e do entorno e captação das águas foram empreendidas. Outras obras, como a de perfuração e a de proteção das fontes sulfurosas, levaram a cabo soluções que visavam aumentar a vasão e elevar a temperatura das águas. Após a transformação dos espaços entre as fontes, referentes ao parque do Barreiro, efetivada pela empresa “Botelho & Magalhães” até 1924, novas mudanças podiam ser observadas. A “Casa Dierberger”, de São Paulo, trabalhava nessa renovação, valorizando aquele que chamavam de “canal lagôa, muito poetico, que perfaz o total navegavel de 500 metros [...]”.⁵⁰⁴

⁵⁰² Trecho da palestra do Dr. José Carvalho Lopes, engenheiro da Escola de Minas de Ouro Preto, em artigo do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 21/08/1929, veiculado durante o II Congresso das Estâncias Hidrominerais de Minas Gerais. Arquivo FCCB.

⁵⁰³ Vista da bacia do Barreiro com a estação balneária de Araxá onde se vêem, entre outros, a Casa de Banhos ao centro, com o reservatório de lama termal à sua frente, o edifício da sub-estação de luz à direita e o ambiente natural em volta; 1926. Fotografia: Octavio Fonseca. Doação: Lourdes Zema. Arquivo Fotográfico/ 314. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁵⁰⁴ Recorte do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 21/08/1929.

A questão médica seguia o caminho, por seu turno, para promover a cura. Mas cabia aos seus legítimos representantes abrir outros inegavelmente intrincados ao da medicalização. Desde a sua inauguração, em 1932, a Sociedade de Medicina e Crenologia de Araxá trabalhava para trazer ao debate as questões consideradas vitais do Barreiro e, claro, suas relações com a cidade como um todo. A organização compunha-se, afora os médicos, de engenheiros e outros técnicos cujas presenças contribuía para conferir-lhe legitimidade. Respaldava-lhe o pressuposto de que a sociedade prestava um serviço essencial à comunidade, bem como à “estancia e aos enfermos que aqui aportam, em busca de lenitivo para os males que a afligem”.⁵⁰⁵

A Sociedade de Medicina tinha no Barreiro a alternativa para suprir a ausência de indústrias na cidade. Aos olhos dos clínicos, esta forma de industrialização dependia da urbanização, que, por sua vez, dependia da resolução dos problemas de abastecimento de água, de esgoto, de calçamento e, ainda, dos serviços de “embellezamento” urbano. Por esses motivos, reivindicavam uma planta definitiva do espaço do Barreiro, uma legislação especial que limitasse construções desordenadas nas imediações das fontes e uma nova estrada que as ligasse à cidade, em substituição à antiga, de 1915: “[...] uma estrada que será o cordão umbelical, a arteria que perpetuará a symbiose da cidade com a zona de emergencia das fontes hydro-mineraes do Barreiro [...]”.⁵⁰⁶

A via de duplo sentido idealizada naquele início dos anos 30 enquadrou-se no conjunto de mudanças que ainda estavam por vir, sendo retomada, posteriormente, no período de transição para os anos 40. O objetivo de promover a cura foi preservado, bem como o estímulo à reinvenção da estância hidromineral. Estudos recém-elaborados à essa época constataram a existência de emanações de tório na Fonte Dona Beja, seguidos de outros atrelados às propostas que seriam viabilizadas durante o Estado Novo, justificadas pela legitimidade que a ciência conferia à qualidade das águas.

Posteriormente, o presidente Getúlio Vargas desembarcaria em Araxá para visitar as novas obras já em execução pelo governo de Minas Gerais, associando, simultaneamente, a viagem do seu aniversário, comemorado em 19 de abril, aos tempos do trabalho e da possibilidade de fazer uma estação de águas. Ele chegara acompanhado da mulher, Darci Vargas, e de integrantes da comitiva, vindos em dois aviões da Panair, procedentes do Rio de

⁵⁰⁵ A OPINIÃO. Araxá, n.22, 26/06/1932, p.1. Arquivo FCCB.

⁵⁰⁶ Ibidem.

Janeiro com passagem por Belo Horizonte.⁵⁰⁷ Na véspera do aniversário do então presidente chegaram a sua filha, Alzira, e o seu genro, o governador carioca Ernani do Amaral Peixoto.

Em ocasiões como estas, a estação de águas convertia-se num território propício aos encontros sociais, às decisões políticas e, sobretudo, ao trabalho. O avião que transportava os familiares do presidente trouxera também um acentuado volume de papéis oficiais que deveriam ser despachados. À sobrecarga de tarefa, reunindo estudo, leituras de correspondências, jornais e expediente, intercalavam-se o atendimento às visitas ministeriais vindas do Rio e a outras de diferentes lugares de Minas Gerais. Vargas costumava, ainda, visitar cidades vizinhas. Ainda assim, as atividades de estudo e observações fizeram-se presentes até mesmo nas visitas às fazendas do futuro prefeito Dr. Álvaro Cardoso e dos agropecuaristas Pedro Lemos e José Adolpho de Aguiar.⁵⁰⁸

A rotina do presidente incluiu, impreterivelmente, o uso das águas do Barreiro, lugar sobre o qual Getúlio comentou: “[...] o local é mesmo para repouso: poucas casas, população diminuta, pequeno número de aquáticos [...]”.⁵⁰⁹ Vargas registrou, ainda, como se aliasse informação e justificativa, que

As fontes da estância de águas do Araxá distam [...] quilômetros da cidade de Araxá, que é a sede do município. Ficam numa baixada que foi, talvez, uma cratera. Aí estão em construção as grandes obras impreterivelmente mandadas construir pelo governo mineiro: balneário, hotel, cassino, campo de *sports* etc.⁵¹⁰

O regime a que se submeteu – prescrito pelo seu médico pessoal e por uma junta médica formada por profissionais locais – determinava a frequência à Fonte Andrade Júnior para a ingestão diária da água sulfurosa. Bebia-se também a água radioativa da nova Fonte Dona Beja, em construção. Na Casa de Banhos governantes e governados puderam tirar proveito dos serviços destinados aos usuários da estação balneária: banhos, massagens e duchas. Os tempos de tratamento e de repouso vividos em Araxá pelo presidente certamente o fizeram desfrutar a mesma sensação que provara antes, durante suas estadas nas demais estâncias minerais: “nas estações de águas, todos os dias parecem feriados”.⁵¹¹

⁵⁰⁷ VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto. Edição de Leda Soares. Vol. 2. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. p.308.

⁵⁰⁸ Ibidem. p.311; Conjunto de documentos da família Alonso José de Aguiar.

⁵⁰⁹ Depoimento de Yolanda Colombo concedido à autora em maio de 2004, Araxá.

⁵¹⁰ VARGAS, Getúlio. Op. cit. p.308.

⁵¹¹ Ibidem. p.217.

A excepcionalidade de determinadas presenças contribuía sobremaneira para atestar a cura e a viabilidade da estação. Cada registro derivado do “estado de exceção”⁵¹² estimulava a divulgação dos efeitos curativos e também do simples veraneio. Tais registros podiam de dar por meio de fotografias ou filmes, muitos desses transformados em matérias jornalísticas, mas também mediante a lembrança fixada e não esmaecida decorrente do contato as personalidades visitantes. Ao turista, ao curista e ao habitante da cidade-balneário a liberação da rotina por si só permitia no mínimo agir diferentemente do usual.⁵¹³

3.3 – ÁGUAS E BELEZA: BANHOS, CORPOS E ESTÉTICA

O modo de vida urbano impõe determinados recuos, mas também sugere avanços. As relações sociais nele presentes advêm naturalmente da condição humana, e não somente do fato de os moradores pertencerem a uma ou a outra categoria social. Cada experiência vivida, praticada, ou o conjunto delas, modulou o discurso das ações que imprimiram contornos às imagens da estação.⁵¹⁴ Ainda que pudesse parecer infundável, nada mais compreensivo do que expressar de maneira veemente a contínua necessidade de se executarem melhoramentos no Barreiro e na própria cidade.

Resguardados os direitos e os poderes de trabalhar os espaços pela racionalidade da engenharia, da arquitetura e da medicina, ou de neutralizá-los, como se fossem preparados em termos de planejamento urbano, saneamento público e higienização para a chegada das temporadas, pretendia-se articular questões mais ampliadas. A interlocução entre as três áreas de trabalho técnico-científico há muito tempo vinha promovendo a paisagem urbana como receptora da sociabilidade enquanto algo imprescindível ao funcionamento harmônico entre a

⁵¹² Walter Benjamin utiliza esta expressão referindo-se a um tempo vivido de forma diferente, embora num contexto próprio relativo à Europa fascista. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.226. Antonio Candido utiliza a mesma expressão na análise do tempo diferente experimentado pelas cidades hidrominerais ao prefaciá-lo: MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p.13-17. Seguindo essa última análise, ver também: SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.157-159.

⁵¹³ WEBER, Eugen. Op. cit. p.216-237.

⁵¹⁴ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p.211-219; 255-259.

vida social e o organismo daquele que a forma e a habita.⁵¹⁵ Nem que para isso se recorresse à reformulação de costumes já enraizados por parte desses habitantes.

A frequência dos animais na área próxima às fontes levou a Prefeitura a proibir, em 1933, entre outras medidas citadas anteriormente, o trânsito de “boiadas ou de reses atoladas” naquele local. A mesma lei estendeu-se a outros pontos da cidade sob pena de multa aos infratores,⁵¹⁶ legitimando, em um e outro territórios – Barreiro e cidade –, a atitude do prefeito ao exercer o controle de regular e de vigiar.⁵¹⁷

Enquanto faziam-se ouvir as vozes dos técnicos em favor das condições de estações balneárias européias a serem reproduzidas em Araxá, a descrição referente às termas francesas podia revelar o quadro por eles desejado e, em parte, assegurado:

[...] Estradas eram traçadas e outras consertadas, calçadas construídas, ruas iluminadas, parques e passeios planejados, árvores plantadas – para servir de decoração ou para dar sombra –, salas de reunião, salões de baile, teatros e cassinos criados, a fim de tornar a vida mais agradável para os que procuravam tratamento e para um número maior de visitantes que considerava a saúde menos importante que o divertimento.⁵¹⁸

Divertimento, aventura ou relaxamento podia-se conquistar de maneiras diversas: contemplando vistas aprazíveis, cruzando com pessoas diferentes e com estas dialogando ou praticando esportes. Buscar o bem-estar do corpo e da mente significava garantir a saúde, o que se mostrava ao alcance de todos, levando-se em conta sobretudo as subjetividades. As possibilidades individuais de aproveitar o tempo, vencer as distâncias de trem, de automóvel ou, posteriormente, de avião, estar em contato com a natureza, aproximar-se do outro; enfim poder-se-ia tornar tudo isso viável, assim mesmo, de uma só vez, desde que se cuidasse do próprio corpo.⁵¹⁹

⁵¹⁵ George Vigarello associa o papel do engenheiro a uma nova representação, mostrando como o trabalho deste com o do médico culminaram em “originalidade”. VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história de higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996(a). p.143. A cidade transformada pela via higiênico-sanitarista e pela estética como forma de expressão do social são analisadas em: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.107-127. Nessa linha, sobre a questão do corpo, ver também: PORTER, Roy. “História do Corpo.” In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p.291-315.

⁵¹⁶ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.29, dez. 1999, p.9. Arquivo FCCB.

⁵¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 22ª.ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p.157-161.

⁵¹⁸ WEBER, Eugen. Op. cit. p.222.

⁵¹⁹ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit. p.255-258.

As estâncias balneárias consistiram-se em alvos preferenciais. As águas medicinais podiam limpar o organismo e, aliadas à ambiência em que se encontravam, acelerar os movimentos corporais, proporcionando aos aquáticos saúde e bem-estar e atuando como um autêntico elixir. Por muitos momentos, de alguma maneira, Araxá esteve imersa nas águas. Dos córregos e regos presentes na sua dimensão física – nela não se chegou a contar com os chafarizes, como em outros lugares – às fontes do Barreiro, envoltas na multiplicidade de sentidos a elas atribuídos, as águas configuraram-se em culturas que se interpenetravam. Ambas, cultura material e cultura sensível, contribuíram para identificar os meios e os modos pelos quais os moradores e visitantes lidaram com esse elemento natural e inscreveram-se no âmbito da cidade e do Balneário.⁵²⁰

As propagandas que até então vendiam Araxá aos aquáticos, turistas ou veranistas eram as mesmas que convidavam a população local para desfrutar a cidade, com suas ruas e avenidas planejadas, paisagens naturais atraentes, ares refrescantes, águas curativas e possibilidades de experimentar vivências inéditas. Desse convívio resultaria uma “incorporação seletiva”⁵²¹ em que modelos de conduta, de pensamentos e de consumo absorvidos, ainda que mais rapidamente do que em outros núcleos urbanos, passariam por uma reelaboração, produzindo suas próprias especificidades. Os elementos reelaborados tinham os ritmos espaçados das temporadas, uma vez que

[...] as estações reciclavam-se continuamente, eliminando o velho, erguendo o novo, modelos de consumo ostensivo e de consumo simplesmente, muito antes de a sociedade como um todo estar pronta a aceitar esses valores. Assim, depois de apresentar a remotas províncias e ritmos e modos da cidade, também revelavam novos padrões à sua clientela.⁵²²

Beber a água da fonte consistia na atividade principal dos veranistas, seguida dos banhos religiosamente prescritos. Enquanto os visitantes dosavam a quantidade a ser ingerida, os “donos da casa” bebiam água à vontade e nem sempre experimentavam os procedimentos invariáveis das cabines de imersão, como se os rituais devessem ser obedecidos somente pelos primeiros. Todavia, a atividade aquática deveria ser aproveitada tendo em vista alguns

⁵²⁰ Algumas das questões envolvendo as sensibilidades e os gestos numa “cidade das águas” como São Paulo apresentam análises bastante pertinentes ao caso de Araxá. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910)”. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.25, dez. 2002. p.99-114.

⁵²¹ Nessas relações, Raymond Williams analisa o que resistiu e não resistiu na antiga forma e que é incorporado pela comunicação através da percepção. WILLIAMS, Raymond. Op. cit. p.125-129; 131-137.

⁵²² WEBER, Eugen. Op. cit. p.229.

aspectos específicos, como os meses e os horários ideais. Quanto aos primeiros recomendava-se a exclusão do mês de janeiro, durante o qual as fontes mostravam insuficiência derivada da infiltração das águas da chuva. Quanto aos horários, indicava-se o aproveitamento das emanações radioativas liberadas nas primeiras horas da manhã.

Ao escrever um artigo, o médico Pedro Pezzuti analisava e prescrevia as águas sulfurosas e as águas radioativas de Araxá, ainda que o teor das informações fosse melhor observado pelos usuários vindos de fora:

A primeira é uma agua medicamentosa por excellencia, modificadora, por sua alcalinidade, dos humores, excessivamente acidos do organismo, e topica dos catharros das mucozas.

A segunda é, segundo os dizeres dos auctores francezes, uma agua de lavagem, isto é uma agua que lava o organismo em que passa, transportando em sua passagem as escorias toxicas do mesmo, e eliminando-as por uma forte diurese. Ambas são precipuamente aguas *par boison* – aguas de beber.

[...] Todas essas aguas devem ser tomadas de manhã em jejum, seja porque o estomago estando vasio a agua não vem disturbar a digestão, seja porque o estado de vacuidade favorece a absorpção rapida da agua ingerida. Muito raramente o tratamento continua de tarde, mas bem depois de terminada a digestão do almoço. (Marion)⁵²³

A linguagem médica autorizando o uso das águas ganhava conotação publicitária, associando a legitimidade à informalidade do aconselhamento com fins outros além daqueles relacionados à cura:

[...] Dizem que fazem mais bem tomadas em jejum. Geralmente tomam-se quatro vezes ao dia: duas de manhã, ás 6 e 7 horas, duas ás tardes, ás 15 e ás 16 horas. Nos primeiros dias em algumas pessoas faz effeito purgativo, noutras provoca constipação, chegando a dar uma ligeira febre. Depois o organismo se adapta e tudo passa. Dizem ser esplendido dentifricio. Pondo-se uma colher de azeite doce num copo de agua, immediatamente esta fica com aspecto leitoso. Convém não beber da agua meia hora nem menos de tres horas depois das refeições; ella provoca a saponificação das gorduras, o que tem dado em resultado congestões gastricas e outros accidentes perigosos.⁵²⁴

Se a urbanização permitiu que homens, mulheres e crianças circulassem pela cidade, do mesmo modo introduziu, para além daqueles primeiros, os segmentos feminino e infantil

⁵²³ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.28.

⁵²⁴ Ibidem. p.54 e 56.

no mundo do trabalho.⁵²⁵ Tal premissa contribuiu para formular novos hábitos e, com eles, uma disciplina própria para administrar atividades profissionais, domésticas e de entretenimento.⁵²⁶ As idéias de limpeza partiam do espaço urbano para a casa e desta para o corpo, para o vestuário e para os costumes. Por outro lado, a canalização da água em Araxá ou a captação das suas fontes medicinais, conforme demonstrado anteriormente, confrontara-se com a exigência de investimentos financeiros e de talentos pessoais para mediar interesses conflitantes. Muitas vezes, os custos que os supracitados melhoramentos implicariam direcionavam o foco para outros projetos construtivos, se não frívolos, porém de maior visibilidade, como balneários e hotéis outrora idealizados.⁵²⁷

Visando aliviar as tensões diárias da cidade, a expansão dos cuidados físicos incluiu o uso corporal das águas para o seu melhor aproveitamento nas esferas do trabalho e do lazer; daí o objetivo de unir o vigor do organismo à produtividade e ao bem-estar. Todavia, os procedimentos a serem seguidos variavam entre as diferenças de gêneros e de identidades. Entre as necessidades tidas como tais, o Balneário idealizado para Araxá deveria contar, além das seções diferenciadas para os sexos masculino e feminino que haviam sido asseguradas nos processos constantes de reforma e ampliação da Casa de Banhos, com instalações apropriadas ao tratamento das “doenças de mulher”.⁵²⁸

A esta probabilidade transferiam-se, em grande medida, o êxito e a diferenciação de Araxá: “[...] Só esta parte de ser este o unico estabelecimento balneario no genero, garantiria uma frequencia annual de elevadissimo numero de veranistas e teria a capacidade desta secção sempre super-lotada”.⁵²⁹ Embora ao homem estivesse destinado o espaço produtivo da cidade e à mulher as funções tradicionalmente derivadas da família e da maternidade, os dias experimentados na estação de águas possibilitavam a aplicação daquelas idéias de higiene, seguidas das referentes ao embelezamento, de modos bem particularizados.⁵³⁰

⁵²⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.125 e 126. Por meio da categoria “mulheres” é possível historicizá-las mediante a expressão de suas necessidades, interesses e perfis. BURKE, Peter (Org.). Op. cit. p.63-95.

⁵²⁶ THOMPSON, E. P. Op. cit. p.297.

⁵²⁷ Sobre a limpeza enquanto significado moral, ver: VIGARELLO, Georges. “O trabalho dos corpos e do espaço.” In: PROJETO HISTÓRIA. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: EDUC, n.3, jun. 1996(b). p.13-20.

⁵²⁸ Entendia-se por “doenças de mulher” todas as enfermidades relacionadas aos órgãos de reprodução. MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.19.

⁵²⁹ SILVA, Sebastião de Affonseca. *Ligeiros comentarios sobre a localização do novo estabelecimento balneario de Araxá*. Abril de 1936. p.4. Arquivo 00046/ ABPH-01/ FCCB.

⁵³⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.23, 125 e 126. VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p.145-155.

Na sonhada estação de águas nada mais favorável do que praticar a “metáfora do corpo”⁵³¹ durante as temporadas. Tendo as representações corporais como referência, caminhava-se inevitavelmente para os sentidos dos banhos. Tradição secular, as práticas adotadas para o uso dos banhos alternaram-se ao longo do tempo como sendo públicos ou privados, coletivos ou individuais, de água corrente ou não, revestidos de cunho religioso ou distinção social.⁵³² Revelaram significados que vão desde os hábitos da ablução ao da higiene enquanto meio de se conservar e favorecer a saúde. A preocupação com a limpeza em contraposição à sujidade fez dos banhos, a princípio, uma instituição elitista, para, mais tarde, disseminar-se. Se as cidades deveriam zelar pelo ordenamento e asseio dos espaços urbanos, os seus habitantes deveriam fazer o mesmo em relação ao próprio corpo.

O dia de um aquático no Barreiro de Araxá iniciava logo pela manhã com a ingestão da primeira dose de água junto à fonte. Seguindo determinações médicas, alguns hotéis, como o Hotel Colombo – sob orientação, entre os anos 30 e 40, do Dr. Atilio Colombo, filho dos donos do estabelecimento –, ofereciam a água aos hóspedes nos seus próprios aposentos.⁵³³ Neste caso, a água era levada até os aquáticos, que a ingeriam ainda deitados, posição recomendada para que a vesícula e o fígado fossem atingidos. Uma hora depois da ingestão, estes usuários desciam para o salão do café e, em seguida, dirigiam-se ao Balneário, onde tomavam os banhos.

Cumpre lembrar que a Casa de Banhos⁵³⁴ recebia a configuração de um espaço-único, nele polarizando-se “as atividades terapêuticas e lúdicas e festivas”.⁵³⁵ Das cabines das banheiras e dos cômodos comuns do edifício o fluxo seguia geralmente rumo às imediações da Fonte Andrade Júnior – de água sulfurosa –, onde uma nova dose era ingerida às 10 horas. Da referida Fonte caminhava-se à Fonte Dona Beja, onde se bebia a água radioativa. Desta retornava-se à primeira fonte, onde outra dose era obtida para ingestão.

No almoço privilegiava-se a alimentação segundo critérios tidos como saudáveis – havia, ainda, a dieta específica dos diabéticos – e, em seguida, cumpria-se o repouso de uma hora. A hidroterapia dava-se após o lanche da tarde; a partir das 15h30min ingeriam-se novas

⁵³¹ VIGARELLO, Georges. Op. cit., 1996(a). p.126-127.

⁵³² SENNET, Richard. Op. cit. p.122-124.

⁵³³ Depoimento de Yolanda Colombo concedido à autora em 04/05/2004, Araxá.

⁵³⁴ Na linguagem cotidiana e quase sempre constatada na documentação pesquisada, os termos “Casa de Banhos” e “Balneário” foram utilizados para designar o estabelecimento onde se tomavam os banhos. No momento seguinte, a partir dos anos 40, a alternância de nomes ocorreria com as expressões “Balneário” e, principalmente, “Termas”, conforme o hábito romano de indicar o lugar público destinado aos banhos para uso das águas medicinais. A respeito da aplicação do nome “Therma” ou “Termas”, ver: SENNET, Richard. Op. cit. p.122-123.

⁵³⁵ Expressão conforme sugere a análise de: CORBIN, Alain. Op. cit. p.273.

doses de água radioativa e sulfurosa intervaladas em uma hora. Ao final da tarde, a última dose de água sulfurosa ingerida encerrava o ciclo. Estava, assim, concluído o ritual diário das águas segundo as práticas definidas no Hotel Colombo do Barreiro. Havia, contudo, a prescrição médica divulgada amplamente e, por vezes, associada às informações orais para depois serem impressas nos mesmos guias e almanaques que as publicizavam:

[...] Os banhos de aguas das fontes custam dois mil e tanto; os de lama custam dez mil réis. O banho medicinal, a partir de 36° precisa de prescrição medica; o de asseio, abaixo dessa temperatura, não precisa. Dura dez a quinze minutos. Diz o povo que para fazerem effeito, devem ser seguidos. Perdendo-se um, cumpre recommençar. Nada menos real; o que é preciso é um determinado numero de banhos, seguidos ou não. Passando-se a agua pela cabeça, desprende-se uma espuma como a do sabão; diz o povo que isto é signal de saude e que, quando não sae espuma, a pessoa está para morrer. O uso da agua na cabeça torna castanhos claros os cabellos, mas depois a côr natural volta. [...] ⁵³⁶

As temperaturas das águas para os banhos variavam entre 28 e 32 graus. Costumava-se compará-las às de Poços de Caldas: as de Araxá, mais frias, necessitavam do aquecimento até alcançar o grau indicado, ao contrário daquelas, que precisavam do resfriamento adequado.⁵³⁷ Durante as estações, indicadas para os períodos de março a maio e de agosto a outubro, podia-se oferecer como elemento a mais na busca pela saúde o proveito das emanações radioativas, desprendidas das fontes logo de manhã cedo. Quer a doentes, quer a sãos, Araxá convidava ao repouso pela “situação topographica, amenidade de seu clima, propriedade curativa de suas aguas e affabilidade de seu povo [...]”.⁵³⁸ Aquele era, no mínimo, um tempo diferente, livre das obrigações cotidianas; o estar junto ou a convivência entre pares promovia a valorização do lugar.⁵³⁹

Entre as ingestões das doses de água obtidas nas fontes sulfurosas e radioativas, intercaladas com passeios a pé unindo os dois pontos, o rito do banho ocupava lugar de relevo no “relógio diário”⁵⁴⁰ do Barreiro. Pela manhã, o tempo vivido ali, segundo o modo de ocupação adotado pelos usuários da estância, fazia da prática desse costume um conjunto de simbolismos representado pelo zelo com uma série de aspectos então expostos, tais como higiene, limpeza, vestuário, saúde e longevidade. Nos banhos ou fora deles, os corpos podiam

⁵³⁶ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.51.

⁵³⁷ Ibidem. p.51.

⁵³⁸ Ibidem. p.57.

⁵³⁹ WEBER, Eugen. Op. cit. p.218.

⁵⁴⁰ THOMPSON, E. P. Op. cit. p.19.

revelar a manifestação das experiências obtidas por meio de outras linguagens: as relações de pudor, de estranhamento e os sistemas de valores diante de novas descobertas.⁵⁴¹

Os preços dos banhos de lama negra, mais elevados do que os aplicados aos das águas da fonte, justificavam-se pela exigência de critérios médicos mais rígidos para aproveitá-los. Eram definidos também de acordo com procedimentos práticos e com o tempo neles consumido, pois, de fato, apresentavam-se mais duradouros.⁵⁴² As belas e amplas banheiras alemãs com as quais se equipavam as cabines da Casa de Banhos davam guarida, por vezes, a outras experiências que não as previamente indicadas de cura, de relaxamento ou de embelezamento. De todo modo, abriam possibilidades para o registro de sensações diversas da materialidade exposta, além dos odores da água ou da temperatura e da acústica do ambiente.⁵⁴³ Não raro, quando mãe e filha compartilhavam cabine e banheira únicas, a menina geralmente vestia-se em outro cômodo, distante do adulto, que também se vestia sozinho. O contato corporal contraía-se em importância diante da nitidez dos corpos. No que se referia a esta, as noções de pudor presentes nas relações pessoais tornavam-se aqui mais visíveis. A água turva e espumante permitia um tipo de ocultamento em meio ao isolamento proporcionado pela banheira.⁵⁴⁴

Nesse sentido, revela-se oportuno pensar, mais uma vez, no isolamento como contraponto da socialização. O primeiro aspecto podia ser sentido nas cabines de banhos em particular, mas também na estância hidromineral como um todo se vista enquanto lugar distante da cidade onde se vive o dia-a-dia. O segundo – o da socialização –, por sua vez, refletia-se nas possibilidades de convivência nos jardins, nas fontes ou nos recintos comuns do Balneário. Refletir sobre a hidroterapia como referencial estratégico da estação projetada, a partir das mudanças verificadas na própria concepção de cidade, sob a ótica higiênico-sanitarista, exige pensar nos doentes e nas doentes que, de alguma forma, se isolam em busca de cura. Contudo, mesmo isolados, não se pode pensar nos aquáticos sem os habitantes locais.⁵⁴⁵

⁵⁴¹ PORTER, Roy. Op. cit. p.301.

⁵⁴² A proposta de sondar as representações femininas e masculinas presentes nos discursos médico-sanitaristas e na ação da medicina inseridos na urbanização e desta em São Paulo pode ser encontrada em: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.107-127.

⁵⁴³ CORBIN, Alain. *Sabores e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.9-15.

⁵⁴⁴ VIGARELLO, Georges. Op. cit., 1996(a). p.137-139. SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.210. Depoimento de Yolanda Colombo concedido à autora em 04/05/2004, Araxá.

⁵⁴⁵ Sobre o contágio como sinal de impotência diante das carências do corpo, das condições de vida e das suas implicações e representações nas transformações da paisagem urbana e dos corpos, propriamente, ver: VIGARELLO, Georges. Op. cit., 1996(b). p.7-20. Sobre contágio, consultar: VIGARELLO, Georges. “Inocular

Nos anos 20 permanecera em Araxá, por mais de um ano, Cristina, jovem carioca que chegou para uma temporada na estação de águas depois de ter vivido na Europa.⁵⁴⁶ Seus pais enviaram-na acompanhada por Josefina, uma dama francesa que deveria zelar por ela até que se recuperasse da morte do namorado, “jovem oficial francês”. Cristina hospedou-se a princípio no Hotel do Comércio, de Dona Bárbara de Pinho, localizado no centro da cidade, mais especificamente na antiga rua do Comércio. Em Araxá, as duas aquáticas contavam com a proteção dos Drs. João Jacques e Heitor Montandon, respectivamente farmacêutico e médico, velhos conhecidos dos pais de Cristina. Posteriormente, ambas ficaram hospedadas na residência de Alice e Theóphilo Ferreira dos Santos.



Imagem 30 – Jovem carioca em temporada.⁵⁴⁷

para proteger: a inoculação da varíola e a imagem do corpo”. In: PROJETO HISTÓRIA. Corpo e cultura. São Paulo: EDUC, n.25, dez. 2002. p.13-22.

⁵⁴⁶ TEIXEIRA, Maria Santos. “Cristina”. In: O ROUXINOL. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 1991. p.105-111.

⁵⁴⁷ Cristina, no Barreiro, ao lado de Iveta, filha do casal que a hospedou em Araxá. TEIXEIRA, Maria Santos. Op. cit. p.108.

A permanência de Cristina na confortável residência da família Santos no centro da cidade revestiu-se de mistério tanto quanto de sedução. Na elegante aparência física da moça, no seu refinado guarda-roupa – composto de vestidos confeccionados em tecidos nobres e bordados com pedrarias, de chapéus, de bengala e de borguezins – e na sua fala fluente, capaz de manter diálogos prolongados com as autoridades locais ou de fora que a visitavam e traziam notícias do Rio de Janeiro, imperava um contorno mitificado.⁵⁴⁸ Certo dia, a ingestão de doses de láudano, de efeito sedativo, provocou grande tensão na família anfitriã. Alice, a dona da casa, grávida, perdeu a criança que esperava. Cristina manteve-se em silêncio, apresentando tristeza e palidez. Ao lado de Josefina, a moça transferiu-se para o Hotel das Fontes, no Barreiro, ali permanecendo até manifestar o desejo de voltar a Araxá, onde seus protetores e conselheiros alugaram-lhe uma casa. Da rotina das duas veranistas constavam as caminhadas por ruas, avenidas e praças, que, no entanto, foram interrompidas com a morte da jovem carioca. Cristina foi enterrada no cemitério local e Josefina retornou ao Rio de Janeiro levando consigo os objetos pessoais da moça.⁵⁴⁹

Obviamente, as lembranças das temporadas permaneciam de alguma forma cristalizadas. Aqueles meses eleitos no calendário dos aquáticos e dos moradores alternavam presenças e ausências. Todavia, a de Cristina obtivera duração excepcional, proporcional à dimensão das experiências contemplativas que estimulava, germinadas de um certo gosto revelado por sua aparência.⁵⁵⁰ Dessa primeira aproximação ou afinidade subjetiva contatos poderiam nascer, como de fato ocorrera no convívio de Cristina com alguns habitantes – desde que aqueles que a vissem soubessem interpretar os sinais contidos por sua aparência. Assim ditavam as regras da equação envolvendo o morador local e o visitante em torno dos símbolos que os caracterizavam.⁵⁵¹

⁵⁴⁸ Especialmente durante as temporadas, a cidade-balneário colocava-se diante da possibilidade de “descobrir” as pessoas a partir da aparência. Roupas, cores e acessórios apresentavam-se como indicadores do perfil daqueles que os usavam; e a leitura ou não deles enquanto sinais estão em: SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.203-211. A estética legitimada por meio da “atração e do gosto” e expressa na gestualidade e na oralidade define o que vem a ser a história social da beleza. VIGARELLO, Georges. Op. cit., 2006. p.10.

⁵⁴⁹ A propósito do cotidiano vivido por Cristina tanto na cidade quanto no Balneário, dele fez parte o convívio com o Dr. Plácido Barbosa, médico da Fundação Rockefeller em temporada de estudos no Barreiro, em especial dedicados ao combate à febre amarela. Os dois visitantes mantiveram contatos entre si, bem como promoveram elos com diversas pessoas da comunidade, com as quais um e outro também conviveram. TEIXEIRA, Maria Santos. Op. cit. p.105-111.

⁵⁵⁰ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 1995. p.253.

⁵⁵¹ SENNET, Richard. Op. cit., 1988. p.211.

Formas de sociabilidade e de hospitalidade manifestas na promoção do convívio em grupo, associadas às referências anteriores, condicionavam outros signos que se faziam familiares à estância balneária de Araxá, direcionados, possivelmente, com maior intensidade ao público feminino.⁵⁵² Araxá tentara conquistar espaços destinados aos banhos, desde aquele primeiro Balneário junto às fontes de águas minerais, construído de maneira rústica ainda em 1912. Os usos corporais das águas, o zelo com a higiene e com a conservação da saúde tornaram mais expostos os corpos.

Na estância hidromineral do Barreiro, na transição dos anos 20 aos 30, já se mostravam habituais a prática e a procura dos modos e dos meios de embelezamento e de conservação da aparência. Alguns aspectos contribuíram mais diretamente para o fluxo dessas idéias e práticas afora aqueles relacionados de imediato e advindos da condição de estação de águas. A luz elétrica instalara-se havia pouco mais de quinze anos e o recurso da fotografia disseminava-se com o trabalho dos fotógrafos, que paulatinamente tornavam-se requisitados.⁵⁵³

A dedicação à aparência por meio da qual se pode ler o desenho do corpo⁵⁵⁴ converge para a associação da estética ao esforço individual de assegurar a beleza física com um trabalho sistematizado. Difundia-se, cada vez mais, a idéia de que “a beleza se constrói pela técnica e os materiais”.⁵⁵⁵ A hidroterapia, nascida desse hábito de usar a água para eliminar as impurezas, seguiu um caminho específico, mas igualmente plural. A invenção dos balneários enquanto lugares reservados aos banhos e à sociabilidade permitiu, assim como no mundo particular, a introdução de novos produtos e utensílios que gradativamente tornaram-se familiares e, por isso, indispensáveis às representações corporais.

Entre a natureza e a cultura, entre as águas de beber ou as águas para banhos, evidenciava-se a existência da lama termal e o uso dela nos cuidados com a pele. A lama, registrava o artigo de um almanaque,

⁵⁵² Uma série de fatores são apontados na associação de uma estação balneária a um lugar de “excessiva feminidade”, que vão desde a constituição orgânica à construção do imaginário femininos. CORBIN, Alain. Op. cit. p.272 e 273.

⁵⁵³ MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.23.

⁵⁵⁴ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 1995. p.253.

⁵⁵⁵ Vigarello afirma que esta associação – estética e trabalho – não se mostrava ainda suficientemente clara às mulheres. VIGARELLO, Georges. Op. cit., 2006. p.164 e 266.

[...] tem fama de tirar manchas da pelle, de modo que as moças untam com ella o rosto e depois de uns quinze minutos, quando a lama fica secca, tiram-na com agua. Parece que a lama de facto tira as manchas por que queima a epiderme e provoca a formação de novas camadas. Pelo cheiro parece que é de formação organica; dizem que são de detricitos de uma alga que nasce á beira das fontes [...].⁵⁵⁶

Referindo-se à atenção das moças, em especial, para com o rosto, e ainda que direcionado à divulgação do produto, o almanaque expressava os sentimentos e os desejos que muitas delas compartilhavam, entre os quais as aspirações de conhecer, “trabalhar” e zelar pela aparência, a partir do domínio dos segredos do corpo.⁵⁵⁷ Não apenas a lama poderia ser usada para trazer efeitos positivos à pele. As águas também davam brilho e viscosidade aos cabelos e traziam benefícios nos cuidados com os dentes.⁵⁵⁸

A evidência do corpo feminino, disseminada no campo do trabalho do médico, do administrador público, do negociante, do industrial e do publicitário, associou a sua imagem às mais diferentes formas de anunciá-lo. Em determinadas situações – afora as visíveis nos discursos oriundos daquelas esferas profissionais –, o objeto a ser mostrado podia atingir outros olhares, pensamentos e atitudes: de um lado, os dos poetas e, de outro, os das próprias mulheres.⁵⁵⁹

“As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me hipnotizam. [...] Eu só quero as três mulheres do sabonete Araxá: o meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!”⁵⁶⁰ O cartaz exposto num bar de Teresópolis, Rio de Janeiro, inspirou Manuel Bandeira, naqueles anos 30.

⁵⁵⁶ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.51.

⁵⁵⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.23.

⁵⁵⁸ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.54.

⁵⁵⁹ PERROT, Michelle. “Os silêncios do corpo da mulher.” In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Op. cit. p.13-27.

⁵⁶⁰ Poema “Balada das três mulheres do sabonete Araxá”, de Manuel Bandeira, publicado no livro *Estrela da Manhã*, 1936. REVISTA EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, dez. 1936, abr./maio 1937. Arquivo do IEB/ São Paulo. Este livro foi publicado graças ao papel doado por Luís Camilo de Oliveira Neto e impressão financiada por subscritores. Disponível em < http://www.releituras.com/mbandeira_bio.asp>. Acesso em 20 jan. de 2007.



Imagem 31 – “As três mulheres”.⁵⁶¹

Dos produtos em si, passando pela embalagem que os contém, até chegar às imagens por meio das quais se expõem o objeto e o invólucro, o material apresentava-se para fins de divulgação. A associação da higiene à estética enquanto forma de expressão do social chegara

⁵⁶¹ “As três mulheres do Sabonete Araxá”, divulgando o produto e seus benefícios, representadas por modelos femininos expostos no cartaz que inspirou o poeta. REVISTA EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, dez. 1936, abr./maio 1937. Arquivo do IEB/ São Paulo.

a Araxá também com a sinalização da possibilidade do uso industrial das águas, dos sais minerais e da lama termal na fabricação de sabonetes.⁵⁶²

O caso particular da uma primeira experiência produtiva nesse ramo – Fábrica de Sabonetes Finos Medicinais, de F. C. Epiphânio – não apenas inovou como também estimulou uma série de outras experiências dele derivadas. A começar pelas bulas, que, atestadas por médicos locais, indicavam a forma de uso. (Ver capítulo 2, item 2.4). A divulgação de um produto cosmético e simultaneamente revelador de aparência renovada chegou à capital mineira. Vendidos o direito e as condições de produção do Sabonete Araxá à “Perfumaria Marçolla”, de Belo Horizonte, a inovação no mercado estimulou o uso do recurso da publicidade.⁵⁶³ A execução de um cartaz anunciando o sabonete e, para isso, recorrendo à imagem feminina em três versões distintas, expunha o sabonete fora e dentro da embalagem. Nesta havia a indicação da eficiência do produto com a frase: “magnífico para conservar e restituir o assetinado da pelle principalmente das crianças”, reforçava o poder de persuasão nele inserido e diretamente vinculado à condição da maternidade.⁵⁶⁴

As mulheres do cartaz anunciavam um “produto da Ciência a serviço da Belleza”, indicado inclusive às crianças. As “três mulheres” são, a rigor, um perfil desenhado com a respectiva assinatura do autor, um rosto fotografado destacando a pele feminina e, por inteiro, um corpo desnudo, de costas e recoberto por uma toalha, registrando o momento de preparação ao banho e ao uso do produto. Duas delas, as primeiras, mostravam a embalagem sob dois ângulos diferentes. Embora não seja possível visualizá-la com nitidez, trazia as imagens dos projetos do Grande Hotel, das Termas e da lagoa, com a indicação de que o produto era fabricado com a lama de Araxá e dosado pelo Dr. Antônio Aleixo, especialista em doenças de pele. A terceira mulher, identificada por Manuel Bandeira como “a mais nua”, tinha sua imagem associada à do sabonete desembalado e nele registrada a marca *Araxá*.⁵⁶⁵

O nome de Araxá, as águas, a lama e as derivações deles em forma de cosméticos disponíveis na estância informavam, por intermédio da propaganda enquanto representação do real, as vantagens advindas do uso de tais elementos. Para comprovar a eficácia dos produtos nada melhor do que associá-los – como o fez o cartaz das “três mulheres” – a outros signos representativos do universo estético, como a feminilidade, a sexualidade, a presença e a

⁵⁶² SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Entre a pele e a paisagem.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.23, nov. 2001. p.193-207.

⁵⁶³ O uso do material impresso – especificamente, o cartaz – como forma de alcançar o leitor urbano, para nele orientar práticas e estimulá-lo, é analisado por Chartier em: CHARTIER, Roger. Op. cit., 2004. p.222-232.

⁵⁶⁴ Sobre as relações que envolvem a mulher e a maternidade, ver: MORAES, Mirtes de. *Tramas de um destino: maternidade e aleitamento*. Dissertação (Doutorado em História Social), PUC-SP, São Paulo, 2005.

⁵⁶⁵ REVISTA EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, dez. 1936, abr./maio 1937. Arquivo do IEB/ São Paulo.

conquista.⁵⁶⁶ Desdobramento desses, não raro recorria-se à narrativa mitológica para representar a possibilidade de preservar e revitalizar a mocidade. Tal qual o objetivo de Júpiter na transformação da ninfa Juventa na “Fonte da Juventude”, os poderes das águas radioativas da Fonte Dona Beja, dizia-se, poderiam manter ou trazer de volta o viço imanente aos jovens.⁵⁶⁷

Historicamente produzidas, a beleza e a estética vigoraram na estação de águas e também se revelaram conforme os poderes das águas, dos ares e dos produtos saídos das fábricas e perfumarias. Carregavam os signos da qualidade destes, das impressões que poderiam provocar nos espaços públicos e particulares da estância, nos centros de origem dos visitantes e depois, por fim, das sensações que poderiam despertar no outro. Residia aqui a valorização ou a depreciação dos detalhes expostos pelo corpo.

Portanto, verifica-se que as temporadas na estância hidromineral significavam bem mais do que a cura, o deslocamento do espaço e a diferença no ritmo cotidiano. Durante aqueles dias, ricos e pobres, nobres e aventureiros encontravam-se, ampliando os contatos e reduzindo as fronteiras que os separavam pelo menos temporariamente. As possibilidades de crescimento individual abriam-se quer fossem nas experiências do mundo sensível ou nas experiências da vida material.⁵⁶⁸

⁵⁶⁶ VIGARELLO, Georges. Op. cit., 2006. p.9-11.

⁵⁶⁷ SILVA, Sebastião de Affonseca. *Ligeiros commentarios sobre a localização do novo estabelecimento balneario de Araxá*. Abril de 1936. p.4. Arquivo 00046/ ABPH-01/ FCCB.

⁵⁶⁸ SOUZA, Gilda de Mello e. Op. cit. p.157-159. LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.34-38; 159-183.

IV – ERA GRANDE HOTEL: ANOS 1940

“Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.”

(Michel de Certeau)

Este capítulo aborda o processo de construção da estação de águas, imagética e materialmente, tendo em vista a implantação do Complexo Termal do Barreiro de Araxá, um extenso parque composto pelo Grande Hotel, pelo Balneário, pelas Fontes, pela Praça de Esportes, pelas Lagoas e pelos Jardins. A partir de 1937 teve início tal construção como parte integrante de um projeto político que se viu acompanhado de outro sócio-cultural, ambos impondo-se com pretensões hegemônicas.

Da cidade *ideal* à construção *real* chegou-se à ocupação final, a partir de 1944, quando a materialização da estância apresentou-se como uma tentativa de recriação da própria cidade. Este espaço poderá ou não se revelar como algo inacabado, tal qual o projeto político empreendido nacionalmente, em igual período. A referência legal que pôs fim aos jogos de azar no país aconteceu pouco depois de inauguradas oficialmente as obras, ainda que não concluídas na sua totalidade. 1946 poderá ter sinalizado, ou não, para o fim do espetáculo.

Em alguns casos, a imagem enquanto fonte é trabalhada, particularmente, em função das possibilidades de ampliar o seu alcance. Tais fontes imagéticas abarcam múltiplas categorias, espacialidades e temporalidades, colocando-se como narrativas por meio das quais “conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável”.⁵⁶⁹

4.1 – IMAGENS DA ESTAÇÃO: POLÍTICA E IDENTIDADES

Envolvidos pelo dinamismo da lógica urbana, os habitantes de Araxá mantinham-se estimulados por suas percepções. A constante presentificação de mudanças idealizadas, sempre associadas ao vaticínio de benefícios de toda ordem – em especial, dos advindos do solo onde brotavam as riquezas minerais –, permanecia como algo inerente ao cotidiano local.

Durante o ano de 1930 três prefeitos (Dr. Hugo de Rezende Levy, Dr. Antônio Martins Villas Boas e Fausto Soares Figueira Alvim) passaram pelo gabinete do casarão colonial da praça Coronel Adolpho, então sede do executivo municipal. Todos nomeados pelo governo mineiro para, cada um ao seu modo e de acordo com os influxos culturais do momento, administrar a cidade. A visão do terceiro dos prefeitos de Araxá, naquele ano, à frente da administração que se iniciou em 1930 e se estendeu até 1940, revelou olhares do político e do intelectual. Homem letrado, o advogado Fausto Alvim, mineiro de Mar de Espanha, assim como seus antecessores, chegou à cidade para comandá-la por indicação do

⁵⁶⁹ MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosana Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.27.

governo do estado, tornando-se, posteriormente, amigo pessoal do presidente Getúlio Vargas. Algumas de suas idéias veiculadas no jornal *A Opinião*, publicação local que circulava aos domingos, adquiriram caráter discursivo. Divulgadas em 1933 durante as comemorações do centenário da Câmara Municipal, representaram interesses coletivos e, por isso, estiveram sujeitas às exigências específicas do momento.

O sentido festivo dos cem anos de fundação do poder legislativo seguiu a tendência memorialística comum ao registro de datas de relevo. Nestas ocasiões – aqui se encontra a legitimidade do ato de rememorar – são propícias as reflexões acerca do panorama que se apresenta, no caso, o de Araxá enquanto estação de águas. Aspectos preservados ou alterados e outros lançados como algo a ser conquistado apontam invariavelmente às transformações.⁵⁷⁰ O discurso em questão, divulgado na imprensa, partia de um intelectual respeitado e admirado pela população. Nada mais natural do que o semanário ceder ao chefe do executivo páginas e páginas para que pudesse explicitar sua posição quanto aos destinos da cidade-balneário sob sua responsabilidade:

[...] Quanto às termas do Barreiro, tem elas passado nestes ultimos tempos pela mesma crise que, à exceção de Poços de Caldas, assoberba as nossas estancias hidrominerais. Os fatores desse fenomeno são conhecidos. Em Araxá, foram agravados pela distancia e pessimos meios de comunicação que nos ligam aos grandes centros. Ultimamente, parece que a Oeste de Minas compreendeu que seria sacrificar de vez a nossa estancia, permanecendo por mais tempo o absoluto desconforto das suas viagens, ainda mais, a absurda conservação das suas linhas. Já se viaja com o relativo conforto para Araxá e as linhas apresentam mais segurança.

[...] O jogo deve ser centralizado em um cassino, a construir-se bem como um hotel de conforto, sem luxo exagerado.

[...] As instalações balnearias completar-se-iam, mantendo-se as atuais para a clientela mais modesta. Outro balneario seria construido, ainda que sem exagero suntuario, para os que pudessem pagar melhor o seu conforto. [...]⁵⁷¹

No seu escopo, as idéias expressas freqüentemente pelo prefeito acerca da estância inserida na cidade que administrava não seriam concretizadas tal como as defendia. O poder atribuído às mensagens discursivas foi, de certa maneira, transferido posteriormente àquelas que surgiriam de outras escalas. Dos gabinetes da capital do estado ressoaria a diretriz vinda

⁵⁷⁰ O sentido da comemoração enquanto meio de construir uma identidade para, então, poder protegê-la conduz aos revisionismos, fazendo emergir a memória tanto quanto o esquecimento. Ver: HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p.9-41.

⁵⁷¹ A OPINIÃO. Araxá, s/n., 07/01/1933, p.11-15. Arquivo FCCB.

de outra capital, a da República. De todo modo, a consonância das falas legitimadoras das decisões que desejaram transformar Araxá seria materializada no sentido de expurgar a crise vivida nas estâncias, entre as quais excetuava-se a de Poços de Caldas.

As viagens de trem partindo de Belo Horizonte deveriam ser substituídas por outras em melhores condições. Os diversos pontos destinados ao jogo poderiam unificar-se em um cassino. Subtende-se que neste aspecto deveriam ser reunidos num só local, tal qual aquele que havia sido criado naquela citada estância caldense. A defesa da existência de um “hotel de conforto” revelava-se necessária tanto quanto urgente sem que se ocupasse dos símbolos e códigos representativos das elites. Nesta mesma perspectiva, um novo Balneário poderia dotar o conjunto termal de ambientes adequados aos rituais dos banhos, não impedindo, ainda que veladamente, sua acessibilidade a uma extensa “clientela”. A alternativa para uma dupla proposição – um Balneário novo desprovido de luxo excessivo e outro de aparência simplificada –, igualmente defendida pelo prefeito, seria assegurada com a preservação do Balneário já existente. Aquele mesmo construído e ampliado sucessivas vezes pela iniciativa privada após 1912.

O projeto implantado a partir dos anos 30 superaria as previsões gerais, especialmente as mais promissoras, mesmo que naqueles instantes a fala representativa de muitos e oriunda da intelectualidade – a do prefeito – estivesse submetida às especificidades do cargo e, portanto, reservasse para si uma espécie de entonação oficializada.⁵⁷² Se 1933 representou para o país o início propriamente dito do governo pós-Revolução de 30, para Araxá, que se acostumara a acompanhar o ritmo da alternância de poderes, sob a perspectiva de uma estação de águas à margem das decisões políticas do Estado, o marco temporal sinalizou igualmente para novas e possíveis mudanças.

⁵⁷² SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. (Ensaio latino-americanos 2). p.53-63.

Naquele ano, estabeleceram-se os pilares para a elaboração de um plano geral de aparelhamento da estância hidromineral do Barreiro. Duas comissões se formaram em nome do governo mineiro: a primeira, de bases técnicas e políticas, tinha como objetivo inicial tratar dos assuntos de expropriação e aquisição de terras e terrenos privados da área do Barreiro.⁵⁷³ Conforme a expressão da época, seria gestada uma “nova cidade”.⁵⁷⁴ Diferente das transformações urbanas executadas nos espaços da cidade e do Barreiro desde o início do século XX, mirando-se com frequência nos seus pares, os novos empreendimentos em nada deveriam remeter-se a outros exemplos, sequer similares.⁵⁷⁵

O nome do prefeito Dr. Fausto Alvim mantém-se associado afetivamente às lembranças locais.⁵⁷⁶ Ele permaneceu dez anos à frente da administração municipal, período suficiente tanto para firmar laços sentimentais quanto para promover ações de interesse do projeto político do presidente Getúlio Vargas. Essas ações partiram do investimento na realização de plantas cadastrais da cidade e das sedes dos distritos e de mapas do município, culminando na construção de estradas regionais.⁵⁷⁷ Mas ele criou também escolas municipais (inclusive uma noturna), uma escola de Educação Física e a Agência Nacional de Estatística. Ademais, realizou o calçamento de ruas – com o asfaltamento da antiga rua Boa Vista – e o ajardinamento da avenida Antônio Carlos, construiu poços artesianos e aperfeiçoou os serviços de iluminação na cidade. A construção do Estádio Municipal na avenida Imbiara, inaugurado com a presença do presidente do país, atendeu igualmente às exigências estatais como local propício à prática de exercícios físicos e à promoção de cerimônias oficiais enquanto demonstração de civismo.⁵⁷⁸

⁵⁷³ A primeira comissão foi composta pelos Drs. Milton Campos (como advogado-geral do estado), Antônio Martins Villas Boas (ex-prefeito, agora procurador) e Fausto Alvim (advogado e prefeito de Araxá nomeado pelo interventor federal em Minas Gerais, Dr. Benedicto Valladares). Da segunda, essencialmente técnica, faziam parte os Drs. José Ferreira Andrade Júnior, Lincoln Continentino, Fábio Vieira Marques e José Carvalho Lopes, a quem cabia projetar a reforma, na expressão de alguns ou como preferiam eles, os executores, a construção da estância.

⁵⁷⁴ A OPINIÃO. Araxá, n.14, 17/04/1932, p.2. Arquivo FCCB.

⁵⁷⁵ LEPETIT, Bernard; SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Por uma nova história urbana*. Tradução de Cely Arena. São Paulo: EDUSP, 2002. p.137-150.

⁵⁷⁶ Segundo a documentação pesquisada, particularmente no que se refere à oralidade, a convivência com o administrador público até então desconhecido, durante uma década de visíveis transformações, e que depois partiu deixando amigos, correligionários e compadres, configurou forte vínculos ainda hoje manifestos nas falas e nos sentimentos expressos de contemporâneos seus. Sobre a história oral, apóio-me, aqui, especialmente em: PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.14, fev. 1997. p.7-24; PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.14, fev. 1997. p.25-39.

⁵⁷⁷ REVISTA “MINAS ECONOMICA”. Belo Horizonte, 1933, p.4. Arquivo 0080/ADPH-15/ FCCB.

⁵⁷⁸ O Estádio Municipal, construído na segunda metade da sua administração, quase duas décadas depois passou a chamar-se Estádio Municipal Fausto Alvim.



Imagem 32 – Inauguração do Estádio Municipal Fausto Alvim.⁵⁷⁹

De fato, os primeiros anos da década de 1930 corresponderam a uma grande mobilização do país.⁵⁸⁰ O discurso de Getúlio Vargas construía imagens favoráveis ao Estado esperando a sua assimilação por parte da sociedade da forma mais positiva possível. Em outras palavras, quaisquer conflitos sociais deveriam ser neutralizados; da mesma forma, manifestações de voluntarismos regionalistas seriam pulverizadas.⁵⁸¹ As políticas redefinidas e os valores e desejos expressos na fala do presidente e nos meios de comunicação serviram de anteparo para a formação de uma identidade nacional. A sensação de pertencimento ao Estado-nação, levando-se em conta a riqueza da diversidade cultural nele presente, consolidou-se a partir de 1937. O Estado Novo, implantado no referido ano, restabeleceu o projeto inicial dos anos anteriores imprimindo-lhe um formato único e exclusivo.

⁵⁷⁹ Inauguração oficial do Estádio Municipal com as presenças, entre outros, do presidente da República e do governador de Minas Gerais. 1940. Fonte Iconográfica; fundo: Agência Nacional; EH/ COC-P/ 437.18. Arquivo Nacional.

⁵⁸⁰ Para José Murilo de Carvalho, o Brasil vivera semelhante agitação apenas nos primeiros anos da República e, bem antes desses, na fase regencial do Império, entre 1822 e 1831. Ainda assim, o autor considera superior o período varguista neste aspecto por ter envolvido diversos estados da federação e grupos sociais (estes, formados por operários, classe média, militares, oligarquias e industriais) e por ter alcançado um grau de organização a ponto de criar movimentos políticos nacionais e de viabilizar os sindicatos, as associações de classe e os partidos políticos. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. São Paulo: Record, 2001. p.97.

⁵⁸¹ D’ALESSIO, Márcia Mansor. “Estado-nação e construções identitárias: uma leitura do período Vargas.” In: BREPOHL, Marion; BRESCIANI, Maria Stella; SEIXAS, Jacy A. (Orgs.) *Razão e paixão na política*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.159-180.

Unir o país regionalmente, integrando o interior ao centro por fortes laços de identidade, foi a premissa do projeto político de Vargas. Ainda que esse discurso não deixasse à mostra a multiplicidade de diferenças sociais, econômicas e de idéias acerca da nação, sobressaiu o nacionalismo assimilado por diversos setores da população.⁵⁸² Trabalhadores e patrões agiam sob o comando do Estado, que centralizava, regulava e disciplinava, responsabilizando-se por assegurar as condições ainda que mínimas para a vida moral e material.⁵⁸³ Estava, então, plasmada uma sociedade segundo a nova ordem construída para regê-la, mesmo que nessa reordenação convivessem mutuamente a teoria e o empirismo, ocultando diferenças latentes.⁵⁸⁴

A partir de 1937 teria início efetivo a transformação, imagética e material, de Araxá e da sua estação de águas. O caminho percorrido na tentativa de conquistar a condição de cidade-balneário ganhou um impulso, digamos, excepcional. Nasceu do aludido projeto presidencial, que se viu acompanhado de outro, este sócio-cultural, e ambos impuseram-se com pretensões hegemônicas. A materialização da idéia de uma estância hidromineral, caracterizando-se sobretudo por um conflito de representações sobre o que deveria ser este espaço, buscou uma unicidade inserida em dois territórios unidos, num primeiro sentido, por uma via sinuosa ainda de terra. Na dupla espacialidade convergiam, evidentemente, múltiplas histórias e memórias.

Desde 1930, Poços de Caldas, até então cidade balneária de maior expressão de Minas Gerais – localizada na parte sul do estado – e modelo a ser seguido pelas demais, havia inaugurado espaços completamente renovados. Com hotel, Termas e cassino construídos, essas obras visaram transformá-la na “maior e melhor estação de águas da América do Sul”.⁵⁸⁵ A dita transformação daquela estância hidromineral aconteceu ainda na República Velha, sob o comando de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, então chefe do governo estadual. Em 1927, Antônio Carlos havia estado no Barreiro de Araxá em visita oficial provocadora de grande expectativa.⁵⁸⁶ Os melhoramentos de Araxá, porém, foram natural e obrigatoriamente adiados para o período posterior, o da República Nova.

⁵⁸² Ibidem; PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala*. São Paulo: Bomtempo, 2000. p.15-39.

⁵⁸³ CARVALHO, José Murilo de. Op. cit. p.97-127.

⁵⁸⁴ LENHARO, Alcyr. *A sacralização da política*. Campinas: Papirus: 1986. p.21-34.

⁵⁸⁵ MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p.63.

⁵⁸⁶ Visita do presidente Antônio Carlos a Araxá. Arquivo Fotográfico/ 00683/ FCCB; VALLADARES, Benedicto. *Tempos idos e vividos: memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.265-267.

Minas Gerais estava familiarizada com os nomes de seus conterrâneos na presidência do país, que se alternavam com os dos paulistas, quando o movimento de 1930 garantiu a ascensão do gaúcho Getúlio Vargas ao poder.⁵⁸⁷ Àquela altura, Minas já havia enfrentado seus vizinhos paulistas quando estes exigiram um governo constitucional (movimentando-se contra o provisório, que assumira em 1930), com reais significados para Araxá, uma vez que os habitantes de São Paulo já representavam a maioria dos seus freqüentadores.⁵⁸⁸ Finalizado o movimento constitucionalista de 1932 e consagrada a vitória do governo federal neste, procederam-se, em 1934, a eleição e a efetivação de Vargas na presidência. O fato de Minas Gerais ter liderado a mudança dessa ordem reservou-lhe uma deferência: Olegário Maciel manteve-se à frente do governo, ou seja, o estado não contou inicialmente com um interventor. Somente em 1933, com a morte de Olegário, já idoso, a nomeação de Benedicto Valladares Ribeiro para a interventoria marcou a alteração do panorama mineiro, em especial o de Araxá.

A população local recebeu positivamente o novo interventor e, para isso, reuniria sólidos motivos. Mas, em termos estaduais, mais direcionados à esfera política, o nome de Benedicto Valladares causou estranhamento entre os mineiros. Aguardava-se com ansiedade a nomeação de Gustavo Capanema, natural de Pitangui, como interventor interino em substituição imediata ao velho Olegário, ou, ainda, a de Virgílio de Melo Franco. Este, tradicionalmente inserido nas políticas mineira e nacional, cuja família tivera origem em Paracatu, além de filho do Ministro Afrânio de Melo Franco, havia sido um elemento-chave na composição e atuação da Aliança-Liberal e, portanto, na vitória varguista em 1930. Sem contar que, depois disso, Melo Franco fora grande aliado de Getúlio no Governo Provisório, com posterior apoio cristalizado, especialmente, na Revolução de 1932.⁵⁸⁹

⁵⁸⁷ Rompendo o aludido pacto com São Paulo, após ter sido preterido o nome de Antônio Carlos para a presidência em favor do paulista Júlio Prestes e de ter reduzida sua representatividade no legislativo em função da proporcionalidade das cadeiras em relação ao número populacional, Minas Gerais formou com o Rio Grande do Sul e a Paraíba a Aliança Liberal. Estava lançado o nome de Getúlio Vargas às eleições presidenciais de 1930. Inicialmente derrotados, dentro de um quadro marcado por denúncias de fraudes e pelo assassinato do paraibano João Pessoa, mineiros e gaúchos uniram-se para assegurar a posse de Vargas, empreendendo uma luta armada: a Revolução de 1930. É rica e extensa a produção sobre esse tema dentro da historiografia brasileira, tendo baseado-me especialmente em: WIRTH, John. “Minas e a Nação: um estudo de poder e dependência regional 1889-1937.” In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 3ª.ed., Tomo III (O Brasil Republicano), vol.1 (Estrutura de poder e economia – 1889/1930). São Paulo: DIFEL/ USP, 1982. p.76-99.

⁵⁸⁸ Depoimento de Hélio Augusto Borges concedido à autora em setembro de 2006, Araxá.

⁵⁸⁹ GOMES, Angela de Castro. “A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.) *História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 4). p.489-559; CAMPOS, Helena Guimarães. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Lê, 2005. p.155-156.

Nascida num lampejo do contexto político de então e incorporada ao vocabulário popular de Minas Gerais, a expressão “Mas será o Benedito?” revelou o grau de surpresa com que a notícia chegara aos mineiros.⁵⁹⁰ Desde então tal expressão passou a ser adotada como reação espontânea diante de qualquer espécie de atitude causadora de incredulidade ou desaprovação. Misto de indignação e repulsa, sua produção fundamentada em critérios de classe (a política) e de região (as Minas Gerais) reafirmou a pluralidade, ampla e simultaneamente pontual, do conceito de cultura.⁵⁹¹

Sim, seria ele mesmo, o Benedito, o interventor nomeado por Getúlio para governar Minas Gerais.⁵⁹² Ambos, Getúlio e Benedito, formariam vínculos entre si suficientemente fortes para levarem adiante o projeto de Nação. A partir desse momento, as relações entre o presidente e o interventor – depois, presidente e governador – seriam nutridas por sentimentos de lealdade e de comprometimento, contrariando os mais incrédulos e alterando, muitas vezes, a correlação de forças entre os poderes constituídos e suas hierarquias.⁵⁹³

Passado o impacto da notícia com a sensação simultânea de estranheza e de objeção, também seria ele, o Benedito, o candidato mineiro do presidente nas eleições ao governo, que, junto à formação do Senado, seriam definidas pelas Assembléias Constituintes, tal como definira a Constituição promulgada em 1934.⁵⁹⁴ Benedito decidiu candidatar-se somente

⁵⁹⁰ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.224; CAMPOS, Helena Guimarães. Op. cit. p.155.

⁵⁹¹ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 2ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.347-375. Bosi contribui para a análise em múltiplos tempos dessa expressão dos anos 30, ainda usada em determinadas gerações. Para ele, há dois eixos e quatro pontos por meio dos quais se delineia a teoria da cultura brasileira: erudita, popular, criadora e de massas. Esta última externa o âmbito da universidade, mas na interface com as demais. A circularidade entre estes elementos, no caso, partindo da classe política para o gosto popular, selecionou de forma criadora a expressão conduzindo-a de um para outro vetor, sedimentando assim o seu uso pelos mineiros. Ver ainda: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.171-179.

⁵⁹² Na imbricada trama de relações do presidente com seus pares mineiros e gaúchos a nomeação de Capanema ou a de Mello Franco provocaria tensões de um ou de outro lado. Procedendo ao cruzamento do Diário de Getúlio com as memórias do ex-governador Valladares pode-se observar que as versões registradas por ambos sobre o episódio são coincidentes no seu escopo, sendo que, em certos aspectos, tornam-se complementares. VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. Vol.1. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto. Edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. p.243-252.; VALLADARES, Benedito. Op. cit. p.81-87.

⁵⁹³ As análises das fontes auto-referenciais ou da escrita de si como diários e autobiografias estão fundamentadas nos pressupostos teórico-metodológicos enquanto registro e forma de expressão dos autores-personagens, levando-se em conta fatores como o da “ilusão biográfica” (implicando em linearidade e coerência), o da “intencionalidade” e o do “distanciamento” entre quem escreve ou edita e o próprio sujeito que é narrado. As análises, portanto, sustentam-se no entendimento destes suportes como produtos de uma narrativa. Para isso, apoiei-me especialmente em: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p.7-24. Ver também: BÉDARIDA, François. “As responsabilidades do historiador expert.” In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Tradução de Marcella Mortara e Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1998. p.145-153.

⁵⁹⁴ VALLADARES, Benedito. Op. cit. p.121-129.

depois de empreender uma excursão pelo Estado, durante a qual percorreu diversos municípios. Afinal, fora essa experiência pessoal, de político municipalista, um dos fatores determinantes que o fizeram conquistar a preferência do presidente, tornar duradoura a relação entre os dois e mediar com denotada proximidade os desejos manifestos e os conflitos vividos entre os governos estadual e federal.⁵⁹⁵

Araxá recebeu em 1934 a comitiva de Benedicto Valladares, cujos fins de observação e de estudo sobre uma possível vitória eleitoral vieram de encontro à expectativa da população. Pela primeira vez Valladares visitou a cidade e se disse “maravilhado com as águas termais de Araxá e encantado com a história de Dona Beja [...]”.⁵⁹⁶ No entanto, não era apenas o prestígio político do então provável candidato que deveria ser verificado pelo grupo que excursionava pelo Triângulo Mineiro (incluindo Uberaba, Uberlândia e Araguari), do qual Araxá ainda fazia parte. É certo que o futuro governador pôde provar da receptividade favorável organizada pelo prefeito Fausto Alvim e autoridades municipais, ainda mais se comparada à freqüente manifestação de descrença local nos governos. Mas é certo também que ele e sua equipe ouviram, observaram e certificaram-se da viabilidade de investir na cidade que aguardava por isso há pelo menos quatro décadas.

O território natural do Barreiro mostrava-se, mais uma vez, à espera dos atos que iriam alterá-lo culturalmente. Sob o ponto de vista dos visitantes, eventuais promotores de uma transformação proporcional à natureza posta, seria aquela, inclusive, uma oportunidade de corrigir o que de frágil ou negativo lhes tivesse apresentado o empreendimento estadual em Poços de Caldas, inaugurado quatro anos antes. A tomada de decisão mereceu ser narrada e fixada nos registros de memória de Benedicto Valladares. Na dimensão subjetiva do texto reside a sua legitimidade; tal texto, como se poderia esperar, agrega nota de aprovação por parte dos moradores de Araxá quando comunicados daquele propósito.⁵⁹⁷

⁵⁹⁵ VARGAS, Getúlio. Op. cit. p.243.

⁵⁹⁶ A visita fez-se acompanhar dos assessores do governo mineiro: Juscelino Kubitschek (chefe de gabinete), Mário Matos (diretor da Imprensa Oficial), Noraldino de Lima (secretário de Educação e Saúde Pública) e Israel Pinheiro (secretário de Agricultura, Comércio e Trabalho). VALLADARES, Benedicto. Op. cit. p.125-126; MONTEIRO, Norma de Góis (coord.). *Dicionário Biográfico de Minas Gerais – período republicano – 1889-1991*. Vols.1 e 2. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994. p.349-350; 404; 476-485 e 641-645. Dona Beija ou Dona Beja, apelido de Ana Jacintha de São José (1800-1873), viveu em Araxá, onde a vida da personagem relacionada ao social está incorporada à cultura e às memórias locais. LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Das águas passadas à terra do sol: ensaio sobre a história de Araxá*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999. p.68-71.

⁵⁹⁷ GOMES, Angela de Castro (Org.). Op. cit., 2004. p.14-15.

Depois de ponderar sobre tudo que haviam dito e escrito, inclusive cientistas estrangeiros, sobre o valor curativo das águas milagrosas do Barreiro, que estavam à nossa vista, água sulfurosa, sais, lama, água radioativa, decidimos construir naquele brejal uma estação térmica que, corrigindo os pequenos defeitos de Poços de Caldas, fosse digna dos bens que a natureza ali criara.⁵⁹⁸

O discurso político e as mediações de Araxá com Belo Horizonte, enquanto centro do poder estadual, pareceram vibrar com maior frequência e fluidez.⁵⁹⁹ Afora as visitas regulares de muitos assessores, o novo secretário de finanças Ovídio Abreu estabeleceria em definitivo laços de amizade e de parentesco na cidade ao casar-se com uma filha da terra.⁶⁰⁰ Ademais, o responsável pela Saúde Pública no Estado nada mais era do que o ex-prefeito de Araxá, o médico Mário Campos (responsável pela fundação do Posto de Higiene local e anfitrião, em 1929, do II Congresso das Estâncias Hidrominerais de Minas Gerais). (Ver capítulo 3, item 3.2).

Depois disso, a implantação do Estado Novo, em 1937, e a promulgação da Constituição viriam seguidas da confirmação do mandato do governador Benedicto Valladares, que, acompanhado de membros de sua equipe, passaria a frequentar a cidade, assim como tantos outros visitantes que chegavam para alterar o seu ritmo cotidiano. Ao interventor nomeado e ao chefe do governo federal cabiam atribuições executivas e legislativas. Da mesma forma como haviam sido nomeados, os interventores nomeavam os prefeitos dos municípios. Em relação aos primeiros, portanto, a convivência seguia a mesma diretriz vinda de cima, ou seja, exigia-se identidade de ações tanto nas esferas econômica e financeira quanto na administrativa. Isso implicava subordinação e, conseqüentemente, rígida fiscalização central.⁶⁰¹

A idéia de formar uma nação, um Estado-nação, recriando suas bases levou à busca para interiorizar o país e, sobretudo, promover o crescimento do mercado interno. Mais do que isso, desejava-se formar um país coeso, que conhecesse a si mesmo e que despertasse um aguçado sentimento de pertencimento. As Interventorias, portanto, compunham a rede do poder de forma a centralizar a administração, combater o regionalismo e, simultaneamente,

⁵⁹⁸ VALLADARES, Benedicto. Op. cit. p.126.

⁵⁹⁹ A vitória do Getulismo em 1934 significou o ingresso de Benedicto Valladares no Palácio da Liberdade, sede do governo mineiro, levando consigo um secretariado composto por “correntes políticas conciliadas”, como o próprio governador definiu, justificando a formação da nova equipe, da qual participavam pessoas de alguma forma ligadas a Araxá.

⁶⁰⁰ O secretário, futuramente deputado e ministro de Estado, casar-se-ia com Júlia Santos, filha de Armando Santos, membro histórico do PRM e do PSD de Araxá. O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, n.28, 26/04/1952, p.32-35. Arquivo FCCB.

⁶⁰¹ D’ALESSIO, Márcia Mansor. Op. cit. p.159-180.

despertar o nacionalismo. Mantinham-se contrárias ao poder local e ao regionalismo como forças políticas desagregadoras, mas a favor deles enquanto cultura política, ou seja, como forma de buscar e valorizar identidades próprias, absolutamente localizadas e regionais.⁶⁰²

Até certo ponto, os discursos varguistas conquistaram ressonância de forma bastante apropriada ao planalto de Araxá.⁶⁰³ Como se viu anteriormente, alguns setores da cidade, como políticos, profissionais liberais voltados sobretudo para as áreas de saúde e de urbanismo e outros vinculados à imprensa e ao comércio, há muito tempo acreditavam na possibilidade de projeção do termalismo e de crescimento material, tanto individual quanto coletivo. O presidente da República construía a imagem de recriação de um país que encerrava uma etapa para dar início a outra, favorável e promissora, promovendo um discurso de significativa receptividade ao atingir direta e sensivelmente a população. O objetivo consistia em atraí-la explicitamente com uma temática envolvendo família, escola e Igreja e, para isso, propalada em tons paternalista, professoral e catequista. Nada mais pertinente do que buscar soluções para uma crise sublimando cidadãos com identidade própria e valorizando espaços como lugares de realização da identidade e da memória nacionais. Nada mais adequado à finalidade a que se destina do que pensar a história como memória.⁶⁰⁴

4.2 – NOVOS ESPAÇOS: BALNEÁRIO, HOTEL, FONTES, JARDINS, PRAÇA DE ESPORTES, LAGOAS E ÁREAS RESIDENCIAIS

Interiorização, ocupação do território, criação de novos meios de subsistência, cientificismo, nacionalismo, fortalecimento do Estado. Eis a rede tecida que deu sustentabilidade ao governo Vargas. Enquanto o país construía a sua “brasilidade”, Araxá, no encaixo de Minas Gerais, procurava encontrar em definitivo a sua identidade enquanto cidade das águas. No Barreiro, em meio às instalações balneárias existentes e ao considerável número de hotéis ali e na cidade, somados à quase inesgotável expectativa da população e à realização gradativa dos estudos científicos sobre o teor das águas minerais, lançaram-se, durante o Estado Novo, as bases para a implantação do seu Complexo Termal.

⁶⁰² BURKE, Peter. *História e teoria social*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: UNESP, 2002. p.83-93; 108-113.

⁶⁰³ PARANHOS, Adalberto. Op. cit. p.81-108.

⁶⁰⁴ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Vol.2. Campinas: Unicamp, 1992. p.9-59.

Compostas de um edifício único formado por dois corpos – um de três pavimentos para abrigar o Balneário e outro para acolher o Grande Hotel, com sete andares na sua ala central e nove nas laterais –, ambos unidos por uma galeria, as obras projetadas incluíam, ainda no entorno desta central, outras construções pontuais. Construía-se, simultaneamente, uma nova Fonte Dona Beja, uma praça de esportes, dois lagos (o superior e o inferior), um belvedere constituído de espaço próprio para banhos de duchas-cascatas (e, ao lado deste, sanitários femininos e masculinos), um prédio destinado ao abastecimento de energia, o Castelinho e áreas residenciais. Todos eles seriam conectados entre si por uma via circular – a avenida do Contorno – e jardins elaborados por um paisagismo de forte marca identitária, elementos esses que integravam a composição arquitetônica eleita. (Ver Anexos, Mapa 5).

A concepção de cada um desses pontos envolveu um conjunto de signos estimuladores de sensações de pertencimento. Estar próximo do esplendor de salões palacianos com cassino, cine-teatro, *grill-room*, jardim de inverno refletindo à sua frente o grande lago superior e, inserida nele, a visão estetizada e romantizada da “Ilha dos Amores”, deveria despertar um sentimento semelhante apenas àquele que seria experimentado na entrada do Balneário. Neste, isto é, nas Termas onde se conceberam alas para diferentes banhos, a imensa rotunda com pintura em afrescos, encimada por vitrais elaborados artisticamente, pretendia promover a exibição da identidade local imersa nas dimensões físicas e culturais de uma mineiridade pertencente à nação.⁶⁰⁵ Esses cenários deveriam atingir os olhares estrangeiros, por mais distanciados que deles se situassem. O campo de aviação – uma das primeiras iniciativas implantadas –, ligado urbanisticamente ao plano em execução, representava o suporte estratégico para agilizar esses contatos no país e fora dele.⁶⁰⁶

Não deixaram de ser perceptíveis as transformações nos espaços físicos e nas mentalidades, nem poucos os negócios viabilizados na cidade durante a construção gigantesca traçada, gradativamente, a partir de fins de 1936. Imóveis, materiais de construção, gêneros alimentícios, combustíveis e muitos outros produtos e serviços compuseram os tipos de relações comerciais, fazendo girar mais rapidamente as mercadorias. Disponibilizadas por novos e crescentes anseios, algumas delas sofriam as concorrências externas. Os tambores de gasolina, para citar algumas, chegavam de Belo Horizonte porque o combustível, por vezes, não era encontrado no mercado local ou era disponibilizado neste por um custo alto.⁶⁰⁷

⁶⁰⁵ ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.197-255.

⁶⁰⁶ Radiograma entre o secretário de Viação e Obras Públicas, Dr. Lincoln Continentino, em Belo Horizonte, e o Dr. Andrade Júnior, em Araxá, 29/12/1937, n.188. Arquivo Público Mineiro.

⁶⁰⁷ Radiogramas enviados por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 13/02/1939, n.107 e 11/04/1939, n.67. Arquivo Público Mineiro.

O problema das vias de acesso era debatido com intensidade nos gabinetes oficiais. O esforço para solucioná-lo ou amenizá-lo revelava o grau de prioridade do Barreiro de Araxá para Minas Gerais como um todo. Afinal, como confirmou o próprio governador, investiam-se “dezenas de milhões de cruzeiros”⁶⁰⁸ na grande obra que deveria assegurar o seu máximo aproveitamento. A proposta de interiorizar e de buscar alternativas econômicas para o país beneficiou não só Araxá, mas também o seu entorno. O acesso à cidade exigiu construção, conservação e reparos de estradas e pontes ligando as fontes do Barreiro aos distritos municipais e aos pequenos e grandes centros urbanos, próximos ou mais distantes. Os atos governamentais nas esferas federal, estadual e municipal estiveram direcionados ao Complexo Turístico que se implantava. Nem mesmo a natural limitação de recursos financeiros ou a excessiva burocracia nas decisões pareceu denotar empecilho a ponto de causar uma eventual paralisação. Por vários momentos houve demonstração disso, como é possível notar nas correspondências do período mantidas diariamente entre Araxá e Belo Horizonte.⁶⁰⁹

Tudo parecia ter um único fim: o novo projeto da estância hidromineral do Barreiro. Ali ou na cidade usavam-se os equipamentos e disponibilizava-se o trabalho de uma variedade de profissionais, quer fossem do estado ou do município. Ainda no início da obra, as equipes projetavam a construção do campo de aviação do Barreiro, localizado próximo ao futuro Complexo, com três pistas. O ritmo lento desses trabalhos, se comparado às exigências que se faziam, justificado por fragilidades no aparato financeiro, fez com que o antigo campo de pouso da cidade continuasse em uso provisoriamente.⁶¹⁰ A nova pista, medindo 840 metros por 80 metros, foi considerada adequada à aterrissagem em abril de 1938, embora naquela data aguardasse a presença de um técnico da aviação civil ou militar para examinar as suas condições. Três meses depois, no campo de aviação do Barreiro pousou um “possante avião

⁶⁰⁸ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.27, out./dez. 1998, p.11-12. Arquivo FCCB; Recorte do jornal FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte, 09/03/1944, p.5. Arquivo FCCB.

⁶⁰⁹ Série de radiogramas mantidos entre os órgãos oficiais do governo de Minas Gerais, ligados à administração do então Complexo Termal em construção, no período compreendido entre 1936 e 1944. Fundo da Secretaria da Viação e Obras Públicas. Arquivo Público Mineiro.

⁶¹⁰ No mesmo período, a Prefeitura de Araxá chegou a ser consultada pela VASP acerca da possibilidade de ser construído um campo apropriado para pouso de aviões comerciais. Em resposta, o prefeito disponibilizou o campo existente – onde desciam vários aviões do Exército – para ser adaptado a estas necessidades. 02/02/1938. Correspondência do Diretor da Divisão de Turismo do DIP, Assis de Figueiredo, ao prefeito Fausto Alvim. Arquivo 00015/ EC/ FCCB.

de São Paulo com toda segurança” e, ao final do mesmo ano, um avião da Panair encheu de orgulho os profissionais envolvidos no projeto quando ali aterrissou em “ótimas condições”. Depois disso, o aeroporto seria empreitado pelo engenheiro Arsênio Garson.⁶¹¹ Os serviços do campo de aviação realizavam-se simultaneamente aos de terraplenagem da avenida do Contorno.

Essa avenida, identificada por vezes como “Avenida do Barreiro”, margeou o novo espaço delimitado para compor a estância na sua versão finalizada nos anos 40. Sua abertura logo de início fora inteiramente manual. Utilizando pás e picaretas, os trabalhadores removeram a terra, transportada, em seguida, em couro de boi e puxada por filas e mais filas de burros. Fatores como estes indicam a rusticidade das condições de trabalho se comparadas à monumentalidade da obra. Toda extensão frontal do Grande Hotel e das Termas exigiu escavação, terraplenagem e pavimentação em concreto, igualmente executadas à mão. Engenheiros e técnicos percorriam as obras a cavalo e tinham à sua disposição uma tropa de animais, mantidos a postos no espaço em frente ao Balneário em construção.⁶¹²

O campo de aviação e a Avenida do Barreiro estiveram sob a supervisão de Agostinho Carlos Catella, italiano de nascimento, engenheiro mecânico vinculado ao Estado e à Prefeitura de Araxá.⁶¹³ Mas ele partia também para outras localidades, como Patos de Minas, Patrocínio, Monte Carmelo, Carmo do Paranaíba e Bambuí, nas quais examinava obras estatais em andamento. A estrada Araxá-Catiara fora um caminho aberto com a intenção de aproximar a capital Belo Horizonte. Em 1938 o prefeito de Araxá recebeu recurso para investir na estrada, advindo da venda do antigo prédio do Cine-Teatro Glória para o Clube Brasil. Este espaço sócio-cultural, construído havia quase uma década, pertencia ao Estado, que o adquirira da iniciativa privada poucos anos antes.⁶¹⁴

⁶¹¹ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.26, maio/set. 1998. p.3. Arquivo FCCB.

⁶¹² Depoimento de Svent Kierulf concedido à autora em maio de 2003, Belo Horizonte.

⁶¹³ Manuscrito, por Severino José Catella. Belo Horizonte, jan. 2007. 2p. (Coleção particular, transcrito por Ahilton Guimarães).

⁶¹⁴ Radiograma enviado ao prefeito Fausto Alvim pela Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 21/11/1938, n.1903. Arquivo Público Mineiro; O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.27, out./dez. 1998, p.11-12. Arquivo FCCB.

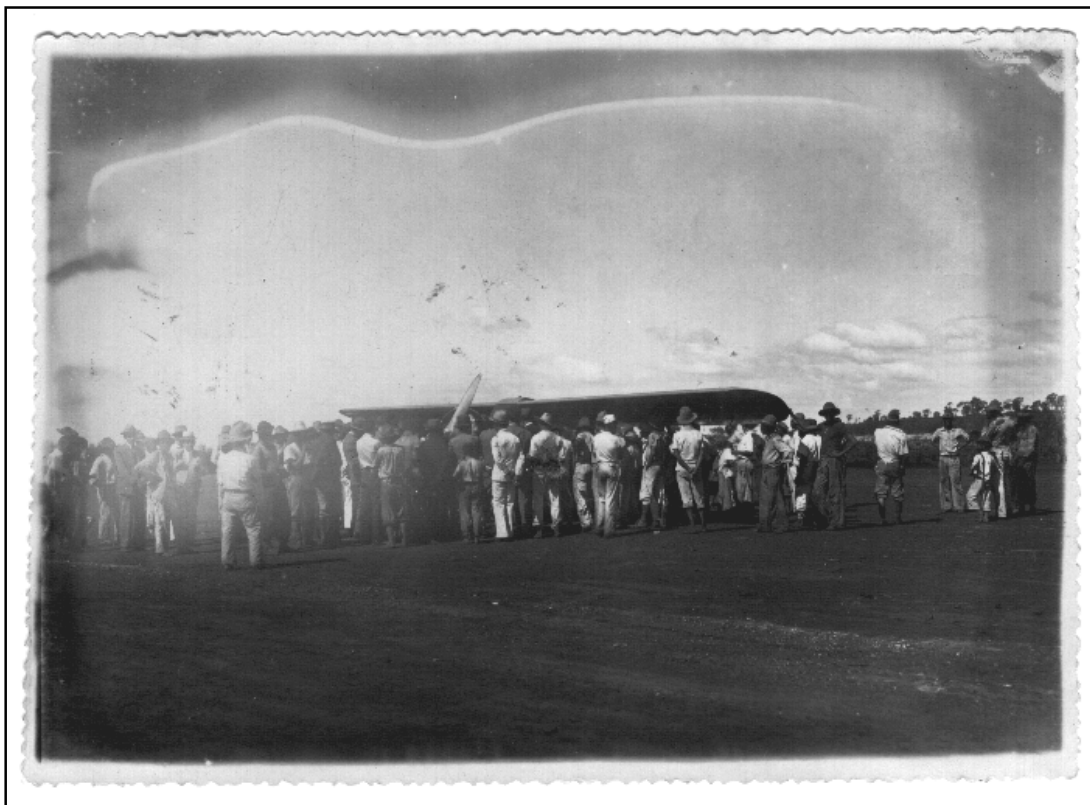


Imagem 33 – Campo de aviação.⁶¹⁵

O investimento dirigido ao Complexo envolveu ações políticas, respaldo financeiro, apoio técnico e, consubstanciando todos eles, fortes doses de manifestações de poder suficientes para enfrentar os desafios, a começar pelo processo de desapropriação de terras particulares contidas dentro do novo território a ser construído. As iniciativas de remodelação ou construção da estância ocorridas nos anos anteriores já haviam sinalizado para o enfrentamento de situações conflituosas. Indenizações recebidas anteriormente não suavizaram o dismantelamento de relações sociais e de trabalho. Famílias inteiras, expressivas em número de membros e de vínculos estabelecidos com as terras próximas às fontes, viram-se obrigadas a estabelecer novas redes sociais, sobretudo no que se refere às formas de sobrevivência.⁶¹⁶

⁶¹⁵ Pista de pouso e decolagem do campo de aviação do Barreiro entre os anos 30 e 40. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia, cedida por Severino José Catella. (Coleção particular).

⁶¹⁶ Depoimento de Maria Abadia Machado concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB, 1995; Depoimentos de Benedito Oliveira e Hélio Augusto Borges concedidos à autora em agosto e setembro de 2006, respectivamente, Araxá.

No final dos anos 30, a atmosfera transformadora viu-se reproduzida na proporção em que avançava o ritmo das obras do novo Complexo e a ocupação dos antigos espaços. O Hotel Paulista, depois de desapropriado, em 1939, passou a servir de moradia para funcionários da SIT, empresa de Serviços de Instalações Técnicas. Desde 1930 os proprietários desse hotel sentiam o declínio do fluxo de turistas, agravado pelo episódio do movimento constitucionalista de 1932, em que seus hóspedes, paulistas em grande parte, suspenderam as visitas à estação de águas mineira.⁶¹⁷

As desapropriações ocorridas na cidade configuram-se como marcos de memórias familiares, constituídas por sentimentos de pertencimento àqueles domínios tanto quanto por referências práticas adotadas com as quais se garantia a produção. Visões quantitativas dos cavalos possuídos e disponíveis ao aluguel, de reses criadas e frutos plantados e colhidos – muitas vezes transformados em quitandas oferecidas nos hotéis e comercializadas em bares e residências – integram o conjunto de memórias de antigos proprietários de terras e de hotéis cujas vertentes de águas seguiam em direção às fontes minerais.⁶¹⁸ De fazendeiros a hoteleiros, como os Borges, os Oliveira, os Lemos, os Cavallini e os Lopes, passando por segmentos variados de trabalhadores, por alguns ocupantes de terras devolutas ou por investidores de negócios que se apresentavam promissores, as transformações envolveram a todos, expurgando muitos dos antigos espaços e personagens, para agregar outros, estabelecidos no território do Barreiro.

Vulneráveis ao processo construtivo da estância rumo à sua nova feição, os hotéis – que quanto mais próximos à área em transformação menos apresentavam possibilidades de sobrevida – desapareceram um a um, a exemplo dos Hotéis Paulista, Santa Terezinha, das Fontes e Cavallini e da Pensão das Águas. Apenas o Hotel Cavallini, de nome e proprietário italianos, daria lugar, no mesmo espaço por ele ocupado, a um estabelecimento similar. O governo de Minas indenizaria a área com as antigas instalações para inaugurar ali, em 1948, o Hotel Cura e Repouso.⁶¹⁹ Outros exemplares privados da hotelaria da estância mais distanciados da área que passava por transformações, como o Hotel Rádio e o Hotel Colombo, mantiveram-se em atividade, corolários ao novo Grande Hotel em construção. (Ver Anexos, Mapa 5).

⁶¹⁷ Depoimentos de Hélio Augusto Borges e Yolanda Colombo concedidos à autora em setembro de 2006 e maio de 2004, respectivamente, Araxá.

⁶¹⁸ Depoimento de Maria Abadia Machado concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB, 1995; Depoimento de Benedito Oliveira concedido à autora em agosto de 2006, Araxá; PROJETO HOTEL RADIO. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1987. 52p.

⁶¹⁹ O Hotel Cura e Repouso derivou, mais tarde, nos anos 1960, em outra iniciativa do governo com funções hoteleiras: o Hotel da Previdência.

Não somente hotéis e pensões estrategicamente localizados na estação de águas estiveram submetidos a qualquer forma de alteração na sua materialidade e função. Iguais ou semelhantes procedimentos atingiam progressivamente residências particulares e estabelecimentos comerciais. Famílias como as de *Dona Iaiá*, ou melhor, Odete de Almeida Castro, de Washington Barcelos, de Ubaldina Montandon (também conhecida como *Badica*) e de *Zequinha* Borges, entre outras, permaneceram no Barreiro, ao contrário do que ocorrera com alguns dos moradores do local desde os anos 20. Estabeleceram-se acima da avenida do Contorno, em casas recém-construídas pertencentes às novas vilas que se criavam. Desta forma, nasceram e desenvolveram-se espaços urbanos no Barreiro, como as vilas Operária e Santa Terezinha e o Alto Paulista. Nas ruas das vilas residiam muitos trabalhadores contratados pelo governo de Minas Gerais. Havia ainda no entorno algumas “casas dos engenheiros”, que consistiam em residências mais confortáveis sob o ponto de vista físico e esteticamente mais elaboradas, exibindo versões simplificadas e reduzidas de grande parte das construções do novo Complexo. (Ver Anexos, Mapa 5).

Os pontos comerciais estabelecidos com produtos e serviços desde tempos anteriores ao início das grandes obras permaneceram em atuação pelo menos até os primeiros anos da década de 40. As vendas, usualmente disponíveis no comércio da cidade e do Barreiro, absorviam as necessidades de consumo dos moradores (entre eles, os novos construtores) e, eventualmente, dos visitantes. Nos espaços compreendidos entre o Grande Hotel, as Termas, a Praça de Esportes e as “residências dos construtores” no lago inferior, todos em fase de construção, havia as vendas do *Velu*, do *Dunga*, do Fortunato (Lopes), do Eugênio (Oliveira) e do Washington (Barcelos).⁶²⁰

Nas relações comerciais praticadas no Barreiro havia uma clientela que se mostrava fidelizada à estância, ainda que esta estivesse em fase de intensa mutação. Passado o período das “revoluções” (1930 e 1932), o espaço temporal subsequente, compreendido entre os anos de 1936 e 1944, relativo, portanto, às obras, assistiu à frequência dos visitantes que chegaram. Os aquáticos continuavam atraídos pelas benesses curativas e repousantes de uma estação. O Balneário antigo e a fonte Andrade Júnior na versão anterior mantinham-se disponíveis provisoriamente. Dividindo esse território híbrido⁶²¹ onde se praticavam formas tradicionais e inovadoras de sociabilidade, de convivência e de trabalho, havia os consultórios médicos particulares. O consultório do Dr. Hugo de Rezende Levy, já na condição de ex-prefeito de

⁶²⁰ Depoimento de Arnaldo de Almeida Castro concedido à autora em outubro de 2006, Araxá.

⁶²¹ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-290; 345-350.

Araxá, e o do Dr. Mário de Magalhães, clínico, pesquisador, empresário e político, situavam-se em lados distintos daquela que seria a nova avenida.⁶²²

Assim como os redutos dos referidos médicos e de outros profissionais teriam novos espaços apropriados às suas atividades, a escola do Barreiro ganharia sede própria. Criada a princípio de maneira informal, em propriedade mantida à frente da futura Praça de Esportes, por empréstimo do farmacêutico Luiz Correia, essa escola pioneira cumpria a função de reunir e alfabetizar as crianças da redondeza. De perfil educacional semelhante àquelas instaladas na zona rural do município, contava com uma única professora, a jovem Yolanda, filha dos proprietários do Hotel Colombo. Posteriormente, a escola ocuparia um barracão, que por determinado tempo servira de abrigo para uma fábrica de cerâmica, mas apenas até o término da construção de sua sede. Antes, porém, no referido barracão, paredes foram levantadas para transformá-lo fisicamente e dotá-lo de função escolar. De escola, simplesmente, o novo educandário passou a ser chamado de Escola da Cerâmica. O saber e o fazer nele reunidos concederam identidade àqueles espaços na medida própria para assegurá-los aos alunos, pais e professores, mesmo que novas mudanças ainda surgissem.⁶²³

A visitação de políticos, jornalistas e técnicos contratados ao longo do projeto em execução somava-se à população, de certa forma crescente, dos técnicos-construtores e suas famílias, fazendo pulsar o cotidiano urbano. No comércio, tanto do Barreiro quanto da cidade, os efeitos desse movimento se faziam sentir. As ruas centrais de Araxá familiarizaram-se com os novos clientes. Bares, confeitarias, cinema, casas de jogos, lojas de tecidos, de calçados e de utilidades domésticas, entre outros ramos comerciais, vendiam seus produtos, mas também permitiam aos seus donos experimentar formas diferentes de relacionamento, gerando, entre as tantas sensações vividas, mais oportunidades de negócios.

O Bazar Fonseca fora um caso exemplar. As mercadorias nele expostas e à venda reuniam qualidade e novidade, abarcando uma gama de produtos dirigidos aos moradores e aos turistas. Das relações comerciais e pessoais nasceu a idéia da abertura de uma filial no Barreiro, que, inicialmente, foi construída com madeira, material que barateou o projeto e dotou a segunda unidade da loja de características específicas. O bazar teve suas vendas

⁶²² Ambos foram protagonistas de curas efetivadas em pacientes e autores de trabalhos científicos. (Ver Capítulo 2, item 2.1).

⁶²³ Anos depois seria inaugurada outra escola, o antigo Grupo Escolar Marquês do Paraná, na Vila Santa Terezinha, e a rua onde funcionava a Escola da Cerâmica tornou-se, oficialmente, a rua Cerâmica. Reminiscências de uma experiência anterior à Escola da Cerâmica pode ser vista em: ZEMA, Lourdes. *Águas de Araxá*. Belo Horizonte: Tamoios Editora Gráfica Ltda., 1998. p.40.

ampliadas e, mais tarde, assim como outros comércios, instalar-se-ia dentro do Complexo, mais precisamente na “Galeria do Grande Hotel”.⁶²⁴

No primeiro momento, o Bazar Fonseca avizinhou-se à residência do engenheiro civil Catella e, no segundo, ao domicílio do engenheiro e hidrólogo Andrade Júnior. O caráter de transitoriedade aplicado às suas moradias atingiu a ambos, mas não os impediu de firmar laços de amizade com os moradores do Barreiro. Para esses, os engenheiros vizinhos deviam receber tratamento respeitoso, sendo hierarquicamente reconhecidos como doutores. Ao Dr. Andrade Júnior atribuía-se, ainda, mais um título, o de “professor das águas”.⁶²⁵ A ocupação progressiva dos espaços próximos às fontes começara em 1890, aproximadamente, e acelerara-se nos anos 20, mas àquela altura, após as indenizações efetivadas em 1934, a questão envolvendo as terras privadas com ou sem títulos de posse e os investimentos públicos permanecia como algo plasmado por forte atavismo.

Afora aquelas antes indenizadas, ao governo interessava ainda adquirir outras terras mediante a comissão especialmente criada para esse fim em 1933. Em parte destas terras estava assentada a fazenda dos alemães, assim chamada por tratar-se de uma área rural onde imigrantes exploravam o minério baritina e, paralelamente, cultivavam frutas. A fazenda foi adquirida e denominada, posteriormente, “Fazenda do Estado”, passando a integrar o patrimônio da estância.⁶²⁶ Localizada entre o Complexo Termal e o campo de aviação, dispunha da nascente de um córrego, que, unido ao córrego da Cascatinha, formaria um canal, elemento de destaque a ser inserido no novo quadro arquitetônico e urbanístico do Barreiro.

O referido canal deveria ligar o lago superior, a partir das fachadas posteriores do Grande Hotel do Barreiro, por via subterrânea, ao Salão de Inverno do próprio hotel, até alcançar o lago inferior. A faixa esquerda deste canal estaria em posição paralela a um certo trecho da avenida do Contorno, desembocando, ambas, na “futura estrada para Araxá”.⁶²⁷ Todavia, a construção do canal não se realizou, tampouco o lago inferior ganhou o desenho da sua concepção original, já que sua extensão e a ampla edificação residencial nele planejada foram alteradas.

⁶²⁴ No sub-solo do Grande Hotel concebeu-se, originalmente, uma galeria de lojas com fins de comercialização de produtos turísticos, entre esses aqueles considerados característicos de Araxá.

⁶²⁵ Depoimento de Arnaldo de Almeida Castro concedido à autora em outubro de 2006, Araxá.

⁶²⁶ Ao Estado interessava adquirir essas terras não somente pelas águas, mas também pela madeira ali existente. Radiograma enviado por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 07/09/1939, n.35. Arquivo Público Mineiro.

⁶²⁷ CAPÍTULO ESPECIAL SOBRE AS ÁGUAS MINERAIS, por Sebastião de Affonseca e Silva (obra datilografada). Araxá, 1943. p.284-317. Mais de duas décadas depois se construiu esta estrada, asfaltada, de quatro quilômetros, com extensão inferior àquela antiga estrada Araxá-Barreiro, de 1915.

Em outro sentido, investimentos públicos como este geraram auspiciosos negócios particulares. A exemplo disso, um dos grandes e tradicionais proprietários de terras naqueles domínios, o senador João Jacques Montandon, transformaria terrenos de sua propriedade, situados de uma margem à outra do lago inferior originalmente projetado, no primeiro loteamento do Barreiro de Araxá. (Ver Anexos, Mapa 5). Tendo o Grande Hotel e o Balneário como referências, os lotes vendidos de todo o lado esquerdo do lago inferior, da margem às áreas rumo ao alto, destinaram-se a alguns engenheiros construtores da obra, seguidos de políticos e empresários, oriundos, em sua maioria, de capitais como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

Tomando-se a mesma posição anterior localizavam-se os lotes a partir da margem direita, mais especificamente na parte posterior ao Hotel Colombo, ladeando na sua profundidade a referida estrada prevista em planta para alcançar Araxá. Desses registraram-se como compradores alguns hóspedes assíduos da estância, que, certamente, pretenderam um dia firmar vínculos com a estação freqüentemente visitada ou nela fazer investimentos.⁶²⁸ Do conjunto de terrenos, por fim, fizera parte uma área reservada a um parque, no qual se incluíam uma escola infantil, um grupo escolar e uma igreja, que, porém, não foram executados.⁶²⁹

O arquiteto Luiz Signorelli, mineiro de Cristina e com ascendência italiana, trabalhava na Secretaria de Viação e Obras do Estado de Minas Gerais quando o governo iniciou o processo de construção do Complexo de Araxá. Signorelli tivera formação academicista na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Contatos e aperfeiçoamentos profissionais mantidos na capital federal fizeram dele um elemento catalisador de introdução do movimento neocolonial adotado em Minas Gerais e definido por arquitetos como constitutivo de uma releitura dos motivos barrocos e coloniais luso-espanhóis.⁶³⁰ A carreira acadêmica ascendente – o professor de arquitetura chegou à posição de primeiro diretor da Escola por ele fundada⁶³¹ – manteve-se paralela à colocada em prática no seu escritório particular de Belo Horizonte, onde garantiu grande atuação junto aos poderes públicos e às elites mineiras.⁶³²

⁶²⁸ Para citar dois desses hóspedes assíduos: Alegria Elbas (Madame Alegria) e Victorio Marçolla.

⁶²⁹ ARAXÁ-BARREIRO. *Planta do loteamento dos terrenos de propriedade do Exmo. Sr. Dr. João Jacques Montandon*. 1946. Arquivos do Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável de Araxá.

⁶³⁰ Disponível em <<http://www.piratininga.org/estilo-missoes/estilo-missoes.htm>>. Acesso em 15 dez. 2006.

⁶³¹ A Escola de Arquitetura de Belo Horizonte foi, mais tarde, reunida a outras para formar a Universidade de Minas Gerais, que, posteriormente, viria a se chamar Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶³² Atribui-se a Signorelli mais esta inovação: a do trabalho em equipe desenvolvido entre colegas, professores e alunos. Entre os profissionais com os quais trabalhou está o italiano de origem Raffaello Berti. BERTI, Raffaello.

Aquele fora um período conflituoso em que a composição estética equilibrava-se sobre as tensões entre as linhas clássicas e as proposições modernas. Nessa transitoriedade de sentidos e de concepções fora solicitado a Luiz Signorelli o projeto arquitetônico da “nova estância” de Araxá. Em proporção semelhante à diversidade de perguntas condensadas nessa construção – como se fez, por que, por quem e quando? – inclui-se outra, relativa ao estilo arquitetônico presente em quase todo o conjunto, como no Grande Hotel, nas Termas, na Praça de Esportes, na Fonte Dona Beja, no Castelinho, nas residências do período edificadas no Barreiro e em tantas outras ruas centrais de Araxá.

Estilo missões, estilo mexicano e estilo hispano-americano são variações nominais de uma das duas vertentes do estilo neocolonial no Brasil, ao lado do neocolonial luso-brasileiro. O estilo missões, denominação que mais se fixou no mundo da arquitetura, foi o eleito para ser aplicado em Araxá. Aportara-se, no final dos anos 20, no Brasil com a influência dos Estados Unidos, onde fora criado nas áreas indígenas colonizadas por espanhóis, principalmente mediante as missões franciscanas. Muitos outros motivos arquitetônicos tradicionalistas contribuíram para a popularização do estilo missões no Brasil e, por extensão, em Araxá, onde se apresentou em muitas residências particulares e no Colégio Salesiano local.

Alguns desses modelos encontram-se ainda presentes no desenho urbano da cidade, enquanto outros sofreram inestimável demolição, permanecendo, no entanto, como lembrança na memória pessoal ou nas fotografias como suporte.⁶³³ Embora o estilo tenha sofrido críticas contundentes capazes de transformá-lo em estigma, sua aceitação pôs largamente em prática as características estilísticas apresentadas, de forma integral ou com detalhes. São os arcos de bases largas, as colunas torcidas, as torres circulares e outros tantos como muros cobertos por telhas coloniais de pontas arrebitadas, grades de ferro trabalhado, azulejos em pequenos painéis, vitrais, sacadas em formato de conchas e lampiões de ferro, grande parte deles identificados, individualmente ou em grupo, no projeto do Barreiro de Araxá. Como representativos da tendência que vigorou até o início dos anos 1940, esses elementos fazem

Projeto memória: Mário Berti (obra póstuma). Organização e texto de Maria Alice de Barros Marques Fonseca. Belo Horizonte: Silma Mendes Berti/ AP Cultural, 2000. p.17-29.

⁶³³ Para citar algumas dessas residências indicadas pelos nomes de seus proprietários, que muitas vezes eram os responsáveis pela iniciativa dessas construções, independentemente da condição de propriedade atual das mesmas: Omar Dumont, Danilo Cunha, Mário Afonso, Pedro de Paula Lemos e João Alonso de Oliveira.

do Grande Hotel-Termas – nos quais deve-se incluir considerável parte dos pontos adjacentes – o exemplar mais expressivo do estilo missões no país.⁶³⁴

“Grandiosas”, “majestosas”, “vultosas”. Adjetivos como estes caracterizavam as obras e preconizavam o projeto em construção. O Estado registrava seu nome apenas em uma placa indicativa de que aquele era um empreendimento da Secretaria de Viação e Obras Públicas e de que o arquiteto Luiz Signorelli o projetara.⁶³⁵ Este assumira ainda a chefia da Comissão de Obras, enquanto ao hidrólogo Dr. José Ferreira de Andrade Júnior cabia a orientação científica dos trabalhos. A descrição da “nova estância” solenizava por si só a dimensão física dos “dois edifícios principais ligados por ampla galeria, à margem do lindo lago superior”.⁶³⁶ Os dois corpos – hotel e Balneário – unidos por um corredor ganhavam viés majestático: o Grande Hotel, dizia-se, poderia chamar-se “Hotel Palácio” e o novo Balneário era considerado nada menos do que um “templo” consagrado ao uso das águas curativas. Entre lagos, jardins e belvederes, a subestação de energia recebeu a denominação de Castelinho, em alusão ao “castelo” sugerido pelo conjunto principal reunindo Termas e Hotel. Visões compreensíveis, uma vez que partiam das representações de modelos análogos de castelos, quer fossem europeus ou norte-americanos.⁶³⁷

Mirando-se nos modelos citados durante exposições e feiras realizadas no Brasil e na América do Sul, a maquete do Complexo Termal do Barreiro de Araxá freqüentaria pavilhões expositores com fins de divulgação nacional. Com igual propósito, a Divisão de Turismo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) solicitaria dados informativos à Prefeitura local para efeito de produção de material publicitário com vistas à expansão do turismo no país.⁶³⁸ A visão de sublimidade circulava nos meios locais como formadora de opinião e tributária do sentimento de nação em vigor:

⁶³⁴ Entre outros exemplares do estilo identificados em diferentes pontos do país estão construções em Belo Horizonte e São Paulo. Nesta última, em especial no Jardim América. Disponível em <<http://www.pirapitinga.org>>. Acesso em 13 dez. 2006.

⁶³⁵ ARAXÁ nas décadas de 30 e 40 (filme-vídeo). Acervo particular de Vitor Signorelli. Belo Horizonte, 1988. 90min, p&b, son., VHS, v.o.

⁶³⁶ CAPÍTULO ESPECIAL SOBRE AS ÁGUAS MINERAIS, por Sebastião de Affonseca e Silva (obra datilografada). Araxá, 1943. p.284-317.

⁶³⁷ Os europeus faziam-se presentes com os traços arquitetônicos apurados, vindos da escola artística trazida pela missão francesa ao Brasil, desde o início do século XIX, e na qual se formou o arquiteto projetista em questão. Os norte-americanos, materializavam-se em algumas das construções provocadoras da celebração tanto quanto do enobrecimento envergados originalmente pelo estilo: o pavilhão da Califórnia na Exposição Internacional de Chicago, em 1893, o Castelo Hearst, da família homônima, e o Beverly Hills Hotel, três exemplares eminentemente californianos. Disponível em <<http://www.piratinga.org/estilo-missoes/estilo-missoes.htm>>. Acesso em 15 dez. 2006.

⁶³⁸ No mesmo ano da Exposição Internacional de Nova York, 1939, a Feira de Amostras do Rio de Janeiro, organizada pelo DIP e posteriormente enviada a Montevideu e Buenos Aires, abordou a posição da economia brasileira, em escala internacional, divulgando os aspectos econômicos do país, nos quais figurou o Complexo Termal de Araxá como um investimento em construção. Radiogramas enviados por Signorelli à Secretaria de

O Balneário que esta quase concluído tem tres pavimentos, 124,80 metros de comprimento e 67 metros no bloco e alas laterais e 17.000 metros quadrados de piso. Com 124 banheiros, sendo 48 da classe B e 16 para banhos de lama e 12 para indigentes. Como o intuito do governo é sempre servir a humanidade, foi reservado neste grande balneário, enfermarias e outras instalações para indigentes, com acesso especial.

O Balneário tem no corpo central uma cupola com 20 metros de diametro, coberta por oito paineis em vitral, representando a historia da fundação da cidade. Grande “hall” de entrada com passagem coberta para automoveis. Piscina emanatoria, secção de hidroterapia, mecanoterapia, consultorios, laboratorios de analises e pesquisas, raios X, salas de tratamentos especializados, sala de operações, cosinha dietetica, refeitorios solarios, 12 apartamentos para doentes permanecerem sob controle medico rigoroso, lavanderia, oficina mecanica e outras instalações. [...] ⁶³⁹

A prioridade dada ao Balneário emergia da função que o mesmo representava para o Barreiro e para os empreendedores enquanto estação de águas, associada à visibilidade já permitida pelo estágio privilegiado em que se encontravam suas obras. Assegurada a cura na sua essência, caminhava-se à conquista dos signos capazes de introduzir o tempo da aparência com os ritos do refinamento.

[...] O Grande Hotel, de construção adeantada tem 144 metros de fachada principal e 70 metros nas laterais, 6 pavimentos no bloco central e 9 nas alas laterais, 47.000 metros quadrados de piso e comportará 800 hóspedes. Nos seus quatro angulos haverá grandes salas com 620 metros quadrados de área e 7 metros de pé direito, sendo uma para o Cine Teatro, uma para o Casino, uma para esportes diversos e outra para o “grill-room”. Todo o edificio sera circundado no primeiro pavimento, por ampla galeria envidraçada, com 4 metros de largura util e conterà jardim de inverno, canal de ligação com o lago, lojas, agencia postal-telegrafica, agencia de transportes terrestres e aereos etc. [...] ⁶⁴⁰

Na composição urbanística do parque sobressaíam-se os objetivos de ingerir água, praticar esportes e contemplar o paisagismo, contornado pela via que doravante facilitaria os caminhos entre a cidade e o seu Balneário.

Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 17/11/1939, n.96. Arquivo Público Mineiro; Correspondência do Diretor da Divisão de Turismo do DIP, Assis de Figueiredo, ao prefeito Fausto Alvim. Arquivo 00015/ EC/ FCCB; Disponível em <<http://www.cpdpc.fgv.br/dhbb/verbetes>>. Acesso em 21 fev. 2007.

⁶³⁹ CAPÍTULO ESPECIAL SOBRE AS ÁGUAS MINERAIS, por Sebastião de Affonseca e Silva (obra datilografada). Araxá, 1943. p.284-317.

⁶⁴⁰ Ibidem.

[...] Outras obras: além dos dois grandes edifícios, construiu-se o da Fonte da Beija, de água radioativa, ao lado do lago principal, bela Praça de Esportes, com esplendida piscina alimentada pela água radioativa da mina dos “Agudos”. O grande lago superior será ligado ao lago inferior que tem um quilometro aproximadamente. Jardins, belvederes, avenidas asfaltadas, pistas para automoveis e para cavaleiros, recantos pitorescos convenientemente preparados, completarão o plano da obra. Só a Avenida do Contorno terá 3 quilometros de extensão e 20 metros de largura, estando também projetada outra avenida ligando a cidade a estancia que diminuirá a distância atual de 9 quilometros para pouco mais de 6 quilometros.⁶⁴¹

A descrição acima, registrada pelo memorialista pioneiro na cidade, possivelmente ancorado nas informações divulgadas, indicava o estágio construtivo em 1943. Se o Balneário vivia o fulgor próprio da concentração de recursos, o Grande Hotel encontrava-se em fase menos avançada, até porque havia os demais hotéis da cidade e mesmo no Barreiro, onde o Hotel Colombo e o Hotel Rádio mantinham-se em atividade. A opção por concluir os espaços dos banhos nascia provavelmente das funções terapêutica e social a estes atribuídos. Do total de 124 banheiros, 48 eram definidos como próprios à “classe B”. A divisão selecionava ainda 16 deles para os banhos de lama e 12 para “indigentes”. Isso mesmo, instalações e enfermarias eram garantidas para um público desprovido e largamente distanciado da condição de sustentar o requinte; o acesso a esses banheiros seria igualmente especial, ou melhor, seria separado dos demais ambientes.

A proposta social e protecionista, tanto quanto contraditoriamente monumentalista, pareceu levar em conta ainda o fato de que o Balneário antigo deveria permanecer em funcionamento simultaneamente à concepção do novo. De um ou de outro dependia a estação de águas, atrelada à saúde dos aquáticos e à sobrevivência de muitos moradores e trabalhadores locais. O aceleração das obras até então havia sido proporcional ao movimento de novos personagens que ingressavam na cena urbana. O dia-a-dia da cidade assimilava rostos e nomes de pessoas, de empresas e de órgãos antes nunca vistos ou ouvidos. Dos eixos Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo chegavam profissionais eleitos por critérios que reuniam capacidade técnica, respeitabilidade profissional e, em muitos casos, acadêmica, mas também trânsito fluido nos escritórios e gabinetes políticos daquelas capitais.

Conhecidas firmas chamadas de empreiteiras administraram o plano construtivo. Freire Sodré deixou gravado nome em placa fixada na fachada principal. ALCASAN – Companhia Alfredo Carneiro Santiago –, empreiteira de Belo Horizonte, contava com

⁶⁴¹ Ibidem.

excelentes profissionais. Hans Petro Kierulf, engenheiro de origem dinamarquesa e nascido na China, fora um deles. Especialista em concreto armado, não lhe agradava a introdução de materiais estrangeiros nas obras, pois, para ele, o país contava com riquezas que bem poderiam substituir as importações.⁶⁴² Outros, contudo, desembarcavam em função do trabalho por eles oferecido. A Alcasan contratara mão-de-obra especializada, como o carpinteiro Oto Smith e o mecânico Frederico Fritz. Da firma Dentz Otto, do Rio de Janeiro, fora contratado outro mecânico, Carlos Bauch, para trabalhar na obra. Mas muitos operários, bombeiros e ladrilheiros chegaram de Belo Horizonte, atendendo aos pedidos do arquiteto responsável. Produziram-se muitas esquadrias na Serraria Souza Pinto, em Belo Horizonte, e em virtude da falta de lenha vagões e mais vagões de pau de binga foram utilizados.⁶⁴³

Se a importação de produtos ocorreu por lacunas existentes no comércio local, o mesmo se deu em relação à disponibilidade de profissionais. Datilógrafos e desenhistas foram reivindicados ao governo mineiro, já que a falta desses profissionais, alegava-se, refletia em prejuízo aos trabalhos de arquitetura.⁶⁴⁴ O Balneário mereceu registro especial em meados de 1939, quando se levantou a sua cumeeira. Passados os meses, os cuidados giraram em torno das banheiras – foram feitos pedidos de exemplares norte-americanos – que deveriam ser instaladas. Estas foram despachadas do Rio de Janeiro por J. Mello, casa especializada no ramo. Notou-se acurada preocupação para que algumas delas tivessem “esmalte reforçado para indigentes”.⁶⁴⁵ Para os banhos de lama foi cogitado o aproveitamento das banheiras do “balneário velho”. De Nova York chegariam, em 18 de março de 1940, caldeiras, queimadores e aquecedores.⁶⁴⁶

Signorelli informou que cada laje dos pilares do Balneário consumia de dois a três vagões de cimento. As obras exigiam imensa quantidade desse material. O sistema de comunicação via radiograma permitira a transmissão dessa notícia. Este tipo de correspondência entre Araxá e Belo Horizonte colocou em evidência algo além das

⁶⁴² Depoimento de Svent Kierulf concedido à autora em maio de 2003, Belo Horizonte.

⁶⁴³ O pau de binga, nome popular do Jequitibá, árvore centenária da região do Barreiro, há muito tempo conquistara importante significado cultural para a população de Araxá. Em torno de uma das espécies dessa árvore, localizada em ponto estratégico, ligando a cidade ao Barreiro e ambos à saída para o estado de São Paulo, obtêm-se histórias diretamente relacionadas ao passado histórico de Araxá. O encontro de caminhos fez do seu espaço de abrangência o ponto de chegadas e de partidas. O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.30, jul. 2000, p.8. Arquivo FCCB.

⁶⁴⁴ Radiograma enviado por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 24/02/1940, n.170. Arquivo Público Mineiro; O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.27, out./dez 1998, p.11-12. Arquivo FCCB.

⁶⁴⁵ Radiograma enviado por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 02/10/1939, n.123. Arquivo Público Mineiro.

⁶⁴⁶ Radiograma enviado por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 25/03/1940, n.228. Arquivo Público Mineiro.

informações diárias sobre o desenrolar dos acontecimentos. A irreverência do arquiteto deixou-se à mostra em mais de uma oportunidade. Em certo dia de janeiro de 1939, ele registrou a necessidade do envio rápido de um equipamento: “[...] preciso mais de um compressor do que de dinheiro”.⁶⁴⁷

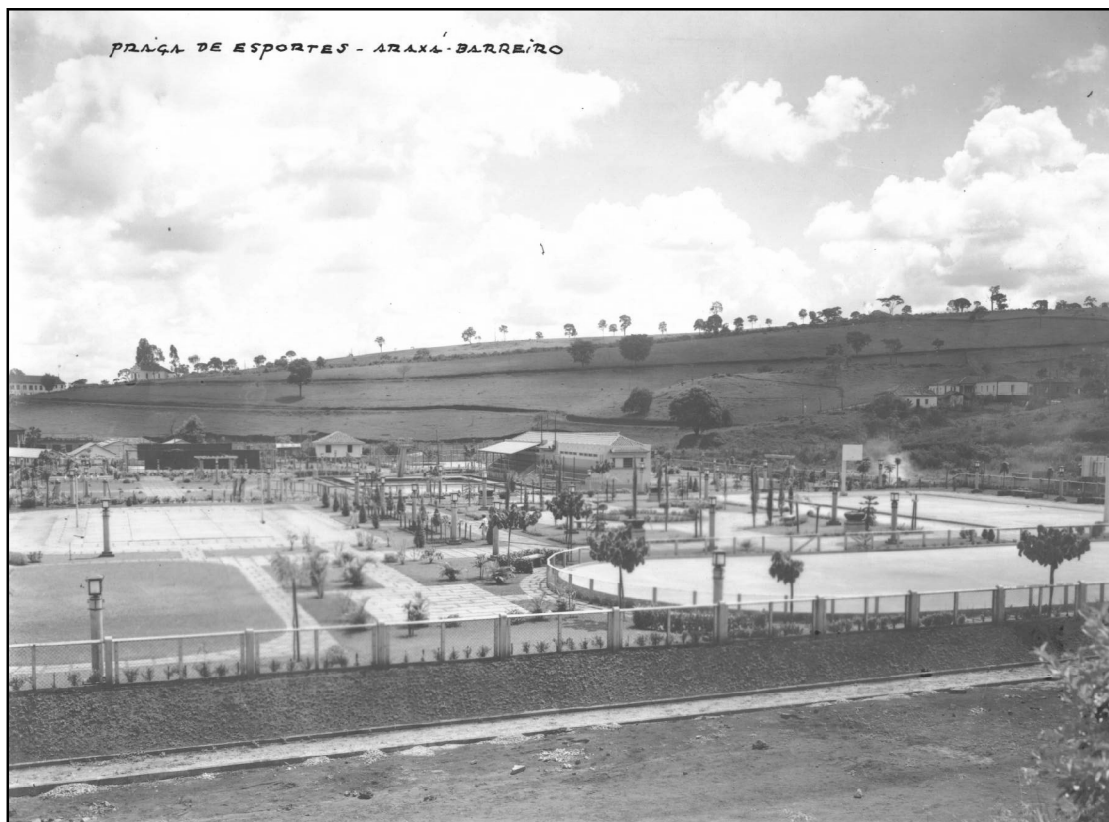


Imagem 34 – Praça de Esportes.⁶⁴⁸

O arquiteto referia-se ao processo de construção da Praça de Esportes. Composta por piscinas projetadas inicialmente como sendo “campos de tênis, riques de patinação e instalações para outros jogos”,⁶⁴⁹ uma para os adultos e outra para as crianças,⁶⁵⁰ seu espaço contaria ainda com um pavilhão com varanda coberta destinado aos vestiários masculino e feminino, cuja conclusão estava prevista para antes do final do ano, isto é, da temporada de

⁶⁴⁷ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n. 27, out/dez 1998, p.11-12. Arquivo FCCB.

⁶⁴⁸ Espaço destinado à prática de esportes como parte integrante do Complexo Termal do Barreiro. Década de 40. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 166. Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB).

⁶⁴⁹ CINE-JORNAL BRASILEIRO. Vol.1, n.110. Departamento de Imprensa e Propaganda, 1940. Original no Arquivo Cinemateca Brasileira e cópia no Arquivo FCCB.

⁶⁵⁰ A piscina para crianças acabou por ser construída, porém décadas depois. Radiograma enviado por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 25/01/1940, n.13. Arquivo Público Mineiro.

chuvas de 1939. Havia urgência, pois se notava “grande movimento de aquáticos”.⁶⁵¹ Tudo indica, no entanto, que a Praça de Esportes não tenha sido finalizada conforme se previu.

Alguns meses depois, a piscina a ser alimentada por água radioativa corrente recebia os azulejos; cogitava-se, ainda, a possibilidade de se providenciar um trampolim de madeira até que se construísse em concreto o definitivo.⁶⁵² O fato é que em 1940 o arquiteto ainda solicitava o seu material de acabamento. O ingresso principal à praça fora pensado para determinado trecho da avenida do Contorno, do mesmo modo como os demais componentes do plano urbanístico, embora o acesso à área esportiva fosse essencialmente livre, dispondo apenas de belos jardins por todos os lados.



Imagem 35 – Entrada principal da Praça de Esportes.⁶⁵³

Duas esculturas foram colocadas na entrada da Praça de Esportes, indicando os gêneros masculino e feminino dos vestiários e as funções do lugar como espaço destinado às variadas atividades esportivas. O que se vê em exibição logo que se entra nele são os corpos do nadador e da nadadora. Atlético e coreografados enquanto perfis esculturais, ambos pretendiam revelar uma identidade a partir de características biológicas. Aspectos artísticos como estes, reunindo estética, nudez e vigor físico, tornaram-se naturais no período varguista

⁶⁵¹ Radiogramas enviado por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 16/01/1939, n.119. Arquivo Público Mineiro.

⁶⁵² Radiograma enviado por Signorelli ao engenheiro Agostinho Junqueira, em 03/07/1939, n.49. Arquivo Público Mineiro.

⁶⁵³ Esculturas de atletas dispostas à entrada principal da Praça de Esportes. Década de 40. Não foi possível identificar o autor dessas fotografias. Arquivo Fotográfico/ 1203; 1206. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

como representativos de visão esteticamente próxima à utopia, idealizadora do belo e da perfeição física.⁶⁵⁴

Os únicos ruídos presentes em filme da época, afora o do movimento natural da fita, são os das picaretas, os dos tratores e os das estacas.⁶⁵⁵ O bater da primeira estaca Franki simbolizou um ato que deveria ser solenizado e um aspecto que somava a favor da excepcionalidade da data e do desejo de receber visitas que pudessem testemunhá-lo. Ao final de 1939 já se podia voar da capital mineira ao campo de aviação do Barreiro com retorno previsto para o mesmo dia. A repercussão do novo, aliada à possibilidade de adotá-lo quase que simultaneamente com a capital do país, gerou sensações momentâneas dificilmente esmaecidas: “[...] as máquinas dos ‘bate-estacas’ ensurdecedores faziam tremer o Barreiro todo, pois como todos sabemos, ali é um terreno pantanoso e de brejos”.⁶⁵⁶

Em igual período, a partir do final dos anos 30, o equilíbrio de forças em grande medida formado por gaúchos, mineiros, paulistas e, por que não dizer, cariocas e fluminenses parecia exigir a mesma habilidade com que antes haviam sido tecidas outras relações de poder. Assim ocorrera em 1930, em 1932 e em 1933 (como se viu com a indicação de Valladares para a interventoria), para citar alguns desses momentos. Dessa maneira, os azulejos decorativos utilizados na piscina instalada no interior do Balneário e destacada por emanar gases sulfurosos foram produzidos pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Da mesma procedência são os azulejos da Fonte Dona Beja. Neste ateliê, criado pelas elites paulistas – onde atuavam profissionais de extrema qualificação –, fora executado ainda parte do mobiliário que equiparia o Grande Hotel e as Termas.

Por outro lado, nas terras mineiras, algumas peças haviam sido projetadas por Piancastelli e Filhos, fábrica de móveis fundada por descendentes de italianos radicados em Belo Horizonte desde a época da construção da nova capital, inaugurada em 1897. De lá, o trem da Rede Ferroviária Federal – e, portanto, não mais da Estrada de Ferro Oeste de Minas, que atuara nos anos 20 e no início dos anos 30 – transportava outra parte do mobiliário, que

⁶⁵⁴ SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Tradução de Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. São Paulo: L&PM Editores, 1986. p.73-75.

⁶⁵⁵ A novidade da cravação de estacas pela empresa brasileira Franki havia sido introduzida nas obras de fundações, infra-estrutura e construção civil pela primeira vez em 1935, no Rio de Janeiro. Radiogramas enviados por Signorelli à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 20/09/1939, n.75 e 25/09/1939, n.102. Arquivo Público Mineiro.

⁶⁵⁶ ARAXÁ nas décadas de 30 e 40 (filme-vídeo). Acervo particular de Vitor Signorelli. Belo Horizonte, 1988. 90min, p&b, son., VHS, v.o.; Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. 30p. (Coleção particular). A respeito da produção dessa estaca por empresa brasileira, acessar: <http://www.franki.com.br/empresa>. Sobre a leitura de imagens em vídeo em que se exigem classificar seus significados e ler seus sentidos, ver FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Moreira (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998. p.37-49 e 213-224.

seria montado em Araxá pelo próprio fabricante.⁶⁵⁷ Para a construção de Araxá, ocorrida durante a segunda guerra, os moveleiros italianos viram-se obrigados a pedir proteção oficial para garantirem a segurança do mobiliário que se produzia para o Estado.⁶⁵⁸

Do Rio de Janeiro, onde atuava o fabricante alemão Carlos Laubisch, Hirth & Cia desembarcou a produção de outra parte do conjunto de móveis do Complexo Termal. Definidos como “móveis de luxo”, os componentes de quartos, escritórios e salas vinham com o selo da empresa, situada à rua Riachuelo, no Rio de Janeiro, a mesma que anos antes equipara o Hotel Palace de Poços de Caldas. Grande número de estrangeiros ou descendentes deles sofreu impedimentos para trabalhar, tendo em vista a posição do Brasil no conflito mundial e os efeitos diplomáticos dela decorrentes.⁶⁵⁹ Se os profissionais, neste caso, envolvidos no projeto de Araxá recebiam tratamento um tanto quanto protecionista, as importações de materiais vindos da Inglaterra e da Alemanha se configuravam como empecilhos, demandando negociações diplomáticas para solucioná-los.⁶⁶⁰

Enquanto no comércio de Araxá faltavam gasolina, querosene, sal e açúcar, da cidade partiam caminhões de arames para exportação. No contraponto da balança comercial, chegava no litoral do país uma diversidade de acessórios próprios para os ambientes luxuosos que se instalavam no Barreiro.⁶⁶¹ É possível perceber a funcionalidade anteposta dos novos e dos antigos espaços durante o processo construtivo. O antigo Balneário manteve-se em estágio de normalidade, como já se afirmara anteriormente. O mesmo se deu com a Fonte Andrade Júnior; afinal, as instalações disponíveis para a fonte sulfurosa haviam sido inauguradas em 1932, ou seja, fazia pouco tempo, relativamente.

No movimento próprio de destruir para construir, a materialidade da estação de águas viu-se ritmada por uma sociabilidade e uma convivência bastante próximas entre técnicos, políticos, aquáticos visitantes e moradores do Barreiro, bem como da cidade. Negócios se fizeram, namoros se firmaram e casamentos foram celebrados, formando famílias que, passada a etapa transformadora da construção, permaneceriam ou não em Araxá, independentemente das relações estabelecidas e dos hábitos socialmente cultivados.

⁶⁵⁷ Exemplos dos móveis dos Piancastelli são igualmente encontrados no Palácio da Liberdade, sede do governo mineiro, e no Grande Hotel de Ouro Preto.

⁶⁵⁸ Depoimento de Hélcio Piancastelli concedido à autora em abril de 2003, Belo Horizonte.

⁶⁵⁹ VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. Vol.2. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto. Edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. p.354-359; O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.25, jan./abr. 1988, p.3-6. Arquivo FCCB.

⁶⁶⁰ VALLADARES, Benedicto. Op. cit. p.27.

⁶⁶¹ Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. p.11. (Coleção particular); LUGAR DE MEMÓRIA. Vol.2. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2002. p.81.

O fato de a lagoa inferior ter recebido numa das suas bordas quatro residências para abrigarem as famílias dos engenheiros da comissão construtora⁶⁶² – ainda que não fossem todas –, como se viu, fortaleceu as possibilidades de convívio. Ambas as lagoas, partes concebidas como essenciais para integrarem o parque, confirmaram a idéia criadora e constituíram-se em espaços disponíveis à prática de costumes inovadores. Luiz Signorelli introduziu alguns desses elementos de nítida inovação. O lago à frente de sua casa tornou-se ideal para os passeios de caiaque e de barcos à vela, a motor e outros com esqui. Este último ganhou a adesão do engenheiro Roberto Penna – um dos proprietários das residências do lago, em estilo missões –, membro da equipe técnica e vizinho do referido arquiteto.

Signorelli registrou cenas do Complexo em construção, de familiares e de amigos, não deixando de fixar por meio de câmera, ainda, tudo aquilo que atraía a sua atenção na cidade: procissões religiosas, desfiles colegiais e cenas cotidianas de ruas, avenidas e praças. A exibição dessas imagens por ele captadas deu-se pela primeira vez, em forma de sessão cívica, no Cine Brasil em 1942. Tal atividade, exclusiva para alunos uniformizados dos colégios, compôs as ações das mulheres integrantes da Legião Brasileira de Assistência, associação assistencialista que se vinculava à campanha organizada com o nome de “Araxá pela vitória do Brasil”.⁶⁶³ Com filmadora em mãos ou na direção de algum carro importado circulando entre o Barreiro e a cidade, “o arquiteto do Grande Hotel” preencheu espaços urbanos, mas fora particularmente tocado por experiências e costumes locais, como a prática de lazeres, entre os quais a caça e a pesca.⁶⁶⁴

⁶⁶² CAPÍTULO ESPECIAL SOBRE AS ÁGUAS MINERAIS, por Sebastião de Affonseca e Silva (obra datilografada). Araxá, 1943. p.315.

⁶⁶³ Panfleto intitulado “Araxá Pela Vitória do Brasil”. 22/09/1942. Arquivo AS/ 0001-141/ AMDB-03/ FCCB.

⁶⁶⁴ ARAXÁ nas décadas de 30 e 40 (filme-vídeo). Acervo particular de Vitor Signorelli. Belo Horizonte, 1988. 90min, p&b, son., VHS, v.o.



Imagem 36 – Nova Fonte Dona Beja.⁶⁶⁵

A nova versão da Fonte Dona Beja, inaugurada na década de 40, substituiu aquela que abrigava a nascente de água radioativa. À disponibilidade infinitamente mais confortável de fazer uso dessa água uniu-se a possibilidade de sentir outros efeitos advindos do conjunto de simbolismos inerentes ao termalismo. Com projeto do arquiteto Rafael Hardy Filho, aluno e colaborador de Signorelli, a nova edificação ostentou os elementos predominantes do estilo missões. No seu interior passaram a ecoar novos sons, compostos por um misto do ruído da água que cai e das vozes daqueles que a ingerem ou se expressam diante do que contemplam. A azulejaria, concluída em 1942, é assinada por J. Bahia, o artista plástico José Antônio dos Santos Bahia, vinculado ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Um painel preenche o fundo do ambiente, reunindo uma gama de tons azuis sobre os azulejos brancos para revelar, na tendência heroicizante dos personagens, aqueles mais representativos da tradição histórica local.

⁶⁶⁵ Nova versão da Fonte Dona Beja integrada à arquitetura e ao paisagismo do Complexo Termal do Barreiro. 2007. Fotografia: Augusto César Resende Goulart. (Coleção particular).



Imagem 37 – Interior da nova Fonte Dona Beja.⁶⁶⁶

Numa tríade que reúne o branco, o negro e o indígena, apenas o último ostenta-se em forma de figura masculina. O homem branco, ou melhor, a mulher branca, é Dona Beja, representada como protótipo, a despeito de permanecer oculta a revelação de ser ela loura ou morena, quesito suplantado pelo predomínio do azul enquanto cor associada às águas.⁶⁶⁷ A escrava, mucama de Dona Beja que a auxilia no banho, é a representação negra, entre as demais presentes, da formação social igualmente identificada em Araxá. Por fim, observa-se, em gesso, a imagem do rosto representativo do indígena emoldurando as pedras por onde corre incessantemente a água da fonte. À saída da Fonte Dona Beja tem-se a opção de acessar, por escada lateral, o terraço – ou belvedere – do prédio. Dele vê-se o desenho da lagoa superior e as construções da ducha-cascata, das Termas e do Grande Hotel como adornos, porém sustentados por um padrão de excepcional monumentalidade. O conjunto panorâmico parece refletir unidade e rigidez, tal qual o estado varguista, que, assim como ele, se quer imortalizado.

Quando Araxá recebera o presidente Getúlio Vargas pela primeira vez, em 1940, a paisagem acima descrita delineava seus contornos e as etapas construtivas que estavam por

⁶⁶⁶ Interior da Fonte Dona Beja onde se vê a fonte propriamente dita emoldurada por imagens em azulejo e gesso, representativas da identidade local. 2006. Fotografia: Augusto César Resende Goulart. Arquivo Fotográfico/ 086. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁶⁶⁷ BURKE, Peter. Op. cit. p.141-143.

vir. A visita do chefe da nação constituiu-se num marco de memória⁶⁶⁸ para a cidade, que, durante quase vinte dias, abrigou uma pluralidade de práticas sócio-culturais representadas por formas materiais e imateriais. As presenças de diversos sujeitos históricos tendo o presidente da nação ao centro modelaram experiências individuais e coletivas. A estação hidrotermal em construção buscava suas identidades, expressando maneiras de produzir, circular, olhar, apreciar e sentir as várias faces da vida urbana. O objetivo da visita oficial consistiu no acompanhamento das obras da estância, onde se pretendia monumentalizar espaços físicos, bem como seus tempos de descansar, curar, embelezar e divertir. Personagens, espaços, temporalidades, práticas e sensibilidades levavam à materialidade que se construía.

As experiências furtivas relacionadas ao dia do seu aniversário – em Araxá Vargas passou o dia visitando a cachoeira de Pai Joaquim e a queda do rio Araguari (entre os municípios de Sacramento e Santa Juliana), onde se concluía a usina de fornecimento de energia para Uberaba e Araxá (o Barreiro inclusive)⁶⁶⁹ – opuseram-se à atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que transformara a data num dia nacional marcado por cerimônias públicas e programas de rádio, objetivando envolver festivamente a população.⁶⁷⁰

Os mineiros de Araxá receberam o presidente com churrascos e almoços, ambos pausados por registros fotográficos e intercalados por explanações acerca da produtividade das terras visitadas. As idas e vindas constantes ao campo de aviação provocavam movimento tal qual a intensidade deixada pelo rastro da poeira avermelhada que se via pelos ares a cada pouso e decolagem.⁶⁷¹ Enquanto a primeira-dama do país partia ao lado de amigas para o Rio de Janeiro, desembarcavam em Araxá jornalistas que acompanhariam o presidente Vargas e o governador Valladares na viagem seguinte.⁶⁷² Não apenas a atmosfera do Barreiro vivia aqueles dias bastante particularizados, mas a cidade também via, mais uma vez, o seu cotidiano alterado.

⁶⁶⁸ Sobre o gosto pelo monumental comum às artes nos regimes totalitários, ver: SONTAG, Susan. Op. cit. p.73-75.

⁶⁶⁹ Ibidem. p.308. Nesta viagem pelos arredores de Araxá o DIP apontou o local como sendo destinado a tornar-se um grande celeiro em razão das possibilidades agrícolas constatadas.

⁶⁷⁰ É possível perceber uma voz corrente entre muitos entrevistados segundo a qual Getúlio costumava passar o seu aniversário em Araxá, regularmente. Entre outros depoimentos orais que reproduzem esta idéia destaco alguns contidos na série do Projeto Viva Voz, CMA/ 1995. Arquivo FCCB.

⁶⁷¹ ARAXÁ nas décadas de 30 e 40 (filme-vídeo). Acervo particular de Vitor Signorelli. Belo Horizonte, 1988. 90min, p&b, son., VHS, v.o.

⁶⁷² VARGAS, Getúlio. Op. cit. Vol.2. p.311.

É natural que durante excursões como estas o presidente procurasse manter um diálogo mais próximo com a população, cujo acompanhamento pelo DIP significavam o registro bem próximo e a divulgação dia-a-dia dos acontecimentos. Em Araxá, o próprio diretor do órgão de imprensa compôs a comitiva, acompanhado por outros jornalistas cariocas. A relação entre o governante e os habitantes locais partia de uma troca mútua de conhecimentos e de informações, passando por um veio de aspirações surgidas de diversos segmentos.⁶⁷³ Houve o caso em que o hoteleiro Daniel Henrique Pinto, português estabelecido à rua principal da cidade, solicitou-lhe um financiamento para reconstruir o Hotel Pinto. Vargas tentara dissuadir o proprietário dessa idéia argumentando que ao ser inaugurado o Grande Hotel do Barreiro todas as demandas hoteleiras estariam então sanadas.⁶⁷⁴

A versão corrente, oficial, apontava que o novo Complexo estava sendo construído para atender ao “povo”, ainda que na conceituação do termo não fosse revelado se “ao povo rico ou ao povo pobre”.⁶⁷⁵ Mas o fato é que à margem da suntuosidade já em construção adiantada no Barreiro, e ainda encoberta, a cidade e muitos de seus moradores ansiavam por ver atendidas as suas necessidades básicas materiais. O próprio presidente pôde observar essa especificidade local: ele chegou a registrar que naquele 09 de maio de 1940, em Araxá, fora “muito procurado pela gente pobre fazendo pedidos”.⁶⁷⁶

⁶⁷³ CINE-JORNAL BRASILEIRO. Vol.1, n.110. Departamento de Imprensa e Propaganda, 1940. Original no Arquivo Cinemateca Brasileira e cópia no Arquivo FCCB; VARGAS, Getúlio. Op. cit. Vol.2. p.311.

⁶⁷⁴ LUGAR DE MEMÓRIA. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2001. p.61.

⁶⁷⁵ Depoimento de Milton Tomasovich concedido à autora em abril de 2003, Araxá.

⁶⁷⁶ VARGAS, Getúlio. Op. cit. Vol2. p.311.



Imagem 38 – Construção do Balneário de Araxá.⁶⁷⁷

Adjetivando sempre, o DIP cuidava de divulgar nacionalmente as proporções físicas, numéricas, estéticas, volumétricas e tudo o que superdimensionasse a estância hidromineral no conjunto de tantas outras situadas nas Américas. Em forma de linguagem elucidativa de um cine-jornal tal como este se propunha destacou um dos lagos (o superior), o Grande Hotel, a Fonte Radioativa e a Praça de Esportes. Todavia, as narrativas omitiram, entre outros elementos, a especificidade das Termas, talvez pelo seu aspecto físico integrado ao hotel, embora o edifício destinado propriamente à cura como um antídoto contra os males da humanidade se encontrasse, em 1940, em estágio avançado de construção.⁶⁷⁸

Àquela altura, as obras do parque do Barreiro aconteciam simultaneamente, ainda que cada ponto delas ostentasse fases específicas. O lago superior – margeado, por uma extremidade, pela fachada posterior das Termas e, por outra, pelo Grande Hotel – apresentava apenas os traços principais do desenho originalmente concebido. Quanto ao hotel, a verticalização exigida implicaria num tempo maior para concluí-lo. As obras das residências

⁶⁷⁷ Construção do Balneário de Araxá. À sua esquerda construía-se o Grande Hotel e ambos seriam unidos por uma galeria suspensa. Década de 40. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/1224. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁶⁷⁸ CINE-JORNAL BRASILEIRO. Vol.1, n.110; vol.1, n.102 e vol.1, n.106. Departamento de Imprensa e Propaganda, 1940. Originais no Arquivo Cinemateca Brasileira e cópias no Arquivo FCCB.

dos chamados “construtores”, localizadas à margem costeira do lago inferior, finalizaram-se uma a uma, a começar por aquela dirigida à família do arquiteto Signorelli, a primeira delas partindo do Barreiro em direção à cidade.

A agilidade com que se desenrolava o trabalho de técnicos e operários impressionava a quem o assistia, com intensidade variando conforme a percepção de cada um. Rememorando o passado, o operário Domingos Gusmão Lemos⁶⁷⁹ refletiu sobre a situação na qual esteve inserido. Segundo ele, em 1942 havia oitocentos homens trabalhando na obra. Quem chegava pela estrada, a mesma construída em 1915, posicionava-se ao alto e, antes de descer pelo Hotel Colombo, avistava a Bacia do Barreiro, que do referido local assemelhava-se a um “formigueiro”. Ele próprio integrava uma das turmas responsáveis pela limpeza e conservação do campo de aviação e das estradas no entorno do Barreiro.⁶⁸⁰

Serviços como estes, contratados, ficavam submetidos às respectivas firmas comandadas por feitores, termo bastante recorrente à época. O supracitado operário mantinha-se subordinado ao feitor conhecido como *Juca Corgozinho*. Os trabalhadores, menores inclusive, pegavam o trem – de carga – na Estação da Rede Mineira de Viação, localizada na praça Arthur Bernardes, para desembarcarem, seguindo a linha no local, mais próximo do Barreiro. Este ponto de parada correspondia à localização do “Pau de Binga”, uma das árvores culturalmente significativas para a cidade. Estrategicamente posicionada entre o entroncamento dos caminhos para o Barreiro, para Araxá e para a antiga estrada rumo ao estado de São Paulo, tal baldeação implicava percorrer a pé os nove quilômetros pela frente até chegar ao trabalho, às obras do Barreiro. Os operários levavam em suas mãos a marmita fornecida pela pensão de “Sebastião Barbeiro”.⁶⁸¹

As relações de trabalho envolveram, comumente, a ausência de salários ou de dinheiro em moeda corrente, sendo comuns os pagamentos por meio de “vales”, ou cartões, que poderiam ser trocados por mercadorias nas casas comerciais de Araxá, entre as quais a Casa Seleta, os armazéns da cidade e os pequenos empórios localizados no Barreiro mesmo. Sobre a troca dos “vales”, José Abdanur comenta:

[...] os preços das mercadorias eram, quando trocados por vales, também majorados. O preço do toucinho se normalmente era de \$1.500 réis por quilo passa a ser cobrado até \$2.500 réis. O arroz que

⁶⁷⁹ Depoimento de Domingos de Gusmão Lemos concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá.

⁶⁸⁰ MANGUEL, Alberto. Op. cit. p.261-264.

⁶⁸¹ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.31, dez. 2000, p.17-19. Arquivo FCCB.

normalmente era \$0,800 réis passava para \$2000 réis e essa majoração era para todas as mercadorias.⁶⁸²

O dinheiro circulava como moeda no pagamento que chegava pelas mãos de um responsável, vindo de Belo Horizonte, e era repassado diretamente aos construtores, engenheiros e fornecedores, um a um.⁶⁸³ Materiais de construção também chegavam pela estrada de ferro para serem descarregados no entroncamento entre a cidade e o Barreiro e, assim como muitos operários, seguirem de caminhão até o local das obras.⁶⁸⁴

A previsão era de que todo o Complexo tivesse suas obras concluídas em 1943. Motivada por outras razões não obstante aquelas naturais de uma obra, neste caso, desenvolvida por iniciativa pública, as instalações da Fonte Andrade Júnior seriam iniciadas apenas em 1945 e ultimadas dois anos depois. (Ver Anexos, Mapa 5). É compreensível que tais circunstâncias tenham ocorrido. Em primeiro lugar, o projeto para abrigar a nova feição da fonte de água sulfurosa não constava da concepção inicial daquele plano do Barreiro, possivelmente porque sua localização, enquanto fonte antes captada, estava próxima ao depósito de concentração natural da lama negra e, mais ainda, encontrava-se ladeada do Balneário antigo. A estrutura deste, o mesmo que desde a primeira década do século XX vinha passando por ampliações e modificações, permaneceria em pleno funcionamento até 1944, quando seria superado pelas novas Termas e, então, demolido. Fora naquele edifício anterior que os aquáticos fizeram sua estação durante quase 30 anos, submetendo-se ao “rito ordinário”⁶⁸⁵ próprio desses lugares, conforme expressara o presidente Vargas ao experimentá-lo.⁶⁸⁶

Uma segunda circunstância teria provocado o adiamento: a opção por adotar linhas divergentes do restante do parque, mas contemporaneamente experimentadas com pioneirismo e êxito na capital Belo Horizonte.⁶⁸⁷ Neste aparente contraste, o projeto inovador da Fonte Andrade Júnior permitiu ao seu autor, o arquiteto paraense Francisco de Paula

⁶⁸² Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. p.10. (Coleção particular).

⁶⁸³ Ibidem.

⁶⁸⁴ Ibidem.

⁶⁸⁵ O presidente referia-se às atividades por ele praticadas no dia-a-dia da estação. VARGAS, Getúlio. Op. cit. Vol.2. p.311. A respeito das reflexões sobre “lugares próprios e apropriáveis” por “modos de proceder”, comuns ou ordinários associando-os à cultura, ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.57-74.

⁶⁸⁶ VARGAS, Getúlio. Op. cit. Vol.2. p.217.

⁶⁸⁷ Os novos padrões intervencionistas da paisagem de Belo Horizonte têm aplicação atribuída ao então prefeito da cidade, Juscelino Kubitschek, tido como o “mecenas das artes”. ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 22/04/06, p.1. O conjunto arquitetônico da Pampulha (cassino, Casa de Baile, igreja de São Francisco e Iate Tênis Clube), formado por elementos pontuais tal qual o conjunto do Barreiro de Araxá, difere deste na ousadia das formas curvilíneas e arrojadas de Niemeyer, embora ambos sejam oriundos dos anos 40.

Lemos Bologna, ser reconhecido internacionalmente aos 24 anos.⁶⁸⁸ Caracterizado, sobretudo, por introduzir obras de artistas e designers nos projetos por ele desenvolvidos no interior e nas capitais do país, Bologna promoveu o encontro harmônico do estilo da fonte com os demais aplicados, tendo como fios condutores os jardins de Burle Marx. O arquiteto modernista reuniu áreas de bebedouro com descanso e contemplação das paisagens ao redor, especialmente dos edifícios contrastantes das Termas e do Grande Hotel à sua frente e com os quais deveria integrar-se.



Imagem 39 – Nova Fonte Andrade Júnior.⁶⁸⁹

De Burle Marx são também os trabalhos em azulejaria vistos nesta fonte de água sulfurosa, igualmente nas cores azul e branco, numa representação do objeto principal de uma

⁶⁸⁸ Bologna trazia a experiência adquirida junto aos arquitetos modernos, anos antes, na criação, entre outras, do edifício do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.dau.uem.br/professores/macedo/bologna-4docomomo.html>>. Acesso em 31 jan. 2007.

⁶⁸⁹ Nova Fonte Andrade Júnior concebida posteriormente para integrar-se aos demais elementos do Complexo Termal do Barreiro. 2007. Fotografia: Augusto César Resende Goulart. (Coleção particular).

estância, as suas águas.⁶⁹⁰ Os motivos sugeridos nesses azulejos são a representação de mamíferos pré-históricos cujos fósseis foram descobertos durante a construção do Complexo, fato que mereceu comemoração na comunidade científica. Resulta deste aspecto mais uma circunstância que reafirma a inclusão da Fonte Andrade Júnior como o último e o mais isolado elemento de todo o parque. No revestimento do piso em pedra portuguesa consta a mesma referência da tradição pré-histórica do lugar, com imagens dos gigantescos animais apenas identificados no decorrer das escavações necessárias à obra.⁶⁹¹

Se o Estado forte e único pretendeu revelar o seu poder em obras públicas monumentais, como o parque do Barreiro de Araxá, o cidadão, por seu turno, pareceu depositar as suas expectativas na aparência grandiosa tanto quanto bela do conjunto arquitetônico em construção. Não poderia haver reação menor. O ambiente do Balneário por si só se impôs como uma “ordem visual” dirigida tanto aos governados que os viabilizaram quanto aos governadores que lhe concederam crédito.⁶⁹² A construção majestosa deve ser contemplada e admirada como algo belo e, como monumento, requer confiança, reverência e obediência daqueles que a ela dirigem seus olhares. O fim a que se destinava – o bem-estar físico e espiritual dos corpos – exigia obrigatoriamente um espaço digno das divindades. Tal como o Pantheon romano, o Balneário novo fora construído em um lugar próximo ao antigo e igualmente concebido para constituir um templo sagrado. Os corpos ali poderiam ser purificados com os banhos de imersão nos sentidos da higiene e da saúde, assim como, no campo religioso, os antigos recebiam as unções e outros rituais de banhos por meio da água.

Bastavam as funções terapêuticas do prédio para justificá-lo e para conceder a ele e aos seus idealizadores a eternização desejada. Todavia, bem mais do que isso, o Balneário e o Grande Hotel, valendo-se do modelo de Roma – a cidade eterna –, são representados por formas geométricas que remetem à estrutura do corpo humano e suas “simetrias bilaterais”. São dois edifícios ou dois corpos unidos por uma galeria que podem ser vistos e sentidos linearmente.

⁶⁹⁰ A Fonte Andrade Júnior foi construída na íntegra quanto à concepção do autor Francisco Bologna e teve sua obra publicada na “Architectural Forum” e classificada pela Revista *Architecture Journal*, de Londres, como uma das dez melhores obras do ano. FONTE Andrade Júnior. In: ARCHITECTURE D’AUJOUR’HUI. Londres, n.13-14, set. 1947. p.76-77; REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA P.D.F. Rio de Janeiro, n.4, out./nov. 1948. p.133-138; ARQUITETURA Contemporânea no Brasil (coletânea). Organizada pela Revista Ante-Projeto. Rio de Janeiro, 1947. p.38-39.

⁶⁹¹ ARAXÁ nas décadas de 30 e 40 (filme-vídeo). Acervo particular de Vitor Signorelli. Belo Horizonte, 1988. 90min, p&b, son., VHS, v.o.

⁶⁹² SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª.ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.82.

Não apenas aspectos como estes tornam similares o Balneário de Araxá e a tradição romana de construção de espaços, de modo especial, de estações de águas. Da suntuosidade do hall de entrada, ao centro, em formato circular, abrem-se alas bilaterais destinadas aos banhos sulfuroso e de lama, aos diversos tratamentos hidroterápicos (em duas seções, masculina e feminina, com duchas e banhos de banheira diversificados, bem como massagens) e às inalações (com fins de medicação ou embelezamento). Da rotunda chega-se ainda à piscina coberta destinada à emanção de substâncias com água radioativa aquecida a 28 graus. O ambiente da piscina emanatória é particularmente decorado com pinturas murais e vitrais nos tons azuis, em alusão à água, igualmente assinados por J. Bahia.

A existência de um hospital destinado ao diagnóstico e tratamento de doentes fora prevista para funcionar no sistema de ambulatório ou internação. Programaram-se dez quartos e dois apartamentos com janelas, das quais se poderiam avistar ângulos do parque a partir do lago superior. Do hospital fazia parte ainda um laboratório de análises clínicas com seções de fisioterapia, radiografia, consultórios médicos, biblioteca anexa à sala de reuniões e oficinas de trabalhos diversos, bem como uma sala de pequenas cirurgias, uma cozinha dietética e uma enfermaria disposta por dois pavilhões (masculino e feminino). O teor assistencialista desta última constou permanentemente das declarações dos idealizadores da obra.⁶⁹³

Em janeiro de 1944 estava concluída parte considerável desses trabalhos. Outras obras, ainda em andamento, iriam compor o ambiente figurativo do Balneário. No mesmo andar térreo, o piso marmorizado tal qual os de Carrara deixa de representar rigidamente o padrão habitual da tradição romana do desenho do tabuleiro enquanto exibição da afinidade para com as formas geométricas para ali imprimir o signo de uma mandala.⁶⁹⁴ O recurso às sensibilidades permanecia como forma de reunir simbolismos capazes de garantir satisfações espirituais e corporais. O que se anunciava para além do que os sentidos pudessem revelar era, sobretudo, que as temporadas seguintes abririam um novo tempo de sedução.

4.3 – INÍCIO DE UMA NOVA ERA: SEDUÇÃO E PRENÚNCIO

1944 chegou para Araxá trazendo chuvas torrenciais durante todo o mês de janeiro, em meio à mobilização de alguns segmentos em torno da visita oficial do governador mineiro.

⁶⁹³ Ibidem. p.89-90.

⁶⁹⁴ Ibidem. p.80-93. Entre o modelo adotado no Balneário de Araxá e o do Parthenon de Roma, situa-se aquele que figura no piso da sala de negócios da Bolsa de Café de Santos, hoje Museu dos Cafés do Brasil, reunindo no seu desenho tanto o tabuleiro quanto a mandala ao centro.

Comissão central e subcomissões formadas por políticos, empresários, padres, freiras, juristas, engenheiros e médicos, entre outros, estiveram envolvidas naquela recepção. O motivo do evento consistiu na inauguração das intervenções urbanas realizadas na cidade dois meses antes daquela do parque do Barreiro.⁶⁹⁵

O sentido da mobilização popular sustentava-se por “motivos obvios, e devido a razões que todo o povo de Araxá compreende”,⁶⁹⁶ referindo-se à necessidade de se prestar homenagens a Benedicto Valladares e ao extenso séqüito que o acompanhava. Com conotação de acontecimento único, o evento deveria tornar-se passível de registro histórico. Dele o povo foi convidado a participar, em especial os alunos e alunas salesianos e dominicanos de estabelecimentos particulares, que, mesmo em período de férias, fizeram parte das solenidades devidamente uniformizados ao lado dos estudantes do Grupo Escolar, das escolas municipais e do Orfanato Santa Terezinha. A convocação estendia-se às “senhoritas de Araxá”, numeroso grupo formado por jovens oriundas das elites locais que, “em traje de passeio”,⁶⁹⁷ completariam as alas de estudantes à frente do Banco Comércio e da Indústria de Minas Gerais, reduto da concentração festiva.⁶⁹⁸

O convite “ao povo”, em forma de apelo, incluía a solicitação de que manifestações de entusiasmo fossem realizadas de forma proporcional ao estilo que se deveria dar às cerimônias: uma espécie de consagração ao governador do Estado. Para isso, decretou-se feriado municipal o dia 15 de fevereiro daquele ano, data em que o comércio, a indústria, as repartições públicas e os estabelecimentos de ensino não deveriam funcionar. Eventos dessa natureza promoviam vibrações de civismo e de exaltação patriótica. O período vivido durante a segunda guerra mundial fazia com que se solicitassem aos populares expressões de afeto e, sobretudo, de gratidão a quem se atribuía a designação de estadista: Benedicto Valladares. Até porque as transformações urbanas pelas quais passavam Araxá e o Barreiro ganhavam evidência se justapostas ao enfrentamento dos desafios naturais ao conflito internacional.

A receptividade mostrada pela população de Araxá, ainda que seduzida pelo avanço material e pela crença no Estado como organismo forte, mostrou-se capaz de unir simbolismos próprios da mineiridade, particularmente quanto à maneira afável de

⁶⁹⁵ Panfleto intitulado “Visita do Dr. Benedito Valadares Ribeiro a Araxá”. 15/01/1944. Arquivo PO/ 0046-141/ AMDB-03/ FCCB.

⁶⁹⁶ Panfleto intitulado “Visita do Governador Benedito Valadares Ribeiro a Araxá no próximo dia 15”. 09/02/1944. Arquivo PO/ 0095-141/ AMDB-03/ FCCB.

⁶⁹⁷ Panfleto em forma de convite: “Convite - convida-se o povo araxaense para receber, amanhã, terça-feira, às 8 horas da manhã, a S. Excia. o Sr. Governador Benedito Valadares Ribeiro.” Arquivo PO/ 0096-141/ AMDB-03/ FCCB.

⁶⁹⁸ O espaço onde funcionou o aludido Banco, posteriormente seguido por outras instituições bancárias, hoje abriga o Centro de Cultura, um dos anexos da Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá.

recepcionar.⁶⁹⁹ O programa oficial constou de passeios de automóvel por ruas centrais, desfile de escolares, de operários da cidade e do Barreiro e de pilotos formados pelo aeroclube⁷⁰⁰ e hasteamento da bandeira, assistidos da sacada do Clube Brasil, além de discursos e almoços. Houve também visitas ao aeroclube e ao parque do Barreiro em construção e, por fim, inaugurações municipais, como as estréias das obras de saneamento e calçamento da cidade e do serviço complementar de abastecimento de água, realizados naquela administração do prefeito Álvaro Cardoso. Foram inaugurados, ainda, os trechos centrais das praças Governador Valadares e São Domingos, a avenida Antônio Carlos, as ruas Almeida Campos, Nossa Senhora da Conceição e Dr. Franklin de Castro, a ponte do Córrego Lava-Pés (antiga forma de acesso ao atual bairro São Geraldo) e o jardim da praça Governador Valadares. (Ver Anexos, Mapas 3 e 4).

A praça da Conceição, que outrora fora criada no influxo das intervenções urbanas dos anos 20, naquele momento receberia nome, traços e sentidos inteiramente novos. Nessa perspectiva, ganhou ênfase a construção desse que seria o “Jardim Novo”. Tratava-se do projeto da praça em ponto privilegiado, no mesmo lugar onde havia sido saudada, em 1918, a novidade da “Praça da Conceição”. A ordem estabelecida impunha transformação, ainda que eliminasse o modelo de espaço público antes existente. Entre a demolição do anterior e a adoção do novo desenho, os moradores do entorno e, por que não dizer, de toda a área central que dele usufruíam conviveram por quatro anos com o vazio coberto por terra, pedras e entulhos.

Os motivos de tal alteração contaram com argumentos convincentes ao seu favor, isto é, aqueles próprios de uma cidade em vias de se constituir em “uma das mais bem aparelhadas estações termiais do continente”.⁷⁰¹ O novo território que se chamou praça Governador Valadares obedeceu a um projeto que contara com a participação de profissionais como o engenheiro do Estado Agostinho Carlos Catella (o mesmo que trabalhara na avenida do Contorno e na praça de Esportes, ambos no Barreiro, e que percorrera cidades próximas coordenando obras municipais e estaduais) e de arquitetos e artistas de renome. Inserido no

⁶⁹⁹ ABDALA, Mônica Chaves. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: Edufu, 1997. p. 46-109; ARRUDA, Maria A. do Nascimento. Op. cit. p.82-88.

⁷⁰⁰ O aeroclube de Araxá, criado em 1941 como resultado da Campanha Nacional de Aviação lançada pela revista “O Cruzeiro”, formou em 1943 sua primeira turma de pilotos para a aviação civil. Entendimentos entre os governos municipal e estadual viabilizaram a construção em mesmo local do aeroclube – nos Caetitus, hoje denominado Aeroclube Comte. Abel Neuppmann – e do campo de pouso com três amplas pistas, posteriormente transformado no Aeroporto Romeu Zema da atualidade. O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.28, jan./abr. 1999. p.5. Arquivo FCCB. O próprio prefeito foi posteriormente inscrito como aluno da sua segunda turma. Relatório apresentado pelo prefeito Álvaro Cardoso. 1940-1945, p.10-11. Arquivo CM/ 000101/ FCCB.

⁷⁰¹ CINE-JORNAL BRASILEIRO. Vol.1, n.110. Departamento de Imprensa e Propaganda, 1940. Original no Arquivo Cinemateca Brasileira e cópia no Arquivo FCCB.

primeiro segmento estava o arquiteto-urbanista francês Alfred Agache, conhecido internacionalmente e, de modo especial, no Brasil como o autor do plano de remodelação do Rio de Janeiro no período entre os anos 20 e 40.⁷⁰² Quanto às artes plásticas, representaram-nas o escultor J. Bahia, o mesmo que assinara a produção artística da Fonte Dona Beja e da piscina emanatória das Termas.

Heróis existem para serem eternizados. Tornar imortais líderes por meio da arte é assegurar o magnetismo que deles emana. Por isso a praça sob nova ordem, ou seja, com traçado, vegetação, pergolado, bancos para assento, revestimento e denominação inéditos, esta última substituindo a de Nossa Senhora da Conceição, atestava a inserção da cidade balneária em estágio civilizatório adiantado.⁷⁰³ À guisa do Lactário Odete Valladares, construído para homenagear a figura materna, associando-a à pessoa do governador, a praça simboliza o desejo de homenagear o próprio dirigente benemérito. Obedecendo aos preceitos urbanísticos ditados por mestres do cientificismo, a nova praça ou o “jardim novo”, como se consagrou junto à população da época, monumentalizou a imagem de Benedito Valladares, ao centro, em escultura de granito.

Os momentos solenes vividos na praça que ganhou o rosto e o nome do governador consistiam no ápice daquela visita oficial. Afinal, fora esta a “manifestação popular” para a qual os habitantes haviam sido convocados. Mas as cerimônias em torno da personificação do visitante enquanto líder legitimamente constituído prosseguiram por mais um dia. Um banquete seguido de um “grande baile de gala” no Clube Brasil – durante o qual os convidados deveriam estar trajados a rigor e teriam o direito ao “brinde de honra” ao presidente da República –, ambos regados a mais discursos, encerraram a excepcionalidade daqueles dias em Araxá.⁷⁰⁴

A administração do município dava continuidade à integração entre os poderes municipal e estadual, circunstância já conhecida pelo prefeito Álvaro Cardoso, que a vivera antes, desde o início dos anos 30, como vereador e presidente da Câmara Municipal de Araxá.⁷⁰⁵ As ações administrativas pretendiam, sobretudo, finalizar as reformas urbanas, tendo em vista a conclusão das obras da estância e a sua consagração inaugural.

⁷⁰² STUCKENBRUCK, Denise. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o Ideário Reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: IPPUR/ FASE, 1996. p.98-106.

⁷⁰³ SENNET, Richard. Op. cit. p.111-131.

⁷⁰⁴ Panfleto intitulado “Araxá ao seu grande amigo e bemfeitor - Governador Benedito Valadares Ribeiro”. Fev. 1944. Arquivo PO/ 0061-141/ AMDB-03/ FCCB.

⁷⁰⁵ ARAXÁ. Livro Ata das Sessões da Câmara Municipal de Araxá - 1915-1930. Arquivo FCCB.

Simultaneamente, ampliava-se o debate sobre a gestão do novo Complexo em implantação, que, conforme se cogitava, poderia ser repassada à Prefeitura de Araxá.⁷⁰⁶

Em março de 1944, há pouco mais de um mês da inauguração do Complexo, marcada para abril daquele ano, o governo estadual providenciava passagem aérea do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, viabilizando a visita técnica de Burle Max, autor do projeto paisagístico do Barreiro. Já se sabia, entretanto, que tal projeto não seria executado integralmente. Depois disso, faltando dois dias para a abertura ritualizada, o botânico Henrique Melo Barreto comunicou-se com o governo mineiro sobre o gramado dos jardins. A grama a ser plantada, depois de demorada viagem, teria chegado seca e desagregada devido à perda de umidade. Decidiu-se, então, plantar alpiste no local para que no dia da inauguração o chão estivesse tal como um tapete verde.⁷⁰⁷

Há menos de um mês do encerramento das obras do parque do Barreiro e da sua solenização, agendada para o período em que o presidente Getúlio Vargas comemoraria pela segunda vez o seu aniversário em Araxá, a imprensa mineira anunciou o evento como “grandiosa realização do Governador Benedicto Valladares”:

Além da ação terapeutica de suas aguas cuja eficiencia já é conhecida e proclamada em todo o Brasil, e mesmo no estrangeiro, pois rivaliza, no genero, com as de Carlsbad e Vichy, a estancia do Araxá, pelo seu clima e altitude, pelas suas belezas naturais, pelo encanto dos seus ceus e das suas colinas verdejantes, bem merecia que, para o seu aproveitamento, se realizasse obras monumentais, capazes de proporcionar aos doentes e aos turistas dias agradaveis, vividos em um meio mixto de campo e de cidade, onde fossem encontrados, em abundancia, o conforto, o bem estar, as atrações dos grandes centros, o prazer bucolico do sertão mineiro, a sã alegria e o repouso confortador.⁷⁰⁸

A notícia em questão, seguida de outras, reproduziu a versão oficial do projeto, abarcando a sua imensidão e suntuosidade. Tanto nos edifícios do Grande Hotel quanto no prédio do Balneário destacaram-se, em meio aos reluzentes espaços, alguns dos que se consideravam de maior significação, a saber, a entrada para automóveis. A “passagem abrigada” para os veículos indicava a valorização destes como meios de transporte.

⁷⁰⁶ O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.28, jan./abr. 1999, p.10. Arquivo FCCB.

⁷⁰⁷ Radiograma enviado à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, em 18/03/1944, s/n. Arquivo Público Mineiro; Depoimento de Raphael Hardy. In: REVISTA ROTEIRO ARAXÁ. Colaboração da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração - CBMM, Araxá, s/d. p.9-10.

⁷⁰⁸ FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte, 09/03/1944, p.5. Arquivo FCCB.

Foi nesse período também que se deu a construção da rodovia que, então, ligava o Triângulo Mineiro a Belo Horizonte, passando por Araxá. Considerada uma “estrada de primeira classe, toda encascalhada, oferecendo ao veranista perspectivas maravilhosas e paisagens as mais encantadoras”, não representava, porém, uma via de transporte segura, regular e rápida, não se equiparando, portanto, à grandeza da obra projetada. As demais vias de acesso a Araxá – aéreas e ferroviárias – permaneciam como objetos de grande atenção. Medidas relacionadas às negociações com a Panair e com a Rede Mineira de Viação (antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas), somadas às iniciativas de construção de estradas próximas a Araxá (especialmente a partir da fronteira com São Paulo), configuravam-se como essenciais à conclusão do plano da estância de Araxá. Como se divulgou naquele discurso às vésperas da inauguração, o governo do Estado havia investido “algumas dezenas de milhões de cruzeiros” para viabilizar o transporte por tais trajetos.⁷⁰⁹

Naquele início de 1944, sinais indicavam que outros empreendimentos não seriam concluídos tal como definira o projeto original. Ao lado do canal ligando os dois lagos, da concepção paisagística de Burle Marx na sua integralidade, da avenida que partindo da extremidade da lagoa inferior desembocaria em outra, rumo à cidade, o parque sofreria intervenções, mutilando, assim, a criação dos seus idealizadores:

O parque envolverá os edificios do hotel e das termas e ficará delimitado pela avenida circular. O visitante que seguir pela sua direita encontrará a principio um recanto destinado aos elementos da fauna mineira, dispostos de maneira a dar a impressão de estarem-se os animais em liberdade. A seguir aparecerá um pequeno bosque de flora local, de carater hidrófilo, pois está situado em um brejo. E uma parte mais alta e seca, junto a esta pequena floresta, vai ser feito um orquidário.⁷¹⁰

A idéia do orquidário nascera possivelmente do contato mantido entre construtores e Octavio Fonseca, fotógrafo, comerciante e orquidófilo radicado em Araxá. O reduto das orquídeas do colecionador havia sido longamente registrado em filme pelo arquiteto Signorelli.⁷¹¹ Talvez residisse aí um dos aspectos levados em conta no projeto do “[...] lindo parque que a sensibilidade do artista Burle Marx e os conhecimentos científicos do saudoso

⁷⁰⁹ Ibidem.

⁷¹⁰ Ibidem.

⁷¹¹ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004. p.20-21; 99-118.

Mello Barreto transformaram numa escola viva da arte de jardinagem e botânica”.⁷¹² Benedicto Valladares descreveu da seguinte forma as participações dos dois cientistas na estância de Araxá, revelando, ainda, as suas impressões sobre o que aqueles jardins apresentavam de mais importante para Minas e para a interiorização do país:

Sem a monotonia dos jardins padronizados, visou a finalidades estéticas, mas também de cultura. É o aspecto das paisagens sertanejas com espécimes que se dispersaram de Minas e enriqueceram a flora brasileira. Neste núcleo de civilização, implantado em *pleno hinterland*, está um dos maiores encantos desta obra.⁷¹³

Na segunda quinzena de abril de 1944, os moradores de Araxá receberam um convite – em forma de panfleto – para participarem de eventos programados para a inauguração do novo Complexo. Durante décadas e mais décadas, a distribuição de panfletos para se levar comunicados à população da cidade, especialmente aqueles de caráter imediato, fora prática cultivada habitualmente. Araxá convivia, portanto, com tal costume, que ainda seria mantido por muito tempo. Mesmo com a chegada do rádio, em 1946, após algumas tentativas malogradas para implantá-lo, o ato de espalhar notícias por meio de papéis informativos permaneceu em vigor, ainda que submetido a uma reelaboração constante enquanto prática cultural de grande significado.⁷¹⁴

O primeiro evento da programação, que aconteceria, logo pela manhã do dia 19, na igreja Matriz de São Domingos, seria a missa festiva celebrada em ação de graças pelo aniversário do presidente Getúlio Vargas, que se encontrava na cidade para a “inauguração oficial das obras do Barreiro”.⁷¹⁵ Em estilo similar aos anteriores, o convite para as referidas solenidades solicitava que os proprietários de automóveis colaborassem na condução de pessoas até o Barreiro. Todo o povo foi convidado a participar da cerimônia, reforçando, assim, o ato como resultado do empenho de atender “ao desejo da população de comparecer em massa” à solenidade.⁷¹⁶

⁷¹² VALLADARES, Benedicto. Op. cit. p.266 e 267.

⁷¹³ Ibidem.

⁷¹⁴ HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Presença, 1973. p.219-225.

⁷¹⁵ Panfleto intitulado “Missa em ação de graças pela saúde do presidente Getúlio Vargas”. 03/07/1942. Arquivo PO/ 0029-141/ AMDB-03/ FCCB.

⁷¹⁶ Panfleto intitulado “Inauguração oficial das Obras do Barreiro”. 22/04/1944. Arquivo EH/ 0002-141/ AMDB-03/ FCCB.

Dando seqüência ao programa oficial, quatro dias depois, em 23 de abril, nas Termas inaugurou-se o andar inferior, a princípio, partindo do térreo do hall circular. O Grande Hotel entraria em funcionamento apenas no ano seguinte, uma vez que, na ocasião daquela oficial, os últimos andares não haviam sido concluídos. Deles podiam-se ver os ferros verticalizados à espera da alvenaria.⁷¹⁷ A equipe construtora, por seu turno, mantinha-se instalada em Araxá, até porque, nos três primeiros anos, as gerências das Termas, do parque, dos jardins, das fontes (as três últimas, reunidas) e da obra do Grande Hotel estavam hierarquizadas e subordinadas a uma diretoria vinculada ao governo estadual.⁷¹⁸

No interior do hall do Balneário, diante da placa de inauguração, solenizou-se a materialização do projeto que pretendeu fazer de Araxá uma estância cosmopolita, à altura das “cidades balneárias da Europa, oferecendo maiores possibilidades de cura”. Uma seqüência de exaltação à presença de Vargas – com aclamações e banda de música executando hinos patrióticos – atribuía-lhe a conquista material por meio dos estabelecimentos de crédito da União, mas, sobretudo, a sensibilidade de sugerir, estimular e orientar aquele projeto. Em sua fala, o governador mineiro lembrou as dificuldades materiais para concluir o ambicioso projeto. Segundo ele, para um Estado de “recursos limitados” como Minas Gerais “aventurar-se” a tal empreendimento explica-se somente como mostra de uma “compreensão do dever com a coletividade que levou a aproveitar as águas para minorar os males humanos”.⁷¹⁹

O invólucro de nobreza e de dever cívico presente na justificativa requereu cerimonial elucidativo da intencionalidade. Cumprimentos efusivos do presidente ao governador, discursos do prefeito Álvaro Cardoso, da professora Maria Soares Santos, do médico Edmar Cunha e do bispo da diocese de Uberaba, Dom Alexandre Amaral, salvas, palmas e descerramento da bandeira brasileira sobre o bronze inaugural imprimiram oficialidade à cerimônia. Funcionários e funcionárias previamente contratados e treinados para lidarem com a aparelhagem do novo Balneário mantiveram-se perfilados na recepção ao presidente. Getúlio posicionou-se junto deles e todos formaram a letra “V” de vitória, numa alusão à performance do Brasil na guerra e à atmosfera nacionalista.⁷²⁰

⁷¹⁷ Depoimento de Abel Neuppmann concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB, 1995.

⁷¹⁸ Recorte de O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 25/07/1948. p.5. Arquivo FCCB.

⁷¹⁹ Discurso de Benedicto Valladares pronunciado naquela ocasião e publicado em GUIMARÃES, Anchieta. *Secretários da Agricultura de 1933 a 1988*. Vol.1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1990. p.319.

⁷²⁰ Depoimento de Olívia Pereira Marques Schwelter concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá.

Na placa afixada na rotunda das Termas lê-se que a inauguração aconteceu no dia 19 de abril de 1944. Esta foi a data registrada ainda no impresso que divulgou o discurso do bispo proferido naquela ocasião. No entanto, essas evidências históricas da programação prevista anteriormente para a data considerada nacional – a do aniversário do presidente – revelam que o término das obras não se confirmou também desta vez. Da mesma forma como se pretendeu concluir o plano da estância em 1943, 1944 chegou sem que houvesse tempo hábil para tal, tampouco o 19 de abril fora cumprido para a solenização de abertura das Termas.⁷²¹ Cabe ressaltar aqui a importância da relação entre as imagens visuais e as palavras quando ambas são trabalhadas na construção da memória coletiva. Se, por um lado, o relato oral enquanto fonte não pode constituir-se na essência de um “objeto de conhecimento histórico”,⁷²² por outro, a palavra emitida pela oralidade ou por meio da escritura ganha sentidos a mais quando é associada à imagem.⁷²³



Imagem 40 – Inauguração do Balneário.⁷²⁴

⁷²¹ Depoimentos orais indicam o dia 23 de abril como sendo o dia em que se efetivou a inauguração, em especial, o de Arnaldo de Almeida Castro, concedido à autora em outubro de 2006, Araxá.

⁷²² MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.” In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003. p.11-36.

⁷²³ MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUSC, n.22, jun. 2001. p.157-169.

⁷²⁴ Cerimônia oficial de inauguração das Termas do Barreiro com a presença, entre outros, do presidente Getúlio Vargas e do bispo Dom Alexandre Amaral. 23/04/1944. Fonte Iconográfica; fundo: Agência Nacional; EH/COC-P/ 437.20. Arquivo Nacional.

Algo de desconfortável pairava nos ares daquele cerimonial. O bispo – para quem o evento configurava-se como uma homenagem dos católicos do Triângulo Mineiro ao presidente da República, no dia do seu aniversário – lançou sua bênção ao Balneário e, em seguida, discursou. Depois de comparar a autoridade de Cristo para a Igreja àquelas do prefeito para a comunidade municipal e do presidente para a Nação, agradeceu o convite que recebera para participar da solenidade e a deferência que lhe fora concedida. Referiu-se ao fato de a bênção restringir-se apenas ao Balneário e não ao cassino, no interior do Grande Hotel. Como se prenunciasse a suposta participação da Igreja na medida constitucional quanto à situação dos jogos de azar, Dom Alexandre referiu-se a isto como uma atenção a ele dispensada: “[...] foi uma das maiores alegrias íntimas que experimentei na minha vida”. Em outros pontos de seu discurso teceu elogios à existência de apartamentos luxuosos, mas também de “apostos modestos [...] acessíveis às pessoas menos providas de fortuna”. E, ainda, considerando seu comentário “uma ousadia”, sugeriu ao governo mineiro, que dizia pretender concluir a obra, que a completasse com uma “coroa”: a construção de uma “capela católica”.⁷²⁵

Finalizado o ato inaugural com a mensagem do bispo, a comitiva presidencial percorreu algumas dependências do Balneário para, então, dirigir-se ao Grande Hotel. O acesso interno – via galeria que une os dois edifícios – permitiu que as autoridades seguissem em direção à suíte presidencial sem que necessitassem ter contato com os populares ali presentes. Estes se postaram abaixo da sacada de onde o presidente fez aparição pública, e o bispo, após abençoar as suítes do presidente e do governador, jogou bênçãos sobre todo o parque da estância hidromineral. O isolamento da população e o impedimento do acesso desta aos ambientes restritos do Grande Hotel já despertavam para a formação de idéias fetichistas a respeito da tradição das suítes presidenciais e dos seus ocupantes privilegiados.

⁷²⁵ A igreja Nossa Senhora das Graças, no Barreiro, seria construída e inaugurada oficialmente muito depois, em 1969.



Imagem 41 – Público presente na inauguração oficial.⁷²⁶

O dia da semana, domingo, e o horário, três da tarde, em que aconteceu o evento concorreram para que se esperasse um considerável número de populares. O público mostrou-se um tanto quanto divergente daquele de dois anos atrás, quando oitocentos trabalhadores ocupavam a bacia do Barreiro. O momento inaugural contou com a participação de homens, na sua maioria, jovens, em grande parte, e, somando-se a estes, autoridades locais. Foram sentidas as ausências de representantes de empresas mineiras e de engenheiros construtores, justificadas por questões políticas e empresariais envolvendo a empreiteira, de São Paulo, e a subempreiteira, de Minas Gerais, oficialmente contratadas.⁷²⁷

Embora circulassem ônibus e caminhões, disponibilizados gratuitamente pela Prefeitura para o transporte daqueles que participariam das solenidades, houve aqueles que se dispuseram a percorrer a pé os nove quilômetros que separavam Araxá do Barreiro.⁷²⁸ O acontecimento associado ao significado dos personagens presentes, a começar pelo presidente

⁷²⁶ Esta fotografia integra uma série de imagens que registrou os momentos de inauguração oficial do Complexo Termal do Barreiro. 23/04/1944. Fonte Iconográfica; fundo: Agência Nacional; EH/ COC-P/ 435.03. Arquivo Nacional.

⁷²⁷ Depoimento de Svent Kierulf concedido à autora em maio de 2003, Belo Horizonte.

⁷²⁸ Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. 30p. (Coleção particular); Depoimento de José Abdanur concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá.

da República e pelo governador do Estado, passando por outras presenças civis e militares, conduziu, ainda assim, algumas centenas de habitantes àquelas festividades.

Não raro é possível ouvir entre a população feminina araxaense a afirmação de que a ausência de mulheres ao evento deveu-se, de certa maneira, à distância geográfica do Barreiro em relação às suas residências e à rigidez dos padrões de comportamento e de convivência social impostos às esposas, às filhas e às irmãs.⁷²⁹ O fato é que a inauguração consistiu, sobretudo, num ato político e, por mais que se tentasse projetar um viés de popularidade, alguns fatores contribuíam para que se tivesse a sensação de que se tratava de uma espécie de cerimônia reservada. A separação física entre um espaço e outro e as possíveis dificuldades de integração dela decorrentes poderiam ser alguns deles. É certo que os caminhos entre ambos colocaram lado a lado os construtores e os moradores, mas também é certo que isto se dava em dimensão mais ampliada se relacionada às elites.

Ainda assim, deve-se considerar que durante o período de construção – de mais de seis anos – as obras estiveram cercadas de tapumes por todos os lados. Embora o início propriamente dito das atividades do Complexo tenha sido gradativo, a retirada dos muros que impediam a visão do conjunto e dos ambientes interiores, em 1944, provocou sensações impactantes aos seus espectadores.⁷³⁰ Se aquela imagem causou profunda impressão em alguns, em outros poderia ter se refletido em forma de resistência devido à dimensão e ao luxo expostos. Possivelmente, em razão desses aspectos, o presidente e o governador mantiveram outro contato com o “povo de Araxá”, desta vez em manifestação pública de homenagem aos visitantes, realizada no centro da cidade e para a qual a população fora convocada também por comunicado impresso da Prefeitura.⁷³¹ Do palanque à frente do prédio do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, situado à rua principal, Getúlio e Benedito assistiram ao desfile escolar especialmente marcado pelo modelo varguista e programado para ocorrer dois dias após a abertura do Complexo Termal do Barreiro.

Da cidade *ideal* à construção *real* chegou-se finalmente à sua ocupação, a partir de 1944. Este acontecimento por si só configurou-se num monumento, reunindo, em torno dele, um conjunto de imagens ancoradas em percepções individuais e coletivas e também em suportes técnicos. Decifrar os códigos das imagens da construção da estância hidromineral do Barreiro em Araxá é, portanto, interpretar a visão de estação balneária presente à época do

⁷²⁹ Depoimento de Dalva Santos Zema concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB em 1995.

⁷³⁰ SANTOS, Paulo de Tarso. *A lógica do compadre: e outros casos mineiros*. São Paulo: Bocatto Editores, 1991. p.103-105.

⁷³¹ Panfleto intitulado “Visita oficial do Presidente Getúlio Vargas e do Governador Benedito Valadares a Araxá”. 24/04/1944. Arquivo PO/ 0013-141/ AMDB-03/ FCCB.

Estado Novo, ou seja, um modelo semelhante àquele que se criou ou se imaginou como símbolo de estância hidromineral.

As fotografias alusivas a esse período em particular, deixam de ser percebidas como um registro de experiências vividas para ganharem sentido oficial, sendo decodificadas, revistas e repensadas. O caminho para historicizá-las e compreendê-las em seu sentido enquanto fonte visual deve partir, necessariamente, da forma e do momento da sua produção, passando pela intenção e pela forma de divulgá-la, com vistas ao público a que se destinava. O objetivo revela-se em alcançar a interação ou o diálogo entre o documento e a questão na qual se insere a imagem, especificamente nesta apresentada a seguir⁷³²:



Imagem 42 - Complexo Grande Hotel e Termas de Araxá.⁷³³

A subjetividade e a objetividade inseridas nas relações sociais inerentes ao processo de fotografia indicam a possibilidade de a imagem fotográfica atuar enquanto testemunho. Tal

⁷³² MENEZES, Ulpiano Op. cit. p16-17. Há possibilidades de ampliar o alcance das fontes imagéticas disponíveis, ao abarcar múltiplas temporalidades e espacialidades. Assim, é possível ponderar a análise de pinturas, esculturas, fotografias e projetos arquitetônicos, conferindo à “imagem imutável uma vida infinita e inesgotável”. MANGUEL, Alberto. Op. cit. p.27.

⁷³³ Vista aérea do Complexo Termal do Barreiro de Araxá, inaugurado a partir de 1944, onde se vêem o Hotel, as Termas, a Praça de Esportes, a Fonte Dona Beja e a Fonte Andrade Júnior, circundados pela lagoa superior, pelos jardins e pela avenida do Contorno. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 0741. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

possibilidade “[...] repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de fato, que aquilo ocorreu em determinado e exato momento e que, como *realidade*, foi apreendido pelo olho do observador”.⁷³⁴ Neste aspecto, vale frisar a referência e o hábito de se enviar o cartão-postal como prova ou testemunho do privilégio de freqüentar uma estação balneária.⁷³⁵

Prosseguindo, percebe-se que a fotografia produzida pelo fotógrafo oficial do novo projeto do Barreiro privilegia a monumentalidade da obra, em detrimento dos cidadãos – profissionais, em sua maioria, sem habilitação específica – que compunham a massa de trabalhadores e cujas práticas ali foram imprescindíveis. É nesse sentido que outra abordagem se impõe. Refletindo sobre a obra, enquanto produzida como questionamento da superioridade de outrem – a imagem como subversão –, percebe-se que a execução do projeto do Barreiro empreendido pelo governo Vargas pretendeu provar aos estrangeiros que o país mostrava-se capaz de fazer algo tão belo (no caso, uma estância balneária) quanto os seus pares europeus.

Tal como outros projetos desenvolvidos em países e em séculos diferentes, o projeto do Complexo Termal do Barreiro seria um exemplar de imagem como filosofia? O Grande Hotel, as Termas, as fontes, os parques e os jardins seriam a materialização da idéia de uma estação de águas? Seria a idéia de um filósofo sobre o que é este espaço urbano que também se destina à cura e aos lazeres do dia e da noite? Na fotografia anterior, o cenário intitulado “Águas do Araxá” parece contrastar com outro texto, aquele que a imagem constrói. A paisagem natural que circunda as águas e que por elas é integrada sofre a interferência arquitetônica, cuja imagem luxuosa se quer gravar. O registro oferece uma visão panóptica definida a partir de um ângulo superior, com ares de autoritarismo.⁷³⁶

Assim como determinados profissionais de capacidade e prestígio reconhecidos são escolhidos para executar as obras consideradas importantes, o mineiro Luiz Signorelli assinou o projeto de Araxá a convite do governo estadual. A equipe do arquiteto fora composta ainda por técnicos formados pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, entre outros de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. O fato de o então presidente Getúlio Vargas ter declarado que a partir daquele momento Araxá não mais precisaria de outro hotel (Ver item 4.2) indica que

⁷³⁴ MANGUEL, Alberto. Op. cit. p.93.

⁷³⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3). p.424-448.

⁷³⁶ Alberto Manguel analisa neste aspecto a imagem da usina de sal projetada por Ledoux, o arquiteto francês do século XVIII, como exemplo de imagem como filosofia. MANGUEL, Alberto. Op. cit. p.251-268; CERTEAU, Michel de. Op. cit. p.169-191; BRESCIANI, Maria Stella. “Cidade e história.” In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: CNPq/ FGV Editora, 2002. p.25.

esses novos espaços estariam trazendo a *cidade tangível* ainda que num *futuro intangível*?⁷³⁷ As expectativas dos gestores da obra seriam compartilhadas pelas centenas de trabalhadores no dia-a-dia da construção, sob os olhares vigilantes dos mestres do saber técnico-científico?⁷³⁸

De um lado, havia as experiências do espectador e, de outro, aquelas vividas pelo morador. O sentido da viabilização do sonho da estância com o seu coroamento por meio da suntuosa obra podia ser percebido pelas leituras que dela faziam os aquáticos ou visitantes e os moradores de Araxá. Os visitantes chegavam atraídos pela possibilidade de descanso, divertimento e tratamento médico num ambiente natural, sadio e considerado propício ao lazer, ao tempo do não-trabalho. Já os moradores viviam uma situação de expectativa e de certa euforia. Durante muito tempo eles presenciaram as mudanças e construíram diversas imagens do que seria a estância *ideal*. Ao certificarem-se dessa conquista, ainda que o acesso fosse restrito a determinados segmentos, por imposição de circunstâncias sociais, a sua existência, por si só, causou ares de deslumbramento e êxtase, provocando a *síndrome de Stendhal*.⁷³⁹ Afinal, seria aquela a construção coletiva de um sonho ou uma questão de interesse de muitos, cujas reações de quem as vê seguem as sensações individuais?

Se o sonho da estância foi monumentalizado, causando impressões significativas aos moradores e aos visitantes, o Complexo identifica-se em alguns sentidos com a cidade e com seus outros espaços, bem como, com certos segmentos sociais, no que se refere à possibilidade de pertencimento a um quadro formado por requinte e luxo. Se a fotografia significa representação – uma imagem como teatro – o espaço da estância hidromineral pode ser associado ao “espaço do drama”,⁷⁴⁰ onde o convívio se manifesta com experiências que envolvem elegância, refinamento e, até mesmo, aventura. Essa sociabilidade teatral pode ser entendida como um fim a que se destina a moda.⁷⁴¹ Se a estação de águas tornou-se moda diante de um tempo vivido de forma articulada com relações sociais e culturais próprias, é a sua singularidade que a diferencia enquanto espaço ou lugar de descanso, de lazer e de cura.

A representação que se criou desse espaço remete à imagem como memória quando esta se torna palpável, transferindo-se em espécie, mas assumindo a condição de algo que deve ser lembrado ou de referência para novas idéias e atitudes. É possível, então, pensar o Barreiro de Araxá como uma forma de construção do hegemônico, sendo um espaço que

⁷³⁷ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994. p.96-97.

⁷³⁸ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.59; 69; 117. Depoimento de José Abdanur concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá.

⁷³⁹ MANGUEL, Alberto. Op. cit. p.29.

⁷⁴⁰ Ibidem. p.291.

⁷⁴¹ BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Lisboa: Edições 70, 1996. p.157.

pulsa, tensiona e emerge de diferentes formas.⁷⁴² Sua especificidade como estância hidromineral deriva do fato de reproduzir continuamente relações sociais nascidas do contato mantido com outras relações mais ou menos distantes. Sua história enquanto lugar interagiu com tantas relações quanto as histórias vividas por aqueles que o freqüentaram periodicamente.

A estância do Barreiro por si só tornou-se um atrativo em que imperaram esplendor e suntuosidade. Frequentada por hóspedes privilegiados, trabalhadores envolvidos por ela e determinados grupos sociais dela orgulhosos, reafirmou-se a concepção de que o que existe de apuro extremo em construções fora do país pode ser visto também aqui, acrescido de características próprias, principalmente aquelas relativas às identidades mineira e local. Ambientes refinados, festas permeadas por *glamour*, *shows* provocadores de sensações inéditas e condição de acesso a um mundo composto por pessoas e acontecimentos singulares: tudo isso formava um cenário em que se podia, ainda, apostar o futuro.⁷⁴³ A prática repetida da freqüência à estância com seus contornos de modismo e de teatralização rompeu-se com o encerramento oficial das rodadas nos cassinos, em 1946? A data no calendário da estância sinalizou, ou não, para o fim do espetáculo?

A Rádio Imbiara de Araxá, fundada também em 1946, atuava como meio de comunicação da cidade, tendo como escopo principal a estância hidromineral do Barreiro por permitir-se oferecer ligação direta com o Grande Hotel, proporcionando a transmissão de *shows* com artistas nacionais e estrangeiros. Ao completar um ano, e durante as festas natalinas de 1947, a rádio divulgou seu próprio material publicitário associando imagens do novo Complexo da estância acompanhadas, em menor número, de imagens da cidade.⁷⁴⁴ Tal associação entre imagens, unidas por via construída física e sensivelmente, permaneceria consonante nos tempos seguintes.

⁷⁴² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.113-123.

⁷⁴³ CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.266-271; SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.157-159.

⁷⁴⁴ Panfleto com dados informativos sobre a Rádio Imbiara e sobre a cidade de Araxá. s/d. Arquivo OC/ 0002-141/ AMDB-03/ FCCB; Fotografia-cartão de Boas Festas da Rádio Imbiara. 1947-1948. Arquivo Fotográfico/ P-021/ 00305/ FCCB.

4.4 – MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Da concepção de cidade-balneário idealizada chegou-se à construção materializada. Sua monumentalização nos anos 40 impôs-se como tentativa de firmar uma posição dominante, e, como tal, um novo e emblemático modelo do Complexo Termal do Barreiro de Araxá fez emergir diversas percepções. A formação de identidades agregou um conjunto de memórias construídas que trouxeram consigo outros prazeres e enigmas.⁷⁴⁵ Contempla-se, pois, daí por diante, a memória como uma dinâmica que se configura entre discursos e experiências praticadas e vividas.⁷⁴⁶

Uma vez que se pode considerar, de maneira mais ampla, essa nova versão da estância como uma memória eleita local,⁷⁴⁷ o Grande Hotel e as Termas mostram-se, em particular, como marcos oficialmente presentes na cidade, os quais se quiseram construir e perpetuar. Embora ambos pretendam revelar-se uma memória hegemônica, ela também se apresenta múltipla.⁷⁴⁸ Dela constam as experiências dos que trabalham servindo a água da fonte ou o drinque do banquete; constam também as dos que ingerem a água que cura os incômodos provocados por determinadas vivências do dia e da noite.⁷⁴⁹

Se as experiências de uns e de outros levam simultaneamente à exclusão e ao privilegiamento é a grandiosidade do conjunto, reforçando-se, em especial, a do Grande Hotel e a das Termas, que vem também reprimir as tensões. Recorre-se, então, aos “mitos fundadores”⁷⁵⁰ enquanto guardiões da memória para que se possa rememorar essa experiência

⁷⁴⁵ Diante da diversidade de reflexões teóricas sobre memória concentrei-me, especialmente, em: BRESCIANI, Maria Stella; Márcia Naxara (Orgs.) *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp/ Fapesp/ CNPq, 2001; CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994; LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Vol.2. Campinas: Unicamp, 1992; HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000; SEIXAS, Jacy Alves de. “Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?” In: ARTES DA HISTÓRIA & OUTRAS LINGUAGENS. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.24, 2002.

⁷⁴⁶ Experiência no sentido dado por: SCOTT, Joan W. “A invisibilidade da experiência.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.16, 1998. p.297-321.

⁷⁴⁷ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p.49-59; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. p.32-37.

⁷⁴⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz/ EDUSP, 1987. p.81-83.

⁷⁴⁹ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite-prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.51-57.

⁷⁵⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. p.17; MAKINO, Miyoko. “A cidade na pintura histórica: o mito da fundação.” In: BATISTA, Marta Rossetti; FABRIS, Annateresa (Orgs.). *Cidade: história, cultura e arte*. V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. São Paulo: Comitê Brasileiro de História/ FAPESP/ ECA/ USP, 1995. p.303-306.

social e, portanto, coletiva.⁷⁵¹ As Termas de Araxá viram-se transformadas em espaços de memória do movimento dos que chegavam e partiam, das buscas e esperanças depositadas, das lembranças que se registraram, das percepções captadas pela sedução do reenvio aos testemunhos afixados nas paredes, nos azulejos e nos vitrais do Balneário.

A rotunda central das Termas – sustentada por colunas também circulares e compartilhada pelos dois pavimentos do prédio – é encimada por cúpula de vitrais coloridos através dos quais penetram os raios solares.⁷⁵² Assim se delineou o Balneário. Concreto, pedra, ferro, metal, azulejo, vidro, gesso e outros materiais prepararam o cenário no qual se imprimiram as imagens visuais tão caras aos templos sagrados.⁷⁵³ Da linguagem pictórica exibida pode-se apreender a historicidade de Araxá enquanto território de Minas Gerais inserido no quadro mais amplo da hidroterapia, quer seja em relação ao seu tempo cronológico, quer seja na abordagem espacial adotada. A despeito da visão historicista retratada em pintura mural, essas narrativas visuais expressam o que se quer exaltar: lutas conquistadas e líderes mitificados. A propósito, esta é uma das fórmulas de se perpetuar algo construído, materialmente ou não, e cuja intenção é torná-lo duradouro.⁷⁵⁴

Para executar os aludidos trabalhos artísticos fora contratado pelo governo mineiro, seguindo indicação do engenheiro Andrade Júnior, o pintor carioca Joaquim da Rocha Ferreira, conhecido popularmente no meio artístico. Premiado no Rio de Janeiro entre os anos 30 e 40, especializou-se na pintura mural durante os anos passados na Itália, onde assegurou a introdução de técnicas específicas. Especialmente aquelas recomendadas às obras de aspecto monumental, como a encáustica, para um país de clima quente e úmido, devido ao brilho e à durabilidade por elas garantidos. Às justificativas que fizeram dele o artista eleito alia-se outra: “[...] faz arte compreensiva, ao alcance da grande massa”.⁷⁵⁵ A arte expressa no Balneário de Araxá, por sua vez, erguido no coração do Triângulo, “para a saúde e orgulho de todos os brasileiros”, deveria estimular o sentimento de identidade nacional manifesto, sobretudo, a partir de um caráter eminentemente local. Assim preconizou Rocha Ferreira ao buscar os motivos centrais do trabalho ali desenvolvido durante mais de dois anos.

⁷⁵¹ CALVINO, Italo. Op. cit. p.95-96; 138.

⁷⁵² O formato circular expresso em forma de torre fora muito utilizado, de forma original, no estilo missões para abrigar escritórios e bibliotecas. Característica presente no mesmo estilo arquitetônico adotado nas Termas, nestas, a torre circular deu forma ao hall de entrada de onde partem os espaços hidroterápicos.

⁷⁵³ SENNET, Richard. Op. cit. p.80-84.

⁷⁵⁴ BURKE, Peter. Op. cit., 2004. p.73-96.

⁷⁵⁵ Recorte do jornal A NOITE ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 04/01/1944. p.31. Arquivo FCCB.



Imagem 43 – Hall das novas Termas do Complexo do Barreiro.⁷⁵⁶

As pinturas murais no interior do hall de entrada repetem-se nos dois pavimentos. Em cada um deles, o cenário pictórico compõe-se de oito quadros. No pavimento superior, as imagens, todas elas produzidas em tons pastel, partem da literatura bíblica, retratando desde então, com rigor histórico, os usos do banho. Na seqüência reproduzem-se práticas adotadas

⁷⁵⁶ Vista do hall circular das Termas de onde partem as alas para os banhos e tratamentos hidroterápicos. 2007. Fotografia: Augusto César Resende Goulart. (Coleção particular).

entre os egípcios, os assírio-caldeus, os hindus, os gregos e os romanos, indicando as especificidades originárias de cada um deles – banhos frios ou quentes, de água corrente ou não, revestidos de cunho religioso ou distinção social, banhos públicos como formas de cura ou de prazer. Da Antigüidade rumo ao século XVII, as imagens sinalizam para a invenção dos balneários enquanto lugares reservados aos banhos e à sociabilidade.⁷⁵⁷ E, finalmente, o último quadro alcança o século XX, com a introdução do hábito dos banhos de mar, quer sejam no Havaí e em Punta del Este, quer sejam em Copacabana.⁷⁵⁸

O andar térreo da rotunda das Termas expõe pinturas em colorido de cujo teor fluem cenas históricas segundo a visão positivista do evolucionismo enquanto concepção de progresso. Unindo percepções aparentemente distanciadas, o ambiente remete a um auditório grego com a possibilidade de despertar os sentidos para uma história localizada. Nos tempos das bandeiras paulistas organizadas em direção a Goiás deu-se a ocupação de novos territórios, não sem antes se esbarrar na população indígena. Eis a temática do primeiro quadro, seguido de outro em que impera a idéia de epopéia presente na caça aos índios araxás e na busca do ouro de aluvião. Na seqüência registram-se a ocupação do Desemboque em função do metal, o primeiro núcleo entre todos do chamado Triângulo Mineiro, e que se antecedeu somente a Araxá. (Ver Capítulo 1).

A comunidade negra ocupou a temática seguinte, malgrado a heroicização do colonizador imperar diante dos negros aquilombados em torno do seu líder Ambrósio. Dá-se “a descoberta das águas”, conforme intitulou o pintor a cena referente à chegada dos criadores de gado às fontes salobras da mata do Barreiro. Associando a concorrência das águas por parte dos fazendeiros e dos interesses em torno da disputa de territórios insere-se a figura de Dona Beja segundo visões idealizadas de romantismo e sedução. Este tempo representativo no quadro referente ao início do século XIX trata ainda dos primeiros confrontos movidos por questões de limites entre as capitanias de Minas e de Goiás. A cena seguinte mostra Dona Beja retornando a Araxá como figura central não apenas situada estrategicamente no painel, mas também no movimento que se consagrou no campo do sensível como aquele da reconquista do Triângulo Mineiro para Minas Gerais.

⁷⁵⁷ CORBIN, Alain. Op. cit. p.277.

⁷⁵⁸ COSTA, Waldir. Op. cit. p.70-73.

O salto de cem anos do pintor rumo ao século XX conduz à chegada dos primeiros aquáticos após estudos científicos iniciais sobre o teor das águas. O efeito curativo delas advindo, intensificando as estações de cura e de veraneio, alcança o tempo do governador Benedicto Valladares, a quem se atribuem méritos humanitários, políticos e administrativos para dar concretude ao projeto em execução. Fecha-se o ciclo descrito por meio de imagens, justapostas a pequenos textos, ou seja, ligeiramente legendadas, não sem antes personificar, ao lado do chefe do governo, figuras masculinas representativas dos donos dos saberes técnico-científicos que ali trabalharam e, portanto, legitimadoras da obra.⁷⁵⁹

Ao alto, a cúpula de nove vitrais conjugados mostra pontual e reiteradamente cenas de maior expressão histórica, definidas sob aspectos positivistas. As referências avançam linearmente, cumprindo o formato curvilíneo da rotunda. Partem de questões relacionadas à formação geológica do Barreiro, como o vulcanismo e, depois, a presença de vida animal pré-histórica. Possivelmente captadas subjetivamente por Franki Urban – autor da obra – na tradição histórica local, vêm, em seguida, as representações de figuras humanas, como o pajé na vida religiosa dos índios araxás; o colonizador na saga de avançar sobre os referidos indígenas; e o mesmo colonizador no ato da “descoberta” das águas, ingerindo-as e, posteriormente, usando-as na prática do banho. Logo adiante, introduz-se novamente a figura animal, com o gado alimentando-se do sal das águas. E, por último, inicia-se mais um percurso com a exibição da antiga Casa de Banhos, encerrado com a possibilidade da vivência de um novo ciclo, agora sob o magnetismo luxuoso das Termas.

Dessa vez, as imagens translúcidas apresentam-se mediadas por um dos vitrais, ao centro, no qual constam dados informativos sobre Araxá. Em forma de organograma, a cidade impõe-se como lugar conectado a grandes centros do país e do exterior por meio de transportes e comunicações. Com os pontos cardeais indicados é possível situar-se espacialmente, assim como localizar Araxá e o Barreiro inseridos no desenho cartográfico de Minas Gerais, a despeito da “posição arrevesada”⁷⁶⁰ em que se definiu ali o território dos mineiros.

⁷⁵⁹ Recorte do jornal A NOITE ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 04/01/1944. p.31 e 32. Arquivo FCCB; BURKE, Peter. Op. cit., 2004. p.43-56; 175-196.

⁷⁶⁰ COSTA, Waldir. Op. cit. p.70.



Imagem 44 – Galeria interna.⁷⁶¹

Como espaço de memória, o Grande Hotel, unido às Termas por galeria interna, concentraria uma pluralidade de sentidos. No afã de refigurar uma identidade, as memórias partem dos afrescos alusivos a algumas especificidades de Minas Gerais em temporalidades diferentes: vão desde cidades representativas de núcleos com predomínio de atividades rurais até aquelas que alcançaram apogeu urbano à época da mineração e, ainda, algumas de caráter industrial manifesto naqueles anos 40. Tais afrescos podem ser vistos na recepção do Hotel, em alguns salões no seu interior e no referido corredor que une o Hotel às Termas. Outras lembranças se notam: reservados às leituras, festas, refeições ou aos jogos, os salões deixavam transparecer, por entre os vidros bisotados das portas e janelas, as imagens daqueles que por eles circulavam. São imagens que remetem à “promoção das aparências”, acentuando o “sentimento de identidade individual”⁷⁶² e que se tornam ainda mais reluzentes se vindas da

⁷⁶¹ Corredor em forma de galeria unindo as Termas ao Grande Hotel. Década de 1940. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 194-195. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁷⁶² SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Corpo e História.” In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol.3, n.2, set./fev. 1995. p.251 e 252.

nitidez cintilante dos espelhos nas ante-salas do salão de festas, originalmente construído para nele funcionar o cassino.

Salões que dão acesso a outros salões, ricos em amplitude de espaços e em refinamento de ambientes, facilitavam a encenação de histórias e personagens historicamente produzidos. O jogo assumia grande parte desses sentidos construídos por oferecer, para além do entretenimento e da inserção num grupo fechado, a possibilidade, *a priori*, de se praticar o risco como sinal de prestígio, ao lado da linguagem simbólica expressa nos trajes, nos gestos, nas palavras.⁷⁶³ Na esfera do oculto dá-se visibilidade ainda à existência de uma certa passagem subterrânea. Assim como nas construções palacianas seria possível transitar por caminhos escuros e misteriosos, estes poderiam ser reproduzidos na imensidão do Grande Hotel e das Termas.⁷⁶⁴ Mas não; em Araxá pretendeu-se unir o cassino aos aposentos do hotel justamente em nome da privacidade dos seus freqüentadores; afinal, o eu privado é elemento integrante das temporadas.⁷⁶⁵

Turismo e curismo, hábitos originalmente aristocráticos reproduziram-se na era Grande Hotel, assimilando as referências materiais complementares de cada ambiente usufruído. Dos elementos arquitetônicos aos adornos sofisticados, como lustres, tapetes, cristais e pratarias, nasceu uma infinidade de memórias decorrentes do esmero explícito. Tal qual a idéia de pertencimento ao Estado-Nação definindo uma identidade, a idéia de pertencimento individual ou em grupo àquele universo de sofisticação e elegância contribuiu para definir uma identidade que se quer preservar.⁷⁶⁶

⁷⁶³ MARRAS, Stelio. Op. cit. p.186-189.

⁷⁶⁴ Depoimento de Hilário Nício Gomes de Menezes concedido à autora em janeiro de 2007, Araxá. As memórias em torno dessas passagens circulam como reprodução também daquelas presentes em Poços de Caldas, onde cassino e hotel são edifícios separados fisicamente.

⁷⁶⁵ SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.203-221.

⁷⁶⁶ Ibidem. p.211 e 212. A esse respeito, as fotografias são formas de construção identidade a partir da representação de uma “auto-imagem de classe”. MAUAD, Ana Maria. “Imagem e auto-imagem do segundo reinado.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 2). p.225.

O padrão singular do convívio não se constituiu somente dessas referências materiais e do simbolismo dos rituais chiques incorporados àqueles espaços. Ainda que o figurino exposto dos *smokings* e vestidos longos anexasse acessórios imprescindíveis ao porte elegante, sobretudo o feminino, composto de jóias e peles, as sensibilidades advindas do conjunto daquelas experiências transformaram-se em registros de memórias.⁷⁶⁷ Dos aromas exalados por perfumes e por cinzas contidas nos cinzeiros sobre o mobiliário rico, dos sabores degustados de vinhos, *champagnes* e *wiskies*, à sensação do aprofundamento dos pés que pisam os tapetes espessos, as lembranças “gloriosas” reforçam as visões enaltecidas desse passado.⁷⁶⁸

O que fora então visto e presenciado não se esmaecera. Na tela do cinema do hotel o privilégio do filme em lançamento simultâneo entre Araxá e Rio de Janeiro ou, da mesma forma, dos *shows* de músicos e dançarinos no palco da boate contígua ao cassino e, mesmo no período imediatamente após 1946, os eventos revestidos da suntuosidade do salão de festas, causaram deslumbramento efusivo.⁷⁶⁹ Impressões similares, por vezes, denotavam isolamento entre moradores e visitantes no mesmo espaço desses ambientes internos sem que a segregação configurasse impedimento em futuras aproximações.⁷⁷⁰ Alternando-se graus de exotismo, benemerência, beleza ou prestígio, assiduidade ou simples empatia, muitos frequentadores imprimiram suas presenças a ponto de não mais torná-las ausentes.⁷⁷¹

⁷⁶⁷ CORBIN, Alain. *Sabores e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.9-15.

⁷⁶⁸ ARAXÁ nas décadas de 30 e 40 (filme-vídeo). Acervo particular de Vitor Signorelli. Belo Horizonte, 1988. 90min, p&b, son., VHS, v.o.; Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. 30p. (Coleção particular). Arquivo FCCB; Depoimentos de Abel Neuppmann e de Dâmaso Drummond concedidos ao Projeto Viva Voz/ FCCB, em 1995. Muitas dessas memórias reconfiguradas remetem ao trabalho de adolescentes e crianças. Depoimentos de Adilson Pereira de Almeida e Diana Dalva de Almeida Maia concedidos à autora em julho de 2005, Uberaba; Depoimento de Gismarina Afonso de Almeida concedido à autora em outubro de 2006, Araxá.

⁷⁶⁹ Conjunto de correspondências contidas no acervo Paulo Guimarães. 1943-1945. (Coleção particular).

⁷⁷⁰ Depoimento de José Abdanur concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá.

⁷⁷¹ Há casos como o de Alegria Elbas (Madame Alegria), frequentadora assídua nos anos 40 que, em Araxá, fez amizades, adquiriu imóvel e faleceu de forma trágica em acidente de elevador no Grande Hotel. O vínculo com a cidade fez com que nela se realizasse o seu sepultamento após velório em residência de amigos. Há também a experiência registrada da família Aranha, especialmente, de Luiz Aranha, que chegou a formar uma banda de música com crianças carentes moradoras do Barreiro. Sobre reflexões acerca de uma ausência indicando presença, ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit. p.7-25.



Imagem 45 – Recepção do Grande Hotel.⁷⁷²

Após a inauguração oficial do Complexo Termal muito ainda havia por fazer. Do governo mineiro dependia a finalização das obras e das instalações hidroterápicas: “[...] há que se ter em vista, entretanto, que o acabamento dos edifícios e as montagens suplementares foram concluídos quando os vortilhões da guerra engoliam as indústrias e com elas as máquinas e rareação dos recursos”.⁷⁷³ Entre a valorização suprema e a depreciação polemizada brotavam interrogações que esclareceriam aspectos por ventura obscuros:

[...] O preço desses estabelecimentos grandiosos é ainda questão muito controvertida. Há os que estimam em cento e oitenta mil contos, a estes se contrapondo os que consignam, o cálculo, trezentos e oitenta mil. Nunca se soube exatamente o preço total da obra, nem se o que foi contabilizado nas rubricas da Comissão de Obras do Barreiro é, a rigor, o que aqui se inverteu. Tudo isso é secundário diante da notável realização de que ressuma, refulgente, um impecável senso de espírito público, capaz de absolver incondicionalmente todos os pecados de um governo, por mais chegado que ele seja de mazelas morais e

⁷⁷² Vista da recepção do Grande Hotel partindo do interior para a passagem “abrigada para automóveis”. Década de 40. Fotografia: Octavio Fonseca. Arquivo Fotográfico/ 193. Fundação Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

⁷⁷³ COSTA, Waldir. Op. cit. p.93.

políticas. As prevenções malévolas que anatematizaram o que aí está para a saúde do povo, diante das maravilhas do Araxá, somem na inocuidade, pois que o sentido humanitário da obra dispensa os seus autores de redargüirem o estigma da crítica. [...] ⁷⁷⁴

Se o cotidiano não apresenta apenas costumes rotineiros, mas sim um campo formado por maneiras especiais de se viver e tensionado permanentemente, as formas com que Araxá viveu a busca para firmar-se enquanto estação de águas também se revelaram múltiplas e ambíguas. ⁷⁷⁵ Da aspiração de mais de meio século para atingir a condição de estância, desde então idealizada, à sua efetivação, o percurso apresentou densidade em tempo e em experiências.

O projeto implantado pelo Estado Novo reavivara as expectativas da população de Araxá, que, por sua vez, passara a viver a experiência da monumentalização do Complexo Termal. Não obstante a visível agilização do processo final visando única e exclusivamente à inauguração oficial das Termas, funcionaram, especialmente, o Balneário com as sessões de hidroterapia, a Fonte Dona Beja e a Praça de Esportes. O Grande Hotel, com seus serviços de hospedagem acrescidos das funções de socialização e de entretenimento, passou a funcionar na seqüência, de forma natural, sem que se tenha registro da sua abertura. Esta lacuna é justificada em parte pelo fato de não ter sido esse um momento solene de consagração devido aos imperativos da crise culminados na transição do governo. A Fonte Andrade Júnior, por seu turno, ganhou a nova versão modernista apenas em 1947.

As alusões à estância divulgadas nos meios jornalísticos nacionais e estaduais ganhavam grande ressonância na imprensa local. A Rádio Imbiara doravante ocupou-se da transmissão de tudo o que ocorria nos limites do Barreiro, preenchendo, de alguma maneira, os vazios provocadas pela ausência do jornal impresso. Tal deficiência fez-se sentir durante todo o período da ditadura Vargas e do pós-guerra. ⁷⁷⁶ Invariavelmente, a identificação daquele parque consistia em forte grau de adjetivação, situando a nova estância hidromineral de Araxá como a mais expressiva entre seus pares. Se comparadas às similares, tais representações partiam do panorama internacional – ora “uma das maiores e mais completas do mundo”, ora “das Américas”, “do Continente”, “da América do Sul” – até alcançarem a posição de “melhor do país”. ⁷⁷⁷ Construiu-se, nesse sentido, o *slogan* “A maior e mais bela

⁷⁷⁴ Ibidem. p.67.

⁷⁷⁵ MATOS, Maria Izilda Santos. Op. cit. p.21-32.

⁷⁷⁶ A imprensa escrita local ativou-se apenas no final dos anos 50 com a criação do “Correio de Araxá”, hoje cinquentenário.

⁷⁷⁷ Recorte de O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 25/07/1948. p.5. Arquivo FCCB.

estância hidromineral do continente”, nascido de idéias há décadas veiculadas e tradicionalmente incorporadas à cultura local.⁷⁷⁸

Se 1944 transcorreu num tempo ágil e fracionário para o Barreiro de Araxá, o período que se seguiu até 1946 não foi diferente. A tentativa de finalização do Complexo deixara transparecer aos moradores do entorno que algo estava acontecendo para que se chegasse a ponto de empreendê-lo velozmente e de inaugurá-lo ainda inacabado. Mais do que isso, após a deposição de Vargas e o subsequente término dos mandatos dos demais governantes fez-se sentir com intensidade a suspensão pelo novo governo, em abril de 1946, das “[...] licenças e concessões para a prática e exploração dos jogos de azar na Capital Federal e nas estâncias hidroterápicas, balneárias ou climáticas [...]”.⁷⁷⁹

Araxá que fora escolhida por Benedito Valadares e apoiada por Getúlio Vargas para ser um Centro Internacional de Turismo e Cassinos veio sofrer um impacto tenebroso com o decreto de Dutra. Nossa Araxá se transformou num verdadeiro “velório”! Desemprego e mais desemprego. Com cerca de quinze mil habitantes, mais de três mil eram favorecidos pelos cassinos, entre empregados e familiares [...].⁷⁸⁰

A alteração da ordem em vigor seguida do temor do desemprego configuram-se aqui como a contramão do privilégio que se quis dar ao futuro. Desde a inauguração das Temas, a ampliação do mercado de trabalho na cidade ganhara significado importante, sobretudo, para o público feminino e infanto-junvenil.⁷⁸¹ Revertido o panorama, a situação mostrou-se mais acirrada quando relacionada à impossibilidade de se agir com pressão diante das decisões, decorrência da distância do Barreiro em relação à capital do país. Outros cassinos, mais próximos do poder federal, ainda conseguiram reagir:

⁷⁷⁸ Panfleto com dados informativos sobre a Rádio Imbiara e sobre a cidade de Araxá. s/d. Arquivo OC/ 0002-141/ AMDB-03/ FCCB.

⁷⁷⁹ Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del9215.htm>>. Acesso em 15 dez. 2006.

⁷⁸⁰ Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. 30p. (Coleção particular); Depoimento de Arnaldo de Almeida Castro concedido à autora em outubro de 2006, Araxá.

⁷⁸¹ Depoimentos de Olívia Pereira Marques Schewetter, Gasparina Elvira de Souza (*D. Lina*) e Gismarina Afonso de Almeida concedidos à autora em fevereiro de 2003, outubro de 2004 e outubro de 2006, respectivamente, Araxá.

[...] O mesmo, porém, não se verificava com os de dezenas de outros que funcionavam nas estações termiais de Minas Gerais, como Araxá, e de alguns estados mais, quase todos mediante concessões precárias dos respectivos interventores.⁷⁸²

Criticada, discutida e apoiada simultaneamente na tribuna da Constituinte, a medida de repressão aos jogos de azar celebrizara-se como algo decorrente da interferência sofrida pelo presidente Eurico Gaspar Dutra no próprio ambiente particular. Extrapolando o universo doméstico que sustentou a construção das memórias – especialmente as locais – a respeito do fechamento dos cassinos, a situação tornara-se proveniente das animosidades entre a Igreja e o poder executivo, que no Estado Novo liberara a prática dos jogos.⁷⁸³



Imagem 46 - O presidente Dutra em visita ao cassino do Grande Hotel de Araxá.⁷⁸⁴

⁷⁸² NOGUEIRA, Octaciano. *A Constituinte de 1946: Getúlio, o sujeito oculto*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.284.

⁷⁸³ *Ibidem*. p.286.

⁷⁸⁴ O presidente Dutra em visita ao cassino do Grande Hotel de Araxá, em 1947. A descontração evidente opunha-se ao momento de crise e de desemprego. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Família Alonso José de Aguiar. (Coleção particular).

Na derrocada de um governo para o início de outro, a repressão aos jogos de azar pôs fim, prematuramente, ao recém inaugurado cassino do Grande Hotel. Ainda que as redes de sociabilidade e de reciprocidade pudessem ser mantidas com os atrativos diurnos e, ainda, tantos outros noturnos, como se apresentam as relações entre esse tempo de euforia e de descobertas vivido em um espaço de representações mágicas? Qual o significado do fechamento do cassino para a estância hidromineral e para a própria cidade, após um investimento de imensas proporções? Este espaço revelou-se como algo inacabado tal qual o projeto político empreendido nacionalmente em igual período?

Os sentidos do fechamento do cassino foram muitos, representando o abalo e o desmantelamento de sonhos, de anseios e de meios de sobrevivência. A desestabilização do Estado Novo, alimentada pelos efeitos da guerra e convulsionada pela negação do continuísmo varguista, não agilizara apenas a abertura oficial das Termas de Araxá e de todo o Complexo ainda inacabado. Às dificuldades de se manter o novo Balneário aparelhado e ativo tal como fora concebido somou-se a disseminação dos medicamentos produzidos quimicamente. A inovação dos tratamentos com a descoberta da penicilina, por um lado, e o fechamento dos cassinos, por outro, alteraram mais uma vez o ritmo das estações. A cura conquistada lentamente com as águas, mas estimuladora do clima intenso vivido nas temporadas, foi substituída pelas novas curas. O tempo em contínuo movimento nas estâncias passou a sofrer a perda de grande parte do fetichismo de outrora.

A interrupção contribuiu também para iluminar fragilidades existentes. A situação deficitária dos operários que ali trabalhavam e a busca pelo retorno financeiro no investimento, somadas às percepções de vaidades pessoais e susceptibilidades, consistiram em impeditivos à conclusão, de fato, da obra. Determinadas visões apontavam para a necessidade de se impulsionar o “hospital de indigentes e a enfermaria de pensionistas”,⁷⁸⁵ concebidos originalmente e não ativados. O fato é que na história tecida pelo fio das elites abstraíram-se dessa trama as histórias de centenas de trabalhadores, em torno dos quais agregavam-se famílias inteiras no Barreiro e na cidade.

Novos investimentos não se efetivaram. O que se colocou em prática fora um “plano de cura e repouso”, para o qual se requisitaram dois hotéis: o Hotel Radio, construído havia três décadas, e o Hotel Cura e Repouso, o antigo Hotel Cavallini, de propriedade agora do governo estadual. Tratava-se de um “plano de socialização da estância” em que ambos os hotéis permaneceriam com os serviços de hospedagem, mas cada um atenderia a um público

⁷⁸⁵ Recorte do jornal O DIÁRIO. Rio de Janeiro, 12/04/1947. Arquivo FCCB.

específico. O primeiro receberia hóspedes interessados em cura e repouso, e o segundo aqueles vinculados ao Instituto de Previdência dos Servidores do Estado, em viagem de férias e, portanto, em busca de lazer e descanso. A visão de “estação popular” tentava se sobrepor à de estação suntuosa que o novo Complexo Termal ostentava. Sob a perspectiva do Estado assim aconteceria, de fato, a entrega das obras “ao povo, sem distinção de classe [...]”. Isso significava que o segmento do funcionalismo não se hospedaria no Grande Hotel, mas usufruiria, à guisa dos hóspedes daquele, as instalações termais do Balneário e os demais elementos balneares do novo parque do Barreiro.⁷⁸⁶

Nos períodos das chamadas “quinzenas de cura e repouso” – uma espécie de novas temporadas – o funcionário público garantia descontos convidativos na passagem até Araxá via estrada de ferro. Este sistema vigorava desde 1945 e permaneceria até 1949, proporcionando a visitação do segmento à estância hidromineral do Barreiro. Tais medidas uniam-se a outras que iam da gratuidade aos descontos como forma de se estimular a frequência de médicos, jornalistas, autoridades do executivo, legislativo e judiciário, federais e estaduais, servidores das estâncias hidrominerais do Estado, irmãs de caridade dos hospitais e instituições de Araxá e Poços de Caldas e, por fim, indigentes. Os direitos estendiam-se aos habitantes das duas maiores estações mineiras, desde que fora das tradicionais temporadas, isto é, de dezembro a abril.⁷⁸⁷ O aludido plano pretendia sanar o que se consideravam falhas detectadas nas estâncias hidrominerais, às quais acrescentavam-se “ausência de regime dietético, assistência médica eficiente e permanente, um serviço mais apurado, de acordo com a classe do hotel, etc”. Observações como estas, publicadas na imprensa, contribuíam para revelar contradições lancinantes, já veiculadas três anos após a abertura do Complexo.⁷⁸⁸

Em 1947, duas viagens semanais da Panair atendiam a Araxá, fazendo o percurso Rio-Belo Horizonte-Araxá. Outra linha, recém-inaugurada pela VASP, oferecia três viagens por semana, partindo de São Paulo com escalas em Água Branca e Uberaba. Por estrada de ferro ou de rodagem, fazia-se o trajeto Rio-Belo Horizonte-Araxá. No caso dos trens que partiam da Central do Brasil, com baldeação em Belo Horizonte, onde se embarcava pela Rede Mineira de Viação, podia-se ir do Rio de Janeiro a Araxá em 38 horas.⁷⁸⁹

⁷⁸⁶ COSTA, Waldir. Op. cit. p.95.

⁷⁸⁷ Ibidem. A portaria (de 08/02/1949) que instituiu os direitos aos servidores públicos estendia-se também à estância hidromineral de Poços de Caldas.

⁷⁸⁸ Recorte do jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 19/07/1947. Arquivo FCCB.

⁷⁸⁹ Ibidem.

Os rituais da cura e do lazer estabelecidos nos antigos moldes cederam lugar, na história e na memória, à socialização permitida pela materialidade do Complexo. No período entre 1946 e 1949, os congressos nacionais e internacionais ali realizados favoreceram a continuidade do convívio com o outro vindo de lugares mais próximos ou mais distantes. A velha estrada – até então única via entre o Barreiro e a cidade – permaneceu revestida de terra até 1950, quando recebeu as pedras que a calçaram, melhoramento realizado para a recepção da Seleção Brasileira na fase preparatória para o mundial de futebol, realizado pela primeira vez no Brasil.⁷⁹⁰

Coube ao “estrangeiro”, tal como fora definido o visitante no início do século XX, desempenhar o papel da excepcionalidade da estância hidromineral para ser refigurado e recontado no campo das memórias. Doravante essas memórias estarão unidas entre si, envoltas nas percepções historicamente arraigadas.⁷⁹¹ Categorias como tempo e espaço se moverão no conjunto dos discursos de memória. Talvez seja pertinente, entre esses, ver reproduzida a visão onírica do velho memorialista local ao delinear a sua estância:

[...] Parecíamos ver o local das fontes, já dentro de uma linda cidade, repleta de veranistas e aqúistas, ligada a nossa velha Araxá, por uma ampla estrada macadamizada, com suas linhas duplas de bondes electros, trafegando repletos de passageiros, dentro de um bojo de um formidável tunel verde, formado por arborização de essências indígenas que de kilometro em kilometro floressessem em mezes diferentes, de sorte que no trajecto, sempre se atrevasse um kilometro juncado de flores sylvestres durante todo o anno. Esta via de comunicação nos parecia vel-a pontilhada, aqui, ali, acolá, de elegantes bungalows ou ricas vivendas de campo, quasi já servindo de ligação entre as duas cidades ou melhor, tornando-as uma só.[...]⁷⁹²

⁷⁹⁰ Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. p.4. (Coleção particular); Panfleto em forma de convite: “Convite ao povo - para recepcionar o selecionado Brasileiro”. 27/03/1950. Arquivo EE/ 0034-141/ AMDB-03/ FCCB; THE TRIANGLE. Araxá, n.10, 26/04/1950, p.3. Arquivo FCCB.

⁷⁹¹ Da cooperação entre experiências vividas e relatadas, utilizando-se, para isso, de imagens e de relatos orais, podem resultar outras referências. Ana Maria Mauad diz que a “[...] descontinuidade do tempo é patente na relação dialógica que o sujeito do discurso estabelece com suas memórias”. MAUAD, Ana Maria. Op. cit., 2001. p.165.

⁷⁹² SILVA, Sebastião de Affonseca. *Ligeiros comentarios sobre a localização do novo estabelecimento balneario de Araxá*. Abril de 1936. p.4. Arquivo FCCB.

O mundo que se reservara à miraculosidade das águas, aos salões suntuosos, aos *shows* atraentes e ao fulgor do cassino sofreria metamorfoses capazes de alterar o cotidiano da estância, da cidade, de muitos moradores e de visitantes para eternizar-se na memória eleita da população. Se o parâmetro estético do Complexo Termal do Barreiro fora definido pela cultura greco-romana no delineamento dos espaços, por extensão projetados às linhas do corpo que se curava ou embelezava, imperaram aqui os princípios daquela com a eternização de si e da sua cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como se deu a materialização de Araxá enquanto cidade-balneário, no período compreendido entre os anos 1920 e 1940, revelou vários lugares, ora na cidade, ora no balneário, ora nos caminhos que levavam até ambos, trazendo significados, regras e hierarquias peculiares a cada um ou semelhantes entre eles. Na diversidade e na similaridade fundadas por elementos como terra e água formulou-se o panorama urbano cuja indagação inicial pretendeu-se desvelar. Que cidade é esta construída no campo material e no sensível sob o emblema das águas e que, por tradição, lhe tem reservado uma identidade tão específica quanto híbrida, formada no modo de vida e nas experiências dos seus moradores e visitantes? De que forma esta cidade alcançaria a prosperidade material e ofereceria meios de cura, de embelezamento e de veraneio?

Da imbricação entre os dois territórios fisicamente distanciados nasceram, primeiro, a cidade e, depois, o Balneário onde nessas terras de origem rural brotaram as fontes de águas minerais. Do natural ao construído percorreu-se a citada via de duplo sentido: urbanizar para gerar riquezas, produzir para fazer uso apropriado dos recursos naturais, valorizar o ambiente natural para conquistar conforto e prosperidade materiais e, com estes, receber os veranistas que chegavam em busca de lazer e os doentes à procura de tratamento. Diante dessas percepções foi preciso transformar a cidade em balneário e o balneário em cidade (preferencialmente uma cidade-jardim), assegurando, assim, a condição efetiva de cidade-balneário.

Eis o desafio: a consubstanciação de Araxá e do Barreiro não partia das possibilidades inseridas exclusivamente nos traços fronteiriços entre um e outro. Ambos construíram-se na materialidade e nas sensibilidades conforme o entendimento e as imagens idealizadas de cada um desses espaços. O objetivo de interpretar a dimensão simbólica projetada na estância hidromineral e sua inserção no quadro mais amplo das esferas política, social e cultural sugeriu a existência simultânea de antigas e novas formas de ver, de pensar, de sentir e de decidir sobre a cidade-balneário enquanto experiências vividas por habitantes e freqüentadores.

Em função disso, a presente proposta de abordar as representações sobre espaços onde se deve residir, trabalhar, descansar, praticar veraneio e buscar tratamento para os males do corpo e da alma partiu da identificação dos discursos técnico-científicos e das próprias identidades. A descoberta do valor terapêutico das águas radioativas e sulfurosas e, somada a esta, as perspectivas de aproveitamento desse potencial conduziram a uma nova ordem urbanística, uma estratégia de controle ditada por valores como higiene e produtividade e implantada pelo poder público municipal. A construção da imagem de uma cidade enquanto

tal, articulada pelo discurso *progressista* e, sobretudo, como cidade das águas que podem higienizar, curar e aliviar as tensões urbanas, exigiu os chamados melhoramentos. Serviços de água, energia elétrica, telefonia, calçamento e rede de esgoto, matadouro, mercado, hospital e vias com jardins públicos, higienizados e embelezados, hotéis e “Casa de Banhos”, impuseram-se como essenciais. Criar o grupo escolar, o teatro e o cinematógrafo constaram do conjunto de medidas inovadoras constantemente reivindicadas e lentamente praticadas. Nesse sentido, o discurso médico-higienista articulado ao do racionalismo dos engenheiros-construtores ancorou as ações normativas que disseminavam noções de higiene e exerciam domínio sobre os espaços públicos e os ambientes privados.

Se questões como estas se apresentavam como fundamentais à cidade, transportadas à estação de águas tinham a sua dimensão ampliada. A contínua presentificação de mudanças, mirando-se sempre em modelos afamados, transferiu ao poder público o dever de buscar recursos oriundos do poder privado para suprir as necessidades de sobrevivência da população e as conveniências individuais. Nesse cenário transformador que entrevia o real aproveitamento do Barreiro, as negociações dos direitos de posse e de uso das fontes envolveram uma rede de interesses conflitantes que colocaram em confronto as relações de poder.

À concepção das transformações no tecido urbano seguiu-se a viabilização de estradas, pontes e ferrovia, espaços destinados às mais variadas experiências de bem-estar e de crescimento material, decorrentes do fetichismo promovido pela existência das águas. Os tempos então sentidos por Araxá configuraram-se como representativos de um quadro de expectativas e anseios em que moradores e visitantes compartilhavam possibilidades de mudanças pessoais e coletivas.

Os novos hábitos e comportamentos adotados nos espaços públicos ou naqueles restritos às elites – onde eram cultivadas idéias, opiniões e críticas – reproduziram os ditos padrões europeus de civilização, que foram apropriados pelas cidades e pelos cidadãos brasileiros de acordo com as especificidades presentes. A cidade-balneário contava com o que as estações européias também podiam oferecer. Afora os parâmetros de conforto e de avanço técnico-científico, aqui se dispunham de elementos tais quais àquelas, como as águas, o clima, a vegetação e, particularmente, a liberdade diante das pressões rotineiras e da possibilidade de se fazer, no mínimo, algo diferente do habitual.

O impacto da viagem inaugural do trem de ferro, em 1926, ligando Araxá às principais capitais do país, havia cristalizado uma antiga aspiração, renovando alguns dos modos de viver da população. No entanto, o caráter efêmero dos significados das

transformações que a locomotiva conduzia rumo à cidade e à estação de águas logo se tornou evidente. Novos anseios e inquietações foram surgindo e o plano de se criar um modelo de estância hidromineral foi adiado até a “Era Vargas”.

Seguramente, imensas dificuldades permeavam a vida das estâncias mineiras. Em Araxá, o aparelhamento adequado incluiria, fundamentalmente, um Balneário definitivo, novos hotéis, empresas arrendatárias das águas com engarrafamento e exportação do produto, melhorias de serviços urbanos – entre estes os de saneamento, pavimentação e embelezamento – e extração dos sais minerais com pequenas indústrias deles derivadas. Pontuavam-se esses componentes havia décadas e os discursos que os reivindicavam, assim como os próprios objetos de reivindicação, pareceram infundáveis e sujeitos às relações de luta e de poder.

O fato é que o processo de urbanização e de modernização de Araxá, até os anos 20 e 30, expressou o desejo de reformular o espaço público, fazendo com que os cidadãos pudessem viver um novo tempo, mais salubre, confortável e ativo. A dinâmica dessas transformações vividas pressupunha a existência das águas minerais e a viabilidade de sua utilização como referencial terapêutico, e o debate acerca da necessidade de se realizarem melhoramentos urbanos e de se aparelhar o Barreiro apontou para a constante busca de uma posição de estância modelar, integralmente destinada a receber aquáticos e visitantes. Todavia, não se extinguiram, conforme muitas vezes sugerido e prometido, as formas de produzir, de circular e, fundamentalmente, de pensar.

Nos anos 20 e em parte dos anos 30, as fontes do Barreiro e os espaços ao seu redor passaram a contar com alguns dos desejados melhoramentos, considerados então indispensáveis. A cidade também buscou a alteração do seu cenário. Reformas físicas foram promovidas, bens e serviços foram incorporados às necessidades cotidianas e formas de viver próprias de um mundo em transformação foram adotadas pelos habitantes, incluindo-se entre esses os pertencentes à categoria dos trabalhadores. Havia os filhos da terra – uns mais atentos às mudanças, outros menos – e os que chegavam atraídos diretamente pela possibilidade de crescerem juntos com a estação de águas.

O engajamento dos habitantes e a organização do trabalho favoreceram a abertura de pontos comerciais e de opções de entretenimento como cinemas, bares, confeitarias e casas de jogos. No interior dessas relações de trabalho estiveram à mostra condições dissonantes do cotidiano que se quisera adotar como digno de um “padrão civilizatório”. Se já se podia dispor de elementos como a estrada ligando a cidade ao Barreiro, o Balneário ampliado, as fontes reformadas, os jardins elaborados com aparência bucólica, os hotéis em número

considerável, os serviços destinados a facilitar a estada dos visitantes e os produtos a serem consumidos e divulgados, o ritmo imposto pelas aspirações permaneceu num compasso por vezes avançado e por outras recuado.

Unindo idéias de higiene, de saúde física e de embelezamento às noções de trabalho e de lazer, o que se buscou foi agregar possibilidades para oferecer as águas revigorantes do organismo aos seus freqüentadores. As iniciativas de médicos, engenheiros, geólogos, hoteleiros, administradores e publicitários tornaram-se visíveis na promoção de estudos científicos sobre as qualidades das águas, que, aliadas ao meio natural e ao conforto dos espaços públicos e privados, conquistaram, gradualmente, respaldo técnico e demanda de visitantes.

Em meados da década de 30, os araxaenses viram aproximar-se a oportunidade de contarem, finalmente, com as condições propícias à permanência, mas também ao supremo bem-estar dos usuários das águas. Recomendava-se que os visitantes que chegassem em busca de repouso fossem cercados da comodidade inerente àquele período de ausência de trabalho. A premissa dominante no período de que todo cidadão deveria ser um trabalhador no sentido exato do termo lhe reservou o direito ao descanso. Nesse sentido, muitos habitantes locais criaram diversas maneiras de fazer expandir sua cidade, por meio do trabalho e da possibilidade de antecipar-se ao tempo, a partir da leitura que cada um fazia daqueles espaços urbanos.

Na cidade-balneário os ambientes privados dos hotéis não apenas acolheram os hóspedes em temporada, como também lhes proporcionaram convívio social, tratamentos, dietas alimentares especiais ou tipicamente mineiras, reforçando, dessa maneira, os signos de sociabilidade e de hospitalidade disponíveis. Considerando-se o universo dos hotéis, do Balneário (antigo e novo), das fontes e dos serviços urbanos, percebe-se que, com seus lugares de descanso, de cura dos males do físico e da mente, de divertimentos e de trabalho, ele permitiu a criação de outros espaços sociais e de relações de poder, inclusive recíprocos, dando vigor às diferenças entre as vidas diurna e noturna. A presença costumeira de pessoas de diferentes lugares colaborou para a formulação de hábitos e representações cosmopolitas postos lado a lado de outros de tradição conservadora. Ambos, contudo, mostraram-se igualmente provocadores de reações de deslumbramento e estranhamento, mas incorporaram-se aos demais mediante as percepções permitidas pelo contato com o outro. A urbanização trouxe a sociabilidade e esta, por sua vez, a adoção de novos padrões de comportamento.

A cidade tinha seu próprio cotidiano urbano, mesclado ao rural, e aquele que se projetava para as temporadas, a princípio, de três semanas. Nesse período, o cenário local parecia absorver a diversidade de referências que apontavam as potencialidades individuais e coletivas. Os divulgadores da estância de Araxá depositavam confiança nas possibilidades da aludida variação do lugar, que, aliadas à hidroterapia e aos benefícios climáticos, permitiam a introdução de um tempo próprio ditado pela ingestão de doses diferentes de água, pela imersão relaxante dos banhos e pelos prazeres de degustação e contemplação. Essas práticas e representações corporais e sensoriais possibilitavam, ainda, o ingresso no mundo da estética, carregando os signos da beleza e da aparência. Novamente, a sociabilidade permitida promovia a reciprocidade e, ao final daquelas semanas, as ausências dos visitantes ainda sugeriam suas presenças por meio dos caminhos que se abriam.

Quando se decidiu pela implantação do novo Complexo Termal do Barreiro de Araxá e, por conseguinte, pela construção de um modelo emblemático de estância hidromineral – “a maior e mais bela do continente” – o cenário desenhou-se como uma tentativa de recriação da própria cidade. Da visão idealizada à materialização, de fato, chegou-se à ocupação a partir de 1944. O cotidiano da cidade-balneário sofreu alterações semelhantes àquelas anteriormente vividas, se comparadas às melhores temporadas.

O projeto de estância hidromineral executado se sobrepôs às expectativas da população e aos anseios manifestos durante mais de meio século. Opções mais modestas e, ainda assim, capazes de atender às necessidades e reforçar o discurso de uma vocação natural viram-se preteridas. Os objetivos de uma obra de dimensão física gigantesca e de significado social que extrapola a pretensão de objetividade e neutralidade dos mestres do saber técnico-científico vieram de encontro às idéias nacionalistas, autoritárias e permeadas por certezas. As linguagens expostas por meio dos discursos e da materialidade foram adotadas para oferecer uma visão etérea, causando impacto diante do belo, do majestoso, do propulsor de riquezas necessárias à sobrevivência da cidade, dos corpos que as procuram e dos interesses individuais delas decorrentes.

As mudanças refletiram-se no esquadramento da cidade à medida que se implantaram determinados serviços de saneamento, pavimentação, embelezamento e assistência social, reunidos sob o simbolismo de uma nova versão inscrita em uma das praças centrais da cidade. As possibilidades de trabalho evidenciadas durante o processo de gestação e mesmo depois de concluído o projeto integraram em grande medida as reações de quem se via na materialização daquela idéia, mais próxima da construção coletiva de um sonho do que,

efetivamente, da solução dos problemas de centenas de trabalhadores no dia-a-dia da construção.

As turbulências da segunda metade da década de 1940 floresceram as incertezas daquele quadro que se pretendeu definitivo, revelando, pois, a sua provisoriidade. A desestabilização do Estado Novo, alimentada pelos efeitos da guerra e convulsionada pela negação do continuísmo varguista, não agilizara apenas a abertura oficial das Termas de Araxá e de todo o Complexo, em parte inacabado. Na derrocada de um governo para o início de outro, a repressão aos jogos de azar pôs fim, ainda que prematuramente, ao recém-inaugurado cassino do Grande Hotel. Às dificuldades de se manter o novo Balneário aparelhado e ativo, tal como fora concebido, somou-se a disseminação dos medicamentos produzidos quimicamente. A inovação dos tratamentos com a descoberta da penicilina, por um lado, e o fechamento dos cassinos, por outro, alteraram mais uma vez o ritmo das estações. A cura conquistada lentamente com as águas, mas estimuladora do clima intenso vivido nas temporadas, foi substituída pelas novas curas. O tempo em contínuo movimento nas estâncias passou a sofrer a perda de grande parte do fetichismo de outrora. Os rituais da cura e do lazer estabelecidos nos antigos moldes cederam lugar, na história e na memória, às formas de socialização permitidas pela materialidade do Complexo.

Se 1946 acenou para o fim do espetáculo promovido, mesmo que em curto período, pelo fascínio das rodadas no cassino do Grande Hotel, outras linguagens permaneceram em vigor. Os *shows* de músicos e dançarinos e os rituais chiques adotados naqueles ambientes configurados como “espaço da diferença”, evidenciaram um conjunto de experiências praticadas e constitutivas de sensibilidades próprias. Não mais, certamente, aquelas concentradas puramente nos efeitos curativos das águas.

Talvez o prenúncio da nova era – a era Grande Hotel – fosse o do tempo da memória, agindo numa constante presentificação do futuro como se algo abrisse espaço para ainda encontrar o seu lugar. Coube ao “estrangeiro”, tal como fora definido o visitante no início daquele século XX, desempenhar o papel da excepcionalidade da estância hidromineral para ser refigurado e recontado no campo das memórias. Os tempos de embelezar e de divertir, associados ao tempo de curar, permitiram que se construísse um tempo de memória. Os personagens em ação naquele momento voltaram ao passado na busca por uma ou mais identidades e acabaram por projetar e construir outras identidades, outros espaços físicos, outras memórias.

Se a temática é precursora em Araxá e diversos aspectos encontram-se aqui presentes, outros, todavia, não foram privilegiados nesta investigação. As possíveis lacunas reveladas poderão desdobrar-se em novas indagações, com novas feições, fazendo emergir outros ângulos, ou sentidos, à via adotada. As experiências noturnas, especialmente aquelas associadas ao cotidiano de uma estação de águas, devem ser contempladas por uma abordagem histórica que insira, igualmente, a cidade e o Barreiro. Partindo-se dos cassinos, dos *shows*, dos bares, dos jantares, dos carnavais e, por fim, da boemia, se poderão alcançar os “prazeres da noite” que, ao lado das atividades diurnas, serão integrados à sociabilidade urbana. Outras opções poderão iluminar a compreensão da estância se alargado o recorte temporal e se promovido o aprofundamento da cidade enquanto espaço de memórias. Os arquivos e as demais fontes, em particular as fontes orais, visuais, literárias, jornalísticas e os objetos da cultura material, estão momentaneamente silenciados, “à espera de um narrador”.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA, Mônica Chaves. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: Edufu, 1997.

AMADO, Janaína. “História e Região: reconhecendo e construindo espaços.” In: SILVA, Marcos da (Coord.). *República em migalha: história regional e local de São Paulo*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ CNPq, 1990.

_____; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANTONACCI, Maria Antonieta. “Tradições de oralidade, escritura e iconografia na literatura de folhetos: Nordeste do Brasil, 1890/1940.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.22, jun. 2001.

ARANTES, Antônio Augusto (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. “Da mecânica ao motor: a idéia de natureza no Brasil no final do século XIX.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.23, nov. 2001.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

AVELINO, Yvone Dias. “Experiências e trajetórias de vida: as tramas da memória universitária a partir de depoimentos orais.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.22, jun. 2001.

BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Promoção da Família, 1971.

_____. *Barão de Eschewege*. Belo Horizonte: Casa de Eschewege, 1977.

BATISTA, Marta Rossetti; FABRIS, Annateresa (Orgs.). *Cidade: história, cultura e arte*. V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. São Paulo: Comitê Brasileiro de História/ FAPESP/ ECA/ USP, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Lisboa: Edições 70, 1996.

BÉDARIDA, François. “As responsabilidades do historiador expert.” In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Tradução de Marcella Mortara e Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix, Universidade de São Paulo, 1986

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERTI, Raffaello. *Projeto memória: Mário Berti (obra póstuma)*. Organização e texto de Maria Alice de Barros Marques Fonseca. Belo Horizonte: Silma Mendes Berti/ AP Cultural, 2000.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 9ª.ed. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 2ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. “O tempo e os tempos.” In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII: as estruturas do cotidiano*. Vol.1. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BREPOHL, Marion; BRESCIANI, Maria Stella; SEIXAS, Jacy A. (Orgs.) *Razão e paixão na política*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994.

_____. “Cidade e história.” In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: CNPq/ FGV Editora, 2002.

_____. (Org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

_____.; Márcia Naxara (Orgs.) *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp/ Fapesp/ CNPq, 2001.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *História e teoria social*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CALDEIRA, Jorge. *Mauá: empresário do império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMINHOÁ, J. M. *Estudo das Aguas Mineraes do Araxá*. Rio de Janeiro: Typographia De Laemmert & Cia., 1980.

CAMPOS, Helena Guimarães. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Lê, 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- _____. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. São Paulo: Record, 2001.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. 3ª.ed. São Paulo: Global, 2001.
- _____. *História da alimentação no Brasil*. 3ª.ed. São Paulo: Global, 2004.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. S.l.: Cosac & Naify, 2002.
- CASTRO, Maria Beatriz Afonso de. *Zema: a história de um nome*. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 1994.
- CERCHI, Carlos Alberto. *Os bondes de Sacramento*. Uberaba: Pinti - Editora Artes Gráficas, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. "Andando na cidade." Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. In: THE CULTURAL STUDIES READER. London: Routledge, 1993.
- _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços, epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- _____. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: UNICAMP, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. "O mundo como representação." In: REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS. São Paulo, vol.5, n.11, jan./abr. 1991.
- _____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.

CHOAY, Françoise. “A história e o método em urbanismo.” In: BRESCIANI, Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994.

_____. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CORBIN, Alain. *Sabores e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Ângela Marques; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. Coordenação de Laura de Mello e Souza e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emilia Viotti. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue: rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COSTA, Waldir. *Araxá, da maloca ao palácio*. Goiânia: O Popular, 1987.

D’ALESSIO, Márcia Mansor. “Estado-nação e construções identitárias: uma leitura do período Vargas.” In: BREPOHL, Marion; BRESCIANI, Maria Stella; SEIXAS, Jacy A. (Orgs.). *Razão e paixão na política*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

DEAN, Warren. “A industrialização durante a República Velha.” In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 3ª.ed., Tomo III (O Brasil Republicano), vol.1 (Estrutura de poder e economia – 1889/1930). São Paulo: DIFEL/USP, 1982.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: (1972-1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS).

_____. *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant’Anna Martins. Revisão de Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIAS, Maria Odila Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX: Ana Gertrudes de Jesus*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. “Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC/ Fapesp, n.17, nov. 1998.

DOIN, José Evaldo de Mello. “A régua e o compasso nas terras do café: a haussmanização das cidades no interior paulista na República Velha.” In: ANAIS do XI Encontro Regional de História, “História e Exclusão Social”. Uberlândia: UFU, ANPUH/MG, 1998.

_____. “Olhar, Desejo e Paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864-1930).” In: ARTCULTURA. Revista do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, vol.1, n.2, 2000.

DUARTE, Vilma Cunha. *Domingos dias úteis e Santos*. Araxá: Editora e Gráfica Santa Adélia, 1990.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. 2ª.ed. Tradução de Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

_____. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

EDE, Martha Botelho. *Thiers: controvérsia de três tempos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2ª.ed., vol.1. Tradução de Rui Jungmam. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998.

FORTUNA, Carlos. *As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro. Nau Ed., 1996.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andréa Daher. Consultoria de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

_____. *Microfísica do poder*. 22ª.ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GASKELL, Ivan. "História das imagens." In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLEZER, Raquel. "Visões de São Paulo." In: BRESCIANI, Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. "A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado." In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 4).

_____. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GUIMARÃES, Anchieta. *Secretários da Agricultura de 1933 a 1988*. Vol.1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil (1870-1970)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Campinas: Unicamp, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6ª.ed. Vol.2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 6ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Presença, 1973.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JULIÃO, Leticia. "Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1890-1920)." In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

KARP VASQUEZ, Pedro. *Postaes do Brasil: 1893-1930*. São Paulo: Metalivros, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAGE, Sérgio. *A saturação do olhar e as vertigens dos sentidos*. In: REVISTA USP. São Paulo, vol.32, 1996-1997.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. (Coleção TRANS).

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Vols.1 e 2. Campinas: Unicamp, 1992.

LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

LEPETIT, Bernard; SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Por uma nova história urbana*. Tradução de Cely Arena. São Paulo: EDUSP, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Glaucia Teixeira Nogueira. *Das águas passadas à terra do sol: ensaio sobre a história de Araxá*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

_____. *As águas que rolaram: no poder, na urbanização e na modernização de Araxá (1890-1926)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista - UNESP, Franca - SP, 2001.

_____. "O natural e o construído: a estação balneária de Araxá nos anos 1920-1940." In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.26, n.51, jan./jun. 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUGAR DE MEMÓRIA. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2001.

LUGAR DE MEMÓRIA. Vol.2. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. "Há serpentes no paraíso." In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLLER, Maria Angélica (Orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

_____. “Sinal de alerta: perigo! A política de patrimônio cultural e os acervos documentais em Uberlândia.” In: ARTCULTURA. Uberlândia, UFU, vol.5, n.6, jan./jun. 2003.

_____. “(Re)significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi – do trabalho ao festar (1950-2000).” In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.26, n.51, jan./jun. 2006.

MAGALHÃES, Mário de Castro. *A estância de Araxá*. Araxá: s/n., 1945.

_____. *As águas de Araxá: descrição geral da estância*. Rio de Janeiro: Heitor, Ribeiro & Cia., 1945.

MAKINO, Miyoko. “A cidade na pintura histórica: o mito da fundação.” In: BATISTA, Marta Rossetti; FABRIS, Annateresa (Orgs.). *Cidade: história, cultura e arte*. V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. São Paulo: Comitê Brasileiro de História/ FAPESP/ ECA/ USP, 1995.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosana Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MARTINS, Angela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias: anarquismo, imagens e representações*. Dissertação (Doutorado em História Social), PUC-SP, São Paulo, 2006.

MARX, Murilo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Editora Nobel/ Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

MATOS, Maria Izilda Santos de. “A cidade que mais cresce no mundo: São Paulo de Adoniran Barbosa.” In: SÃO PAULO EM PERSPECTIVA. São Paulo: Fundação Seade, vol.15, s/d.

_____. “Um outro espaço: domicílio e trabalho.” In: MARGEM. Espaço: local, mundial, imaginário. São Paulo: EDUSC, n.2, nov. 1993.

_____. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997.

_____. “Desafios da pós-modernidade: sensibilidades e masculinidades.” In: GÊNERO. Revista do NUTEG. Rio de Janeiro: EDUFF, vol.2, n.2, 2000.

_____; SOLLER, Maria Angélica (Orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

_____. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

_____; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. *Âncoras de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005.

MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história – interfaces.” In: TEMPO. Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996.

_____. “Imagem e auto-imagem do segundo reinado.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 2).

_____. “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUSC, n.22, jun. 2001.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana.” In: REVISTA USP. São Paulo, n.30, jun./ago. 1996.

_____. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.” In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003.

MONTEIRO, Norma de Góis (Coord.). *Dicionário Biográfico de Minas Gerais* – período republicano – 1889-1991. Vols.1 e 2. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória*. São Paulo: Contexto, 2005.

MORAES, Mirtes de. *Tramas de um destino: maternidade e aleitamento*. Dissertação (Doutorado em História Social), PUC-SP, São Paulo, 2005.

MOURÃO, Benedictus Mário. *A Água Mineral e as Termas: uma história milenar*. São Paulo: Cromosete, 1997.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

NEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOGUEIRA, Octaciano. *A Constituinte de 1946: Getúlio, o sujeito oculto*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque á Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 3).

PAIVA, Maria das Graças Menezes V. *Sociologia do Turismo*. 6ª.ed. Campinas: Papyrus, 2001.

PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala*. São Paulo: Bomtempo, 2000.

PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____. “Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular.” In: BRESCIANI, Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários mulheres prisioneiros*. 4ª.ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Oficinas da História).

_____. “Os silêncios do corpo da mulher.” In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

_____. “Era uma vez o beco: origens de um mau lugar.” In: BRESCIANI, Stella (Org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

_____. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. (Brasiliana novos estudos; 5).

PEZZUTI, Pedro. *Pontos nos ii: por um médico do interior*. São Paulo: Jornal dos Livros, 1955.

PIRES, Fernando Roberto Mendes; CABRAL, Alexandre Rafael. “Estudos de Orville Derby sobre os depósitos manganésíferos do Brasil – edição comemorativa dos 150 anos de nascimento do cientista.” In: REVISTA DA ESCOLA DE MINAS. Ouro Preto, vol.4, n.3, jul./set. 2001.

PONTES, Hildebrando de Araújo. *Notícia Estatístico-Chorographia e Histórica do Município do Araxá*. Belo Horizonte: Secretaria da Agricultura, 1928.

PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.14, fev. 1997.

_____. “O que faz a história oral diferente.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.14, fev. 1997.

_____. “História oral como gênero.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.22, jun. 2001.

PORTER, Roy. “História do Corpo.” In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

PROJETO HISTÓRIA. *Cultura e cidade*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, n.13, jun. 1996.

PROJETO HISTÓRIA. *Campo e cidade*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, n.19, 1999.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite-prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. 3ª.ed. São Paulo: Scipione, 1992.

_____. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Maria Beatriz Brandão. *Levantamento do meio físico do município de Araxá-MG, utilizando técnicas de geoprocessamento*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

ROLNIK, Raquel. “História urbana, história na cidade?” In: FERRANDEO, ANA; GOMES, Marco A. (Org.). *CIDADE & HISTÓRIA. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA/ANPUR, 1992.

RUTHEFORD, Jonathan. “O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha.” In: *REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL*. Rio de Janeiro, n.24, 1996.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagens às nascentes do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. “Apontamentos para um estudo de arquitetura regional: o ecletismo do zebu em Uberaba.” In: *ESTUDOS. Revista da Universidade Católica de Goiás*. Goiânia: UCG, 1984.

_____. “Revisando Haussmann: os limites da comparação. A Cidade, A Arquitetura e os Espaços Verdes: o caso de Belo Horizonte.” In: REVISTA USP. São Paulo, vol.26, 1995.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *La recherche de la beauté: une contribution à l’histoire des pratiques et des représentations de l’embellissement féminin au Brésil - 1900 à 1980*. Dissertação (Doutorado em História). Tome 1, Tome 2, UFR de Géographie, Histoire et Sciences de la Société, Paris, 1994.

_____. “Corpo e História.” In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol.3, n.2, set./fev. 1995.

_____. “Entre a pele e a paisagem.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.23, nov. 2001.

_____. “O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910).” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.25, dez. 2002.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. “A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania.” In: *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SANTOS, Paulo de Tarso. *A lógica do compadre: e outros casos mineiros*. São Paulo: Bocatto Editores, 1991.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. (Ensaio Latino-americanos; 2).

_____. “Abundância e Pobreza.” In: CENAS DA VIDA PÓS-MODERNA. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SCOTT, Joan W. *A invisibilidade da experiência*. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.16, fev. 1998.

SEIXAS, Jacy Alves de. “Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?.” In: ARTES DA HISTÓRIA & OUTRAS LINGUAGENS. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.24, 2002.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Carne e pedra*. 3ª. ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª.ed. de Francisco Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos prementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 3).

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. “Memória e História em ‘Uma cidade sem passado’.” In: PÓS HISTÓRIA. São Paulo: UNESP, vol.3, 1995.

SILVA, Sebastião de Affonseca e; MACHADO FILHO, Aires da Mata. *História do Araxá*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1946.

_____. *A Paróquia de São Domingos de Araxá*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1947.

SILVEIRA, Victor (Org.). *Minas Geraes - 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Tradução de Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. São Paulo: L&PM Editores, 1986.

_____. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STUCKENBRUCK, Denise. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o Ideário Reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: IPPUR/ FASE, 1996.

TEIXEIRA, Maria Santos. “Cristina.” In: O ROUXINOL. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 1991.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Octaviano. “Notícia Histórico-Geographica do Município do Araxá.” In: REVISTA DO ARCHIVO PUBLICO MINEIRO. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Geraes, 1903.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 2ª.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

VALLADARES, Benedicto. *Tempos idos e vividos: memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. Vols.1 e 2. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto. Edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves. “Fontes visuais na história: significar uma peça.” In: VARIA HISTÓRIA. Belo Horizonte: UFMG, n.13, jun. 1994.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história de higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. “O trabalho dos corpos e do espaço.” In: PROJETO HISTÓRIA. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: EDUC, n.3, jun. 1996.

_____. “Inocular para proteger: a inoculação da varíola e a imagem do corpo.” In: PROJETO HISTÓRIA. Corpo e cultura. São Paulo: EDUC, n.25, dez. 2002.

_____. *História da beleza*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WIRTH, John. “Minas e a Nação: um estudo de poder e dependência regional 1889-1937.” In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 3ª.ed., Tomo III (O Brasil Republicano), vol.1 (Estrutura de poder e economia – 1889/1930). São Paulo: DIFEL/USP, 1982.

ZEMA, Lourdes. *Águas de Araxá*. Belo Horizonte: Tamoios Editora Gráfica Ltda., 1998.

ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa: algumas considerações metodológicas.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.4, 1989.

FONTES

I – IMPRESSAS:

Boletim do ano de 1936, do Posto de Higiene de Araxá. Arquivo SP0003/ FCCB.

CARVALHO FILHO, Pedro Dutra de. *Agua minerais do Araxá; termas do Barreiro, 1938.* 553.73 / C331a. 1938. Arquivo Público Mineiro.

CARVALHO, Horacio (Org.). *Album do Araxá.* São Paulo: Typographia Gutemberg, 1928. Arquivo FCCB.

CÓDIGO DE POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARAXÁ. Ouro Preto: Typographia Paula Castro, 1888. Arquivo 087/ FCCB.

COSTA, Waldir Luiz. *Breve análise da situação econômica financeira do município de Araxá.* Maio de 1947. (00080/Economia). Arquivo FCCB.

GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. Arquivo FCCB.

LISBOA, José Maria. *Almanach Litterario de S. Paulo para 1878.* São Paulo: Typographia da Provincia de São Paulo, 1877. Arquivo FCCB.

_____ ; MARQUES, Abílio e TAQUES, J. *Almanach Litterario Paulista para 1876.* São Paulo: Typographia da Provincia de São Paulo, 1875. Arquivo FCCB.

LOPES, Cid Ferreira. *As estâncias hidrominerais do Estado de Minas Gerais.* 553.708151 / LLL 864e. Arquivo Público Mineiro.

LOPES, J. Carvalho. *Araxá sob o ponto de vista de suas aguas minerais: geologia aplicada e hidrologia.* 1933. 51/ FM / 553 / L / cx. 1ª. Arquivo Público Mineiro.

LUZ, Carlos. *O Barreiro do Araxá.* Palestra feita no *Rotary Club* do Rio de Janeiro, no dia 10 de abril de 1942. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio – Rodrigues & C., 1942. (0150/Palestras). Arquivo FCCB.

MAGALHÃES, Octavio de. *Estudo nas aguas do Araxá.* 1929. 553.73/ M188e / 1926 / Araxá. Arquivo Público Mineiro.

O TREM DA HISTÓRIA. Boletim Informativo do Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto. Araxá, n.05, abr./jun. 1992; n.22-29, 1997-1999. Arquivo FCCB.

PROJETO HOTEL RADIO. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1987. 52p. Arquivo FCCB.

PROJETO LEVANTAMENTO DA IMIGRAÇÃO EM ARAXÁ. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 1985. Arquivo FCCB.

SHAEFFER, Alfred. *Estudo analytico das aguas minerais do Estado de MG.* 553.73 / S294e. 1931. Arquivo Público Mineiro.

SILVA, Sebastião de Affonseca. *Ligeiros commentarios sobre a localização do novo estabelecimento balneario de Araxá.* Abril de 1936. (00046/ABPH-01). Arquivo FCCB.

THERMAS DE ARAXÁ. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. 16p. Arquivo FCCB.

1. Panfletos e Convites

“Araxá ao seu grande amigo e bemfeitor - Governador Benedito Valadares Ribeiro - fevereiro/1944.” (PO/0061-141/AMDB-03)/FCCB.

“Visita do Dr. Benedito Valadares Ribeiro a Araxá - 15/01/1944.” (PO/0046-141/AMDB-03)/FCCB.

“Ao Povo - Homenagem de Araxá a S. Excia, o Sr. Governador Benedito Valadares Ribeiro.” (PO/0009-141/AMDB-03)/FCCB.

“Convite - convida-se o povo araxaense para receber, amanhã, terça-feira, às 8 horas da manhã, a S. Excia. o Sr. Governador Benedito Valadares Ribeiro.” (PO/0096-141/AMDB-03)/FCCB.

“Convite - Missa de primeiro aniversário de morte do Presidente Olegário Maciel.” 04/09/1934 (PO/0035-141/AMDB-03)/FCCB.

“Boletim Eleitoral - O Partido Progressista de Araxá, por seu diretório municipal convida o eleitorado do Município a concorrer ao pleito de 3 de maio próximo. 25/04/1933.” (PO/0022-141/AMDB-03)/FCCB.

“Aviso - O prefeito de Araxá, no uso de suas atribuições legais, resolveu proceder ao tabelamento dos artigos de primeira necessidade, nomeando, para isso, uma comissão composta dos senhores Jaime Dumont, Alberto Nolli e José Fonseca Júnior.” 10/08/1942 (ASS/0002-141/AMDB-03)/FCCB.

“Ao Povo - Comissão Municipal de Preços - O fornecimento de carne à cidade.” (ASS/0007-141/AMDB-03)/FCCB.

“Parochia de Araxá - Liga Eleitoral Catholica.” 31/12/1932 (ASS/0011-141/AMDB-03)/FCCB.

“Aviso - Associação Comercial de Araxá.” (ASS/0017-141/AMDB-03)/FCCB.

“Associação Comercial de Araxá.” 10/07/1942 (ASS/0020-141/AMDB-03)/FCCB.

“Convite - Aos Operários.” 15/08/1942 (ASS/0028-141/AMDB-03)/FCCB.

“A Empresa Cine Brasil - aos cineastas de Araxá.” 16/11/1942 (AC/0016-141/AMDB-03)/FCCB.

“Ao Povo de Araxá” - despedida de Fausto Alvim. 12/06/1940 (PE/0001-141/AMDB-03)/FCCB.

“Araxá Pela Vitória do Brasil.” 22/09/1942 (AS/0001-141/AMDB-03)/FCCB.

“Ao Povo Araxaense.” (C/0001-141/AMDB-03)/FCCB.

“Ao Povo.” (CD/0001-141/AMDB-03)/FCCB.

“Dados informativos sobre a Rádio Imbiara e sobre a cidade de Araxá.” s/d. (OC/0002-141/AMDB-03)/FCCB.

“Livraria Pinho - Papelaria e Typographia.” s/d. (IC/0011-141/AMDB-03)/FCCB.

“Boletim Anual do Posto de Higiene de Araxá.” 15/02/1937. (SP/0003-141/AMDB-03)/FCCB.

- “Convite - Inauguração do Posto de Hygiene.” 29/01/1929. (SP/0002-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Programa - Cine-teatro Glória.” 09/04/1930 (AC/0003-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Associação Comercial de Araxá - circular n. 3 - utilidade da nossa associação.” 18/03/1944 (ASS/0010-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Comunicado ao Povo - sobre a reunião da Câmara, discussão e voto de vários projetos.” 26/11/1936 (PO/0092-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Convite - para uma missa festiva em ação de graças pelo aniversário do presidente Getúlio Vargas.” 18/04/1944 (PO/0100-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Missa pelo restabelecimento do presidente Getúlio Vargas e pela vitória do Brasil.” 27/08/1942 (PO/0099-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Visita do Governador Benedito Valadares Ribeiro a Araxá no próximo dia 15.” 09/02/1944 (PO/0095-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Comunicado da Prefeitura ao Povo - sobre a modificação da Constituição política que regerá a nação brasileira.” 10/11/1937 (PO/0077-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Partido Progressista convidando o povo para ficar do lado do Governador Dr. Benedito Valadares.” (PO/0084-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Visita oficial do Presidente Getúlio Vargas e do Governador Benedito Valadares a Araxá.” 24/04/1944 (PO/0013-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Homenagem ao Dr. Bernardo Aroeira - ex-prefeito de Araxá.” 11/08/1929 (PO/0017-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Missa em ação de graças pela saúde do presidente Getúlio Vargas.” 03/07/1942 (PO/0029-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Passagem do interventor Dr. Benedito Valadares por Araxá.” s/d. (PO/0036-141/AMDB-03)/FCCB.
- “Ampliação de estoque do estabelecimento do Sr. Ezequiel Pinto da Silva.” Abril/1943 (IC/0004-141/AMDB-03)/FCCB.

“Associação Comercial de Araxá - circular n.1 - sobre a necessidade que o comércio precisa compreender.” 09/01/1944 (ASS/0001-141/AMDB-03)/FCCB.

“Convite ao povo - para recepcionar o selecionado Brasileiro.” 27/03/1950 (EE/0034-141/AMDB-03)/FCCB.

“Inauguração oficial das Obras do Barreiro.” 22/04/1944 (EH/0002-141/AMDB-03)/FCCB.

“Posse do prefeito Dr. Álvaro Cardoso.” 19/06/1940 (PO/0027-141/AMDB-03)/FCCB.

“Convite - Missa em homenagem ao presidente Getúlio Vargas.” 18/04/1944 (PO/0019-141/AMDB-03)/FCCB.

“Circular n.2 da Associação Comercial de Araxá - Um nome que se eterniza.” (ASS/0025/SAPP-141/AMDB-03)/FCCB.

2. Documentos Oficiais: Certidões e Ofícios

Certidão verificada no livro de atas do antigo Conselho Consultivo desta Prefeitura, a compra do Cine-Teatro Glória. (ACMA/45)/FCCB.

Ofício datado de 12/01/1946 comunicando a inauguração da Rádio Imbiara de Araxá, provavelmente dentro de 60 dias. (ACMA/25)/FCCB.

Ofício datado de 15/02/1938 referente ao restabelecimento da agência postal-telegráfica de Aguas do Araxá. (ACMA/25)/FCCB.

Ofício datado de 30/01/1940 referente ao início da construção de uma linha telefônica que parte da sede do município de Sacramento e atinge a sede do município de Araxá. (ACMA/25)/FCCB.

Ofício datado de 07/05/1940 referente ao encaminhamento de contrato-padrão que a Cia. Telephonica Brasileira estaria disposta a assignar com a Prefeitura para exploração do serviço telefônico local em Araxá. (ACMA/25)/FCCB.

Ofício datado de 07/05/1940 referente à inauguração de um posto publico interurbano em Araxá no dia 11 do corrente mês. (ACMA/25)/FCCB.

Ofício enviado pelo Chefe de Serviço de Estâncias Hidrominerais, Paulo Jaguaribe, pedindo informação sobre a situação do prédio onde se acha instalado o Hotel das Fontes. 05/01/1939. (EC/000612)/FCCB.

Cópia das instruções a serem observadas no Balneário de Araxá. 27/06/1939. (EC/000613)/FCCB.

A Associação Comercial de Araxá envia um abaixo-assinado. 20/12/1939. (EC/000595)/FCCB.

Abaixo-assinado solicitando a intervenção do prefeito junto aos poderes competentes a fim de serem novamente franqueados os jogos nesta estância, pois a sua paralisação está prejudicando o comércio local. 10/01/1939. (EC/000582)/FCCB.

Ofício solicitando fotografias e dados sobre a estância para serem inseridos em folhetos e cartazes. 17/01/1940. (EC/000615)/FCCB.

Ofício encaminhando cópia das Instruções a serem observadas no Balneário desta Estância. 29/07/1939. (EC/000614)/FCCB.

Ofício encaminhando o projeto do decreto-lei sobre contribuição para calçamento. 01/12/1939. (CM/001960)/FCCB.

Ofício encaminhando o projeto do decreto-lei sobre horário de abertura e fechamento do comércio. 16/07/1940. (CM/001949)/FCCB.

Ofício encaminhando um projeto de lei que serviria para regulamentar o serviço de Registro de Cães, da sua Apanha e Profilaxia Anti-rábica. 12/08/1940. (CM/001949)/FCCB.

Certidão pedida pelo Prefeito Fausto Alvim sobre a compra do Cine-Teatro Glória. (CM/001948)/FCCB.

Ofício sobre o restabelecimento da APT (Agência Postal-telegraphica) das Aguas do Araxá. 15/02/1938. (CM/1930)/FCCB.

Ofício encaminhando um modelo do contrato padrão que esta Companhia estaria disposta a assinar com a Prefeitura para exploração do serviço telefônico local em Araxá. 07/05/1940. (CM/1932)/FCCB.

Ofício comunicando que posto público interurbano nessa cidade será inaugurado. 07/05/1940. (CM/001953)/FCCB.

3. Documentos Oficiais: Leis/ Decretos-leis/ Pareceres/ Resoluções

Decreto-lei n.41 sobre o horário de funcionamento do comércio local. 31/10/1942. (EC/000222)/FCCB.

Decreto-lei que estabelece horário para abertura e fechamento do comércio. (ACMA/45)/FCCB.

Decreto-lei sobre o serviço de calçamento. (ACMA/45)/FCCB.

Decreto-lei sobre pagamento de tributos sobre melhorias que impulsionem o desenvolvimento urbano. (ACMA/45)/FCCB.

Decreto-lei s/n datado de 20/12/1938 sobre o imposto territorial urbano. (CM/001922)/FCCB.

Decreto-lei s/n e s/d sancionado pelo prefeito Fausto Alvim, que dispõe sobre o serviço de calçamento. (CM/001918)/FCCB.

Decreto lei s/n e s/d sancionado pelo Prefeito Municipal sobre abertura e fechamento do comércio em Araxá. (CM/001951)/FCCB.

Lei Municipal n.221, 10 jan. 1911. Arquivo FCCB.

Lei n.49, art. 1º, 15 jan. 1895. (Leis/000.682)/FCCB.

Lei n.1259, 19 dez. 1865. Livro da Lei Mineira, Tomo XXXI, parte 1ª, folha 3. Arquivo FCCB.

Leis Municipais ns.110 e 111, set. 1916. Arquivo FCCB.

Pareceres/ Ofícios da Prefeitura Municipal de Araxá. 31/01/1918. (Estância Hidromineral/ Parecer/ 0218)/FCCB.

Pareceres/ Ofícios da Prefeitura Municipal de Araxá. 31/01/1918. (Indústria e Comércio/ Parecer/ 00320)/FCCB.

Pareceres do ano de 1915. (Estância Hidromineral/ Parecer/ 00138)/FCCB.

Parecer n.645 sobre contribuição para calçamento na cidade de Araxá. 27/11/1939. (CM/001961)/FCCB.

Parecer n.1.489 sobre o horário de abertura e fechamento do comércio em Araxá. 10/07/1940. (CM/001950)/FCCB.

Resolução n.65, 29 out. 1895. (Resoluções/000.989)/FCCB.

4. Documentos Oficiais: Notas Fiscais

Recibos datados de 25/07/1930, 06/08/1930, 28/08/1930, 22/12/1930 referentes ao assentamento de passeios e de meio-fio, calçamentos, esgotos, bueiros, nas ruas centrais da cidade. (ACMA/45)/FCCB.

Recibo emitido referente ao assentamento de 73 metros de passeio na rua Mariano de Ávila. 25/07/1930. (OU/000025)/FCCB.

Recibo emitido referente aos serviços de calçamento de ruas, travessas, sarjetas, bueiros, assentamento de meio-fio e fundições. 06/08/1930. (OU/000026)/FCCB.

Recibo emitido referente aos serviços de calçamento na rua Mariano de Ávila e praça da Matriz. 28/08/1930. (OU/000027)/FCCB.

5. Documentos Oficiais: Requerimentos

Requerimentos datados de 30/12/1932 a 09/09/1947 solicitando a ligação da rede de esgoto das residências situadas em várias ruas centrais da cidade. (ACMA/07)/FCCB.

Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1930. (Construção Civil/0151)/FCCB.

Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1933. (Impostos/EC/000572)/FCCB.

Dr. Pedro Pezzuti requer licença para remodelação e reforma do prédio situado na praça da Conceição. 14/11/1950. (CC/000909)/FCCB.

Luiz Charéo Corrêa requer licença para construção de um prédio no terreno situado na rua Presidente Olegário Maciel. 25/11/1932. (CC/000941)/FCCB.

T. João de Deus requer licença para construção de um prédio no terreno situado na rua Presidente Olegário Maciel e também a abertura de uma pena d'água. 17/11/1930. (CC/000910)/FCCB.

Irmã Maria Osanna, Diretora do Colégio São Domingos, requer licença para consertar, reformar e aumentar o prédio onde funcionou o Grupo Delfim Moreira, e que foi doado pelo Governo de Minas às Irmãs Dominicanas. 29/12/1930. (CC/000916)/FCCB.

Emmanuel Gianni, engenheiro construtor solicita o empréstimo da planta que serviu de base para a construção do prédio do Dr. Pedro Pezzuti situado na praça da Conceição. 11/09/1930. (CC/000892)/FCCB.

Geminiano Paulo de Magalhães Góes, engenheiro civil, requer licença para construir uma cerca de madeira no alinhamento do meio-fio do terreno situado na avenida Olegário Maciel n.306, onde irá construir o edifício da nova Agência do Banco do Brasil S/A. 24/07/1947. (CC/001191)/FCCB.

Clelia Chiavez Trippa solicita aprovação da planta do aumento do Hotel Radio. 08/02/1930. (CC/000810)/FCCB.

A Associação Rural de Araxá requer licença para construção do prédio da sua sede em terreno situado na rua Presidente Olegário Maciel. 26/09/1947. (CC/001141)/FCCB.

A Anglo-Mexican Petroleum Company Ltda. requer autorização para instalação de uma bomba distribuidora de gasolina com tanque subterrâneo na avenida Antônio Carlos, próximo ao Bar Trianon, de propriedade dos Srs. Alvarenga & Irmão. 14/09/1933. (EC/000502)/FCCB.

A Associação Comercial de Araxá solicita a reparação da entrada e da ponte que liga a cidade com o matadouro, a fim de se evitar prováveis prejuízos para o comércio local. 11/02/1940. (OU/000182)/FCCB.

Alvará n.225 que concede ao Sr. João Gobbo licença para continuar com o seu negócio de auto caminhão no corrente exercício. 01/02/1928. (EC/000169)/FCCB.

Alvará n.222 que concede ao Sr. Luiz Montandon licença para continuar com o seu negócio de auto caminhão no corrente exercício. 01/02/1928. (EC/000166)/FCCB.

Alvará n.224 que concede ao Sr. José C. Ferreira licença para continuar com o seu negócio de engenho de cana no corrente exercício. 01/02/1928. (EC/000168)/FCCB.

Alvará n.223 que concede ao Sr. Elias José Ragge licença para continuar com seu negócio de Ind. e profissão no corrente exercício. 01/02/1928. (EC/000167)/FCCB.

Alvará n.217 que concede ao Sr. José Velloso de Paiva licença para continuar com seu negócio de Ind. e profissão no corrente exercício. 31/01/1928. (EC/000161)/FCCB.

Alvará n.218 que concede ao Sr. José Velloso & Cia. licença para continuar com seu negócio de Ind. e profissão no corrente exercício. 31/01/1928. (EC/000162)/FCCB.

Alvará n.219 que concede ao Sr. João Pereira Júnior licença para continuar com seu negócio de Ind. e profissão no corrente exercício. 31/01/1928. (EC/000163)/FCCB.

Alvará n.220 que concede à Sra. Thereza Teixeira & Cia. licença para continuar com seu negócio de Ind. e profissão no corrente exercício. 31/01/1928. (EC/000164)/FCCB.

Alvará n.221 que concede ao Sr. João Geraldo licença para continuar com seu negócio de Ind. e Profissão no corrente exercício. 31/01/1928. (EC/000165)/FCCB.

Braz Pidemonti, comerciante ambulante de louças, requer licença para permanecer 30 dias nesta cidade. As vendas serão efetuadas na avenida Antônio Carlos esquina com Dom José Gaspar. 26/10/1956. (EC/000193)/FCCB.

Arnolde de Almeida Castro, tendo adquirido o estabelecimento comercial de Mozart Boaventura, situado no Barreiro, requer transferência do conhecimento de Indústrias e Profissões deste exercício. 04/07/1951. (EC/000192)/FCCB.

Antônio Cabral, tendo adquirido a livraria e papelaria de Jaime Oliveira, situada na rua Presidente Olegário Maciel n.64, solicita transferência do conhecimento do imposto de Indústrias e Profissões para o seu nome. 27/09/1950. (EC/000191)/FCCB.

João Pereira Valle, engenheiro legalmente habilitado, se apresenta como candidato ao cargo de chefe de serviço de obras desta Prefeitura. 09/09/1947. (EC/000190)/FCCB.

Francisco Pennello requer licença para o funcionamento de um salão de barbeiro de uma só cadeira tendo anexo uma cadeira de engraxate. 07/07/1933. (EC/000189)/FCCB.

José Nolli Filho requer licença para o funcionamento de uma oficina de consertos de veículos situada na rua Belo Horizonte n. 38. 06/07/1933. (EC/000188)/FCCB.

Areowaldo Affonso requer licença para o funcionamento de um Salão de Cabeleireiro situado na rua São Miguel, exclusivamente para senhora, com uma cadeira. 07/05/1932/FCCB.

Manoel Botelho Júnior, negociante de bebidas e outros artigos, requer licença especial por 15 dias para ter sua casa comercial aberta depois das 7 horas, para aproveitar o comércio, com a estada da Cia. de Cavalinhos nesta cidade. 11/08/1930.(EC/000186)/FCCB.

Joaquim Lopes de Oliveira, tendo adquirido uma carroça para serviços de praça, requer licença. 10/07/1930. (EC/000185)/FCCB.

Eustórgio Pinheiro, fazendeiro, agricultor e criador, solicita informação sobre o lançamento de impostos das atividades acima mencionadas. 15/06/1930. (EC/000184)/FCCB.

Daniel Henrique Pinto, negociante, requer licença especial para vender artigos de confeitarias aos domingos e mais outros dias proibidos por lei. 19/04/1930.(EC/000183)/FCCB.

Salomão Pereira de Mesquita requer licença para colocar uma bomba de gasolina na avenida Antônio Carlos, em frente a sua farmácia. 12/03/1930. (EC/000182)/FCCB.

O arrendatário do Hotel Radio, no Barreiro, requer licença para colocar uma tabuleta indicando a estrada do referido hotel, na esquina em frente a venda do Sr. Fortunato Lopes. 07/02/1930. (EC/000183)/FCCB.

João de Paula Teixeira Filho, tendo adquirido a fotografia do Sr. Octavio Fonseca, requer licença. 02/02/1930. (EC/000179)/FCCB.

“As Casas Pernambucanas requer licença para que a filial desta cidade possa negociar em tecidos no corrente exercício”. 31/01/1930. (EC/000178)/FCCB.

“As Casas Pernambucanas requer licença para colocar um reclame artistico no Barreiro, nas proximidades do balneario, fora da area das fontes”. 15/01/1930. (EC/000177)/FCCB.

Nagib Galdino, negociante, tendo comprado a casa comercial do Sr. Salim Bittar, requer a transferência do imposto para seu nome. 10/01/1930. (EC/000176)/FCCB.

Dr. Álvaro Ribeiro solicita isenção do imposto de indústria e profissão e do automóvel correspondente ao exercício de 1933. 06/11/1933. (EC/000505)/FCCB.

Olimpio Pereira Marques, comerciante nesta cidade à praça São Sebastião n.273, requer licença para fazer limpeza de cal e areia em seu prédio. 22/09/1933.(EC/000505)/FCCB.

Leonídio José da Silva, requer isenção de imposto com Salão de Barbeiro, por motivos financeiros, relativa ao exercício de 1932 e 1º semestre deste ano. 23/08/1933. (EC/000501)/FCCB.

Arlindo Amaral, estabelecido com oficina de seleiro requer baixa em seu lançamento, por estar de mudança para Formiga. 05/08/1933. (EC/000498)/FCCB.

Fortunato Lopes, negociante, querendo mudar a bomba de gasolina instalada na rua Belo Horizonte para a avenida Antônio Carlos, EC/000171. Sebastião Pacheco de Oliveira, requer licença para estabelecer com negócio de gêneros do país. 03/01/1930. (EC/000170)/FCCB.

Jamille & Irmão resolvendo explorar o comércio de negócio misto, vem requerer o cadastramento de sua firma na lista dos contribuintes de pequena escala. 03/01/1930. (EC/000172)/FCCB.

Rosimera Guimarães requer licença para estabelecer no bairro Lava-pés com gêneros do país. 07/01/1930. (EC/000173)/FCCB.

João Manuel de Jesus requer licença para estabelecer no bairro Lava-pés com gêneros do país em pequena escala. 08/01/1930. (EC/000174)/FCCB.

Olyntho Affonso Teixeira requer licença para estabelecer na rua Santa Rita com gêneros do país. 09/01/1930. (EC/000175)/FCCB.

Enéas Santos & Cia. informa que nesta data deixou de fazer parte da firma e pede alteração para Rosalvo Santos. 21/09/1933. (EC/000506)/FCCB.

Antônio dos Santos requer licença para estabelecer com uma padaria na avenida Lava-pés. 12/10/1933. (EC/000508)/FCCB.

Claudionor Octavio de Abreu, desejando por na praça um automóvel, requer isenção de impostos relativo ao exercício vigente. 24/11/1933. (EC/000509)/FCCB.

José Costa Teixeira, proprietário de uma olaria situada no lugar denominado Pirapetinga, requer baixa do imposto. 11/12/1933. (EC/000510)/FCCB.

Waldemar Fernandes Corrêa requer: 1) baixa da placa de reclame do saldo. 2) licença para continuar com a sua profissão. 3) informar que o Salão Triângulo instalado na avenida Lavapés n. 34 foi transferido para Waldemar Martins Furtado. 15/12/1933. (EC/000511)/FCCB.

Felício de Souza, proprietário, residente na rua do Comércio, não podendo continuar com a profissão de caldeireiro, requer baixa no seu lançamento. 14/12/1933. (EC/000513)/FCCB.

Clodomir Ribeiro, comerciante estabelecido, com negócio de gêneros do país, no Alto do Lava-pés, requer baixa no lançamento de imposto. 26/12/1933. (EC/000562)/FCCB.

Custódio Alves Ferreira requer baixa no lançamento de impostos de engenho de cana e moinho. 26/12/1933. (EC/000563)/FCCB.

Gustavo Martins de Oliveira, marceneiro e proprietário da “Empreza Funeraria”, requer retificação no lançamento de impostos. 26/12/1933. (EC/000567)/FCCB.

Antenor Gomes de Menezes, tendo vendido seu carro de boi ao Sr. Agenor de Ávila, requer transferência do lançamento de imposto. 26/12/1933. (EC/000568)/FCCB.

Oliveiro Antônio Moraes, tendo vendido seu carro de boi ao Sr. Joaquim Sebastião de Souza, requer baixa no lançamento de imposto. 26/12/1933. (EC/000569)/FCCB.

José Vicente Carneiro requer baixa no lançamento de imposto de engenho de cana. 26/12/1933. (EC/000571)/FCCB.

Areowaldo Affonso, tendo alugado para a Sra. Maria José Palhares Rosa o “Brazil Hotel” inclusive o prédio n.276 (lavanderia) situado na rua São Miguel, requer transferência de impostos. 27/12/1933. (EC/000572)/FCCB.

Manoel Tristão Carneiro requer baixa no lançamento de imposto de engenho de cana. 27/12/1933. (EC/000573)/FCCB.

Waldemar de Paula, (...) desejando fazer o levantamento de 5 barracas (3 para jogos permitidos e 2 de sorteios de mercadorias) na praça do Rosário, requer licença necessária. 12/10/1938. (EC/000579)/FCCB.

Laudelino Gomes, tendo instalado nesta cidade um cinematografo, requer isenção de imposto de acordo com art. 9º da lei municipal n.247 de 22/09/1913. (EC/000580)/FCCB.

Francisco Martins Lobato, não querendo continuar com a empresa Auto Viação de Araxá à Sacramento com seu ônibus Ford V8, requer baixa no lançamento de impostos. 29/12/1938. (EC/000581)/FCCB.

Gumercindo Saraiva de Sá, proprietário da carroça de aluguel n.36, requer baixa no lançamento de impostos. 14/02/1939. (EC/000583)/FCCB.

José Narcizo de Oliveira requer baixa no lançamento de imposto de carroça. 18/03/1939. (EC/000586)/FCCB.

José de Almeida Ramos requer baixa do lançamento de imposto de carroça. 25/04/1939. (EC/000587)/FCCB.

E. Rosa & (...) requer licença para construção de um posto de serviços para automóveis. 30/05/1939. (EC/000589)/FCCB.

José Antônio Ribeiro, comerciante estabelecido no Barreiro, requer baixa no lançamento de imposto. 13/06/1939. (EC/000590)/FCCB.

Augusto Marinho, comerciante ambulante, querendo armar uma barraquinha no largo do Rosário, para venda de miudezas e brinquedos, requer a respectiva licença. 12/10/1939. (EC/000592)/FCCB.

Salim Dib, de naturalidade síria, casado, residente nesta cidade desde 1908, com a profissão de comerciante, requer atestado de que é cidadão idoneo. 28/11/1939. (EC/000594)/FCCB.

Rosalvo Santos & Cia, estabelecido à rua Mariano de Ávila n.232 com o comércio de Armas, Munições, Ferragens etc., solicita informações sobre quitação de impostos referentes ao último exercício. 06/01/1950. (EC/000596)/FCCB.

Fuad Feres e Irmão requer baixa no lançamento de imposto com fazendas. 30/01/1950. (EC/000597)/FCCB.

Joaquim Inácio Pereira, comerciante, estabelecido na Estação da Rede Mineira de Viação com o comércio de Botequim etc, requer baixa no lançamento de imposto. 31/03/1950. (EC/000598)/FCCB.

Aziz J. Chaer, agente da Texas Cia., requer autorização para instalação de uma bomba de gasolina elétrica, defronte o prédio de sua sede comercial, situado na praça Governador Valadares n.453. 02/05/1950. (EC/000600)/FCCB.

Jerônimo Antônio Mendes, tendo vendido o seu Botequim situado na avenida Antônio Carlos n.170, ao Sr. José Mariano de Souza, requer a transferência no lançamento de imposto. 01/09/1950. (EC/000602)/FCCB.

Francisco de Paula Ferreira, negociante na praça São Sebastião, tendo vendido o seu negócio de secos e molhados ao Sr. João Ferreira de Resende, requer baixa no lançamento de impostos. 14/05/1932. (EC/001231)/FCCB.

Alfredo Alves de Barcelos, residente na avenida Lava-pés, não querendo continuar com seu depósito de lenhas, requer baixa no lançamento de impostos. 17/06/1932. (EC/001233)/FCCB.

Vasco dos Santos requer baixa no lançamento de vendedor ambulante. 04/07/1932. (EC/001234)/FCCB.

Osório Alves Barcelos, tendo transferido o seu negócio de gêneros do país que vinha mantendo na “Chapada” ao Sr. Francisco Ferreira de Paula, requer baixa no lançamento de imposto. 06/07/1932. (EC/001235)/FCCB.

Hudson Alvarenga requer baixa no lançamento de imposto sobre o salão de diversões do Bar Trianon. 30/11/1932. (EC/001237)/FCCB.

Ancelmo Patrocínio de Moraes, negociante estabelecido com negócio de molhados e gêneros do país na rua das Flores, requer baixa no lançamento de imposto. 05/12/1932. (EC/001238)/FCCB.

Rita Augusta de Cássia requer baixa no lançamento de imposto de depósito de lenha. 10/12/1932. (EC/001239)/FCCB.

Paulo Villela, tendo fechado sua casa comercial no alto do Lava-pés, onde estava estabelecido com gêneros e bebidas, requer baixa no lançamento de imposto de indústrias e profissões. 12/12/1932. (EC/001240)/FCCB.

Thiers Botelho requer baixa no lançamento de imposto de engenho de cana. 15/12/1932. (EC/001241)/FCCB.

Jovino Gomes de Menezes requer baixa no lançamento de imposto de engenho de cana. 21/12/1932. (EC/001242)/FCCB.

Alim Mauseff, comerciante, estabelecido com negócio de fazenda seca, tencionado fazer a sua transferência de casa comercial para Itaipu, requer a transferência. 22/12/1932. (EC/001243)/FCCB.

Joaquim Barcellos, proprietário do curtume situado no bairro Lava-pés, nas proximidades do Matadouro, requer baixa no lançamento de imposto. 24/12/1932. (EC/001244)/FCCB.

Argeu Alves da Costa, estabelecido na rua Presidente Olegário Maciel com botequim e tendo transferido o mesmo ao Sr. Venino Ribeiro Marins, requer baixa no lançamento de imposto. 24/12/1932. (EC/001245)/FCCB.

João Senna & Cia, comerciante de secos e molhados, situado na rua Presidente Olegário Maciel n.775, requer baixa no lançamento de imposto para o exercício de 1933. 26/12/1932. (EC/001246)/FCCB.

Evaristo Affonso Borges requer baixa no lançamento de imposto de engenho de cana. 126/12/1932. (EC/001247)/FCCB.

João Baptista de Aguiar requer baixa no lançamento de imposto de boiadeiro. 26/12/1932. (EC/001248)/FCCB.

Sebastião Camargo, requer baixa no lançamento de imposto de alfaiataria. 27/12/1932. (EC/001250)/FCCB.

Arlindo José da Rocha requer baixa de lançamento de imposto com sua fábrica de fogos. 27/12/1932. (EC/001251)/FCCB.

Herdeiros de Antenor Villela requerem baixa no lançamento de imposto de carro de bois. 18/12/1932. (EC/001253)/FCCB.

Cacildo Ferreira Goulart requer baixa no lançamento de imposto de Gabinete dentário. 29/12/1932. (EC/001254)/FCCB.

Freitas e Affonso estabelecidos com salão de barbeiro na rua Presidente Olegário requerem baixa no lançamento de imposto. 04/07/1933. (EC/001256)/FCCB.

Altamiro Pereira da Silva requer baixa no lançamento de imposto de indústria e profissão-empregado. 30/12/1933. (EC/001258)/FCCB.

Antônio Ferreira requer baixa no lançamento de imposto de Indústrias e Profissões, negociante de gado. 28/12/1919. (EC/001260)/FCCB.

Fenelon dos Santos requer ligação de rede de esgoto no prédio de sua residência, situado na rua Presidente Olegário Maciel esquina com rua Mariano de Ávila. 30/12/1932. (SB/000585)/FCCB.

Luis Pinto da Silva Pereira requer ligação de rede de esgoto em sua casa de residência, situada na rua Belo Horizonte. 25/07/1933. (SB/000586)/FCCB.

Hugo Levy requer licença para construir e ligar sua instalação de esgoto à rede geral. 19/08/1933. (SB/000588)/FCCB.

Mozart Machado Rezende requer licença para fazer ligação de rede de esgoto, do prédio situado na rua Mariano de Ávila esquina com Belo Horizonte. 27/09/1933. (SB/000589)/FCCB.

Octavio Fonseca requer licença para fazer ligação de seu esgoto à rede geral. 12/12/1933. (SB/000590)/FCCB.

E. Rosa & Cia requer licença para fazer ligação de rede de esgoto do prédio, Agência Chevrolet, situado na rua Mariano de Ávila s/n. 24/02/1939. (SB/000591)/FCCB.

José Fonseca Júnior, proprietário do prédio n.259, situado na avenida Antônio Carlos, requer ligação de rede do esgoto. 10/04/1939. (SB/000592)/FCCB.

José Florencio da Fonseca, proprietário do prédio n.47, situado na avenida Antônio Carlos, requer ligação de rede de esgoto. 10/04/1939. (SB/000593)/FCCB.

Carlos Moura, requer ligação de rede de esgoto de sua casa de comércio situada na rua do Comércio com rua Mariano de Ávila. 08/05/1939. (SB/000594)/FCCB,

Alonso Ribeiro de Paiva, proprietário do prédio n.45 da rua São Miguel, requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 09/05/1939. (SB/000595)/FCCB.

Ezequiel Pinto da Silva, proprietário do prédio n.19 da praça São Domingos, requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 09/05/1939. (SB/000596)/FCCB.

Felix Renato Palmerio, residente à rua Dom José Gaspar n.321, requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 03/02/1947. (SB/000597)/FCCB.

Joaquim de Souza, residente à rua Dom José Gaspar n.129, requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 10/07/1947. (SB/000598)/FCCB.

Arthur Paixão, residente à avenida Imbiara n.260, requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 21/03/1947. (SB/000599)/FCCB.

Cardolina Soares de Moura, proprietário do prédio n.234 situado à rua Dr. Franklin de Castro requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 13/05/1947. (SB/000600)/FCCB.

Benedito Candido de Oliveira, residente na avenida Senador Montandon n.63 esquina da rua Quintino Bocaiúva requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 31/05/1947. (SB/000601)/FCCB.

Mário Rosa, residente na rua Dom Bosco n.135, requer licença para fazer ligação de rede de esgoto. 18/07/1947. (SB/000602)/FCCB.

Apulchro Porfírio de Azevedo requer ligação de luz e esgoto em sua casa situada a rua Mariano de Ávila. 01/08/1947.(SB/000603)/FCCB.

José Lemos da Silva requer ligação de rede de esgoto em sua casa situada na avenida Imbiara. 09/09/1947. (SB/000604)/FCCB.

Jacob Lindner, proprietário do Bar-restaurant “Tip-Top”, situado na rua Presidente Olegário Maciel, requer atestado comprobatório de seus deveres de contribuinte para legalização de seu registro de estrangeiro. 24/11/1939. (EC/000593)/FCCB.

Hugo Caturri, diretor e secretário do Circo Theatro Bandeirantes, requer licença para instalá-lo na praça São Sebastião. 23/06/1939. (EC/000591)/FCCB.

Oscar Pereira, secretário do “Circo Irmãos Prata”, requer licença para armá-lo na praça São Sebastião. 23/05/1939. (EC/000588)/FCCB.

André Avelino da Costa requer baixa do imposto de indústria e profissão-agente de loterias. 11/03/1939. (EC/000585)/FCCB.

Arlindo José da Rocha requer licença para construir uma fábrica de fogos no Alto de Santa Rita. 03/10/1938. (EC/000578)/FCCB.

Leonídio José da Silva, Francisco Pennello, Alberto Ribeiro de Almeida, Celso Affonso, Francisco Ratto, Waldemar Fernandes Corrêa, Enéas Araújo, Antônio Camattari e José Maria Perfeito requerem licença para que os seus salões conservem abertos nos dias 24 e 31 de dezembro. 15/12/1933. (EC/000512)/FCCB.

Luiz Colombo requer licença para instalar uma pequena confeitaria com bilhar, anexo ao Hotel das Thermas, de sua propriedade. 09/08/1933. (EC/000499)/FCCB.

Oscar Pereira, secretário do circo “Piolin”, requer licença para armá-lo na avenida 3 de outubro e também ligação de energia elétrica. 08/07/1933. (EC/000496)/FCCB.

Luiz Chalréo Correia, tendo vendido a fábrica de “Sabonete Araxaense” aos Srs. Marçolla & Cia., requer baixa no lançamento do imposto. 30/07/1932. (EC/0001236)/FCCB.

Elias Porfírio de Azevedo, proprietário dos cinemas “Trianon” e “Capitólio”, requer baixa no lançamento do imposto. 31/12/1930. (EC/001226)/FCCB.

José Cassimiro da Silva, proprietário do “Grande Hotel Central”, situado na avenida Antônio Carlos, requer baixa no lançamento do imposto de caixa de engraxate e pena de água. 31/12/1930. (EC/0001331)/FCCB.

Antônio Trivellato requer baixa do imposto sobre sua casa de diversão “Petit Club” situada no Barreiro. 02/04/1930. (EC/001288)/FCCB.

Antônio Trivellato requer permissão para pagamento do 1º semestre do imposto de sua casa de diversão situada no Barreiro. 02/04/1930. (EC/001200)/FCCB.

Otamilo Cunha requer isenção de multa imposta sobre atraso de pagamento sobre casa de diversão que funciona no Barreiro. 24/03/1930. (EC/001199)/FCCB.

Otamilo Cunha, não querendo continuar com suas casas de diversões Clube Avenida – Clube Commercial – Clube Glória e Cassino das Thermas, requer baixa no lançamento de imposto. 28/12/1930. (EC/001281)/FCCB.

Fabício Martins requer isenção de impostos de 2 automóveis que fazem corridas para Sacramento. 24/03/1930. (EC/001193).

José Carlos Pedro Grande, autor da planta do “Grande Hotel”, requer o empréstimo da original, a fim de estudar modificações que serão feitas no prédio. 25/08/1930. (EC/000883)/FCCB.

Fortunato Lopes requer licença para construir um prédio no terreno de sua propriedade situado no Barreiro denominado “Villa Cavallini”. 07/08/1930. (EC/000880)/FCCB.

6. Revistas

ARQUITETURA Contemporânea no Brasil (coletânea). Organizada pela Revista Ante-Projeto, RJ, 1947.

FONTE Andrade Júnior. In: ARCHITECTURE D'AUJOUR' HUI. n.13-14, set. 1947.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, n. 28, 26/04/1952. Arquivo FCCB.

O TREM DA HISTÓRIA. Araxá, n.30-35, 2000-2003. Arquivo FCCB.

REVISTA 3 TEMPOS. Edição especial sobre Araxá, 1962. (ADPH-01/0087)/FCCB.

REVISTA EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, dez. 1936, abr./maio 1937. Arquivo do IEB/ São Paulo.

REVISTA “MINAS ECONOMICA”. Revelando Araxá e a sua estância hydro-mineral do Barreiro, por todos os Estados brasileiros, e as capitães das republicas do Prata: Montevideo e Buenos Ayres. Belo Horizonte, 1933. (ADPH-15/0080)/FCCB.

REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA P.D.F. Rio de Janeiro, n.4, out./nov. 1948.

REVISTA ROTEIRO ARAXÁ. Colaboração da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração - CBMM, Araxá, s/d.

7. Jornais

A FAÍSCA, de José Carlos Pedro Grande e Antônio Cabral, que circulou, semanalmente, entre 19/01/1930 e 12/07/1930. Total: 35 edições.

A GAZETA DE ARAXÁ, de Dídimo de Melo que circulou, semanalmente, 14/01/1949 e 04/12/1949. Total: 46 edições.

ALMENARA, de Genaro Porfírio de Azevedo, que circulou, semanalmente, entre 24/06/1934 e 15/12/1935. Total: 36 edições.

A OPINIÃO, de Carvalho e Melo e Antônio Cabral, que circulou, semanalmente, entre 17/01/1932 e 07/01/1933. Total: 51 edições.

A OPINIÃO. Araxá, n.14, 17/04/1934.

A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.08, 15/08/1917; n.11, 01/10/1917; n.17, 1/01/1918; n.22, 01/04/1918.

CORREIO DE ARAXÁ. Araxá, n.03, 27/01/1913; n.12, 29/06/1913; n.13, 12/04/1917; n.14, 13/07/1913; n.19, 17/08/1913; n.22, 29/06/1913; n.120, 01/08/1915; n.137, 05/12/1915; n.140, 26/12/1915; n.145, 12/03/1916; n.153, 14/05/1916; n.168, 27/08/1916; n.172, 24/09/1916; n.176, 22/10/1916; n.191, 18/02/1917.

DIÁRIO OFICIAL DE MINAS GERAIS. n.09, 23/08/1929.

GAZETA DE ARAXÁ. Araxá, n.09, 23/11/1890; n.10, 30/11/1890; n.16, 11/01/1891; n.19, 15/02/1891; n.21, 01/03/1891; n.28, 19/04/1891; n.33, 07/06/1891.

GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.01, 27/05/1917; n.03, 16/06/1917; n.04, 17/06/1917; n.10, 29/07/1917.

JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.01, 16/02/1919; n.02, 23/02/1919; n.04, 09/03/1919; n.13, 18/05/1919; n.23, 03/08/1919; n.29, 28/09/1919; n.42, 01/01/1920.

MINAS GERAIS. *Órgão Oficial dos Poderes do Estado*. Belo Horizonte, 04/01/1917.

MINAS BRASIL. Araxá, n.26, 01/11/1925; n.114, 24/06/1923; n.142, 06/01/1924; n.186, 09/11/1924; n.193, 28/12/1924; n.210, 26/04/1925; n.211, 01/05/1925; n.253, 28/02/1926; n.258, 11/04/1926; n.275, 10/08/1926; n.276, 22/08/1926.

O ARAXÁ. Araxá, n.08, 23/02/1904; n.14, 24/04/1904.

OÁSIS. Araxá, n.01, 28/11/1926.

O ESTUDANTE. Araxá, n.25, 21/06/1917

RENOVAÇÃO, dos Drs. Álvaro Ribeiro e Tomás de Almeida, que circulou, semanalmente, entre 14/01/1934 e 23/09/1934. Total: 36 edições.

THE TRIANGLE. Araxá, n.10, 26/04/1950.

TRIBUNA DE ARAXÁ. Araxá, n.10, 15/03/1915; n.15, 01/07/1915; n.16, 15/06/1915; n.22, 22/12/1915.

8. Recortes de Jornais

A NOITE ILUSTRADA. Rio de Janeiro. 04/01/1944.

A TRIBUNA. Belo Horizonte. 28/06/1933.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 19/07/1947.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte. 19/09/1933; 11/02/1934; 23/02/1934; 21/11/1935; 22/04/2006.

FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte. 09/06/1943; 09/03/1944.

FOLHA DE MINAS (Suplemento). Belo Horizonte. 25/09/1938.

JORNAL DO COMMERCIO. Belo Horizonte. 26/04/1942.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte. 15/09/1933.

O DIÁRIO. Belo Horizonte. 25/09/1938; 12/04/1947.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo. Recortes de jornais datados de 12/08/1929; 13/08/1929; 14/08/1929; 15/08/1929; 16/08/1929; 20/08/1929; 06/03/1930; 07/04/1944; 25/07/1948.

9. Mapas e Plantas

Administração do prefeito Dr. Álvaro Cardoso de Menezes. Projeto e desenho de A. C. Catella. (OU/000183)/FCCB.

ARAXÁ-BARREIRO. *Planta do loteamento dos terrenos de propriedade do Exmo. Sr. Dr. João Jacques Montandon*. 1946. Arquivos do Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável de Araxá.

Mapas reelaborados pelo Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável de Araxá - IPDSA.

Mapa “Localização da Mancha Urbana e do Barreiro”, por Maria Beatriz Brandão Rocha, Araxá.

Planta cadastral da cidade de Araxá organizada na administração do Prefeito Fausto F. Soares Alvim pelos engenheiros Honório de Paiva Abreu & Carvalho Lopes. (OU/000184)/FCCB.

Planta de ajardinamento da área da praça Cel. Adolfo e das quadras em direção à Igreja na Cidade de Araxá. No canto esquerdo, carimbo com os dizeres: “Dierberger & Companhia. Floricultura. S. Paulo”. São Paulo. 12/03/1930. (OU/000220)/FCCB.

Projeto de Lactário de autoria de Shakespeare Gomes. (OU/000185)/FCCB.

Projeto de um vestiário para a praça de esportes da cidade do Araxá. Barreiro do Araxá. 06/06/1959. (OU/000210)/FCCB.

Projeto do Jardim da praça Nossa Senhora da Conceição. Prefeitura de Araxá.

Projeto para Estação Rodoviária de Araxá por Valentino Antônio Senna. 08/05/1949. (OU/000192)/FCCB.

II – MANUSCRITAS:

1. Livros de Atas

Câmara Municipal de Araxá (1886-1894).

Câmara Municipal de Araxá (1888-1896).

Câmara Municipal de Araxá (1896/1897-1904).

Câmara Municipal de Araxá (1905-1914).

Câmara Municipal de Araxá (1915-1930).

Câmara Municipal de Araxá (1930-1936).

Livros de Tombo da Igreja Matriz de São Domingos de Araxá ns.1 e 2.

2. Relatórios

Adendo da mensagem proferida pelo prefeito Mário Álvares da Silva Campos em 15/02/1929 sobre sua administração durante o ano de 1928. (CM/00082)/FCCB.

Araxá sob a administração José Adolpho de Aguiar. Dezembro, 1947; Dezembro, 1953. Araxá: Tipografia Irmãos Barreto. 1947. 33p. Arquivo FCCB.

Mensagem proferida pelo prefeito Mário Álvares da Silva Campos em 15/02/1929 sobre sua administração durante o ano de 1928. (CM/00081)/FCCB.

Relatório apresentado pelo prefeito Álvaro Cardoso. 1940-1945. (CM/000101)/FCCB.

Relatório dos estudos procedidos na Usina Hidroelétrica de Araxá situada na cachoeira do Tamanduá, datado de 08/08/1939 com a finalidade de melhorar a distribuição de energia elétrica na cidade e no Barreiro. (CM/001954)/FCCB.

Sinopse estatística do município de Araxá do Estado de Minas Gerais. Publicação de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. 1948. (Estatística/0166)/FCCB.

3. Diários

Cadernetas de Urias Machado de Castro: 65 exemplares/FCCB. Período: 1930-1950: Dez/1929 a Abr/1930; Jul/1930 a Set/1930; Abr/1931 a Mai/1931; Set/1932 a Nov/1932; Jan/1933; Jan/1936 a Fev/1936; Out/1936 a Jan/1937; Out/1938 a Dez/1938; Set/1939 a Jan/1940; Set/1940 a Out/1940; Out/1941 a Dez/1941; Jan/1944 a Mar/1944; Mai/1944 a Ago/1944.

4. Fragmentos de acervos

CAPÍTULO ESPECIAL SOBRE AS ÁGUAS MINERAIS, por Sebastião de Affonseca e Silva (obra datilografada). Araxá, 1943. Arquivo FCCB.

Conjunto de documentos do acervo Paulo Guimarães. 1943-1945. (Coleção particular).

Conjunto de documentos da família Alonso José de Aguiar.

Conjunto de documentos da família Durval Bernardes.

Conjunto de documentos da família Manoel Lopes da Silva.

Conjunto de documentos família Severino José Catella. Manuscrito, por Severino José Catella. Belo Horizonte, jan. 2007. 2p. (Coleção particular, transcrito por Ahilton Guimarães).

Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. 30p. (Coleção particular).

5. Correspondências

Correspondência do Diretor da Divisão de Turismo do DIP, Assis de Figueiredo, ao prefeito Fausto Alvim. (EC/00015)/FCCB.

Fotografia-cartão de Boas Festas da Rádio Imbiara. 1947-1948. (AF/P-021/00305)/FCCB.

Série de radiogramas mantidos entre os órgãos oficiais do governo de Minas Gerais, ligados à administração do então Complexo Termal em construção. Foram lidos e anotados os radiogramas do período compreendido entre 1936 e 1944. Fundo da Secretaria da Viação e Obras Públicas. Arquivo Público Mineiro.

III – VISUAIS E SONORAS:

ARAXÁ nas décadas de 30 e 40 (filme-vídeo). Acervo particular de Vitor Signorelli. Belo Horizonte, 1988. 90 min., p&b, son., VHS, v.o.

Filmes produzidos pelo antigo DIP referentes às visitas da comitiva presidencial em Araxá nos anos 1940 e 1944, conforme as seguintes referências: Cine-Jornal Brasileiro vol.1, n.10, 1940; Cine-Jornal Brasileiro vol.1, n.102, 1940; Cine-Jornal Brasileiro vol.1, n.106, 1940; Cine-Jornal Brasileiro vol.3, n.60, 1944. Arquivo Cinemateca Brasileira.

Fotografias catalogadas sob os títulos de Barreiro, Estância Hidromineral, Hotelaria, Turismo, Estabelecimentos Comerciais e Praças e Ruas. No Arquivo FCCB, foram consultadas, alcançando um número que ultrapassa 200 (duzentas) imagens.

Série de entrevistas gravadas em vídeo, constando de 13 depoimentos diferentes sobre aspectos da cidade e da estância hidromineral. “Projeto Viva Voz.” FCCB/ CMA/ 1995. Arquivo FCCB.

Série de fotografias: Reportagem de visita do presidente Vargas a Araxá, em 25/04/1940, EH/COC-P/00407 e EH/COC-P/00411; Embarque do presidente Vargas para Araxá, em 04/05/1940, EH/COC-P/00410; Presidente Vargas em Araxá, em 17/04/1944, EH/COC-P/00435; Reportagem do veraneio do presidente Vargas em Araxá, em 17-23/04/1940, EH/COC-P/434; O presidente Vargas inaugura termas em Araxá, em 26/04/1944, EH/COC-P/00437. Fundo Agência Nacional. Arquivo Nacional.

IV – ORAIS:

Entrevistas concedidas à autora em Belo Horizonte:

- Vitor Signorelli, abril de 2003.
- Hélcio Piancastelli, abril de 2003.
- Paulo Urban, maio de 2003.
- Svent Kierulf, maio de 2003.
- Vitor Signorelli, abril de 2005.

Entrevistas concedidas à autora em Araxá:

- Milton Tomasovich, fevereiro 1998.
- Olívia Pereira Marques Schewetter, fevereiro de 2003.
- José Abdanur, fevereiro de 2003.
- Paulo de Tarso Santos, janeiro de 2003.
- Domingos de Gusmão Lemos, fevereiro de 2003.
- Milton Tomasovich, abril de 2003.
- Yolanda Colombo, maio de 2004.

- Domingos Santos e Francisco Teófilo dos Santos, outubro de 2004.
- Gasparina Elvira de Souza (*D. Lina*), outubro de 2004.
- Guaracy Teixeira, outubro de 2004.
- Suzana Pezzutti de Aguiar, março de 2005.
- Durval e Helena Santos Bernardes, maio de 2005.
- Benedito Oliveira, agosto de 2006.
- Hélio Augusto Borges, setembro de 2006.
- Gismarina Afonso de Almeida, outubro de 2006.
- Arnaldo de Almeida Castro, outubro de 2006.
- Hilário Nício Gomes de Menezes, janeiro de 2007.

Entrevista concedida à autora em Santa Rosa de Viterbo (SP):

- Jacintha Duarte Garcia Alencar, agosto de 2005.

Entrevista concedida à autora em Uberaba (MG):

- Adílson Pereira de Almeida e Diana Dalva de Almeida Maia, julho de 2005.

VI – ELETRÔNICAS:

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fvg.br>>. Acesso em: 21 fev. 2007.

DAU - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://www.dau.uem.br/professores/macedo/bolonha-4docomomo.html>>. Acesso em: 31 jan. 2007.

FRANKI. Disponível em: <<http://www.franki.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2006.

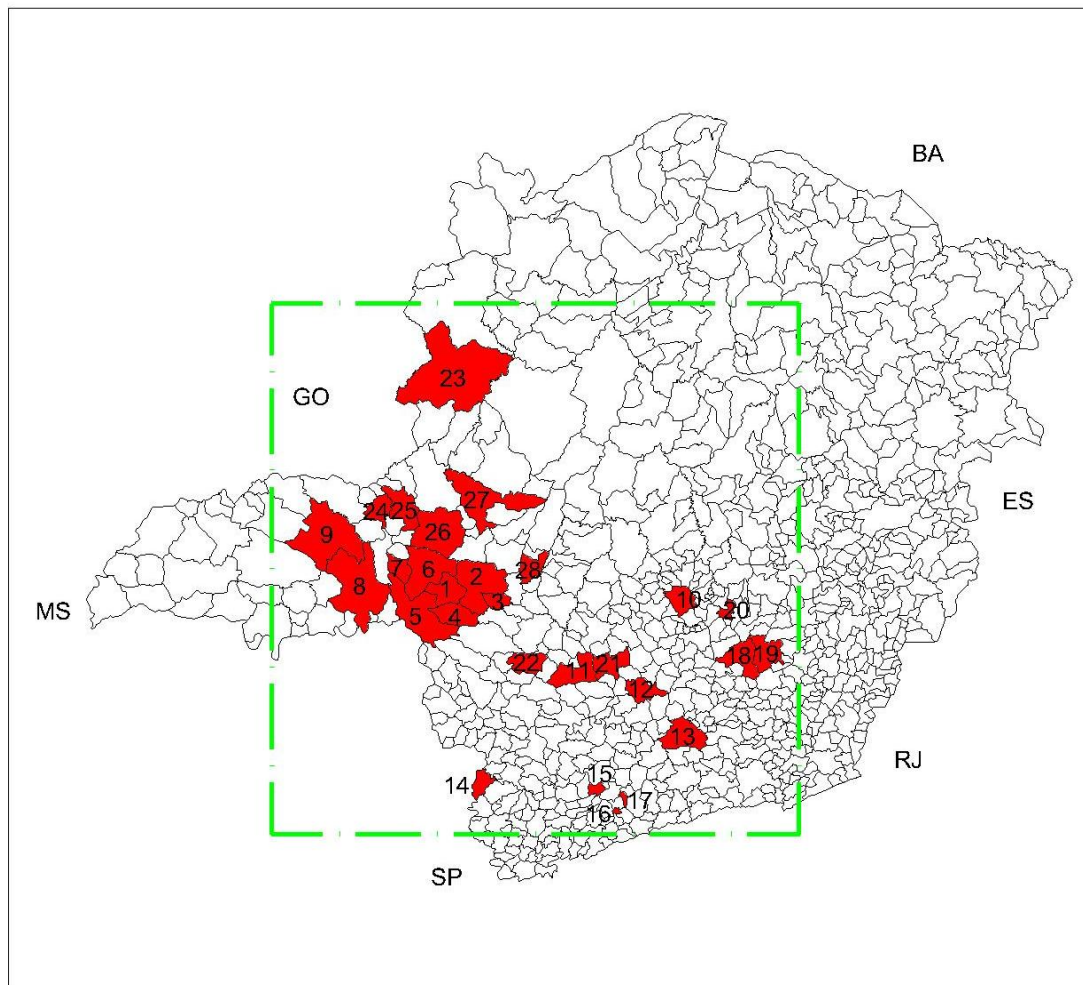
PIRATININGA.ORG. Disponível em: <<http://www.piratininga.org>>. Acesso em: 13 dez. 2006.

PIRATININGA.ORG. Disponível em: <<http://www.piratininga.org/estilo-missoes/estilo-missoes.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2006.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FERERATIVA DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del9215.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2006.

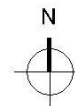
PROJETO RELEITURAS. Disponível em: <http://www.releituras.com/mbandeira_bio.asp>. Acesso em: 20 jan. de 2007.

ANEXOS



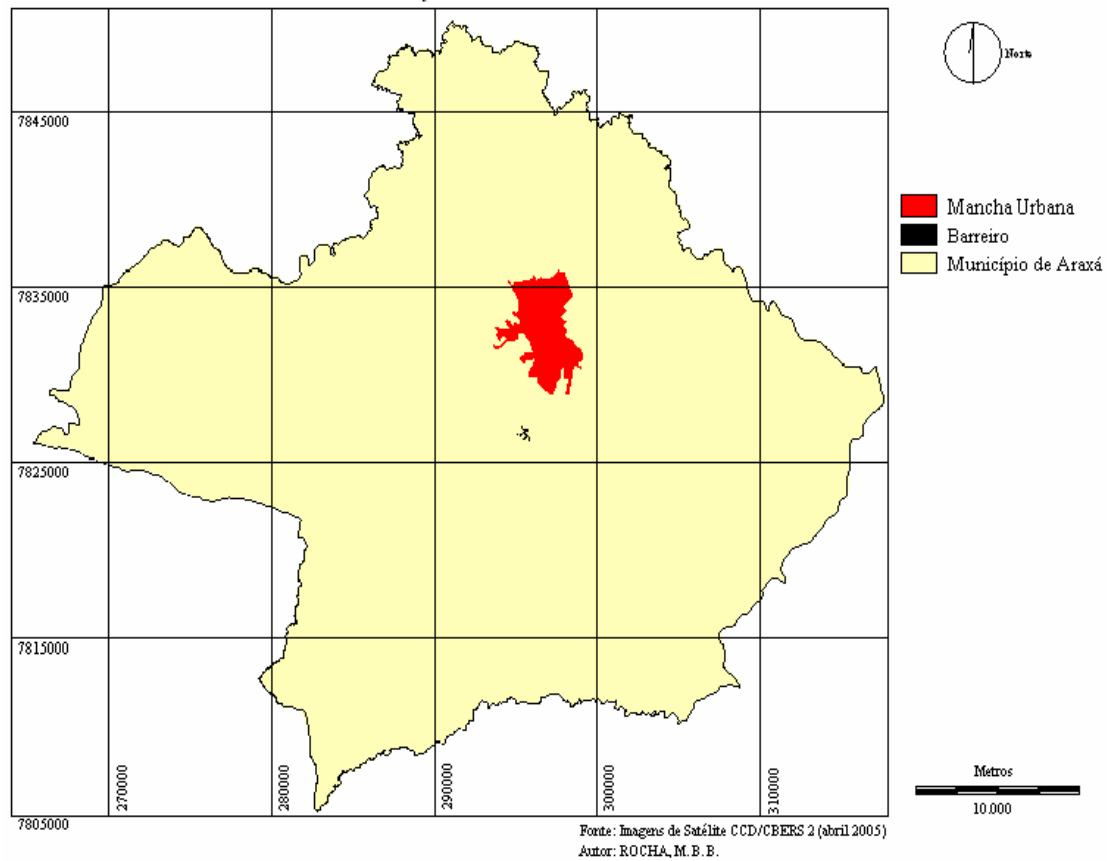
LEGENDA

- | | | |
|-----------------|---------------------|-------------------|
| 1 Araxá | 10 Belo Horizonte | 19 Mariana |
| 2 Ibiá | 11 Formiga | 20 Sabará |
| 3 Pratinha | 12 Oliveira | 21 Itapecerica |
| 4 Tapira | 13 São João Del-Rei | 22 Piumhi |
| 5 Sacramento | 14 Poços de Caldas | 23 Paracatu |
| 6 Perdizes | 15 Cambuquira | 24 Estrela do Sul |
| 7 Santa Juliana | 16 São Lourenço | 25 Monte Carmelo |
| 8 Uberaba | 17 Caxambu | 26 Patrocínio |
| 9 Uberlândia | 18 Ouro Preto | 27 Patos de Minas |
| | | 28 São Gotardo |

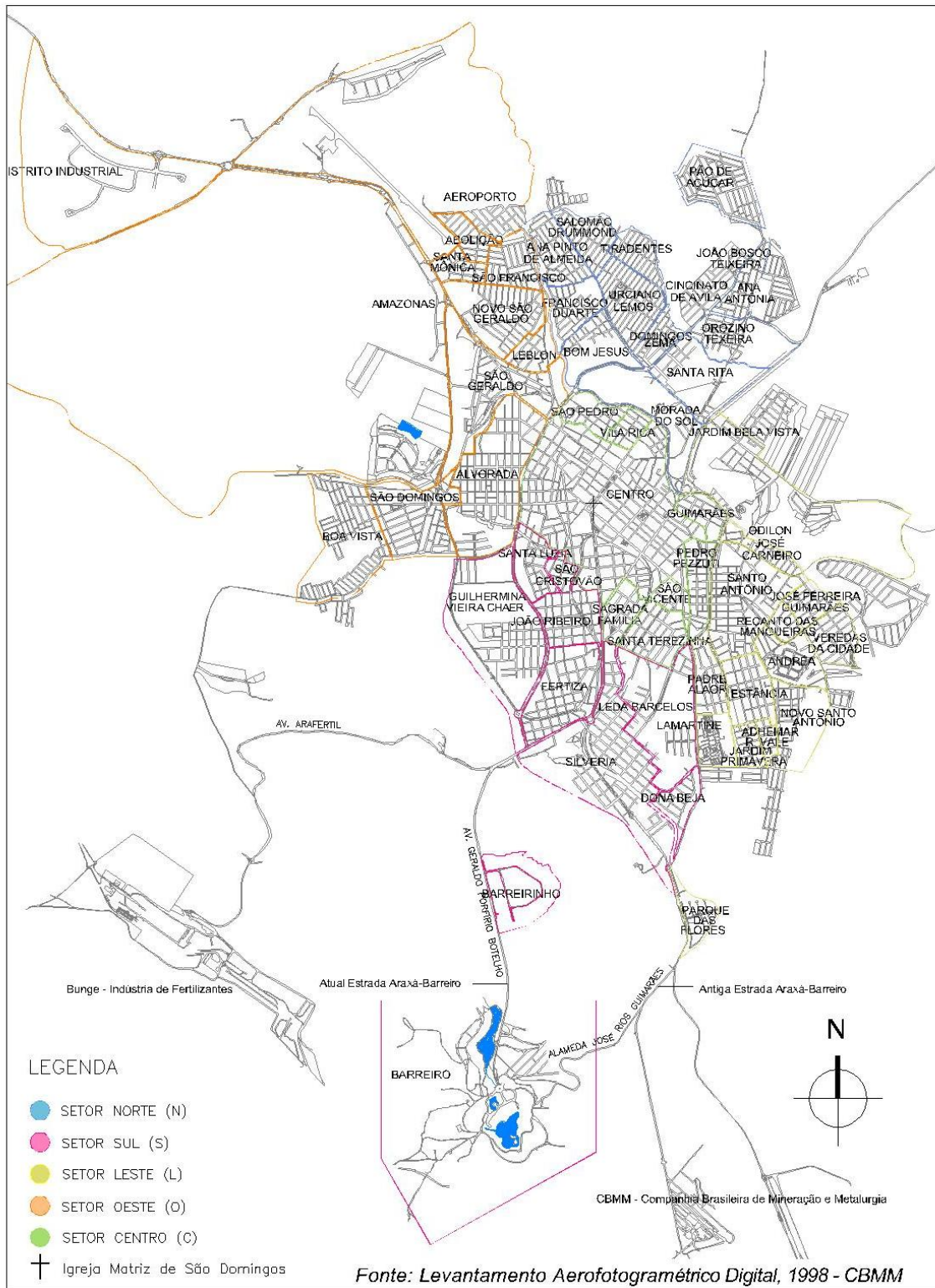


Fonte: IBGE, 1996

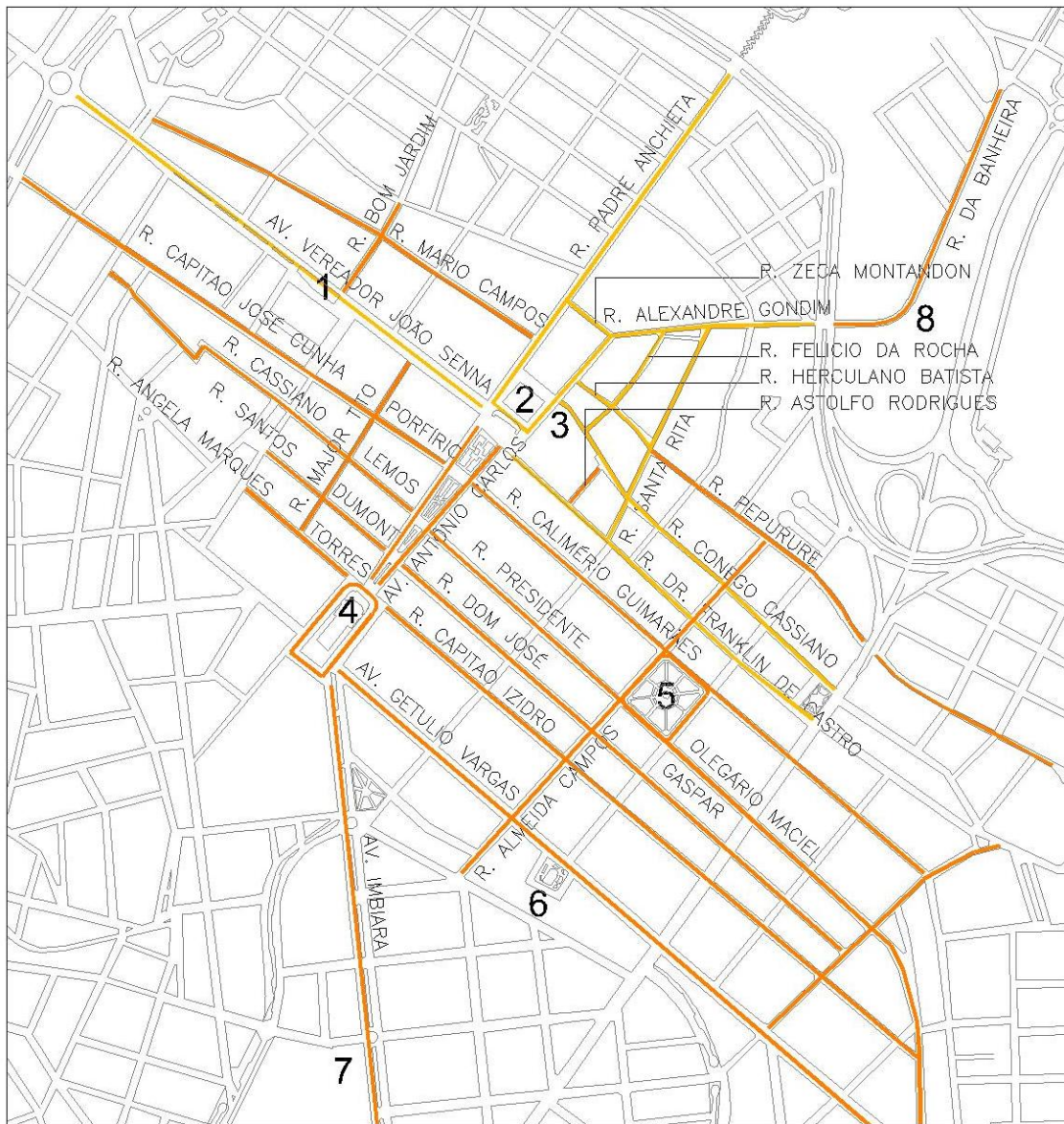
Mapa 1 – Mapa de Minas Gerais: municípios.



Mapa 2 – Localização da Mancha Urbana e do Barreiro.



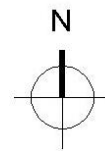
Mapa 3 – Mapa de Araxá: setores.



LEGENDA

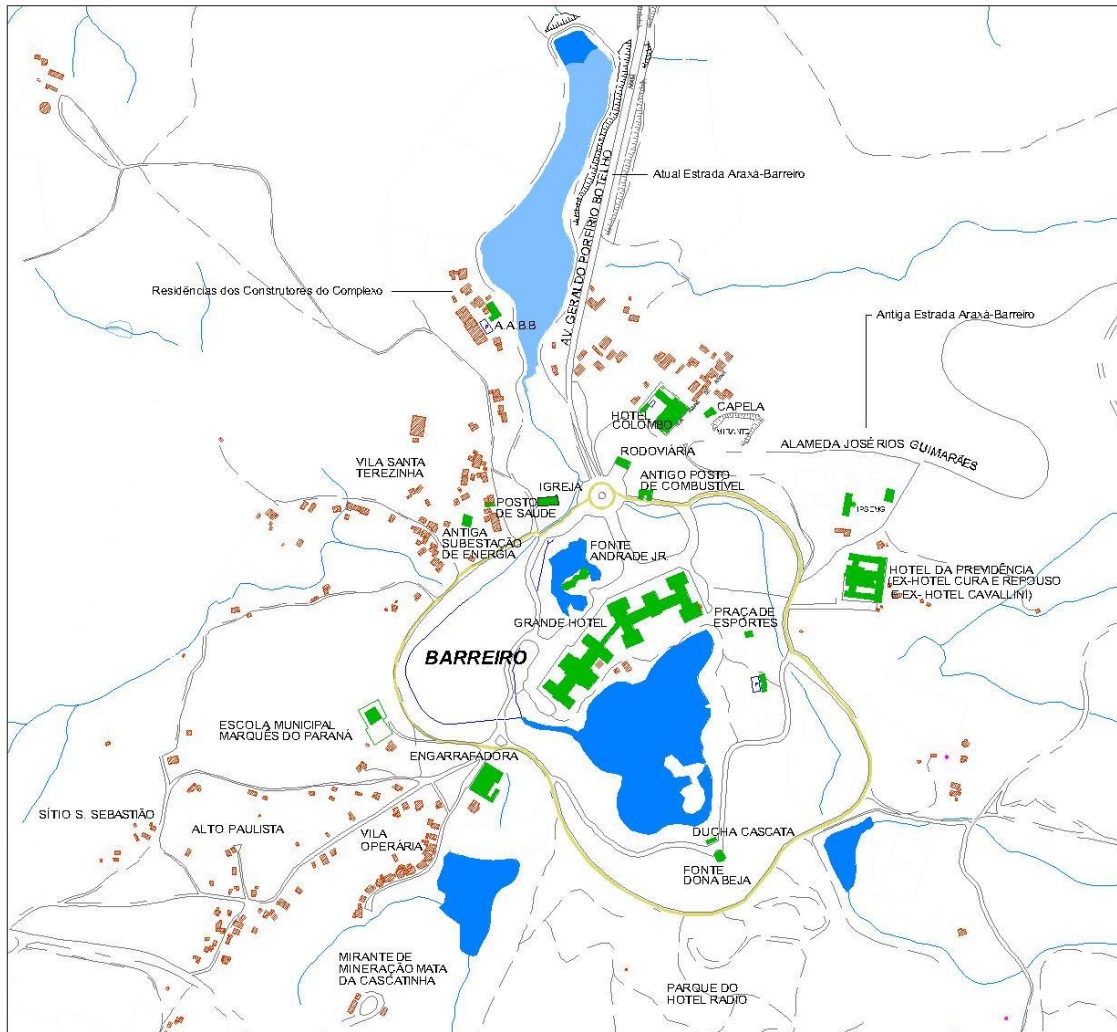
- Centro Histórico
- Área Intermediária
- Malha Viária

- 1 Igreja São Sebastião
- 2 Pç. Cel. Adolpho
- 3 Museu Dona Beja
- 4 Igreja Matriz de São Domingos
- 5 Pç. Gov. Valadares
- 6 Antiga Estação Ferroviária
- 7 Estádio Fausto Alvim
- 8 Quadra de Esportes "Banheira"



Fonte: Plano Diretor Estratégico de Araxá, dezembro de 2002

Mapa 4 – Mapa de Araxá: área central.



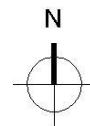
LEGENDA

INFRA-ESTRUTURA

- Residência
- Infra-estrutura
- Av. do Contorno

REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

- Hidrografia
- Lagoa Permanente
- Lagoa Temporária
- Rodovias
- Ferrovia
- Malha Viária



Fonte: Levantamento Aerofotogramétrico Digital, 1998 - CBMM

Mapa 5 – Mapa da estância hidromineral do Barreiro.